

EDGAR ALLAN POE



Listagem

1. *A queda da casa de Usher*
2. *O barril de amontilhado*
3. *O gato preto*
4. *Berenice*
5. *Manuscrito encontrado numa garrafa*
6. *William Wilson*
7. *Os assassinatos da Rua Morgue*
8. *O mistério de Marie Roget*
9. *A carta roubada*
10. *Metzengerstein*
11. *Nunca aposte a sua cabeça com o diabo*
12. *O duc de L'Omelette*
13. *O poço e o pêndulo*

A queda da Casa de Usher

(THE FALL OF THE HOUSE OF USHER, 1839)

Il sapientiae odiosus acumine nimio.

Sêneca

Durante todo aquele triste, escuro e silencioso dia outonal, com o céu encoberto por nuvens baixas e opressivas, estive a percorrer sozinho, a cavalo, uma região rural singularmente deserta, até que por fim avistei, com as primeiras sombras da noite, a melancólica Casa de Usher. Não sei porquê, mas, assim que entrevi a construção, um sentimento de intolerável tristeza apoderou-se de meu espírito. Digo intolerável porque essa impressão não era suavizada por qualquer sensação meio prazenteira, porque poética, com que a mente geralmente recebe até mesmo as mais sombrias imagens naturais de desolação e de terror.

Observei a paisagem à minha frente: a casa simples e a simplicidade do aspeto da propriedade, as paredes frias, as janelas semelhando órbitas vazias, os poucos canteiros com ervas daninhas e alguns troncos esbranquiçados de árvores apodrecidas – e senti na alma uma depressão profunda que não posso comparar a nenhuma sensação terrena senão ao que experimenta, ao despertar, o viciado no ópio: o amargo retorno à vida cotidiana, o terrível descair de um véu. Havia um frio, uma prostração, uma sensação de repugnância, uma irrecuperável aflição de pensamento que nenhum excitação da imaginação conseguiria forçar a transformar-se em algo sublime. Que era, parei para pensar, aquilo que tanto me perturbava ao contemplar a Casa de Usher? Era um mistério completamente insolúvel, e eu não conseguia controlar as sombrias imagens que me enchiam a cabeça enquanto refletia isso. Fui forçado a socorrer-me da conclusão nada satisfatória de que existem, sem dúvida, combinações de objetos naturais muito simples, que têm o poder de nos afetar assim, embora a análise desse poder se situe em considerações além de nossa perspicácia. Era possível, pensei, que um mero arranjo diferente nos pormenores da cena, dos detalhes do quadro, bastasse para modificar, ou talvez, para suprimir sua capacidade

de provocar impressões aflitivas. Com essa ideia na cabeça, guiei o cavalo até à margem íngreme de um fosso negro e sinistro cujas águas paradas refulgiam junto à casa e contemplei, com um arrepio ainda mais forte do que antes, a imagem invertida e modificada dos arbustos cinzentos, dos lívidos troncos de árvores e das janelas semelhantes a órbitas vazias.

Apesar disso, era nessa desolada mansão que eu tencionava passar algumas semanas. O proprietário, Roderick Usher, havia sido um de meus joviais amigos de infância, mas muitos anos tinham se passado desde o nosso último encontro. Uma carta, no entanto, que me chegara recentemente numa parte distante do país? uma carta dele? exigia pela insistência de seu teor resposta pessoal. A caligrafia revela agitação nervosa. O remetente falava de aguda doença física, de opressiva perturbação mental e do intenso desejo de me ver, como seu melhor e na verdade único amigo pessoal, com a intenção de lograr, pela alegria de minha companhia, algum alívio para a sua doença. A maneira pela qual tudo isso e muito mais coisas foram ditas e o manifesto estado de espírito expresso no pedido impediram-me qualquer hesitação e por esse motivo obedeci na mesma hora ao que ainda considerava como um convite muito estranho.

Apesar de, quando crianças, termos sido companheiros íntimos, eu na verdade conhecia pouco meu amigo. Sua reserva sempre tinha sido excessiva e habitual. Eu sabia, no entanto, que sua família, muito antiga, distinguia-se havia muito tempo pela peculiar sensibilidade de temperamento, demonstrada ao longo de muitos séculos em notáveis obras de arte e que ultimamente se manifestava em repetidos atos de generosa e discreta caridade e também na apaixonada devoção pela complexidade da ciência musical, talvez ainda mais do que por suas belezas naturais e fáceis de reconhecer. Fiquei sabendo também de um facto incrível: o tronco da linhagem dos Usher, embora tão antiga, nunca tinha produzido qualquer ramo duradouro. Noutras palavras, a família se perpetuara apenas em linha direta e assim continuava, com variações bem poucos importantes e temporárias. Era essa deficiência, pensava eu, enquanto repassava em pensamento a perfeita harmonia entre o aspeto da propriedade e o carácter de seus moradores, imaginando a possível influência que aquela podia ter exercido, ao longo dos séculos, sobre estes? era essa deficiência, talvez, de um ramo

colateral e a consequente transmissão direta, de pai para filho, do património e do nome da família que haviam ao longo dos tempos identificado ambas de tal modo que fundiram o título original da propriedade na estranha e equívoca designação de Casa de Usher? designação que, na mente dos camponeses que a utilizavam, parecia servir tanto para a família quanto para a mansão da família.

Eu disse que o único efeito da minha experiência um tanto infantil de olhar para o fosso havia sido aprofundar aquela primeira impressão. Sem dúvida, quando tomei consciência do rápido aumento de minha superstição (por que não usar esse termo?), isso serviu principalmente para intensificar o próprio aumento. Tal é, sei disso há muito tempo, a lei paradoxal de todos os sentimentos fundados no terror. E pode ter sido por essa única razão que, ao levantar os olhos de sua imagem no fosso para a própria mansão, surgiu-me na mente uma estranha visão? tão estranha, de facto, que só a menciono para mostrar a intensa força das sensações que me sufocavam. Minha imaginação mostrava-se tão excitada que realmente acreditei que à volta da mansão e da propriedade pairava uma atmosfera especial, própria do lugar e de seus arredores, atmosfera que não se relacionava como o ar do céu, emanando antes das árvores apodrecidas, das paredes cinzentas, do fosso silencioso? um vapor místico e pestilento, espesso, entorpecido, subtil e lívido.

Afastando do espírito o que devia ser um sonho, examinei mais atentamente o aspeto real do edifício. Sua característica principal parecia ser a extrema antiguidade. Fora grande a descoloração causada pelos séculos. Minúsculos fungos cobriam todo o exterior, pendendo dos beirais qual fina e emaranhada teia. Mas nada disso indicava grande destruição. Nenhum bloco de alvenaria tinha desmoronado, mas parecia haver um profundo contraste entre o encaixe ainda perfeito das partes e as péssimas condições de cada pedra. Isso me lembrou muito a enganosa integridade de antigas peças de madeira que apodreceram por longos anos em algum porão esquecido, sem serem perturbadas pelo sopro do ar exterior. Afora esse indício de grande decadência, porém, a construção não mostrava nenhum sinal de falta de segurança. Talvez o olho de um observador mais atento conseguisse descobrir uma fenda quase impercetível que riscava a frente do edifício desde o telhado, descendo em ziguezague pela parede até mergulhar nas águas turvas do fosso.

Observando tudo isso, atravessei a cavalo o curto carreiro que levava até à casa. Um cavaleiro levou a minha montaria, e avancei pelo arco gótico do vestíbulo. Um criado de andar furtivo conduziu-me então, calado, por muitas passagens escuras e tortuosas, até o gabinete de seu patrão. Muitas das coisas que vi pelo caminho contribuíam, não sei como, para fortalecer os imprecisos sentimentos de já falei. Os objetos à minha volta? os entalhes do forro, as sombrias tapeçarias das paredes, o negrume de ébano do assoalho e as fantasmagóricas armaduras que retiniam quando eu passava? eram coisas com que eu estava, ou devia estar, familiarizado desde a infância, mas, embora não hesitasse em reconhecê-las como tais, ainda me espantava ao perceber como eram estranhas as visões que essas imagens tão comuns produziam em mim. Numa das escadas, cruzei com o médico da família. Julguei ver na sua fisionomia uma expressão desanimada e perplexa. Cumprimentou-me agitado e afastou-se. O criado então abriu uma porta e levou-me até à presença de seu patrão.

Achei-me numa sala muito ampla e alta. As janelas, compridas, estreitas e pontudas, tinham peitoris tão afastados do assoalho de carvalho negro que era impossível alcançá-los. Fracos raios de luz avermelhada penetravam pelas vidraças guarnecidas com rótulas, só conseguindo tornar visíveis os objetos próximos mais volumosos. O Olhar, porém, lutava em vão para perceber os cantos mais distantes da sala ou os recessos do forro em abóbada guarnecido com entalhes. Sombrias cortinas pendiam das paredes. O mobiliário era excessivo, desconfortável, antigo e gasto. Os muitos livros e instrumentos musicais que jaziam dispersos não conseguiam dar vitalidade alguma ao ambiente. Senti que respirava uma atmosfera de tristeza. Um ar de severo, profundo e irrecuperável desalento pairava sobre as coisas e impregnava a tudo.

Assim que entrei, Usher levantou-se do sofá onde estava deitado ao comprido e cumprimentou-me com calorosa vivacidade, na qual havia muito, de início julguei, de cordialidade forçada, do esforço constrangido de um homem de sociedade entediado. Mas, olhando seu rosto, convenci-me de sua perfeita sinceridade. Sentamos e, por alguns momentos, como ele não falava nada, fiquei olhando-o com um sentimento misto de piedade e espanto. Com toda a certeza, nenhum homem jamais se transformara tão terrivelmente, em período tão curto,

quanto Roderick Usher! Só com muita dificuldade consegui admitir que o homem doentio diante de mim era o mesmo companheiro de infância. No entanto, suas feições sempre tinham sido notáveis: tez cadavérica; olhos grandes, líquidos e luminosos, sem comparação; lábios um tanto finos e muito pálidos, mas de conformação extremamente bela; o nariz, com delicado desenho hebraico, mas exibindo narinas largas, incomuns nesse tipo; o queixo finamente delineado, revelando, pela ausência de volume, carência de energia moral; cabelos mais finos e macios que os fios de uma teia. Todos esses traços e mais o extraordinário desenvolvimento da fronte combinavam-se num aspeto difícil de esquecer. E agora, com o mero exagero desses traços e da expressão que costumavam mostrar, havia tal mudança que cheguei a duvidar de que era com ele que falava. A cadavérica palidez da pele e o brilho agora sobrenatural dos olhos, acima de tudo, surpreendiam-me e até me aterravam. O cabelo sedoso também tinha crescido descuidadamente e como, por causa da textura muito fina, flutuasse em vez de cair nos lados do rosto, eu não conseguia, mesmo com esforço, vincular sua expressão fantástica com qualquer ideia de simples humanidade.

Fiquei abalado ao perceber logo certa incoerência nas maneiras de meu amigo, certa inconsistência, e logo descobri que isso se devia a uma série de fracos e inúteis esforços para dominar tremor frequente, uma excessiva agitação nervosa. Eu estava preparado para encontrar algo assim, não só por sua carta, mas também pela lembrança de certos traços juvenis e pelas conclusões deduzidas de seu estado físico e de seu temperamento. Suas atitudes alternavam da vivacidade ao desânimo. A voz variava, rapidamente, passando da trémula indecisão (quando seu ardor parecia tornar-se profundamente entorpecido) para o tipo de energética concisão, para a abrupta, pesada, lenta e oca articulação, para a fala arrastada, controlada, gutural e perfeitamente modulada que se pode observar nos bêbados contumazes e nos fumadores de ópio irrecuperáveis, durante os períodos mais intensos de excitação.

Foi assim que ele se referiu ao objetivo de minha visita, de seu grande desejo de me ver e do alívio que esperava encontrar em minha companhia. Depois, falou por algum tempo do que achava da natureza de sua doença. Segundo ele, era um mal de família e de nascença, para o qual já tinha perdido a esperança de encontrar remédio; mera

perturbação nervosa, disse logo de seguida, que sem dúvida ia passar logo. A doença se manifestava numa série de sensações antinaturais. Algumas, enquanto as ia descrevendo, deixaram-me interessado e confuso, apesar talvez de que tenham influído os termos usados e a forma geral da descrição. Ele sofria, e muito, de doentia exageração dos sentidos: só tolerava o mais insípido alimento; não podia usar senão roupas de determinadas texturas; os perfumes de todas as flores pareciam-lhe sufocantes; até a luz mais suave lhe torturava os olhos e só os sons especiais dos instrumentos de cordas não lhe provocavam horror.

Compreendi que ele estava escravizado por uma espécie anormal de terror.

– Vou morrer – disse ele. – Devo morrer nesta loucura lamentável. Assim, assim e de nenhuma outra forma é que me vou perder. Abomino os factos do futuro, não em si mesmos, mas por seus resultados. Estremeço diante da ideia de qualquer incidente, até mesmo o mais trivial, que possa afetar essa intolerável agitação da alma. Não tenho, na verdade, aversão pelo perigo, a não ser no seu efeito absoluto: o terror. Neste deplorável estado de abatimento sinto que mais cedo ou mais tarde chegará um momento em que vou ter de abandonar ao mesmo tempo a vida e a razão, na luta com o fantasma sinistro do MEDO.

Descobri também, aos poucos e através de pistas equívocas fragmentadas, outro traço singular de seu estado mental. Ele estava acorrentado a certas impressões supersticiosas quanto à casa em que morava e da qual, por longos anos, não se aventurava a sair... a uma influência, cuja suposta força foi narrada em termos vagos demais para reproduzir aqui... influência que alguns detalhes da matéria e da forma da mansão familiar tinham, às custas de longo sofrimento, conseguindo exercer sobre seu espírito... efeito físico que as paredes e torres cinzentas e o sombrio fosso onde elas refletiam tinham acabado por exercer sobre o moral de sua existência.

Ele admitia, porém, embora com hesitação, que grande parte do desalento que sofria talvez tivesse origem mais natural e bem mais palpável: na séria e prolongada doença (na verdade, na morte evidentemente próxima) de uma irmã adorada, sua única companheira por longos anos, sua única e última parenta nesta terra.

– A morte dela? disse ele, com amargura que nunca esquecerei? tornará (a ele, fraco e sem esperanças) o último representante da antiga raça dos Usher.

Enquanto falava, Lady Madeline (pois era assim que se chamava) passou pela parte mais distante do aposento e, sem notar minha presença, desapareceu. Olhei-a com profunda surpresa e uma ponta de medo? e, no entanto, não encontrava explicação para esses sentimentos. Uma sensação de estupor sufocava-me, enquanto seguia com os olhos seus passos. Quando uma porta, afinal, se fechou atrás dela, meu olhar procurou instintiva e ansiosamente o irmão, mas este escondera o rosto nas mãos, e só pude perceber que uma palidez maior que a normal tinha tomado conta dos dedos magros, pelos quais escorriam muitas lágrimas emocionadas.

A doença de Lady Madeline vinha desafiando, por muito tempo, a habilidade dos médicos. Apatia permanente, progressivo enfraquecimento físico e crises frequentes, mas passageiras, caráter parcialmente cataléptico eram o diagnóstico incomum. Até então ela tinha resistido firmemente contra o avanço da doença, recusando-se a cair de cama, mas no final da tarde de minha chegada ela sucumbiu (como me contou o irmão, à noite, com indescritível agitação) ao poder destruidor do mal. E compreendi que a visão de relance de seu vulto seria provavelmente a última e que não veria mais a moça, pelo menos com vida.

No decorrer dos dias seguintes, seu nome não foi mencionado por Usher ou por mim.

Durante esse período dediquei-me vivamente a aliviar a melancolia de meu amigo.

Pintávamos e líamos juntos; ou eu ouvia, como num sonho, as arrebatadas improvisações que ele fazia em sua eloquente guitarra. E assim, à medida que aumentava a intimidade que ia me revelando os recessos mais íntimos de seu espírito, mais amargamente eu percebia quão inúteis seriam as tentativas de alegrar aquela mente da qual a escuridão, como uma qualidade inerente e ativa, vertia sobre todos os objetos do mundo físico e moral uma incessante radiação de tristeza.

Ficarão para sempre gravadas em minha memória as muitas horas solenes que passei a sós como o chefe da Casa de Usher. Mas nunca conseguiria dar uma ideia do caráter exato dos estudos ou das

ocupações em que ele me envolvia ou me conduzia. Uma idealidade excitada e altamente desequilibrada lançava um brilho sulfuroso sobre todas as coisas. Suas longas cantigas fúnebres soarão para sempre em meus ouvidos. Entre outras coisas, lembro-me dolorosamente de certa estranha alteração e amplificação da romântica melodia da última valsa de Von Weber. Quanto às pinturas em que extravasava sua elaborada fantasia e que se metamorfoseavam, pincelada por pincelada, até atingir uma indefinição que me causava estremecimentos ainda mais emocionantes, pois eu não sabia por que estremecia? quanto a essas pinturas (tão vívidas que até hoje tenho suas imagens diante dos olhos) em vão me esforçaria para retirar delas apenas uma pequena parte, passível de ser traduzida por simples palavras escritas. Através da extrema simplicidade e crueza do desenho, ele retinha e dominava a atenção. Se algum mortal jamais pintou uma ideia, esse mortal foi Roderick Usher.

Para mim, pelo menos, na situação em que então me encontrava, dessas puras abstrações que o hipocondríaco conseguia projetar nas suas telas surgia um terror intenso e intolerável, assombro que nem de longe jamais senti nas fantasias (sem dúvida brilhantes) de Fuseli, mas ainda assim concretas demais.

Uma das criações fantasmagóricas de meu amigo em que esse espírito abstrato não era tão rígido pode ser descrita, ainda que pobremente, em palavras. Era um quadro pequeno, representando o interior de uma câmara ou túnel imensamente longo e retangular, com paredes baixas, lisas, brancas e sem qualquer interrupção ou adornos. Certos detalhes do desenho conseguiam dar muito bem a ideia de que essa escavação ficava a uma extrema profundidade, abaixo da superfície da terra. Não se via qualquer abertura em toda a sua vasta extensão nem se percebiam tochas ou qualquer outra fonte de luz artificial. No entanto, uma torrente de intensos raios jorrava, tudo banhando num esplendor cadavérico e antinatural.

Falei há pouco do estado mórbido do nervo auditivo, que tornava intolerável qualquer música para esse sofredor, com exceção de certos efeitos de instrumentos de cordas. Foram, talvez, os estreitos limites a que ele se limitava na guitarra que deram origem, em grande parte, ao caráter fantástico de suas execuções. Mas a fervorosa facilidade de seus improvisos era inexplicável. Deviam ser e eram, tanto nas notas quanto

nas palavras de suas loucas fantasias (pois ele muitas vezes acompanhava a música com improvisações verbais rimadas), resultado da intensa e imperturbável concentração mental de que já falei antes, só observáveis nos momentos de maior excitação artificial. Lembro-me facilmente das palavras de uma dessas rapsódias. Fiquei, talvez, tão impressionado quando ele as cantou, porque, na corrente subjacente ou mística de seu significado, julguei perceber, pela primeira vez, que Usher tinha plena consciência da instabilidade de sua mente ativa sobre seu trono. Os versos, intitulados “O Palácio Assombrado”, eram quase exatamente assim:

I

No mais verde de nosso vales,
Por bons anjos habitado,
Outrora um belo e rico palácio,
Radiante palácio, se erguia.
Nos domínios do rei Pensamento,
Lá estava ele!
Nunca serafim algum abriu as asas
Sobre tão bela obra.

II

Bandeiras amarelas, gloriosas, douradas,
Em seus telhados flutuavam, ondulando
(Isso, tudo isso, ocorreu nos velhos tempos
De antigamente)
E toda suave brisa que brincava,
Naqueles doces dias,
Pelos muros pálidos e engalanados,
Um sublime perfume desprendia.

III

Quem passava por esse vale feliz
Por duas janelas luminosas via
Espíritos deslizando, musicais,
Ao som de alaúde bem afinado,
Em volta de um tronco, onde se sentava
(Porfirogénito ⁽¹⁾!),
Na grandeza de sua glória muito justa,
O senhor desse reinado.

IV

Pela bela porta do palácio
Brilhante com pérolas e rubis,
Ia passando, passando, passando,
E sempre mais cintilando,
Uma tropa de Ecos cujo doce dever
Era apenas cantar
Com vozes de insuperável beleza,
A viva sabedoria do rei.

V

Mas vultos maus, trajados de luto,
Atacaram o alto reino do monarca;
(Ah, choremos, pois nunca mais
O dia vai nascer para ele, o desolado!)
E, à volta do palácio, a glória
Que brilhava e florescia
Não passa agora de mal lembrada história
Dos velhos tempos sepultados.

VI

E quem passa agora pelo vale,
Pelas janelas rubras vê
Enormes formas que fantásticas se movem,
Ao som de melodia discordante;
Enquanto isso, como rio terrível,
Pela pálida porta se precipita
Para sempre uma hedionda multidão
Que gargalha, mas não mais sorri.

Lembro-me bem de que as sugestões despertadas pela balada nos levaram a uma linha de pensamento em que se tornou manifesta uma opinião de Usher, que menciono não tanto por causa de sua novidade (pois outros homens ⁽²⁾ já pensaram desse modo), mas devido à insistência com que ele a defendia. Essa opinião, em termos gerais, afirmava que todos os vegetais têm sensibilidade. Mas, na imaginação desordenada de Usher, essa ideia tinha assumido caráter ainda mais ousado e chegava, sob certos aspetos, ao reino das coisas inorgânicas. Não encontro palavras para expressar toda a extensão, ou melhor, a

sincera espontaneidade de sua convicção. Tal crença, no entanto, relacionava-se (como já insinuei antes) com as pedras cinzentas da mansão e seus antepassados. As condições para essa sensibilidade eram realizadas, imaginava ele, no método de colocação das pedras e na ordem com que tinham sido organizadas, assim como na dos muitos fungos que as cobriam e nas árvores agonizantes que existiam em volta, mas, acima de tudo, na longa e imperturbável duração desse arranjo e na sua duplicação nas águas paradas do fosso. A prova (a prova dessa sensibilidade) podia ser encontrada, dizia ele (e assustei-me ao ouvir tal coisa), na lenta mas inegável condensação de uma atmosfera que lhes era própria em torno das águas e das paredes. O resultado podia ser percebido, acrescentou ele, na influência silenciosa, mas perturbadora e terrível, que vinha moldando havia séculos o destino de sua família e que fizera dele, como eu podia ver agora, aquilo que ele era. Essas opiniões dispensam comentário e não farei nenhum.

Nossos livros – os livros que durante anos constituíram grande parte da existência mental do doente – estavam, como se pode supor, em harmonia absoluta com esse caráter fantasmagórico. Lemos juntos, atentamente, obras como *Vert Vert* e a epístola *La Chartreuse*, de Gresset; *Belphegor*, de Maquiavel; *Céu e inferno*, de Swendenborg; *Viagem subterrânea de Nils Klimm*, de Holberg; *Quiromancia*, de Robert Flud, de Jean D'Indaginé e de *De la Chambre*; *Jornada às distâncias azuis*, de Tieck; e *Cidade do sol*, de Campanella. Um dos volumes preferidos era uma pequena edição in-oitavo do *Directorium Inquisitorum*, do padre dominicano Eymerico de Gerona; e havia passagens de Pomponius Mela ⁽³⁾, sobre os velhos sátiros africanos e mitológicos, sobre os quais Usher era capaz de sonhar durante horas. Seu maior prazer, no entanto, era a leitura de um raro e curioso livro em gótico in-quarto, o manual de uma igreja esquecida, as *Vigiliae Mortuorum secundum Chorum Ecclesiae Maguntinae*.

Eu não podia deixar de pensar no estranho ritual descrito nesse livro e na sua provável influência sobre o hipocondríaco quando, uma noite, depois de me informar repentinamente que Lady Madeline havia morrido, ele disse que tinha intenção de manter o corpo por quinze dias (antes do enterro definitivo) em uma das muitas câmaras subterrâneas existentes no interior da mansão. A razão profana para essa estranha atitude, no entanto, era tal que não me sentia à vontade para discutir.

Como irmão, tinha sido levado a essa resolução (assim me contou ele) por causa da natureza incomum da doença da falecida, de certas perguntas inconvenientes e ansiosas feitas pelos médicos e por causa da localização distante e exposta do jazigo da família. Não posso negar que, ao lembrar do rosto sinistro da pessoa que encontrei na escada no dia em que cheguei àquela casa, não senti nenhum impulso para me opor a uma preocupação que me parecia inofensiva e de forma alguma antinatural.

A pedido de Usher, ajudei-o nos preparativos do sepultamento provisório. Depois de colocar o corpo no caixão, nós dois, sozinhos, o levamos até o lugar de descanso. A câmara em que o deixamos (e que estivera fechada por tanto tempo que nossas tochas, quase apagadas pela atmosfera abafada, não nos permitiram examinar) era pequena, húmida, sem nenhuma entrada para a luz e situada a grande profundidade, exatamente debaixo da parte da mansão onde estava o meu quarto de dormir. Aparentemente, tinha sido usada em remotos tempos feudais para as piores finalidades de cárcere privado e, mais recentemente, como depósito de pólvora ou de alguma outra substância altamente inflamável, pois parte do chão e todo o interior da longa arcada que percorremos para chegar até ali estavam cuidadosamente revestidos de cobre. A porta, de ferro maciço, tinha sido igualmente protegida. Quando girava as dobradiças, seu imenso peso fazia um som incrivelmente agudo e áspero.

Após depositar nossa triste carga sobre cavaletes nesse horrendo lugar, abrimos parcialmente a tampa do caixão, ainda não parafusada, e olhamos o rosto da morta. A incrível semelhança entre irmão e irmã chamou-me à atenção, e Usher, adivinhando talvez meus pensamentos, explicou-me num murmúrio que ele e a falecida eram gêmeos e que afinidades de natureza quase incompreensível sempre existiram entre eles. Mas nossos olhares não se demoraram muito tempo sobre a morta, pois era impossível fitá-la sem se perturbar. A enfermidade que assim levava ao túmulo a jovem senhora tinha deixado, como é normal em todas as doenças de natureza estritamente cataléptica, um arremedo de coloração no seio e no rosto e uma sombra de sorriso nos lábios, que é tão terrível na morte. Recolocamos e parafusamos a tampa do caixão e, fechando a porta de ferro, voltamos abatidos para os cômodos pouco menos sinistros dos andares superiores da mansão.

Então, passados alguns dias de amarga tristeza, ocorreu uma nítida mudança nos sintomas da perturbação mental de meu amigo. Seu modo de ser habitual desapareceu. Suas ocupações diárias eram negligenciadas ou esquecidas. Ele vagava a esmo de sala em sala, com passos apressados e irregulares. A palidez de seu rosto assumiu, se isso é possível, um tom ainda mais cadavérico, mas a luminosidade de seus olhos dissipou-se completamente. Não se ouvia mais o tom áspero de sua voz, como às vezes sucedia antes, e um trémulo balbucio, como se estivesse tomado de horror extremo, passou a caracterizar o seu modo de falar. Houve momentos, na verdade, em que pensei que sua mente sempre agitada estava em luta com algum segredo opressivo, empenhando-se em reunir coragem para contá-lo. Outras vezes era eu levado a atribuir tudo aquilo à inexplicável confusão da loucura, pois o via fitar o vazio durante horas, numa atitude da mais profunda atenção, como se estivesse ouvindo algum som imaginário. Não era de admirar que seu estado me causasse terror e me contaminasse. Senti-me aos poucos, inexoravelmente, invadido pela estranha influência de suas fantásticas, mas impressionantes, superstições.

Foi especialmente ao deitar-me, já tarde da noite, sete ou oito dias depois de colocarmos o corpo de Lady Madeline na câmara, que percebi toda a força de tais sentimentos. O sono não se aproximava de minha cama e as horas ecoavam-se lentamente. Lutei para controlar o nervosismo que me dominava. Esforcei-me por acreditar que muito, senão tudo o que estava sentindo, se devia à perturbadora influência da soturna mobília do aposento, das tapeçarias escuras e esfarrapadas que, movidas pelo sopro de uma tempestade que se formava, oscilavam de modo irregular nas paredes e roçavam inquietas pelos adornos do leito. Mas meus esforços foram inúteis. Um tremor incontrolável aos poucos tomou conta de meu corpo e, afinal, instalou-se sobre meu próprio coração o íncubo de uma comoção inteiramente infundada. Sacudindo essa sensação com um arquejo e um sobressalto, ergui-me dos travesseiros e, sondando com o olhar a escuridão do aposento, prestei atenção e ouvi? não sei porquê, talvez por um instinto que me aguçou o espírito? ruídos baixos e indefinidos que nas pausas da tempestade, a longos intervalos, vinham não sabia de onde. Dominado por forte sentimento de horror, inexplicável e por isso mesmo impossível de suportar, vesti-me rapidamente (pois senti que seria impossível dormir

naquela noite) e tentei livrar-me, caminhando de um lado para outro pelo aposento, do estado penoso em que me achava.

Logo depois de iniciar as idas e vindas, um leve ruído de passos numa escada próxima chamou-me à atenção. Logo reconheci que era Usher. No instante seguinte, ele bateu de leve em minha porta e entrou, trazendo um lampião. Seu rosto estava, como sempre cadavérico, mas além disso havia uma espécie de riso louco em seus olhos, e, e, seu modo de proceder, uma histeria evidentemente contida. O seu aspeto aterrorizou-me, mas qualquer coisa era preferível à solidão por mim suportada durante tanto tempo e acolhi sua presença com grande alívio.

– E você não o viu? – perguntou ele de repente, depois de olhar em volta por alguns momentos, sem silêncio. – Não o viu? Mas espere! Você vai ver.

Assim dizendo – e enquanto protegia cuidadosamente o lampião – correu para uma das janelas e a escancarou para a tempestade.

A impetuosa fúria das rajadas de vento quase nos levantou do chão. Era na verdade uma noite tempestuosa, mas ainda assim bela e espantosamente singular no seu terror e perfeição. Aparentemente, um redemoinho juntara todas as suas forças ao nosso redor pois ocorriam frequentes e violentas mudanças na direção do vento, e a extrema densidade das nuvens (tão baixas que pareciam pesar sobre os torrões da mansão) não nos impedia de observar a viva velocidade com que deslizavam de todos os pontos, chocando-se umas contra as outras, sem desaparecer ao longe. Digo que nem mesmo a sua extrema densidade nos impossibilitava de perceber isto, embora não pudéssemos vislumbrar a lua ou as estrelas, nem havia ali qualquer clarão de relâmpagos. Mas tanto a superfície inferior das imensas massas de vapor agitando como todos os objetos terrenos das proximidades brilhavam, por efeito de uma luz antinatural que provinha de uma exalação gasosa ligeiramente luminosa e perfeitamente visível que envolvia toda a mansão como uma mortalha.

– Você não deve... não pode ficar a olhar para isso! – disse eu, estremecendo, a Usher, enquanto o afastava com leve violência da janela e o fazia sentar. – Essas manifestações que tanto o perturbam são meros fenómenos elétricos, nada incomuns, ou talvez tenham origem nas exalações malcheirosas do fosso. Vamos fechar esta janela. O ar está gelado e é perigoso para sua saúde. Eis aqui um de seus romances

favoritos. Vou ler para você, e assim passaremos juntos esta noite terrível.

O volume antigo que peguei era o *Mad Trist* (Assembleia dos loucos) de Sir Launcelot Canning. Disse que era um dos favoritos de Usher mais como triste gracejo do que a sério, pois, na verdade, sua prolixidade vulgar e estéril muito pouco continha que pudesse interessar à idealidade elevada e espiritual de meu amigo. Era, porém, o único livro à mão, e nutri a vaga esperança de que a excitação que então agitava o hipocondríaco talvez encontrasse algum alívio (pois a história das perturbações mentais está cheia de anomalias desse tipo), até mesmo nos excessos de imaginação que eu ia ler. A julgar pelo ar de intensa vivacidade como que ouvia, ou parecia ouvir a leitura, podia congratular-me pelo êxito de minha tentativa.

E Ethereld, que tinha por natureza coração audaz e agora se sentia muito forte, graças ao vigor do vinho que havia bebido, não gastou mais tempo em discutir com o eremita, que em verdade tinha caráter obstinado e malicioso. Sentindo a chuva nos ombros e temendo que caísse a tempestade, levantou a maça e, com vários golpes, logo abriu espaço nas tábuas da porta, para passar a mão com luva de ferro; brandindo-a com firmeza, quebrou e lascou e despedaçou de tal foram a madeira que o eco desse ruído seco e oco alarmou toda a floresta.

Ao terminar esta frase, assustei-me e parei por um momento, pois parecia-me (embora logo concluísse que estava sendo iludido por minha excitada imaginação), parecia-me que, de algum ponto remoto da mansão, chegava indistintamente a meus ouvidos algo que, por sua exata semelhança, podia ser o eco (apesar de baixo e abafado) do ranger e estalar que Sir Launcelot descrevia tão detalhadamente. Era, sem dúvida, apenas a coincidência que me chamava a atenção, pois que, em meio do bater dos caixilhos das janelas e dos ruídos da tempestade crescente, o som nada tinha, por certo, que me pudesse interessar ou perturbar. E continuei com a história: – Mas o bom paladino Ethelred, entrando agora pela porta, ficou dolorosamente enraivecido e surpreendido por não encontrar nem sinal do malicioso eremita, mas sim, em seu lugar, um dragão coberto de escamas, de aparência prodigiosa e com língua de fogo, que guardava um palácio de ouro com chão de prata. E sobre a muralha pendia um escudo de bronze reluzente

onde estava escrita a legenda: *Quem aqui penetrar, conquistador será; Quem o dragão matar, o escudo ganhará.*

“E Ethelred levantou a maça e golpeou a cabeça do dragão, que caiu a seus pés, exalando o pestilento suspiro com um guincho tão horrível, áspero e penetrante que Ethelred teve de tapar os ouvidos com as mãos para suportar aquele terrível som, como jamais tinha ouvido antes.”

Aqui, outra vez parei abruptamente, agora com a sensação de tremenda surpresa, pois não podia haver qualquer dúvida de que, desta vez, ouvi realmente (embora fosse impossível dizer de onde provinha) um grito ou rangido baixo, aparentemente distante, mas áspero, prolongado, singularmente agudo e dissonante, a exata reprodução daquilo que minha fantasia imaginava como o guincho do dragão descrito pelo romancista.

Oprimido, como eu naturalmente estava, diante dessa segunda e tão extraordinária coincidência, por mil sensações conflitantes, nas quais predominavam a perplexidade e o extremo terror, consegui ainda manter suficiente presença de espírito para não aguçar, com qualquer observação, a sensibilidade nervosa de meu companheiro. Não tinha certeza de que ele houvesse percebido os ruídos na questão, embora, sem dúvida, uma estranha alteração tenha ocorrido nos últimos minutos no seu rosto. Sentado diante de mim, fez girar pouco a pouco a cadeira até ficar de frente para a porta do aposento, de forma que eu só podia ver parcialmente seu rosto, apesar de perceber que seus lábios tremiam, como se estivesse murmurando baixinho. Pendeu a cabeça, mas eu sabia que não estava adormecido, porque o olho que via de perfil mantinha-se muito aberto e fixo. O movimento de seu corpo também desmentia essa ideia, pois oscilava de um lado para o outro com um balanço suave, embora constante e uniforme. Tendo notado rapidamente tudo isso, voltei para a narrativa de Sir Launcelot, que continuava assim: “E agora o paladino, tendo escapado à terrível fúria do dragão e lembrando-se do escudo de bronze e da quebra do encantamento que sobre ele pesava, afastou a carcaça do caminho e valorosamente avançou pelo chão de prata do castelo na direção da parede em que pendia o escudo, o qual, na verdade, não esperou que ele chegasse até perto, caindo-lhe aos pés sobre o chão prateado, com horrendo e retumbante estrondo.”

Mal essas palavras me passaram pelos lábios, ouvi distintamente como se um pesado escudo de bronze de facto tivesse caído, naquele momento, sobre um chão de prata – uma reverberação nítida, surda, metálica e poderosa, apesar de aparentemente abafada. Inteiramente nervoso, fiquei em pé de um salto, mas o movimento regular de balanço de Usher não se alterou. Corri para a cadeira diante de si e todo o seu rosto apresentava rigidez de pedra. Mas, assim que lhe toquei o ombro com a mão, forte estremecimento sacudiu todo o seu corpo, um sorriso doentio brincou em seus lábios como se não tivesse consciência de minha presença. Inclinando-me sobre ele, pude afinal compreender o sentido terrível de suas palavras.

– Não ouve, agora?...

– Sim, estou ouvindo e já ouvi antes. Há muitos, muitos, muitos, muitos minutos, muitas horas, muitos dias, venho ouvindo... e, no entanto, não tive a coragem... Oh, pobre de mim, miserável infeliz!... não tive coragem... não tive coragem de falar! Nós a enterramos viva! Eu não disse que meus sentidos eram aguçados? Agora lhe digo que ouvi os primeiros movimentos dela no caixão. Ouvi-os... há muitos, muitos dias... mas não tive coragem... não tive coragem de falar! E agora... esta noite... Ethelred... ah! ah!... o rompimento da porta do eremita e o grito de morte do dragão e clangor do escudo!... Seria melhor dizer o destroçar do caixão e o ranger das dobradiças de ferro de sua prisão e sua luta lá dentro das arcadas de cobre da cripta! Oh, para onde é que vou fugir? Pois ela não vai chegar agora mesmo? Não está vindo apressadamente para censurar minha sofreguidão? Não são seus passos que ouço na escada? Não é a batida pesada e horrível de seu coração que estou ouvindo? Louco! – e aqui levantou-se, de um salto, furioso, e berrou cada sílaba, como se estivesse entregando a própria alma nesse esforço? Louco! Digo-lhe que ela está agora, atrás da porta!

Como se a energia sobre-humana de suas palavras produzisse a força de um encantamento, a imensa e antiga porta para a qual apontava foi abrindo lentamente, nesse instante, suas mandíbulas negras e pesadas. Havia sido obra do vento furioso? mas além da porta estava de facto a figura alta e amortalhada de Lady Madeline de Usher. Havia sangue nas suas vestes brancas e sinais de violenta luta por todo o seu corpo emagrecido. Por um momento ela permaneceu trémula e vacilante no umbral. Depois, com um gemido baixo e queixoso, caiu

pesadamente sobre o irmão, e na sua violenta e agora final agonia arrastou-o consigo para o chão, já morto, vítima dos terrores que tinha previsto.

Fugi aterrorizado daquele quarto e daquela mansão. A tempestade ainda soprava com toda a fúria lá fora, quando atravessei o carreiro. De repente fulgurou sobre o caminho uma luz fantástica, e virei-me para ver de onde podia provir luminosidade tão estranha, pois atrás de mim só havia a vasta casa e suas sombras. A irradiação vinha da lua cheia e cor de sangue, já baixa no horizonte, e brilhava agora vivamente através daquela fenda antes quase invisível, à qual já me referi, que descia em ziguezague do teto até a base do edifício. Enquanto eu a olhava, a fenda foi se alargando rapidamente... soprou uma feroz rajada de vento... O círculo inteiro do satélite tornou-se visível aos meus olhos... O meu cérebro vacilou quando vi aquelas sólidas paredes desmoronarem... ouviu-se um longo e desordenado estrondo, como o retumbar de mil cataratas... e o fosso fétido e profundo, a meus pés, fechou-se, tétrica e silenciosamente, sobre os restos da Casa de Usher.

- (1) Porfirogénito: Significa, em grego, “nascido na púrpura”. Dizia-se dos filhos dos antigos imperadores de Constantinopla nascidos durante o reinado do pai.
- (2) Watson, Dr. Percival, Spallanzani e especialmente o Bispo de Llandaff. Ver *Chemical essays*, v.V. [Richard Watson (1737? 1816), químico inglês e bispo de Llandaff. James Gates Percival (1795? 1856), erudito norte-americano. Lazzaro Spallanzani (1729? 1799), naturalista italiano.]
- (3) Jean Baptiste Gresset (1709? 1777), poeta e dramaturgo francês; Niccolò Maquiavel (1469? 1527), político e escritor italiano; Emanuel Swedenborg (1688? 1772), cientista e filósofo sueco; Ludvig Holberg (1684? 1754), escritor dinamarquês; Robert Flud (1574? 1637), médico inglês; Jean D'Indagine é a grafia francesa para Joannes Indagine, pseudónimo de Johann von Hagen (séc XVI), escritor alemão; Marin Cureau De la Chambre (1596? 1669) médico francês; Ludwig Tieck (1773? 1853), escritor alemão; Tommanso Campanella (1568? 1639), filósofo italiano; Nicolás Eymerico (1320? 1399), teólogo espanhol; Pomponius Mela (séc. I d.C.), geógrafo latino.



O barril de amontilhado

(THE CASK OF AMONTILHADO, 1846)

(Amontilhado - vinho licoroso, ambarino e com sabor seco a avelã, produzido na região andaluza de Xerez, em Espanha)

Suportara eu, enquanto possível, as mil ofensas de Fortunato. Mas quando se aventurou ele a insultar-me, jurei vingar-me. Vós, que tão bem conheceis a natureza de minha alma, não haveis de supor, porém, que proferi alguma ameaça. Afinal, deveria vingar-me. Isso era um ponto definitivamente assentado, mas essa resolução, definitiva, excluía ideia de risco. Eu devia não só punir, mas punir com impunidade. Não se desagrava uma injúria quando o castigo cai sobre o desagravante. O mesmo acontece quando o vingador deixa de fazer sentir sua qualidade de vingador a quem o injuriou.

Fica logo entendido que nem por palavras nem por factos dera causa a Fortunato de duvidar de minha boa vontade. Continuei, como de costume, a fazer-lhe cara alegre, e ele não percebia que meu sorriso agora se originava da ideia de sua imolação.

O Fortunato tinha o seu lado fraco, embora a outros respeitos fosse um homem acatado e até temido. Orgulhava-se de ser conhecedor de vinhos. Poucos italianos têm o verdadeiro espírito do "conhecedor". Na maior parte, seu entusiasmo adapta-se às circunstâncias do momento e da oportunidade, para ludibriar milionários ingleses e austríacos. Em matéria de pintura e ourivesaria era Fortunato, a igual de seus patrícios, um impostor; mas em assuntos de vinhos velhos era sincero. A este respeito éramos da mesma força. Considerava-me muito entendido em vinhos italianos e sempre que podia, comprava-os em larga escala.

Foi ao escurecer de uma tarde, durante o supremo delírio carnavalesco, que encontrei meu amigo. Abordou-me com excessivo ardor, pois já estava bastante bebido. Estava fantasiado com um traje apertado e listado, trazendo na cabeça uma carapuça cónica cheia de guizos. Tão contente fiquei ao vê-lo que quase não largava de apertar-lhe a mão. E disse-lhe:

– Meu caro Fortunato, foi uma felicidade encontrá-lo! Como está bem disposto hoje! Mas recebi uma pipa de um vinho, dado como amontilhado, e tenho minhas dúvidas.

– Como? – disse ele. – Amontilhado? Uma pipa? Impossível. E no meio do Carnaval!

– Tenho minhas dúvidas – repliquei –, mas fui bastante tolo para pagar o preço total do amontilhado sem antes o consultar. Não consegui encontrá-lo e tinha receio de perder uma pechincha.

– Amontilhado!

– Tenho minhas dúvidas.

– Amontilhado!

– E preciso desfazê-las.

– Amontilhado!

– Se você não estivesse ocupado... Estou a ir a caminho da casa Luchesi. Se há alguém que entenda disso, é ele. Haverá de dizer...

– Luchesi não sabe diferenciar um amontilhado de um xerez.

– No entanto, há uns bobos que dizem por aí que, em matéria de vinhos, vocês se equiparam.

– Pois então vamos.

– Para onde?

– Para sua adega.

– Não, meu amigo. Não quero abusar de sua boa vontade. Você está ocupado.

Luchesi...

– Não estou ocupado, coisa nenhuma... Vamos.

– Não, meu amigo. Não é por isso, mas é que vejo está fortemente resfriado. A adega está de uma humidade intolerável. Suas paredes estão incrustadas de salitre.

– Não tem importância, vamos. Um resfriado à-toa. Amontilhado! Acho que foi enganado. Quanto a Luchesi, é incapaz de distinguir um xerez de um amontilhado. Assim falando, Fortunato agarrou o meu braço. Pondo no rosto uma máscara de seda e enrolando-me no meu casaco, deixei-me levar por ele, às pressas, na direção do palácio. Todos os criados haviam saído para brincar ao Carnaval. Dissera-lhes que só voltaria de madrugada e dera-lhes explícitas ordens para não se afastarem de casa. Foi, porém, o bastante, sabia, para que se sumissem logo que virei as costas. Peguei dois archotes, um dos quais entreguei a

Fortunato, e conduzi-o através de várias salas até à passagem abobadada que levava à adega. Desci à frente dele uma longa e tortuosa escada, aconselhando-o a ter cuidado. Chegámos por fim ao sopé e ficamos juntos no chão húmido das catacumbas dos Montresors. Meu amigo cambaleava e os guizos de sua carapuça tilintavam a cada passo que dava.

– Onde está a pipa? perguntou ele.

– Mais para o fundo – respondi –, mas repare nas teias cristalinas que brilham nas paredes desta caverna.

Ele voltou-se para mim e fitou-me bem nos olhos com aqueles seus dois glóbulos vítreos que destilavam a secreção da bebedeira. – Salitre? – perguntou ele, por fim.

– É, sim – respondi. – Há quanto tempo está você com essa tosse?

– Eh! Eh! Eh! Eh! Eh! Eh! Eh!... – pôs-se ele a tossir, e durante muitos minutos não conseguiu meu pobre amigo dizer uma palavra.

– Não é nada – disse ele, por fim.

– Venha – disse eu, decidido. Vamos voltar. A sua saúde é preciosa. Você é rico, respeitado, admirado, amado. Você é feliz como eu era outrora. Você é um homem que faz falta. Quanto a mim, não. Voltaremos. Pode piorar e não quero ser responsável por isso.

Além de que posso recorrer a Luchesi...

– Basta! – disse ele. – Essa tosse não vale nada. Não me há de matar. Não é de tosse que hei de morrer.

– Isto é verdade... isto é verdade... – respondi – e, de facto, não é minha intenção alarmá-lo sem motivo. Mas acho que devia tomar toda a precaução. Um trago deste Médoc defender-nos-á da humidade.

Então fiz saltar o gargalo de uma garrafa que retirei de uma longa pilha no chão. – Beba – disse eu, apresentando-lhe o vinho.

Levou a garrafa aos lábios, com um olhar malicioso. Calou-se um instante e cumprimentou-me com familiaridade, fazendo tilintar os guizos.

– Bebo pelos defuntos que repousam em torno de nós – disse ele.

– E eu para que você viva muito.

Pegou-me de novo no braço e prosseguimos.

– Estas adegas são enormes – disse ele.

– Os Montresors eram uma família rica e numerosa – respondi.

– Não me lembro quais são suas armas.

– Um enorme pé humano dourado em campo blau; o pé esmagando uma serpente rastejante cujos colmilhos se lhe cravam no calcanhar.

– E qual é a divisa?

– *Nemo me impune lacessit.* (Ninguém me ofende impunemente. N.T.)

– Bonito! – disse ele.

O vinho faiscava-lhe nos olhos e os guizos tilintavam. Minha própria imaginação se aquecia com o Médoc. Havíamos passado diante de paredes de ossos empilhados, entre barris e pipas, até os recessos extremos das catacumbas. Parei de novo e desta vez atrevi-me a pegar Fortunato por um braço acima do cotovelo.

– O salitre! Veja, está aumentado. Parece musgo agarrado às paredes. Estamos debaixo do leito do rio. As gotas de humidade filtram-se entre os ossos. Venha, vamos antes que seja demasiado tarde... Sua tosse...

– Não é nada – disse ele. – Continuemos. Mas antes, dê-me outro gole de Médoc.

Quebrei o gargalo de uma garrafa de De Grave e entreguei-lhe.

Esvaziou-a de um trago. Seus olhos cintilavam, ardentes. Riu e jogou a garrafa para cima, com um gesto que eu não compreendi. Olhei surpreso para ele. Repetiu o grotesco movimento.

– Não compreende? – perguntou.

– Não.

– Então não pertence à irmandade?

– Que irmandade?

– Não é maçom?

– Sim, sim! – respondi. – Sim, sim!

– Você, maçom? Não é possível!

– Sou maçom, sim – repliquei.

– Mostre o sinal – disse ele.

– É este – respondi. Retirando de sob as dobras de meu casaco uma colher de pedreiro.

– Você está brincando – exclamou ele, dando uns passos para trás.

– Mas vamos ver o amontilhado.

– Pois vamos – disse eu, recolocando a colher debaixo do capote e oferecendo-lhe, de novo, meu braço, sobre o qual se apoiou ele pesadamente. Continuamos o caminho em busca do amontilhado.

Passamos por uma série de baixas arcadas, demos voltas, seguimos para a frente, descemos de novo e chegamos a uma profunda cripta, onde a impureza do ar reduzia a chama de nossos archotes a brasas avermelhadas.

No recanto mais remoto da cripta, outra se descobria menos espaçosa. Nas suas paredes alinhavam-se restos humanos empilhados até o alto da abóbada, à maneira das grandes catacumbas de Paris. Três lados dessa cripta interior estavam assim ornamentados. Do quarto, haviam sido afastados os ossos, que jaziam misturados no chão, formando em certo ponto um montículo de avultado tamanho. Na parede assim desguarnecida dos ossos, percebemos um outro nicho, com cerca de um metro e vinte de profundidade, noventa centímetros de largura e um metro e oitenta ou dois metros e dez de altura. não parecia ter sido escavado para um uso especial, mas formado simplesmente pelo intervalo entre dois dos colossais pilares do teto das catacumbas, e tinha como fundo uma das paredes, de sólido granito, que os circunscreviam.

Foi em vão que Fortunato, erguendo a tocha mortíça, tentou espreitar a profundidade do recesso. A fraca luz não permitia ver-lhe o fim.

– Vamos – disse eu –, aqui está o amontilhado. Quanto a Luchesi...

– É um ignorantão! – interrompeu o meu amigo, enquanto caminhava, vacilante, para diante e eu o acompanhava rente aos calcanhares. Sem demora, alcançou ele a extremidade do nicho, e não podendo mais prosseguir, por causa da rocha, ficou estupidamente apatetado. Um momento mais e ei-lo acorrentado por mim ao granito. Na sua superfície havia dois anéis de ferro, distando um do outro cerca de sessenta centímetros, horizontalmente. De um deles pendia curta cadeia e do outro um cadeado. Passei a corrente em torno da cintura e prendê-lo, bem seguro, foi obra de minutos. Estava por demais atônito para resistir. Tirando a chave saí do nicho.

– Passe sua mão – disse eu – por sobre a parede. Não deixa de sentir o salitre. É de facto bastante húmido. Mais uma vez permita-me implorar-lhe que volte. Não? Então devo positivamente deixá-lo. Mas é preciso primeiro prestar-lhe todas as pequeninas atenções que puder.

– O amontilhado! – vociferou meu amigo, ainda não recobrado do espanto.

– É verdade – repliquei –, o amontilhado.

Ao dizer estas palavras, pus-me a procurar as pilhas de ossos a que me referi antes. Jogando – os para um lado, logo descobri grande quantidade de tijolos e argamassa. Com estes e com o auxílio de minha colher de pedreiro comecei com vigor, a empregar a entrada do nicho. Mal havia eu começado a acamar a primeira fila de tijolos, descobri que a embriaguez de Fortunato se tinha dissipado em grande parte. O primeiro indício disto que tive foi um surdo lamento, lá do fundo do nicho.

Não era o choro de um homem embriagado. Seguiu, então, um longo e obstinado silêncio. Deitei a segunda camada, a terceira e a quarta; e depois ouvi as furiosas vibrações da corrente. O barulho durou vários minutos, durante os quais, para maior satisfação, interrompi o meu trabalho e sentei-me em cima dos ossos.

Quando afinal o tilintar cessou, tornei a pegar e acabei sem interrupção a quinta, a sexta e a sétima camada. A parede estava agora quase ao nível de meu peito. Parei de novo e levantando o archote por cima dela, lancei uns poucos e fracos raios sobre o rosto dentro do nicho.

Uma explosão de berros fortes e agudos, provindos da garganta do vulto acorrentado, fez-me recuar com violência. Durante um breve momento hesitei. Tremia. Desembainhando minha espada, comecei a apalpar com ela em torno do nicho, mas uns instantes de reflexão tranquilizaram-me. Coloquei a mão sobre a alvenaria sólida das catacumbas e senti-me satisfeito. Reaproximei-me da parede: respondi aos urros do homem. Servi-lhe de eco, ajudei – o a gritar... ultrapassei – o em volume e em força. Fui fazendo assim e por fim cessou o clamor.

Era agora meia-noite e meu serviço chegara ao fim. Completara a oitava, a nona e a décima camadas. Tinha acabado uma porção desta última e a décima primeira. Faltava apenas uma pedra a ser colocada e argamassada. Carreguei – a com dificuldade por causa do peso. Coloquei – a, em parte, na posição devida. Mas então irrompeu de dentro do nicho uma enorme gargalhada que me fez eriçar os cabelos. Seguiu-se-lhe uma voz lamentosa, que tive dificuldade em reconhecer como a do nobre Fortunato. A voz dizia:

– Ah, ah, ah!... Eh, eh, eh! Uma troça bem boa de facto...uma excelente pilhéria! Haveremos de rir a bandeiras despregadas lá no palácio... eh, eh, eh!... a respeito desse vinho, eh! eh! eh!

– O amontilhado! – exclamei eu.

– Eh, eh, eh!... Eh, eh, eh!... Sim... o amontilhado! Já não será tarde? Já não estarão esperando por nós no palácio? Minha mulher e os outros? Vamos embora!

– Sim – disse eu. – Vamos embora.

– Pelo amor de Deus, Montresor!

– Sim – disse eu. – Pelo amor de Deus!

Aguardei debalde uma resposta a estas palavras. Impacientei-me. Chamei em voz alta:

– Fortunato!

Nenhuma resposta. Chamei de novo: – Fortunato!

Nenhuma resposta ainda. Lancei uma tocha através da abertura e deixei-a cair lá dentro.

Como resposta ouvi apenas o tinir dos guizos. Senti um aperto no coração... devido talvez à humidade das catacumbas. Apressei-me a terminar o meu trabalho. Empurrei a última pedra para a sua posição. Argamassei-a. Contra a nova parede, reergui a velha muralha de ossos. Já faz meio século que mortal algum os remexeu.

In pace requiescat!



O gato preto

(THE BLACK CAT, 1843)

Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto, bastante doméstica que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda a certeza, não sonho. Mas amanhã morro e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito. Meu propósito imediato é apresentar ao mundo, clara e sucintamente, mas sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Devido às suas consequências, tais acontecimentos aterrorizaram, torturaram e destruíram. No entanto, não tentarei esclarecê-los. Em mim, quase não produziram outra coisa senão horror – mas, em muitas pessoas, talvez lhes pareçam menos terríveis que grotesco. Talvez, mais tarde, haja alguma inteligência que reduza o meu fantasma a algo comum – uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que, a minha, que perceba, nas circunstâncias a que me refiro com terror, nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais. Desde a infância, tornaram-se patentes a docilidade e o sentido humano de meu caráter. A ternura de meu coração era tão evidente, que me tornava alvo dos gracejos de meus companheiros. Gostava, especialmente, de animais, e meus pais permitiam-me possuir grande variedade deles. Passava com eles quase todo o meu tempo, e jamais me sentia tão feliz como quando lhes dava de comer ou os acariciava. Com os anos, aumentou esta peculiaridade de meu caráter e, quando me tornei adulto, fiz dela uma das minhas principais fontes de prazer. Aos que já sentiram afeto por um cão fiel e sagaz, não preciso dar-me ao trabalho de explicar a natureza ou a intensidade da satisfação que se pode ter com isso. Há algo, no amor desinteressado, e capaz de sacrifícios, de um animal, que toca diretamente o coração daqueles que tiveram ocasiões frequentes de comprovar a amizade mesquinha e a frágil fidelidade de um simples homem.

Casei cedo, e tive a sorte de encontrar na minha mulher disposição semelhante à minha. Notando o meu amor pelos animais domésticos, não perdia a oportunidade de arranjar as espécies mais agradáveis de bichos. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um cão, coelhos, um macaquinho e um gato. Este último era um animal extraordinariamente grande e belo, todo negro e de espantosa sagacidade. Ao referir-se à sua inteligência, minha mulher, que, no íntimo de seu coração, era um tanto supersticiosa, fazia frequentes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas. Não que ela se referisse seriamente a isso: menciono o facto apenas porque aconteceu lembrar-me disso neste momento. Pluto – assim se chamava o gato – era o meu preferido, com o qual eu mais me distraía. Só eu o alimentava, e ele seguia-me sempre pela casa. Tinha dificuldade, mesmo, em impedir que me acompanhasse pela rua. Nossa amizade durou, desse modo, vários anos, durante os quais não só o meu carácter como o meu temperamento – enrubesço ao confessá-lo – sofreram, devido ao demónio da intemperança, uma modificação radical para pior. Tomava-me, dia a dia, mais taciturno, mais irritadiço, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Sofria ao empregar linguagem desabrida ao dirigir-me à minha mulher. No fim, cheguei mesmo a tratá-la com violência. Meus animais, certamente, sentiam a mudança operada em meu carácter. Não apenas não lhes dava atenção alguma, como, ainda, os maltratava. Quanto a Pluto, porém, ainda despertava em mim consideração suficiente que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não sentia escrúpulo algum em maltratar os coelhos, o macaco e mesmo o cão, quando, por acaso ou afeto, cruzavam em meu caminho. Meu mal, porém, ia tomando conta de mim – que outro mal pode se comparar ao álcool? – e, no fim, até Pluto, que começava agora a envelhecer e, por conseguinte, se tomara um tanto rabugento, até mesmo Pluto começou a sentir os efeitos de meu mau humor. Certa noite, ao voltar a casa, muito embriagado, de uma de minhas andanças pela cidade, tive a impressão de que o gato evitava a minha presença. Apanhei-o, e ele, assustado ante a minha violência, me feriu a mão, levemente, com os dentes. Uma fúria demoníaca apoderou-se, instantaneamente, de mim. Já não sabia mais o que estava fazendo. Dir-se-ia que, súbito, minha alma abandonara o corpo, e uma perversidade mais do que diabólica, causada pela genebra, fez vibrar todas as fibras de meu ser. Tirei do

bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos! Enrubesco, estremeço, abraço-me de vergonha, ao referir-me, aqui, a essa abominável atrocidade.

Quando, com a chegada da manhã, voltei à razão – dissipados já os vapores de minha orgia noturna –, experimentei, pelo crime que praticara, um sentimento que era um misto de horror e remorso; mas não passou de um sentimento superficial e equívoco, pois minha alma permaneceu impassível. Mergulhei novamente em excessos, afogando logo no vinho a lembrança do que acontecera. Entrementes, o gato se restabeleceu, lentamente. A órbita do olho perdido apresentava, é certo, um aspeto horrendo, mas não parecia mais sofrer qualquer dor. Passeava pela casa como de costume, mas, como bem se poderia esperar, fugia, tomado de extremo terror, à minha aproximação. Restava-me ainda o bastante de meu antigo coração para que, a princípio, sofresse com aquela evidente aversão por parte de um animal que, antes, me amara tanto. Mas esse sentimento logo se transformou em irritação. E, então, como para perder-me final e irremissivelmente, surgiu o espírito da perversidade. Desse espírito, a filosofia não toma conhecimento. Não obstante, tão certo como existe minha alma, creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das faculdades, ou sentimentos primários, que dirigem o caráter do homem. Quem não se viu, centenas de vezes, a cometer ações vis ou estúpidas, pela única razão de que sabia que não devia cometê-las? Acaso não sentimos uma inclinação constante mesmo quando estamos no melhor do nosso juízo, para violar aquilo que é lei, simplesmente porque a compreendemos como tal? Esse espírito de perversidade, digo eu, foi a causa de minha queda final. O vivo e insondável desejo da alma de atormentar-se a si mesma, de violentar sua própria natureza, de fazer o mal pelo próprio mal, foi o que me levou a continuar e, afinal, a levar a cabo o suplício que infligira ao inofensivo animal. Uma manhã, a sangue-frio, meti-lhe um nó corredio em torno do pescoço e enforquei-o no galho de uma árvore. Fi-lo com os olhos cheios de lágrimas, com o coração transbordante do mais amargo remorso. Enforquei-o porque sabia que ele me amara, e porque reconhecia que não me dera motivo algum para que me voltasse contra ele. Enforquei-o porque sabia que estava cometendo um pecado – um pecado mortal que comprometia a

minha alma imortal, afastando-a, se é que isso era possível, da misericórdia infinita de um Deus infinitamente misericordioso e infinitamente terrível.

Na noite do dia em que foi cometida essa ação tão cruel, fui despertado pelo grito de "fogo!". As cortinas de minha cama estavam em chamas. Toda a casa ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi completa. Todos os meus bens terrenos foram tragados pelo fogo, e, desde então, entreguei-me ao desespero. Não pretendo estabelecer relação alguma entre causa e efeito – entre o desastre e a atrocidade por mim cometida. Mas estou descrevendo uma sequência de factos, e não desejo omitir nenhum dos elos dessa cadeia de acontecimentos. No dia seguinte ao do incêndio, visitei as ruínas. As paredes, com exceção de uma apenas, tinham desmoronado. Essa única exceção era constituída por um fino tabique interior, situado no meio da casa, junto ao qual se achava a cabeceira de minha cama. O reboco havia, aí, em grande parte, resistido à ação do fogo – coisa que atribuí ao facto de ter sido ele construído recentemente. Densa multidão se reunira em torno dessa parede, e muitas pessoas examinavam, com particular atenção e minúcia, uma parte dela. As palavras "estranho!", "singular!", bem como outras expressões semelhantes, despertaram-me a curiosidade. Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem era de uma exatidão verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em torno do pescoço do animal. Logo que vi tal aparição – pois não poderia considerar aquilo como sendo outra coisa –, o assombro e terror que se apoderaram de mim foram extremos. Mas, finalmente, a reflexão veio em meu auxílio. O gato, lembrei-me, fora enforcado num jardim existente junto à casa. Aos gritos de alarma, o jardim fora imediatamente invadido pela multidão. Alguém deve ter retirado o animal da árvore, lançando-o, através de uma janela aberta, para dentro do meu quarto. Isso foi feito, provavelmente, com a intenção de despertar-me. A queda das outras paredes havia comprimido a vítima de minha crueldade no gesso recentemente colocado sobre a parede que permanecera de pé. A cal do muro, com as chamas e o amoníaco desprendido da carcaça, produzira a imagem tal qual eu agora a via. Embora isso satisfizesse prontamente minha razão, não conseguia fazer o mesmo, de maneira completa, com

minha consciência, pois o surpreendente facto que acabo de descrever não deixou de causar-me, apesar de tudo, profunda impressão. Durante meses, não pude livrar-me do fantasma do gato e, nesse espaço de tempo, nasceu em meu espírito uma espécie de sentimento que parecia remorso, embora não o fosse. Cheguei, mesmo, a lamentar a perda do animal e a procurar, nos sórdidos lugares que então frequentava, outro bichano da mesma espécie e de aparência semelhante que pudesse substituí-lo. Uma noite, em que me achava sentado, meio aturdido, num antro mais do que infame, tive a atenção despertada, subitamente, por um objeto negro que jazia no alto de um dos enormes barris, de genebra ou rum, que constituíam quase que o único mobiliário do recinto. Fazia já alguns minutos que olhava fixamente o alto do barril, e o que então me surpreendeu foi não ter visto antes o que havia sobre o mesmo. Aproximei-me e toquei-o com a mão. Era um gato preto, enorme – tão grande quanto Pluto – e que, sob todos os aspetos, salvo um, se assemelhava a ele. Pluto não tinha um único pelo branco em todo o corpo – e o bichano que ali estava possuía uma mancha larga e branca, embora de forma indefinida, a cobrir-lhe quase toda a região do peito. Ao acariciar-lhe o dorso, ergueu-se imediatamente, ronronando com força e esfregando-se na minha mão, como se a minha atenção lhe causasse prazer. Era, pois, o animal que eu procurava. Apressei-me em propor ao dono a sua aquisição, mas este não manifestou interesse algum pelo felino. Não o conhecia; jamais o vira antes. Continuei a acariciá-lo e, quando me dispunha a voltar para casa, o animal demonstrou disposição de acompanhar-me. Permiti que o fizesse – detendo-me, de vez em quando, no caminho, para acariciá-lo. Ao chegar, sentiu-se imediatamente à vontade, como se pertencesse a casa, tomando-se, logo, um dos bichanos preferidos de minha mulher. De minha parte, passei a sentir logo aversão por ele. Acontecia, pois, justamente o contrário do que eu esperava. Mas a verdade é que – não sei como nem porquê – o seu evidente amor por mim desgostava-me e aborrecia-me. Lentamente, tais sentimentos de desgosto e fastio se converteram no mais amargo ódio. Evitava o animal. Uma sensação de vergonha, bem como a lembrança da crueldade que praticara, impediam-me de maltratá-lo fisicamente. Durante algumas semanas, não lhe bati nem pratiquei contra ele qualquer violência; mas, aos poucos -muito gradativamente –, passei a sentir por ele inenarrável

horror, fugindo, em silêncio, de sua odiosa presença, como se fugisse de uma peste. Sem dúvida, o que aumentou o meu horror pelo animal foi a descoberta, na manhã do dia seguinte ao que o levei para casa, que, como Pluto, também havia sido privado de um dos olhos. Tal circunstância, porém, apenas contribuiu para que minha mulher sentisse por ele maior carinho, pois, como já disse, era dotada, em alto grau, dessa ternura de sentimentos que constituíra, em outros tempos, um de meus traços principais, bem como fonte de muitos de meus prazeres mais simples e puros. No entanto, a preferência que o animal demonstrava pela minha pessoa parecia aumentar na razão direta da aversão que sentia por ele. Seguia-me os passos com uma pertinácia que dificilmente poderia fazer com que o leitor compreendesse. Sempre que me sentava, enrodilhava-se debaixo da minha cadeira, ou saltava-me ao colo, cobrindo-me com suas odiosas carícias. Se me levantava para andar, metia-se entre minhas pernas e quase me derrubava, ou então, cravando suas longas e afiadas garras na minha roupa, subia por ela até o meu peito. Nessas ocasiões, embora tivesse ímpetos de matá-lo de um golpe, abstinha-me de fazê-lo devido, em parte, à lembrança de meu crime anterior, mas, sobretudo – apresso-me a confessá-lo –, pelo pavor extremo que o animal me despertava. Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico e, contudo, não saberia defini-lo de outra maneira.

Quase me envergonha confessar – sim, mesmo nesta cela de criminoso –, quase me envergonha confessar que o terror e o pânico que o animal me inspirava eram aumentados por uma das mais puras fantasias que se possa imaginar. Minha mulher, mais de uma vez, me chamara a atenção para o aspeto da mancha branca a que já me referi, e que constituía a única diferença visível entre aquele estranho animal e o outro, que eu enforcara. O leitor, decerto, se lembrará de que aquele sinal, embora grande, tinha, a princípio, uma forma bastante indefinida. Mas, lentamente, de maneira quase impercetível – que a minha imaginação, durante muito tempo, lutou por rejeitar como fantasiosa –, adquirira, por fim, uma nitidez rigorosa de contornos. Era, agora, a imagem de um objeto cuja menção me faz tremer... E, sobretudo por isso, eu o encarava como a um monstro de horror e repugnância, do qual eu, se tivesse coragem, me teria livrado. Era agora, confesso, a imagem de uma coisa odiosa, abominável: a imagem da forca! Oh, lúgubre e

terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte! Na verdade, naquele momento eu era um miserável – um ser que ia além da própria miséria da humanidade. Era uma besta-fera, cujo irmão fora por mim desdenhosamente destruído... uma besta-fera que se engendrara em mim, homem feito à imagem do Deus Altíssimo. Oh, grande e insuportável infortúnio! Ai de mim! Nem de dia, nem de noite, conheceria jamais a bênção do descanso! Durante o dia, o animal não me deixava a sós um único momento; e, à noite, despertava de hora em hora, tomado do indescritível terror de sentir o hálito quente da coisa sobre o meu rosto, e o seu enorme peso – encarnação de um pesadelo que não podia afastar de mim – pousado eternamente sobre o meu coração! Sob a pressão de tais tormentos, sucumbiu o pouco que restava em mim de bom. Pensamentos maus converteram-se em meus únicos companheiros – os mais sombrios e os mais perversos dos pensamentos. Minha rabugice habitual se transformou em ódio por todas as coisas e por toda a humanidade – e enquanto eu, agora, me entregava cegamente a súbitos, frequentes e irreprimíveis acessos de cólera, minha mulher – pobre dela! – não se queixava nunca convertendo-se na mais paciente e sofredora das vítimas. Um dia, acompanhou-me, para ajudar-me numa das tarefas domésticas, até o porão do velho edifício em que nossa pobreza nos obrigava a morar. O gato seguiu-nos e, quase me fazendo rolar escada abaixo, exasperou-me a ponto de perder o juízo. Apanhando uma machadinha e esquecendo o terror pueril que até então contivera minha mão, dirigi ao animal um golpe que teria sido mortal, se atingisse o alvo. Mas minha mulher segurou-me o braço, detendo o golpe. Tomado, então, de fúria demoníaca, liberei o braço do obstáculo que o detinha e cravei-lhe a machadinha no cérebro. Minha mulher caiu morta instantaneamente, sem lançar um gemido. Realizado o terrível assassinio, procurei, movido por súbita resolução, esconder o corpo. Sabia que não poderia retirá-lo da casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos. Ocorreram-me vários planos. Pensei, por um instante, em cortar o corpo em pequenos pedaços e destruí-los por meio do fogo. Resolvi, depois, cavar uma fossa no chão da adega. Em seguida, pensei em atirá-lo ao poço do quintal. Mudei de ideia e decidi metê-lo num caixote, como se fosse uma mercadoria, na forma habitual, fazendo com que um carregador o retirasse da casa. Finalmente, tive uma ideia que me pareceu muito mais prática: resolvi

emparedá-lo na adega, como faziam os monges da Idade Média com as suas vítimas. Aquela adega se prestava muito bem para tal propósito. As paredes não haviam sido construídas com muito cuidado e, pouco antes, haviam sido cobertas, em toda a sua extensão, com um reboco que a humidade impedira de endurecer. Ademais, havia uma saliência numa das paredes, produzida por alguma chaminé ou lareira, que fora tapada para que se assemelhasse ao resto da adega. Não duvidei de que poderia facilmente retirar os tijolos naquele lugar, introduzir o corpo e recolocá-los do mesmo modo, sem que nenhum olhar pudesse descobrir nada que despertasse suspeita. E não me enganei nos meus cálculos. Por meio de uma alavanca, desloquei facilmente os tijolos e tendo depositado o corpo, com cuidado, de encontro à parede interior. Segurei-o nessa posição, até poder recolocar, sem grande esforço, os tijolos em seu lugar, tal como estavam anteriormente. Arranjei cimento, cal e areia e, com toda a precaução possível, preparei uma argamassa que não se podia distinguir da anterior, cobrindo com ela, escrupulosamente, a nova parede. Ao terminar, senti-me satisfeito, pois tudo corraera bem. A parede não apresentava o menor sinal de ter sido rebocada. Limpei o chão com o maior cuidado e, lançando o olhar em torno, disse, de mim para comigo: "Pelo menos aqui, o meu trabalho não foi em vão".

O passo seguinte foi procurar o animal que havia sido a causa de tão grande desgraça, pois resolvera, finalmente, matá-lo. Se, naquele momento, tivesse podido encontrá-lo, não haveria dúvida quanto à sua sorte: mas parece que o esperto animal se alarmara ante a violência de minha cólera, e procurava não aparecer diante de mim enquanto me encontrasse naquele estado de espírito. Impossível descrever ou imaginar o profundo e abençoado alívio que me causava a ausência de tão detestável felino. Não apareceu também durante a noite – e, assim, pela primeira vez, desde sua entrada em casa, consegui dormir tranquila e profundamente. Sim, dormi mesmo com o peso daquele assassinio sobre a minha alma. Transcorreram o segundo e o terceiro dia – e o meu algoz não apareceu. Pude respirar, novamente, como homem livre. O monstro, aterrorizado fugira para sempre de casa. Não tomaria a vê-lo! Minha felicidade era infinita! A culpa de minha tenebrosa ação pouco me inquietava. Foram feitas algumas investigações, mas respondi prontamente a todas as perguntas. Procedeu-se, também, a uma vistoria

em minha casa, mas, naturalmente, nada podia ser descoberto. Eu considerava já como coisa certa a minha felicidade futura. No quarto dia após o assassinato, uma caravana policial chegou, inesperadamente, a casa, e realizou, de novo, rigorosa investigação. Seguro, no entanto, de que ninguém descobriria jamais o lugar em que eu ocultara o cadáver, não experimentei a menor perturbação. Os policiais pediram-me que os acompanhasse na sua busca. Não deixaram de esquadrinhar um canto sequer da casa. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram novamente ao porão. Não me alterei o mínimo que fosse. Meu coração batia calmamente, como o de um inocente. Andei por todo o porão, de ponta a ponta. Com os braços cruzados sobre o peito, caminhava, calmamente, de um lado para outro. A polícia estava inteiramente satisfeita e preparava-se para sair. O júbilo que me inundava o coração era forte demais para que pudesse contê-lo. Ardia de desejo de dizer uma palavra, uma única palavra, à guisa de triunfo, e também para tomar duplamente evidente a minha inocência.

— Senhores — disse, por fim, quando os policiais já subiam a escada —, é para mim motivo de grande satisfação haver desfeito qualquer suspeita. Desejo a todos os senhores ótima saúde e um pouco mais de cortesia. Diga-se de passagem, senhores, que esta é uma casa muito bem construída... (Quase não sabia o que dizia, no desejo de falar com naturalidade.) Poderia, mesmo, dizer que é uma casa excelentemente construída. Estas paredes — os senhores já se vão? —, estas paredes são de grande solidez. Nessa altura, movido por pura e frenética fanfarronada, bati com força, com a bengala que tinha na mão, justamente na parte da parede atrás da qual se achava o corpo da esposa de meu coração. Que Deus me guarde e livre das garras de Satanás! Mal o eco das batidas mergulhou no silêncio, uma voz respondeu-me do fundo da tumba, primeiro com um choro entrecortado e abafado, como os soluços de uma criança; depois, de repente, com um grito prolongado, estridente, contínuo, completamente anormal e inumano. Um uivo, um grito agudo, metade de horror, metade de triunfo, como somente poderia ter surgido do inferno, da garganta dos condenados, na sua agonia, e dos demónios exultantes com a sua condenação. Quanto aos meus pensamentos, é loucura falar. Sentindo-me desfalecer, cambaleei até à parede oposta. Durante um instante, o grupo de policiais deteve-se na escada, imobilizado pelo terror. Decorrido um momento,

doze braços vigorosos atacaram a parede, que caiu por terra. O cadáver, já em adiantado estado de decomposição, e coberto de sangue coagulado, apareceu, ereto, aos olhos dos presentes. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha dilatada e o único olho chamejante, achava-se pousado o animal odioso, cuja astúcia me levou ao assassinio e cuja voz reveladora me entregava ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro dentro da tumba!



Berenice

(1835)

*Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visifarem, curas meas aliquantulum
fore levatas.**

Ebn Zaiat

(*Meus companheiros asseguravam-me que visitado o túmulo de minha amiga conseguiria, em parte, alívio para as minhas tristezas. N.T.)

A desgraça é variada. O infortúnio da terra é multiforme. Arqueando-se sobre o vasto horizonte como o arco-íris, suas cores são como as deste, variadas, distintas e, contudo, nitidamente misturadas. Arqueando-se sobre o vasto horizonte como o arco-íris! Como de um exemplo de beleza, derivei eu uma imagem de desencanto? Da aliança de paz, uma semelhança de tristeza? E que, assim como na ética o mal é uma consequência do bem, da mesma realidade, da alegria nasce a tristeza. Ou a lembrança da felicidade passada é a angústia de hoje, ou as amarguras que existem agora têm sua origem nas alegrias que podiam ter existido.

Meu nome de batismo é Egeu. O de minha família não revelarei. Contudo não há torres no país mais vetustas do que as salas cinzentas e melancólicas do solar de meus avós. Nossa estirpe tem sido chamada de uma raça de visionários. Em muitos pormenores notáveis, do caráter da mansão familiar, nas pinturas do salão principal, nas tapeçarias dos dormitórios, nas cinzeladuras de algumas colunas de armas, porém, mais especialmente, na galeria de quadros no estilo da biblioteca e, por fim, na natureza muito peculiar dos livros que ela continha, há mais que suficiente prova a justificar aquela denominação.

Recordações de meus primeiros anos estão intimamente ligados àquela sala e aos seus volumes, dos quais nada mais direi. Ali morreu minha mãe. Ali nasci. Mas é ocioso dizer que não havia vivido antes, que a alma não tem existência prévia. Vós negais isto. Não discutamos o assunto. Convencido eu mesmo, não procuro convencer os demais.

Sinto, porém, uma lembrança de formas aéreas, de olhos espirituais e expressivos, de sons musicais, embora tristes; uma lembrança que não consigo anular; uma reminiscência semelhante a uma sombra, vaga, variável, indefinida, inconstante; e como uma sombra, também, na impossibilidade de livrar-me dela, enquanto a luz de minha razão existir.

Foi naquele quarto que nasci. Emergindo assim da longa noite daquilo que parecia, mas não era, o nada, para logo cair nas verdadeiras regiões da terra das fadas, num palácio fantástico, nos estranhos domínios do pensamento monástico e da erudição. Não é de admirar que tenha lançado em torno de mim um olhar ardente e espantado, que tenha consumido minha infância nos livros e dissipado minha juventude em devaneios; mas é estranho que ao perpassar dos anos e quando o apogeu da maturidade me encontrou ainda na mansão de meus pais, uma maravilhosa inércia havia tombado sobre as fontes da minha vida maravilhosa, a total inversão que se operou na natureza de meus pensamentos mais comuns. As realidades do mundo afetavam-me como visões, e somente como visões, enquanto as loucas ideias da terra dos sonhos se tornavam, por sua vez, não o estofado de minha existência cotidiana, na realidade, a minha absoluta e única existência.

Berenice e eu éramos primos e crescemos juntos, no solar paterno. Mas crescemos diferentemente: eu, de má saúde e mergulhado na minha melancolia; ela, ágil, graciosa e exuberante de energia. Para ela, os passeios pelas encostas da colina. Para mim, estudos do claustro. Eu, encerrado dentro do meu próprio coração e dedicado, de corpo e alma, à mais intensa e penosa meditação. Ela, divagando descuidosa pela vida, sem pensar em sombras no seu caminho, ou no voo silente das horas de asas ltuosas. Berenice!

Quando lhe invoco o nome... Berenice!, das ruínas sombrias da memória repontam milhares de tumultuosas recordações. Ah, bem viva tenho agora a sua imagem diante de mim, como nos dias de sua jovialidade e alegria! Oh, deslumbrante, porém fantástica beleza! Oh, sílfide entre os arbustos de Arnheim! Oh, náíade à beira de suas fontes! E depois... depois tudo é mistério e uma estória que não deveria ser contada.

Uma doença...uma doença – uma fatal doença – soprou como um simum sobre seu corpo. E precisamente quando a contemplava, o

espírito da metamorfose arrojou-se sobre ela, invadindo-lhe a mente, os hábitos e o caráter e, da maneira mais subtil e terrível, perturbando-lhe a própria personalidade. Ai! O destruidor veio e se foi, e a vítima...onde está ela? Não a conhecia... ou não mais a conhecia como Berenice!

Entre a numerosa série de males acarretados por aquela fatal e primeira doença, que realizou tão horrível revolução no ser moral e físico de minha prima, pode-se mencionar, como o mais aflitivo e o mais obstinado, uma espécie de epilepsia, que não poucas vezes, terminava em catalepsia, muito semelhante à morte efetiva e da qual despertava ela, quase sempre, duma maneira assustadoramente subitânea.

Entrementes, minha própria doença aumentava, pois fora dito que para ela não havia remédio, e assumiu afinal um caráter de monomania, de forma nova e extraordinária, que, hora em hora, de minuto em minuto, crescia em vigor e por fim veio a adquirir sobre mim a mais incompreensível ascendência. Esta monomania, se assim posso chamá-la, consistia numa irritabilidade mórbida daquelas faculdades do espírito que a ciência metafísica denomina “faculdades da atenção”.

É mais que provável não me entenderem. Mas temo, deveras, que me seja totalmente impossível transmitir à mente do comum dos leitores uma ideia adequada daquela nervosa intensidade da atenção com que, no meu caso, as faculdades meditativas (para evitar a linguagem técnica) se applicava e absorvia na contemplação dos mais vulgares objetos do mundo.

Meditar infatigavelmente longas horas, com a atenção cravada em alguma frase frívola, à margem de um livro ou no seu aspeto tipográfico, ficar absorto, durante a melhor parte dum dia de verão na contemplação duma sombra extravagante, projetada obliquamente sobre a tapeçaria, ou sobre o soalho; perder uma noite observar a chama inquieta duma lâmpada, ou as brasas de um fogão; sonhar dias inteiros com o perfume duma flor; repetir monotonamente, alguma palavra comum, até que o som, a repetição frequente, cesse de representar ao espírito a menor ideia; perder toda a sensação de movimento ou de existência física, em virtude de uma absoluta quietação do corpo, prolongada e obstinadamente mantida, tais eram as mais comuns e menos perniciosas aberrações, provocadas pelo estado de minhas

faculdades mentais não, de facto, absolutamente sem exemplo, mas certamente desafiando qualquer espécie de análise ou explicação.

Sejamos, porém, mais explícitos. A excessiva, ávida e mórbida atenção assim excitada por objetos de seu natural triviais, não deve ser confundida, a propósito, com aquela propensão à meditação, comum a toda a humanidade e mais especialmente do agrado das pessoas de imaginação ardente. Nem era tampouco, como se poderia a princípio supor, um estado extremo, ou uma exageração de tal propensão, mas primária e essencialmente distinta e diferente dela. Naquele caso, o sonhador, ou entusiasta, estando interessado por um objeto, geralmente não trivial, perde, sem o perceber, de vista este objeto, através duma imensidade de deduções e sugestões deles provindas, até que, chegando ao fim daquele sonho acordado, muitas vezes repletos de voluptuosidade, descobre estar o *incitamentum* causa primária de suas meditações, inteiramente esvanecido e esquecido. No meu caso, o ponto de partida era invariavelmente frívolo, embora assumisse, por intermédio de minha visão doentia, uma importância irreal e refratária. Poucas ou nenhuma reflexões eram feitas e estas poucas voltavam, obstinadamente, ao objeto primitivo como a um centro. As meditações nunca eram agradáveis, e ao fim do devaneio, a causa primeira, longe de estar fora de vista atingira aquele interesse sobrenaturalmente exagerado que era a característica principal da doença. Numa palavra: as faculdades da mente mais particularmente exercitadas em mim eram, como já disse antes, as da atenção, ao passo que no sonhador-acordado são as especulativas.

Naquela época, os meus livros, se não contribuíam eficazmente para irritar a moléstia, participavam largamente, como é fácil perceber-se, pela sua natureza imaginativa e inconsequente, das qualidades características da própria doença. Bem me lembro, entre outros, do tratado do nobre italiano, Coelius Secundus Curio de *amplitudine beati regni dei*; da grande obra de Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*; do *De Carne Christi*, de Tertuliano, no qual a paradoxal sentença: *Mortuus est Dei filius; credible est quia ineptum est; et sepultus resurrexit; certum est quia impossibile est*, absorveu meu tempo todo, durante semanas de laboriosa e infrutífera investigação.

Dessa forma, minha razão, perturbada, no seu equilíbrio por coisas simplesmente triviais, assemelhava-se àquele penhasco marítimo de

que fala Ptolomeu Hefestião, o qual resistia inabalável a questão da violência humana e ao furioso ataque das águas e ventos, mas tremia ao simples toque da flor chamada asfódelo. E embora a um pensador desatento possa parecer fora de dúvida que a alteração produzida pela lastimável moléstia no estado mortal de Berenice fornecesse motivos vários para o exercício daquela intensa e anormal meditação, cuja natureza tive dificuldade em explicar, tal não se deu absolutamente.

Nos intervalos lúcidos de minha enfermidade, a desgraça que a feria dava-me realmente pena e afetava-me fundamente o coração aquela ruína total de sua vida alegre e doce. Por isso não deixava de refletir muitas vezes, com amargura, nas causas prodigiosas que tinham tão subitamente produzido modificação tão estranha. Mas essas reflexões não participavam da idiossincrasia de minha doença, tais como teriam ocorrido em idênticas circunstâncias, à massa ordinária dos homens. Fiel a seu próprio caráter, meu desarranjo mental preocupava-se com as menos importantes, porém mais chocantes mudanças operadas na constituição física de Berenice, na estranha e mais espantosa alteração de sua personalidade.

Posso afirmar que nunca amara minha prima, durante os dias mais brilhantes de sua incomparável beleza. Na estranha anomalia de minha existência, os sentimentos nunca me provinham do coração, e minhas paixões eram sempre do espírito. Através do crepúsculo matutino, entre as sombras estriadas da floresta, ao meio-dia no silêncio de minha biblioteca, à noite, esvoaçara ela diante de meus olhos e eu a contemplara, não como a viva e respirante Berenice, mas como a Berenice de um sonho; não como um ser da terra, um ser carnal, mas como a abstração de tal ser; não como uma coisa para admirar, mas para ser analisada; não como objeto para amar, mas como o tema da mais absoluta, embora inconstante, especulação. E agora... agora eu estremecia na sua presença e empalidecia ao vê-la aproximar-se; contudo, lamentando amargamente sua deplorável decadência, lembrei-me de que ela havia-me amado muito tempo, e, num momento fatal, falei-lhe em casamento.

Aproximava-se, por fim, o período de nossas núpcias quando, numa tarde de inverno de um daqueles dias intempestivamente cálidos, sossegados e nevoentos, que são a alma do belo Alcíone, sentei-me no mais recôndito gabinete da biblioteca. Julgava estar sozinho, mas

erguendo a vista divisei Berenice, em pé, à minha frente. Foi a minha própria imaginação excitada, ou a nevoenta influência da atmosfera, ou o crepúsculo impreciso do aposento, ou as cinéreas roupagens que lhe caíam em torno do corpo, que lhe deu aquele contorno indeciso e trémulo? Não sei dizê-lo. Ela não disse uma palavra e eu por forma alguma podia emitir uma só sílaba.

Um gélido calafrio correu-me pelo corpo, uma sensação de intolerável ansiedade me oprimia, uma curiosidade devoradora invadiu-me a alma, e recostando-me na cadeira, permaneci por algum tempo imóvel e sem respirar, com os olhos fixos no seu vulto. Ai! sua magreza era excessiva e nenhum vestígio da criatura de outrora se vislumbrava numa linha sequer de suas formas. O meu olhar ardente pousou-se afinal em seu rosto. A fronte era alta e muito pálida, e de uma placidez singular. O cabelo, outrora negro, de azeviche, caía-lhe parcialmente sobre a testa e sombreava as fontes encovadas com numerosos anéis, agora de um amarelo vivo, em chocante discordância, pelo seu caráter fantástico, com a melancolia que lhe dominava o rosto. Os olhos, sem vida e sem brilho, pareciam estar desprovidos de pupilas.

Desviei involuntariamente a vista daquele olhar vítreo para olhar-lhe os lábios delgados e contraídos. Entreabriram-se e, num sorriso bem significativo, os dentes da Berenice transformada se foram lentamente mostrando. Prouvera a Deus que eu nunca os tivesse visto, tendo-os visto, tivesse morrido!

O batido duma porta assustou-me e, erguendo a vista, vi que minha prima havia saído do aposento. Mas do aposento desordenado do meu cérebro não havia saído, ai de mim!, e não queria sair o espectro branco de seus dentes lívidos. Nem uma mancha se via na sua superfície, nem uma pinta no esmalte, nem uma falha nas suas pontas, que aquele breve tempo de seu sorriso não houvesse gravado na minha memória. Via-os agora, mesmo mais distintamente do que os vira antes.

Os dentes!... Os dentes! Estavam aqui e ali e por toda parte, visíveis, palpáveis. diante de mim. Compridos, estreitos e excessivamente brancos, com os pálidos lábios contraídos sobre eles, como no instante mesmo do seu primeiro e terrível crescimento. Então desencadeou-se a plena fúria minha monomania e em vão lutei contra sua estranha e irresistível influência. Nos múltiplos objetos do mundo exterior, só pensava naqueles dentes. Queria-os com frenético desejo.

Todos os assuntos e todos os interesses diversos foram absorvidos por aquela exclusiva contemplação.

Eles, somente eles estavam presentes aos olhos de meu espírito, e eles, na sua única individualidade, se tornaram a essência de minha vida mental. Via-os sob todos os aspetos. Revolvi-os em todas as direções. Observava-lhes as características. Detinha-me em todas as suas peculiaridades. Meditava na sua conformação e refletia na alteração de sua natureza. Estremecia ao atribuir-lhe em imaginação, faculdades de sentimento e de sensação, e, do mesmo quando desprovidos dos lábios, capacidade da expressão moral.

Dizia-se, com razão, de Mademoiselle Sallé que *tous ses pas étaient de sentiments*, e de Berenice que *tous ses dents étaient des idées!* (todos os seus passos eram sentimentos; todos os seus dentes eram ideias N.T.)

Ah, esse foi o pensamento absurdo que me destruiu, *des idées!* Ah, essa era a razão pela qual eu os cobiçava tão loucamente. Sentia que somente a posse deles me poderia restituir a paz para sempre, fazendo-me voltar a razão. E assim cerrou-se a noite em torno de mim. Vieram as trevas demoraram-se, foram embora. E o dia raiou mais uma vez e os nevoeiros de uma segunda noite de novo se adensaram em torno de mim. E ainda sentado estava, imóvel, naquele quarto solitário ainda mergulhado em minha meditação, ainda com os dentes mantendo sua terrível ascendência sobre mim, a flutuar com a mais viva e hedionda nitidez, entre as luzes mutáveis e as sombras do aposento. Afinal, explodiu em meio de meus sonhos um grito de horror e de consternação, ao qual se seguiu, depois de uma pausa, o som de vozes aflitas, entremeadas de surdos lamentos de tristeza e pesar.

Levantei-me e, escancarando uma das portas da biblioteca, vi, de pé, na antecâmara, uma criada, toda em lágrimas que me disse que Berenice havia... morrido! Sofrera um ataque epilético pela manhã e agora, ao cair da noite, a cova estava pronta para receber o seu morador e todos os preparativos do enterro terminados.

Com o coração cheio de angústia, oprimido pelo temor, dirigi-me com repugnância para o quarto de dormir da defunta. Era um quarto vasto, muito escuro, e eu chocava-me, a cada passo, com os preparativos do sepultamento. Os cortinados do leito, disse-me um criado, estavam fechados sobre o ataúde e naquele ataúde, acrescentou ele, em voz baixa, jazia tudo quanto restava de Berenice.

Quem, pois, me perguntou se eu não queria ver o corpo? Não vi moverem-se os lábios de ninguém; entretanto, a pergunta realmente feita e o eco das últimas sílabas ainda se arrastava pelo quarto. Era impossível resistir e, com uma sensação opressiva, dirigi-me a passos tardos para o leito. Ergui de manso as sombrias dobras das cortinas; mas, deixando-as cair de novo, desceram sobre meus ombros e, separando-me do mundo dos vivos, me encerraram na mais estreita comunhão com a defunta.

Todo o ar do quarto respirava morte; mas o cheiro característico do ataúde me fazia mal e imaginava que um odor deletério exalava já do cadáver. Teria dado mundos para escapar, para livrar-me da perniciosa influência mortuária, para respirar, uma vez ainda, o ar puro dos céus eternos. Mas, faleciam-me as forças para mover-me os joelhos tremiam e me sentia como que enraizado no solo contemplando fixamente o rígido cadáver, estendido ao comprido no caixão aberto.

Deus do céu! Seria possível? Ter-se-ia meu cérebro transviado? Ou o dedo da defunta se mexera no sudário que a envolvia? Tremendo de inexprimível terror, ergui lentamente os olhos para ver o cadáver. Haviam-lhe amarrado o queixo com um lenço, o qual não sei como, se desatara. Os lábios lívidos se torciam numa espécie de sorriso, e por entre a sua moldura melancólica os dentes de Berenice, brancos, luzentes, terríveis fixavam-me ainda, com uma realidade demasiado vivida. Afastei-me convulsivamente, do leito, sem pronunciar uma palavra, como um louco, corri para fora daquele quarto de mistério, de horror e de morte.

Achei-me de novo sentado na biblioteca, e de novo ali estava só. Parecia que havia pouco despertara de um sonho confuso e agitado que era então meia-noite e bem ciente estava de que, desde o pôr do sol, Berenice tinha sido enterrada. Mas, durante esse tétrico intervalo, eu não tinha qualquer percepção positiva, ou definida. Sua recordação, porém, estava repleta de horror, horror mais horrível porque vindo do impreciso, terror mais terrível porque saído da ambiguidade. Era uma página espantosa do registo de minha existência, toda escrita com sombra e com medonhas e ininteligíveis recordações.

Tentava decifrá-la, mas em vão; e de vez em quando, como o espírito de um som evadido, parecia-me retinir nos ouvidos o grito agudo e lancinante de uma voz de mulher. Eu fizera alguma coisa; que

era, porém? Fazia a mim mesmo tal pergunta em voz alta, e os ecos do aposento respondiam-me: Que era? a mesa, a meu lado, ardia uma lâmpada e perto dela estava uma caixinha. Não era de forma digna de nota e eu frequentemente a vira antes, pois pertencia ao médico da família; mas, como viera ter ali, sobre minha mesa, e por que estremecia eu ao contemplá-la? Não valia a pena importar-me com tais coisas e meus olhos por fim caíram sobre as páginas abertas de um livro, na sentença nelas sublinhada.

Eram as palavras singulares, simples, do poeta Ebn Zaiat: *Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas meus aliquantulum fore levatas*. Por que então, ao lê-las, os cabelos de minha cabeça se eriçaram até a ponta, e o sangue de meu corpo se congelou nas veias?

Uma leve pancada soou na porta da biblioteca. E, pálido como o brilho de um sepulcro, um criado entrou, na ponta dos pés. Sua fisionomia estava transtornada de pavor e ele falou-me numa voz trémula, rouca e muito baixa. Que disse? Ouvi frases truncadas. Falou-me de um grito selvagem que perturbara o silêncio da noite ... todos em casa se reuniram... saíram procurando em direção ao som. E depois a sua voz se tornou penetrantemente distinta, ao falar-me de um tumulto violado... de um corpo desfigurado, desamortalhado, mas que ainda respirava, ainda, ainda vivia!

Apontou para minhas roupas; estavam sujas de coágulos de sangue. Eu nada falava e ele pegou-me levemente na mão; gravavam-se nela os sinais de unhas humanas. Chamou-me a atenção para certo objeto encostado à parede: era uma pá.

Com um grito, saltei para a mesa e agarrei a caixa que nela se achava. Mas não pude arrombá-la; e, no meu tremor, ela deslizou de minhas mãos e caiu com força, quebrando-se em pedaços. E dela, com um som tilintante, rolaram vários instrumentos de cirurgia dentária, de mistura com trinta e duas coisas pequenas, como que de marfim, que se espalharam por todo o soalho.



Manuscrito encontrado numa garrafa

(MS. FOUND IN A BOTTLE, 1833)

Quem só tem um momento para viver Nada mais tem para dissimular.
Quinault – Atys

Da minha terra e da minha família pouco tenho a dizer. Os maus costumes e o acumular dos anos afastaram-me da primeira e alhearam-me da segunda. O meu património proporcionou-me uma educação pouco comum e uma disposição de espírito contemplativa permitiu-me ordenar metodicamente as aquisições diligentemente reunidas pelo estudo precoce. O estudo dos filósofos alemães fez particularmente as minhas delícias: não por qualquer mal avisada admiração pela sua eloquente loucura, mas antes pela facilidade com que os meus hábitos de raciocínio rigoroso facultavam-me a deteção dos seus erros. Fui muitas vezes admoestado pela aridez do meu génio; imputavam-me, como se de um crime se tratasse, falta de imaginação, e o pirronismo das minhas opiniões sempre me tornou notado. De facto, receio bem que uma forte atração pela filosofia física me tenha impregnado o espírito de um defeito muito comum nesta época: refiro-me ao hábito de reportar os acontecimentos, mesmo os menos suscetíveis de o serem, aos princípios de tal ciência. Em suma, ninguém seria menos dado que eu a deixar-se desviar das estritas fronteiras da verdade pelos *ignes fatui* da superstição. Achei que se justificaria esta introdução, sob pena de o incrível relato que se segue ser tomado mais pelo delírio de uma imaginação desenfreada do que pela experiência positiva de um espírito para o qual os devaneios da fantasia sempre foram letra morta e coisa de nulo valor. Após muitos anos passados em deslocações pelo estrangeiro, larguei no ano de 18... do porto de Batávia, na rica e populosa ilha de Java, em viagem ao arquipélago de Sunda. Embarquei como passageiro, sem outro estímulo que não fosse uma qualquer

nervosa irrequietude que me obcecava como espírito maléfico. O nosso navio era um belo veleiro de umas quatrocentas toneladas, construído de teca do Malabar em Bombaim.

Levava um carregamento de algodão em rama e azeite, proveniente das ilhas Lacadivas. Transportávamos ainda fibra de coco, açúcar mascavado, manteiga, cocos e algumas caixas de ópio. A estiva tinha sido feita de modo descuidado, pelo que o navio ia adornado. Largamos sob um ténue bafejo de vento e mantivemo-nos durante vários dias ao longo da costa oriental de Java, sem mais incidentes que iludissem a monotonia da nossa singradura para além do encontro ocasional com alguns *grabs* (1) do arquipélago a que nos mantínhamos confinados.

Uma tarde, debruçado à balaustrada da popa, observei uma nuvem isolada muito estranha, a noroeste. Era singular, quer pela cor, quer por ser a primeira com que deparávamos desde a largada de Batávia. Contemplei-a atentamente até ao sol-pôr, altura em que alastrou repentinamente para leste e oeste, cercando o horizonte de uma estreita faixa de vapor e assemelhando-se a uma baixa linha de costa. Não tardou que a minha atenção fosse subsequentemente atraída pelo aspeto vermelho-escuro da Lua e pelo invulgar estado do mar. Este sofreu uma rápida alteração e a água parecia mais transparente do que o habitual. Embora conseguisse ver distintamente o fundo, ao lançar a sonda verifiquei que a profundidade local era de vinte braças. O ar tornara-se agora intoleravelmente quente e estava carregado de exalações espirais semelhantes às que se desprendem do ferro quando aquecido. Com o tombar da noite, o vento caiu totalmente, sendo impossível conceber calmaria mais completa. A chama da lanterna sobre a popa ardia sem o menor movimento perceptível, e um cabelo comprido, seguro entre o polegar e o indicador, pendia sem que pudesse observar-se a mais pequena ondulação. No entanto, como o comandante dissesse que não se apercebia de qualquer indício de perigo, e uma vez que estávamos a abater totalmente para terra, mandou ferrar as velas e fundear. Não se passou a regime de quartos e a tripulação, constituída principalmente por malaios, veio deitar-se deliberadamente no convés. Desci aos alojamentos – não sem um forte pressentimento de desastre. De facto, todas as aparências me levavam a suspeitar da aproximação do *simum* (*vento forte e seco que sopra em África*). Dei parte dos meus temores ao

comandante, mas este não prestou a menor atenção às minhas palavras e deixou-me sem ao menos se dignar de responder. Todavia, a inquietação não me deixou dormir e, perto da meia-noite, subi ao convés. Ao colocar o pé no último degrau da escada, fui surpreendido por um forte ruído sussurrante como produzido por rápida rotação de moinho e, antes que pudesse averiguar o seu significado, apercebi-me de que o navio estremecia na direção do seu centro. No instante imediato, um cachão de espuma fez-nos adornar subitamente e, passando sobre nós, varreu todo o convés de popa a proa.

A extrema violência do choque veio, em grande parte, a ser a salvação do navio. Embora completamente inundado, quando os mastros foram pela borda fora, ergueu-se pesadamente das águas um minuto depois e, vacilando um instante sob a intensa pressão da tempestade, endireitou-se finalmente.

Não sei dizer por que milagre escapei à destruição. Atordoado pelo embate de água, dei por mim, uma vez refeito, entalado entre o cadaste e o leme. Com grande dificuldade, pus-me de pé e, olhando confusamente ao redor, fui inicialmente assaltado pela ideia de que estivéssemos no meio de recifes, de tal modo terrível e inimaginável era o turbilhão do oceano alteroso e espumejante em que estávamos mergulhados. Passados algum tempo ouvi a voz de um velho sueco, que embarcara connosco no momento em que largávamos do porto. Gritei-lhe com todas as forças e ele acabou por dirigir-se, a cambalear, para a popa. Depressa descobrimos que éramos os únicos sobreviventes do acidente. Todos os que estavam no convés, exceto nós, tinham sido varridos pela borda fora; o comandante e os oficiais deviam ter perecido durante o sono, visto que os camarotes se encontravam totalmente alagados. Sem auxílio, pouco poderíamos contar fazer pela segurança do navio e os nossos esforços foram de princípio paralisados pela perspectiva momentânea de irmos a pique. Era evidente que a amarra se quebrara como se fosse uma guita ao primeiro sopro do furacão, pois de contrário teríamos sido instantaneamente esmagados. Corríamos com o furacão a uma velocidade assustadora e as águas abriam brechas visíveis à nossa frente. A estrutura da popa tinha sofrido enormes danos e, praticamente sob todos os aspetos, fôramos objeto de consideráveis avarias; mas para nossa extrema alegria, descobrimos que as bombas não tinham ficado obstruídas e que o lastro não sofrera grande

deslocação. A maior fúria da tempestade tinha já amainado e a violência do vento não parecia oferecer grande perigo: contudo, ansiávamos, consternados, por que ele cessasse completamente, pois estávamos em crer que, com tais estragos, inevitavelmente pereceríamos na ondulação tremenda que sobreviria. Contudo, esta justíssima apreensão não parecia de modo algum em vias de concretizar-se. Durante cinco dias e cinco noites – no decurso dos quais tivemos por único alimento uma pequena porção de açúcar mascavado, obtido com grande dificuldade no castelo da proa – o calhambeque correu a uma velocidade que desafiava qualquer cálculo, impulsionado por rajadas de vento que se sucediam rapidamente, as quais, sem, contudo, se compararem à violência inicial do vento *simum*, eram ainda mais terríveis do que qualquer tempestade que até então eu tivesse presenciado. O nosso rumo durante os primeiros quatro dias foi, com insignificantes variações, sueste quarta a sul, e deveríamos ir parar às costas da Nova Holanda. No quinto dia começou a fazer-se sentir um frio extremo, embora o vento tivesse rondado mais uma quarta para norte. O Sol despontou com um fulgor amarelo doentio e ergueu-se apenas alguns graus acima do horizonte – sem emitir uma luz definida. Não havia nuvens à vista, mas o vento continuava a refrescar e soprava com uma violência irregular e instável. Cerca do meio-dia, tanto quanto nos era possível estimar, a nossa atenção foi novamente desperta pela aparência do Sol. Não emitia luz propriamente dita, mas antes um clarão mortiço e soturno sem reverberação, como se todos os seus raios estivessem polarizados. Imediatamente antes de mergulhar no mar túrgido, a sua chama central extinguiu-se de súbito, como que pressurosamente apagada por algum inexplicável poder. Era apenas um arco esbatido e quase prateado ao precipitar-se no oceano insondável. Aguardamos em vão a chegada do sexto dia: esse dia para mim não chegou: para o sueco, não existiu sequer. De então em diante, vimo-nos amortalhados numa escuridão de breu, de tal modo que não conseguiríamos ver um objeto a vinte passo do navio. A noite eterna começou a envolver-nos, nem sequer mitigada pela fosforescência das águas a que nos habituáramos nos trópicos.

Observamos igualmente que, embora a tempestade continuasse a bramir com inquebrantável violência, já não conseguia descortinar-se o habitual aparecimento de rebentação ou espuma, que até então nos

havia acompanhado. À nossa volta tudo era horror, trevas profundas e um negro e abrasador deserto de ébano. Um terror supersticioso começou a invadir progressivamente o cérebro do velho sueco, e meu próprio espírito estava mergulhado em profundo espanto. Abandonámos todos os cuidados do navio, mais do que inúteis, e, amarrando-nos o melhor que pudemos ao mastro da mezena, observávamos amargamente a imensidão do oceano. Não tínhamos maneira de calcular o tempo nem fazíamos a menor ideia de qual a nossa posição. Contudo, estávamos perfeitamente cientes de que havíamos navegado mais para sul do que qualquer outro mareante e experimentamos grande admiração por se não nos depararem os habituais obstáculos de gelo. Entrementes, cada instante ameaçava ser o último da nossa vida: não havia vaga alterosa que não se precipitasse para nos esmagar. A ondulação ultrapassava tudo o que eu imaginara possível e o facto de o mar não nos ter sepultado instantaneamente constituía um milagre. O meu companheiro referiu-se ao pouco peso da carga que transportávamos e recordou-me as excelentes qualidades do navio; fosse como fosse, eu não conseguia deixar de sentir o extremo desespero da própria esperança e preparei-me melancolicamente para a morte que, acreditava, nada poder adiar por mais que uma hora, visto que, a cada nó que o navio avançava, a agitação das prodigiosas águas negras se tornava cada vez mais lugubrememente aterradora. Por vezes, ao elevarmo-nos mais ainda que um albatroz, perdíamos a respiração; outras ficávamos atordoados com a velocidade com que o navio se afundava em qualquer inferno aquático, onde o ar estagnava e nenhum som perturbava o sono do kraken (2). Encontrávamo-nos no fundo de um desses abismos quando um súbito grito do meu companheiro rompeu temerosamente na noite: — Olhe! Olhe! — gritou angustiadamente aos meus ouvidos. — Deus todo-poderoso! Olhe! Olhe!

Enquanto ele falava, percebi o clarão mortiço e sombrio de uma luz vermelha que se escoava de um e outro lado do abismo em que estávamos mergulhados, e lançava um brilho incerto sobre o nosso convés. Erguendo a vista, observei um espetáculo que me fez gelar o sangue nas veias. A uma altura descomunal acima de nós, e precisamente na orla do precipício das águas, pairava um gigantesco navio de umas quatro mil toneladas. Apesar de empoleirado na crista de uma vaga que tinha mais de cem vezes a sua altura, as suas dimensões

aparentes ainda assim excediam as de qualquer navio de linha ou da Companhia das Índias. O seu casco enorme era de um negro profundo, nem sequer atenuado por qualquer dos habituais ornatos que os navios ostentam. Uma fileira única de peças de artilharia de bronze emergia das escotilhas abertas e as suas superfícies polidas refletiam os clarões das inúmeras lanternas de combate que balançavam de um lado para outro na mastreação. Todavia, o que fundamentalmente nos encheu de horror e espanto foi que ele navegava a todo o pano, a despeito daquele mar sobrenatural e do incontrollável furacão. Quando o avistamos da primeira vez, apenas víamos a proa, ao erguer-se lentamente do sombrio e horrível fosso que ia deixando para trás. Por um instante de intenso terror, deteve-se sobre o cume vertiginoso, como que imerso na contemplação da sua própria magnificência, após o que estremeceu, vacilou e... iniciou a queda.

Nesse instante, não sei que súbita serenidade me invadiu o espírito. Avançando a cambalear para a popa o mais que me foi possível, aguardei sem receio a catástrofe que certamente nos iria esmagar. O nosso próprio navio começava a abandonar a luta e a mergulhar a proa nas águas. O choque daquela mole que se abatia atingiu-o, por conseguinte, naquela porção da estrutura que estava já sob a água, e o resultado inevitável foi precipitar-me, com irresistível violência, de encontro ao cordame do intruso. Quando caí, o navio aprofundou-se ao vento e virou de bordo; foi à confusão que se seguiu que atribuí o facto de ter passado despercebido aos olhos da tripulação. Não encontrei dificuldade em abrir caminho sem ser detetado até à escotilha principal, que estava parcialmente aberta, e pouco tardou que se me deparasse uma ocasião propícia para me ocultar no porão. Não sei exatamente por que razão o fiz. Talvez uma indefinida sensação de temor, que desde a primeira visão dos tripulantes do navio se me apoderara do espírito, estivesse na origem desta tentativa de buscar esconderijo. Não me sentia inclinado a confiar numa raça de gente que havia revelado, perante o olhar apressado que lhes deitara, tantos motivos de vaga estranheza, dúvida e apreensão. Julguei, pois, acertado arranjar um lugar no porão onde pudesse ocultar-me. Fi-lo deslocando uma porção de pranchas, de modo a obter um abrigo adequado entre o cavernoso enorme do navio. Mal terminara ainda a tarefa, quando o som de passos no porão me obrigou a utilizá-lo. Um homem de andar débil e incerto passou junto

ao meu esconderijo. Não pude ver-lhe o rosto, mas tive ocasião de observar-lhe o aspeto geral. Apresentava indícios de idade avançada e de doença. Os joelhos vacilavam ao peso dos anos e todo o corpo estremecia sob o seu fardo. Murmurava de si para si, em tom grave e entrecortado, quaisquer palavras numa língua que não logrei distinguir e tateou a um canto entre uma pilha de instrumentos de aspeto invulgar e de cartas de navegação apodrecidas. O seu comportamento era uma estranha mistura de rabugice da segunda infância e da solene dignidade de um deus. Acabou por regressar ao convés e não voltei a vê-lo.

Um sentimento que não sei designar se apossou de meu espírito: uma sensação que não admite análise, para a qual os ensinamentos do passado de nada servem e, receio, nem o porvir me fornecerá a chave. Para um espírito da estrutura do meu, esta última consideração é uma tortura. Nunca hei de ser esclarecido – sei que nunca o serei – relativamente à natureza das minhas concepções. E, contudo, não será de estranhar que tais concepções sejam mal definidas, posto que têm a sua origem em causas tão inteiramente inéditas. Um novo sentido – uma nova entidade – foi acrescentada à minha alma. Faz já muito que pisei pela primeira vez o convés deste terrível navio e julgo que os raios do meu destino convergem para um foco. Homens incompreensíveis! Imersos em meditações cuja natureza não logro adivinhar, passam por mim sem darem pela minha presença. O facto de me esconder é puro disparate da minha parte, pois esta gente não quer ver. Ainda há instantes passei diretamente pela frente do imediato; não faz muito tempo que me aventurei a penetrar mesmo no camarote individual do comandante e de lá tirei o material com o qual escrevo e tenho vindo a escrever. Continuarei este diário de quando em quando. É certo que posso não ter ocasião de transmiti-lo ao mundo, mas não deixarei de tentar. No último momento meterei o manuscrito numa garrafa e a lançarei ao mar.

Deu-se um incidente que me forneceu novos motivos de reflexão. Será tudo isto obra de um desordenado acaso? Tinha-me aventurado a sair ao convés e estendi-me, sem despertar a menor atenção, no meio de um amontoado de cabos de enxárcias e de velas usadas, no fundo do escaler. Enquanto meditava sobre a singularidade do meu destino,

rabisquei inconscientemente com uma brocha de alcatrão as orlas de um cutelo cuidadosamente dobrado que tinha perto de mim sobre uma barrica. O cutelo está agora envergado no navio e as pinceladas irrefletidas da brocha, com a vela esticada, formam a palavra DESCOBERTA. Ultimamente fiz várias observações sobre a estrutura do navio. Embora bem armado, creio que não se trata de um navio de guerra. Quer o cordame, quer a construção, quer o equipamento em geral levam a pôr de lado tal hipótese. O que ele não é posso eu facilmente compreender; receio é que seja impossível dizer o que é. Não sei como, mas, ao perscrutar o seu estranho modelo e a forma singular da mastreação, o seu enorme tamanho, o exagerado número de jogos de velas, a sua proa austeramente simples e a popa antiquada, acontece vir uma ou outra vez ao meu espírito uma sensação de coisas familiares, e a essas sombras indistintas da memória mistura-se sempre uma inexplicável reminiscência de velhas crônicas estrangeiras e de épocas remotas. Estive a observar o madeiramento do navio. O material de que é feito é-me desconhecido. Há uma característica peculiar da madeira que me choca como se a tornasse inadequada para o fim ao qual foi destinada: refiro-me à sua extrema porosidade, considerada independentemente do facto dos estragos que os parasitas provocam nestes mares e para além da podridão concomitante com a idade. Isto poderá porventura parecer uma observação algo subtil, mas esta madeira teria todas as características do carvalho espanhol se este tivesse sido distendido por quaisquer meios não naturais. Ao reler a frase anterior, ocorre-me intacto à memória o curioso adágio de um velho marinheiro holandês forjado nas intempéries: “É tão verdade”, costumava dizer quando alguém albergava qualquer dúvida sobre a veracidade do que contava, “como é verdade existir um mar onde o próprio navio aumenta de volume como o corpo vivo de um marinheiro”.

Há cerca de uma hora, ousei introduzir-me num grupo de tripulantes. Não me deram a menor atenção e, embora estivesse mesmo no meio de todos eles, pareceram completamente alheios à minha presença. Tal como o que tinha visto antes no porão, qualquer deles apresentava indícios de encanecida velhice. Os joelhos tremiam-lhes de doença; tinham os ombros duplamente abaulados devido à decrepitude; os seus rostos ressequidos abanavam ao vento; as vozes eram baixas,

trémulas e entrecortadas; os olhos cintilavam-lhes com a reuma dos anos e os cabelos grisalhos tremulavam espantosamente na tempestade. Em redor deles, por todo o convés, estavam espalhados instrumentos matemáticos da mais singular e obsoleta estrutura. Referi um pouco atrás o envergar de um cutelo. Desde essa altura o navio, correndo com o vento, continuou a sua assustadora carreira para sul, com todo pano largado, dos topos dos mastros aos botalós dos cutelos baixos, e balançando a cada instante as vergas do joanete no mais aterrador inferno marinho que a imaginação humana possa conceber. Acabo de abandonar o convés, onde concluí ser impossível manter-me, embora a tripulação não pareça experimentar grande incómodo. Parece-me o milagre dos milagres o facto de a massa enorme de nosso navio não ser tragada de uma vez por todas. Estamos certamente condenados a pairar continuamente sobre a orla da Eternidade, sem dar um mergulho final no abismo. Deslizamos entre vagas mil mais tremendas do que alguma vez vi, com a facilidade das agitadas gaivotas; e as ondas colossais erguem as cristas sobre nós como demónios das profundezas, mas como demónios limitados a meras ameaças e impedidos de destruir. Sinto-me tentado a atribuir esta repetida salvação à única causa natural que pode explicar tal efeito: devo supor que o navio está sob a influência de uma forte corrente, de uma impetuosa ressaca.

Vi o comandante cara a cara, e no seu próprio camarote; mas, como esperava, não me prestou atenção. Embora nada haja no seu aspeto, para um observador pouco atento, que possa sugerir ser ele alguma coisa mais ou menos do que humano, misturaram-se em mim uma irreprimível reverência e temor à sensação de espanto com que o observei. A estatura dele é quase a mesma que a minha, isto é, certa de um metro e setenta. É de compleição proporcionada e compacta, sem ser robusto nem quanto ao resto digno de nota. É, porém, a singularidade da expressão que lhe anima o rosto, é o intenso, maravilhoso e empolgante testemunho de velhice, de uma tão extrema velhice que suscita no meu espírito um sentimento, uma sensação inefável. A sua fronte, conquanto pouco enrugada, parece transportar a marca de uma miríade de anos. Os seus cabelos grisalhos são registos do passado e os olhos ainda mais cinzentos são sibilas do futuro. O pavimento do camarote estava densamente juncado de in-fólios com fivelas de ferro, de esboroados instrumentos científicos e de cartas

obsoletas e há muito abandonadas. Tinha a cabeça inclinada sobre as mãos e lia atentamente, com um ardente olhar inquieto, um papel que tomei por uma carta de comando e que, em qualquer caso, apresentava a assinatura de um monarca. Murmurava de si para si, em voz baixa e rabugenta, como fazia o primeiro marinheiro que eu vira no porão, quaisquer sílabas de uma língua estrangeira, e, embora falasse mesmo junto de mim, a sua voz parecia chegar-me aos ouvidos vinda de uma milha de distância. O navio e todos os que nele seguem estão imbuídos do espírito de Antanho. A tripulação desliza para um lado e para outro como fantasmas de séculos enterrados; os seus olhares têm uma expressão ansiosa e intranquila; e quando os seus dedos, à minha passagem, caem sob o brilho cru das lanternas de combate, sinto o que nunca antes senti, embora toda a vida tenha negociado em antiguidades e me tenha impregnado das sombras das colunas caídas de Balbec, Tadmor, e Persépolis, até a minha própria alma se converter numa ruína. Quando olho em redor envergonho-me das minhas apreensões iniciais. Se tremi ante a tempestade que até agora nos acompanhou, não deveria ficar horrorizado perante a adversidade do vendo e do oceano, que as palavras tornado e *simum* se tornam banais e ineficazes para descrever? Tudo o que se encontra na imediata proximidade do navio é a escuridão da noite eterna e um caos de água sem espuma; mas, cerca de uma légua para um e outro bordo, podem ver-se, indistintamente e de quando em quando, enormes baluartes de gelo, que se erguem ao longe contra o céu desolado, semelhantes às muralhas do universo.

Conforme imaginei, prova-se que o navio está sob a ação de uma corrente, se é que assim se pode apelidar uma maré que, gemendo e uivando através da brancura do gelo, troveja para o sul com uma velocidade semelhante à impetuosa precipitação de uma catarata. Creio ser totalmente impossível transmitir o horror das minhas sensações; porém, a curiosidade de penetrar os mistérios destas horríveis regiões prevalece mesmo sobre o meu desespero e reconcilia-me com o aspeto mais hediondo da morte. Torna-se evidente que corremos ao encontro de qualquer revelação emocionante: algum segredo que nunca será transmitido, descoberta é o termo da vida. Talvez esta corrente nos leve ao próprio Polo Sul. Devo considerar que esta suposição, aparentemente tão estranha, tem todas as probabilidades de estar correta. A tripulação percorre o convés com passo inquieto e trémulo; mas há na sua atitude

uma expressão que é mais da ânsia da esperança do que da apatia do desespero. Entretanto, temos ainda o vento na popa e, como navegamos com imenso pano, o navio é por vezes erguido do mar em peso. Oh, horror sobre horror! O gelo abre-se simultaneamente à direita e à esquerda e começamos a rodopiar vertiginosamente em imensos círculos concêntricos, em torno de um gigantesco anfiteatro, de paredes cuja altura se perde na escuridão e na distância. Mas pouco tempo me restará para ponderar sobre o meu destino: os círculos estreitam rapidamente... mergulhamos loucamente nas garras do turbilhão... e, por entre o rugir, o bramir e o ribombar do oceano e da tempestade, o navio começa a estremecer e – meu Deus! – e... a afundar. ⁽³⁾

Notas

1. Embarcação oriental armada de velas latinas e normalmente de dois mastros. (N. do T.)
2. Monstro marinho lendário das costas escandinavas. (N. do T.)
3. O Manuscrito encontrado numa garrafa foi publicado pela primeira vez em 1831, e só muitos anos mais tarde tomei conhecimento das cartas de Mercator, nas quais o oceano é representado precipitando-se, por quatro embocaduras, no Abismo Polar (do Norte), para ser absorvido pelas entranhas da terra, sendo o próprio polo representado por um rochedo negro que se ergue a uma altura prodigiosa. (N. do A.)

William Wilson

(1839)

Que dirá ela? Que dirá a terrível consciência, aquele espectro no meu caminho?

Chamberlain

Que me seja permitido, no momento, chamar-me William Wilson. A página em branco, que tenho diante de mim, não deve ser manchada com meu verdadeiro nome. Esse nome já tem sido demais objeto de desprezo, de horror e de ódio para minha família. Os ventos indignados não têm divulgado, até nas mais longínquas regiões do globo, a sua incomparável infâmia? Oh! de todos os proscritos, o proscrito mais abandonado! – não estás morto para sempre a este mundo, às suas honras, suas flores e aspirações douradas? – e uma nuvem densa, lúgubre, ilimitada, não pende eternamente entre tuas esperanças o céu?

Não desejaria, mesmo que pudesse, encerrar hoje, nestas páginas, a lembrança dos meus últimos anos de indizível miséria e crimes imperdoáveis. Esse período recente de minha vida alcançou subitamente um auge de torpeza. da qual quero apenas determinar a origem. Os homens, em geral, tornam-se vis gradualmente. Mas, de mim, toda virtude se desprende num minuto, de repente, como um manto. Da perversidade relativamente comum, encontrei-me, a. passo de gigante, em enormidades maiores que as de Heliogábalo. Permitam-me contar o acaso, o acidente único que me trouxe essa maldição. A morte se aproxima e a sombra que a precede lançou uma influência suavizadora em meu coração. Passando através do sombrio vale, anseio pela simpatia – ia dizer piedade – de meus semelhantes. Desejaria persuadi-los de que fui, de certa maneira, o escravo de circunstâncias que desafiavam todo o controle humano. Desejaria que descobrissem para mim, nos detalhes que lhes vou dar, algum pequeno oásis de fatalidade, num deserto de erros. Queria que concordassem – se é que não podem recusar-se a concordar que, embora este mundo tenha conhecido grandes tentações, jamais um homem foi tentado assim e certamente jamais sucumbiu desta maneira. Será por isso que não

conheceu os mesmos sofrimentos? Na verdade, não terei vivido num sonho? Não estarei morrendo vítima do horror e do mistério das mais estranhas de todas as visões sublunares?

Descendo de uma raça que se distinguiu, em todos os tempos, por um temperamento imaginativo e facilmente impressionável; e minha primeira infância provou que eu herdara em cheio o caráter de minha família. Avançando em idade, esse caráter desenvolveu-se com mais força, tornando-se, por várias razões, uma causa de séria inquietação para meus amigos e de prejuízo positivo para mim mesmo. Tornei-me voluntarioso, dado aos mais selvagens caprichos, fui presa de paixões indomáveis. Meus pais, que eram de espírito fraco, e atormentados pelos defeitos constitutivos da mesma natureza, pouco podiam fazer para deter as tendências más que me caracterizavam. Fizeram algumas tentativas fracas, mal dirigidas, que fracassaram completamente e que para mim trouxeram um triunfo completo. A partir desse momento, minha voz foi uma lei doméstica e, numa idade em que poucas crianças deixam de obedecer à disciplina, fui abandonado ao meu livre-arbítrio e tornei-me senhor de todas as minhas ações exceto de nome.

Minhas primeiras impressões da vida de estudante ligam-se a uma vasta e extravagante casa do estilo elisabetano, numa aldeia sombria da Inglaterra, decorada de numerosas árvores gigantescas e nodosas e da qual todas as casas eram excessivamente antigas. Parecia, na verdade, um lugar de sonho, essa velha cidade venerável, bem própria para encantar o espírito. Neste momento, mesmo, sinto na imaginação o estremecimento do frescor de suas avenidas profundamente sombreadas, respiro as emanções de seus mil bosques e tremo ainda com uma indefinível volúpia à nota profunda e surda do sino, rompendo, a cada hora, com seu rugir súbito e moroso, a quietude da atmosfera sombria na qual se enterrava e adormecia o campanário gótico todo denteado.

Encontro talvez tanto prazer quanto me é possível experimentar ainda, demorando sobre essas minuciosas recordações da escola e de seus sonhos. Mergulhado como me encontro na desgraça – infelicidade, ai de mim! por demais real –, espero que me perdoem procurar um alívio, bem leve e bem curto, nesses detalhes pueris e divagantes. Aliás, embora absolutamente vulgares e risíveis em si mesmos, esses acontecimentos tomam, em minha imaginação, uma importância

circunstancial, devido à sua íntima relação com os lugares e a época onde agora distingo as primeiras advertências ambíguas do destino, que desde então me envolveu tão profundamente na sua sombra. Deixem-me, pois, recordar.

A casa, como disse, era velha e irregular, os terrenos vastos e um alto e sólido muro de tijolos, coroados por uma camada de cimento e de vidro quebrado, os rodeava. Essa fortificação, digna de uma prisão, formava o limite de nosso domínio. Nossos olhares não iam além senão três vezes por semana – uma vez cada sábado à tarde, quando, acompanhados por dois professores, tínhamos permissão para dar passeios curtos em comum, através do campo, nas imediações e duas vezes ao domingo, quando íamos, com a regularidade de tropas em parada, assistir aos ofícios da manhã e da tarde, no único templo da aldeia. O diretor de nossa escola era o pastor dessa igreja. Com que profundo sentimento de admiração e de perplexidade eu costumava contemplá-lo, de nosso banco afastado, na tribuna, quando subia para o púlpito, com um passo solene e lento! Essa personagem venerável, de rosto tão modesto e benigno, de roupa tão bem escovada e caindo de maneira impecavelmente eclesiástica, de peruca tão minuciosamente empoada, rígida e vasta, seria o mesmo homem que havia pouco, com um rosto irascível e a roupa manchada de rapé, fazia executar, fêrula em mão, as leis draconianas da escola? Oh! Gigantesco paradoxo cuja monstruosidade exclui toda solução!

Num ângulo do muro maciço, uma severa porta, ainda mais maciça, solidamente fechada, guarnecida de ferrolhos e encimada por espigões de ferro denticulados. Como eram profundos os sentimentos de terror que inspirava! Nunca se abria senão para as três saídas e entradas periódicas de que já falei; então, em cada rangido de seus gonzos potentes, encontrávamos uma plenitude de mistério – todo um mundo de observações solenes ou de meditações ainda mais solenes.

O vasto recinto era de forma irregular e dividido em várias partes, das quais três ou quatro das maiores constituíam o pátio de recreio. Era aplainado e recoberto de um saibro fino e duro. Lembro-me bem de que não continha árvores, nem bancos, nada de semelhante. Naturalmente ficava situado atrás da casa. Diante da fachada, estendia-se um pequeno terraço plantado de buxos e outros arbustos, mas não atravessávamos esse recanto sagrado senão em raras ocasiões, por exemplo, o dia da

chegada à escola, o dia da partida definitiva, ou então quando um parente ou amigo nos mandava chamar, e seguíamos alegremente para a casa paterna, nas férias de Natal, ou de verão.

Mas a casa! – que estranha e antiga construção! Para mim, que verdadeiro palácio encantado! Realmente, eram infundáveis os seus desvios, as suas incompreensíveis subdivisões. Era difícil dizer com certeza, a determinado momento, se nos encontrávamos no primeiro ou no segundo pavimento. De uma peça a outra, tinha-se sempre a certeza de encontrar dois ou três degraus a subir ou descer. Além disso, as subdivisões laterais eram inúmeras, inconcebíveis, giravam de tal maneira umas sobre as outras, que nossas ideias mais exatas, acerca do conjunto do edifício, não eram muito diferentes daquelas através das quais considerávamos o infinito. Durante os cinco anos de residência ali, nunca fui capaz de determinar, com precisão, em que localidade longínqua ficava situado o pequeno dormitório que me fora designado em comum, com mais dezoito ou vinte outros escolares.

A sala de estudo era a mais vasta da escola e – eu não podia deixar de pensar – até mesmo do mundo inteiro: longuíssima, muito estreita e lugubrememente baixa, com janelas em ogiva e teto de carvalho.

Num canto afastado, de onde emanava o terror, havia um recinto quadrado, de oito a dez pés, representando o *sanctum* "durante horas" do nosso diretor, o Reverendo Doutor Bransby. Era uma sólida estrutura, de porta maciça, e, a abri-la na ausência do Dominie, teríamos preferido morrer, da *peine forte et dure*. Em dois outros ângulos, dois recintos análogos, muito menos reverenciados, sem dúvida, mas ainda assim de um terror bastante considerável. Um era a cátedra do mestre de humanidades e o outro a do professor de inglês e matemática. Espalhados através da sala, inúmeros bancos e cadeiras, terrivelmente carregados de livros maculados pelos dedos e cruzando-se numa irregularidade sem fim – negros, antigos, devastados pelo tempo, tão marcados de letras iniciais, nomes inteiros, figuras grotescas e outras inúmeras obras-primas da faca, que haviam perdido o pouco da forma original que lhes fora designada, em dias muito antigos. Numa extremidade da sala, encontrava-se um enorme balde cheio de água e na outra um relógio de prodigiosa dimensão.

Encerrado entre os muros maciços dessa escola venerável, passei, contudo, sem tédio ou repulsa, os anos do terceiro lustro de minha vida.

O cérebro fecundo da infância não exige um mundo exterior de incidentes para o ocupar e divertir e a monotonia, aparentemente lúgubre, da escola, era repleta de excitações mais intensas do que todas as que minha juventude, mais amadurecida, exigiu à volúpia, ou minha virilidade, ao crime. Entretanto, julgo dever dizer que meu primeiro desenvolvimento intelectual foi, em grande parte, pouco comum e até mesmo *outré*. Em geral, os acontecimentos da existência infantil não deixam sobre a humanidade, chegada à idade madura, uma impressão bem definida. Tudo é sombra, cinza, débil e irregular recordação, confusão de fracos prazeres e desgostos fantasmagóricos. Comigo isso não aconteceu. Devo ter sentido em minha infância, com a energia de um homem feito, tudo o que encontro hoje gravado na memória em linhas tão vivas, tão profundas e duráveis como os exergos das medalhas cartaginesas.

E contudo, de facto – do ponto de vista comum do mundo –, como havia lá tão pouca coisa para lembrar! O despertar, de manhã, a ordem para deitar-se, as lições a aprender, os recitativos, as meias férias periódicas e os passeios, o pátio de recreio, com suas disputas, seus passatempos, suas intrigas, tudo isso, por uma magia psíquica desaparecida, continha em si um desvario de sensação, um mundo rico de incidentes, um universo de emoções variadas e de excitações das mais apaixonadas e embriagadoras. Oh! *Le bon temps que ce siècle de fer!*

Na realidade, minha natureza ardente, entusiasta, imperiosa fez de mim, dentro em pouco e entre meus camaradas, um caráter marcado, e pouco a pouco, naturalmente. deram-me um ascendente sobre todos os que não eram mais velhos do que eu – sobre todos, exceto um. Era um aluno que, sem qualquer parentesco comigo, tinha o mesmo meu nome de batismo, o mesmo nome de família – circunstância pouco notável, em si – porque meu nome, malgrado a nobreza de minha origem, era um desses nomes vulgares que parecem ter sido, desde tempos imemoriais, por direito de prescrição, a propriedade comum da multidão. Nesta narrativa dei a mim mesmo o nome de William Wilson, fictício, porém não muito distante do verdadeiro. Meu homónimo, somente, entre os que, segundo a fraseologia da escola, compunham a nossa classe, ousava rivalizar comigo nos estudos, nos jogos e nas discussões do recreio, recusar uma crença cega em minhas assertivas e

uma submissão completa à minha vontade – em suma contrariar minha ditadura, em todos os casos possíveis. Se jamais existiu sobre a terra um despotismo supremo e sem reservas, é bem o despotismo de um menino de gênio sobre as almas menos enérgicas de seus camaradas.

A rebeldia de Wilson era para mim origem do maior constrangimento, tanto mais que, apesar das bravatas com que eu julgava dever tratá-lo publicamente, a ele e às suas pretensões, sentia, no íntimo, que Wilson me intimidava e não podia deixar de considerar a equanimidade que mantinha tão facilmente diante de mim, como a prova de uma verdadeira superioridade – pois havia de minha parte um esforço perpétuo para não ser dominado. Contudo, essa superioridade, ou antes igualdade, não era verdadeiramente conhecida senão por mim; nossos camaradas, por uma inexplicável cegueira, nem mesmo pareciam desconfiar disso. E, de facto, a sua rivalidade, a sua resistência e particularmente a sua impertinente e irritadiça intervenção em todos os meus desígnios não eram tão manifestas, e antes, confidenciais. Ele parecia igualmente desprovido da ambição que me levava a dominar e da energia apaixonada que me dava os meios para isso. Poder-se-ia crer que, nessa rivalidade, Wilson era dirigido unicamente por um desejo caprichoso de opor-se a mim, de me espantar, ou mortificar; se bem que houvesse casos em que eu não podia deixar de notar, com um sentimento confuso, de surpresa, humilhação e cólera, que ele punha em seus ultrajes, suas impertinências e contradições certos ares de afetuosidade, dos mais intempestivos e, sem dúvida, mais desagradáveis do mundo. Eu não podia compreender uma conduta tão estranha senão supondo-a o resultado de uma suficiência perfeita, permitindo-se o tom vulgar da condescendência e da proteção.

Talvez fosse por esse último traço, na conduta de Wilson – acrescido da nossa homonímia e o facto puramente accidental de nossa entrada simultânea na escola –, que todos, entre nossos condiscípulos das classes superiores, acreditavam que éramos irmãos.

Habitualmente, esses estudantes não se informam com muita exatidão quanto aos assuntos dos mais jovens. Já disse antes, ou deveria tê-lo dito, que Wilson não era, nem em grau afastado, parente de minha família. Mas decerto, se fôssemos irmãos, teríamos sido gémeos: pouco depois de ter deixado a escola do Doutor Bransby soube, por acaso, que

o meu homónimo nascera em 19 de janeiro de 1813 – coincidência bastante notável, sendo esse dia, precisamente, o do meu nascimento.

Pode parecer estranho que, malgrado a contínua ansiedade que me causava a rivalidade de Wilson e seu insuportável espírito de contradição, eu não era levado a odiá-lo completamente. Sem dúvida, quase todos os dias tínhamos uma briga, na qual, concedendo-me publicamente os louros da vitória, ele conseguia, de certa maneira, fazer-me sentir que eu não os merecera. Contudo, um sentimento de orgulho, de minha parte, e uma verdadeira dignidade, da dele, nos mantinham sempre em termos de estrita cortesia, apesar de haver muitos pontos de forte identidade no nosso carácter, que faziam despertar em mim o desejo, reprimido talvez pela nossa posição, de transformar aquilo em amizade. Na verdade, é difícil definir, ou mesmo descrever meus verdadeiros sentimentos para com ele: formavam um amálgama extravagante e heterogêneo – uma animosidade petulante que não era ainda ódio, estima, ainda mais respeito, uma boa parte de temor e uma imensa e inquieta curiosidade. É supérfluo acrescentar, para o moralista, que Wilson e eu éramos os mais inseparáveis camaradas.

Foram decerto a anomalia e ambiguidade de nossas relações que jogaram todos os meus ataques contra ele e, francos ou dissimulados, eram numerosos – moldados de ironia ou de troça (a zombaria não causa também excelentes feridas?) em vez de uma hostilidade mais séria e mais determinada. Porém meus esforços, neste ponto, não obtinham regularmente um triunfo perfeito, mesmo quando os planos eram mais engenhosamente maquinados. É que o meu homónimo tinha em seu carácter muito dessa austeridade plena de reserva e de calma que, mesmo deliciando-se com a pungência de suas próprias zombarias, nunca mostra o calcanhar de Aquiles e foge absolutamente ao ridículo. Não podia assim encontrar nele senão um ponto vulnerável: era constituído por um detalhe físico que, vindo talvez de uma enfermidade de seu organismo, teria sido poupado por algum outro antagonista menos encarniçado do que eu: meu rival tinha no aparelho vocal uma fraqueza que o impedia de jamais erguer a voz acima de um sussurro muito baixo. E eu não deixava de tirar, dessa imperfeição, toda a pobre vantagem que estava em meu poder.

Várias eram as represálias de Wilson; tinha, particularmente, esse género de malícia que me perturbava de maneira intolerável. Como

tivera, no início, a sagacidade de descobrir que uma coisa tão insignificante podia mortificar-me, eis uma questão que jamais pude resolver; mas, assim que a descobriu, habitualmente atormentava-me com isso. Sempre sentira aversão por meu infeliz nome de família tão deselegante, e por meu prenome tão vulgar ou mesmo absolutamente plebeu. Essas sílabas eram um veneno para meus ouvidos e quando, no dia de minha chegada, apresentou-se na escola um segundo William Wilson, odiei-o pelo facto de ter esse nome e por ser também o de um estranho – um estranho que seria a causa de sua dupla repetição, que estaria permanentemente em minha presença e cujas atividades, na rotina da vida do colégio, seriam muitas vezes e inevitavelmente confundidas com as minhas, devido a essa detestável coincidência.

O sentimento de irritação criado por esse acidente tornou-se mais vivo, a cada circunstância que tendia a focalizar toda a semelhança moral entre meu rival e mim. Não havia notado ainda senão o facto extraordinário de sermos da mesma idade; mas via agora que éramos da mesma altura e havia uma semelhança singular em nossa fisionomia e nossas feições. Exasperava-me igualmente o rumor que corria sobre nosso parentesco e a que geralmente se dava crédito, nas classes superiores. Numa palavra, nada poderia causar-me preocupação mais séria (embora eu ocultasse com o maior cuidado todo sintoma dessa perturbação) do que uma alusão qualquer à semelhança entre nós, em relação ao espírito, à pessoa ou ao nascimento. Mas, na verdade, não tinha razão alguma para acreditar que essa semelhança (excetuando o facto do parentesco e de tudo o que o próprio Wilson sabia ver) tivesse jamais sido assunto de comentários ou mesmo notada por nossos camaradas de classe. Que ele a observasse em todos os sentidos e com tanta atenção quanto eu próprio, era evidente, mas que tivesse podido descobrir em tais circunstâncias uma mina tão rica de contrariedades, não o posso atribuir, como já disse, senão à sua penetração mais do que comum.

Wilson dava-me a réplica com uma perfeita imitação de mim mesmo – gestos e palavras – e representava admiravelmente o seu papel. Meu traje era coisa fácil de copiar, meu andar, minha atitude geral, ele fizera seus sem dificuldade e, a despeito de seu defeito constitutivo, nem mesmo minha voz lhe havia escapado. Naturalmente,

não tentava os tons elevados, mas a clave era idêntica e a sua voz, apesar de falar baixo, transformou-se em perfeito eco da minha.

A que ponto esse curioso retrato (porque não posso chamá-lo propriamente uma caricatura) me atormentava, é o que nem ousar tentar dizer. Não me restava senão um consolo: é que a imitação, segundo me parecia, era notada apenas por mim e que eu tinha simplesmente de suportar os sorrisos misteriosos e estranhamente sarcásticos do meu homónimo. Satisfeito de haver produzido em meu coração o efeito desejado, parecia expandir-se em segredo sobre a ferida que me infligira e mostrar um desdém singular pelos aplausos públicos que os sucessos de sua engenhosidade lhe teriam facilmente conquistado. Como era possível que nossos camaradas não adivinhassem o seu desígnio, não vissem a sua realização e não partilhassem de sua alegria zombeteira? Foi isso, durante muitos meses de inquietação, um mistério insolúvel para mim. Talvez a gradação de sua cópia não fosse logo percebível, ou antes, eu devia minha segurança ao ar de maestria do copista, que desdenhava a letra – coisa que os espíritos obtusos logo notam numa pintura – e não dava senão o perfeito espírito do original, para minha maior admiração e pesar.

Já falei, várias vezes, do desagradável ar de proteção que assumira para comigo e da sua frequente e oficiosa intervenção em minha vontade. Essa intervenção tomava muitas vezes a forma desagradável de um conselho, que não era dado abertamente, mas sugerido, insinuado. Eu o recebia com uma repugnância que crescia com os anos. Contudo, nossa época já longínqua, quero fazer-lhe a justiça estrita de reconhecer que não me lembro de uma só vez em que as sugestões de meu rival tivessem pactuado com os erros e loucuras tão comuns em sua idade, geralmente destituída de maturidade e experiência; que o seu senso moral, ou seu talento e a sua prudência mundana, era muito mais fino que o meu, e hoje eu seria um homem melhor se não tivesse sempre recusado os conselhos daqueles sussurros significativos que me causavam, então, tão somente ódio cordial e amargo desprezo.

Por isso tornei-me extremamente rebelde à sua odiosa vigilância e detestava cada vez mais abertamente o que considerava a sua intolerável arrogância. Já disse que, nos primeiros anos de nossa camaradagem, meus sentimentos para com ele poderiam facilmente ter-se transformado em amizade, mas, durante os últimos meses de minha

permanência na escola, embora a sua habitual intromissão tivesse diminuído bastante, meus sentimentos, numa proporção quase semelhante, tinham-se inclinado para o verdadeiro ódio. Certa ocasião, ele o percebeu, presumo, e desde então evitou-me ou fingiu evitar-me.

Foi pouco mais ou menos na mesma época, se não me falha a memória, numa discussão violenta que tivemos, na qual ele perdeu a sua reserva habitual e falava e agia com um desembaraço bem diferente à sua natureza, que descobri, ou imaginei descobrir, em seu tom, a sua atitude, enfim, no seu aspeto em geral, algo que a princípio me fez estremecer e depois me interessou profundamente, trazendo-me ao espírito visões obscuras de minha primeira infância lembranças estranhas, confusas, precipitadas, de um tempo no qual minha memória não nascera ainda. Não poderia definir melhor a sensação que me dominou, senão dizendo que me era difícil libertar-me da ideia de já haver conhecido a pessoa que se encontrava diante de mim, em alguma época muito longínqua, em algum ponto do passado, mesmo que infinitamente remoto. Contudo, essa sensação esvaiu-se tão rapidamente como veio; e não a menciono aqui senão para assinalar o dia do último encontro que tive com o meu singular homônimo.

Com suas inumeráveis subdivisões, a velha e vasta casa tinha vários e amplos aposentos, que se comunicavam entre si e serviam de dormitório à maioria dos alunos. Havia, contudo (como seria inevitável, num edifício tão impropriamente planejado) uma porção de cantos e recantos fragmentos e aberturas da construção, que a engenhosidade do Doutor Bransby transformara também em dormitórios. Eram, porém, simples compartimentos, que só poderiam acomodar uma pessoa. Um desses pequenos quartos era ocupado por Wilson.

Uma noite, ao fim do meu quinto ano na escola e imediatamente após a discussão de que falei, aproveitando um momento em que todos dormiam, levantei-me e, com uma lâmpada na mão, dirigi-me, através de um labirinto de corredores estreitos, do meu ao quarto do meu rival. Havia muito planejara pregar-lhe uma peça de mau gosto, mas, até então, sempre fracassara. Tive, pois, a ideia de pôr o meu plano em prática e resolvi fazê-lo sentir toda a força da maldade de que estava possuído. Cheguei à porta de seu cubículo e entrei sem fazer ruído, deixando à porta a lâmpada com um abajur. Avancei um passo e escutei o som de sua respiração tranquila. Convencido de que dormia

profundamente, voltei à porta, peguei a lâmpada e aproximei-me novamente da cama. Como os cortinados estavam cerrados, abri-os de leve e lentamente, para a execução de meu plano, mas uma luz viva caiu em cheio sobre o adormecido e ao mesmo tempo meus olhos se detiveram sobre a sua fisionomia. Olhei; e um entorpecimento, uma enregelante sensação penetraram instantaneamente todo o meu ser. Meu coração palpitou, os joelhos vacilaram, toda a minha alma foi tomada de um horror intolerável e inexplicável. Arquejando, baixei a lâmpada até quase encostá-la no seu rosto. Seriam... seriam mesmo as feições de William Wilson? Vi, sem dúvida, que eram os meus traços, mas tremia como que tomado de um acesso de febre, imaginando que não o eram. Que haveria, pois, neles para me confundir a tal ponto? Eu o contemplava e meu cérebro girava em torno de milhares de pensamentos incoerentes. Ele não me aparecia assim – seguramente não parecia tal – nas horas ativas de sua vida acordado. O mesmo nome! Os mesmos traços! A entrada na escola no mesmo dia! E, ainda, essa odiosa e inexplicável imitação de minhas maneiras, andar, voz e costume! Estaria, na verdade, nos limites da possibilidade humana que aquilo que eu via agora fosse o simples resultado desse hábito de imitação sarcástica? Tomado de horror, estremecendo, apaguei a lâmpada, saí silenciosamente do quarto e deixei imediatamente o recinto da velha escola, para nunca mais voltar.

Após um lapso de alguns meses vividos em casa de meus pais, em ociosidade absoluta, fui mandado para o colégio de Eton. Esse breve intervalo fora suficiente para enfraquecer em mim a recordação dos acontecimentos na escola Bransby, ou pelo menos operar uma mudança notável na natureza dos sentimentos que essas lembranças me causavam. A realidade, o lado trágico do drama, não existiu mais. Encontrava agora alguns motivos para duvidar do testemunho de meus sentidos e raramente me lembrava da aventura sem admirar-me de quão longe pode ir a credulidade humana, e sem sorrir da prodigiosa força de imaginação que havia herdado de minha família. E a vida que eu levava em Eton não era de molde a diminuir essa espécie de ceticismo. O turbilhão de loucura em que mergulhei imediatamente e sem reflexão tudo varreu, exceto a lembrança de minhas horas passadas, absorvendo imediatamente todas as impressões sólidas e sérias, não deixando em minha lembrança senão as levandades de minha existência anterior.

Não tenho, contudo, a intenção de descrever aqui a trajetória de meus infames desregramentos – desregramentos que desafiavam as leis e iludiam a vigilância. Três anos de loucuras, gastos sem proveito, só poderiam ter-me dado hábitos de vício, enraizados, e haviam aumentado, de maneira quase anormal, meu desenvolvimento físico. Um dia, após uma semana inteira de dissipações embrutecedoras, convidei um grupo de estudantes, dos mais dissolutos, para uma orgia secreta em meu quarto.

Reunimo-nos a uma hora avançada da noite, porque a nossa orgia devia prolongar-se religiosamente até de manhã. O vinho corria livremente e outras seduções, mais perigosas, talvez, não haviam sido negligenciadas, tanto que quando o alvorecer empalidecia o céu, no oriente, nosso delírio e nossas extravagâncias tinham atingido o auge. Furiosamente exaltado pelas cartas e pela bebida, insistia em fazer um brinde estranhamente indecente, quando minha atenção foi subitamente distraída por uma porta que se abria violentamente e pela voz precipitada de um criado. Disse que uma pessoa, que parecia ter muita pressa, pedia para falar comigo no vestíbulo.

Loucamente excitado pelo vinho, essa interrupção causou-me mais prazer do que surpresa. Precipitei-me, cambaleando, e, após alguns passos, encontrei-me no vestíbulo da casa. Nessa sala, baixa e estreita, não havia nenhuma lâmpada e a única luz que ali entrava era a do alvorecer, muito fraca, que se infiltrava através da janela semicircular. Pisando na soleira, distingui um rapaz pouco mais ou menos da minha estatura, vestindo um roupão de casimira branca, talhado à moda do dia, como o que eu usava naquele momento. A luz fraca permitiu-me ver tudo isso; mas os traços do rosto, não os pude distinguir. Mal entrei, ele se precipitou para mim e, segurando-me o braço com um gesto imperativo de impaciência, murmurou em meu ouvido as palavras:

– William Wilson!

Num segundo, tornei-me absolutamente sóbrio.

Havia na maneira do estranho, no tremor nervoso de seu dedo, que erguera entre meus olhos e a luz, qualquer coisa que me causou um espanto completo: mas não era isso o que me emocionara de maneira tão violenta, e sim a importância, a solenidade da admoestação contida na palavra singular, baixa, sibilante, e, acima de tudo, o caráter, o tom,

a clave dessas poucas sílabas, simples, familiares e, contudo, misteriosamente sussurradas, que vieram, com mil recordações acumuladas dos dias passados, abater-se em minha alma como uma descarga elétrica. Antes que eu pudesse recobrar os sentidos, ele havia desaparecido.

Embora o facto produzisse sem dúvida um efeito muito vivo sobre minha imaginação desregrada, esse efeito, tão vivo, contudo, se foi em breve esvaindo. Na verdade, durante várias semanas, vivi entregue a investigações mais sérias, ou envolvido numa nuvem de mórbida meditação. Não tentava ocultar a mim mesmo a identidade da singular criatura que se imiscuía de maneira tão obstinada em minha vida e me fatigava com seus conselhos officiosos. Porém, quem era? Quem era esse Wilson? E de onde vinha? Qual o seu objetivo? Sobre nenhum desses pontos consegui obter resposta satisfatória – e constatei somente, em relação a ele, que um acidente súbito, em sua família, o fizera deixar a escola do Doutor Bransby na tarde do dia em que eu fugira. Mas, depois de algum tempo, deixei de pensar nisso e minha atenção foi inteiramente absorvida pela partida, projetada, para Oxford. Ali, em breve – a vaidade pródiga de meus pais permitindo-me levar um alto padrão e entregar-me à vontade ao luxo, já tão do meu gosto –, vim a rivalizar em prodigalidade com os mais orgulhosos herdeiros dos mais ricos condados da Grã-Bretanha. Estimulado ao vício por semelhantes meios, minha natureza explodiu em breve com um duplo ardor e na louca embriaguez de minhas devassidões calquei aos pés os vulgares entraves da decência. Mas seria absurdo demorar aqui em detalhes de minhas loucuras. Basta dizer que ultrapassei Herodes em dissipações e que, dando um nome a uma multidão de novos desvarios, acrescentei um copioso apêndice ao longo catálogo dos vícios que reinavam então na universidade mais dissoluta da Europa.

Custa a acreditar que eu tivesse decaído a tal ponto, de minha posição de nobreza, procurando familiarizar-me com os mais vis artificios do jogador de profissão e me tornasse um adepto dessa ciência desprezível, que a praticasse habilmente com o pretexto de aumentar meu rendimento já enorme, à custa de companheiros cujo espírito era mais fraco. Mas foi o que aconteceu. E a própria enormidade desse atentado contra os sentimentos de dignidade e honra era, evidentemente, a principal, se não a única razão da minha impunidade.

Quem, pois, entre meus mais devassos camaradas, não teria contestado ao mais evidente testemunho de seus próprios sentidos, a desconfiar de semelhante conduta da parte do alegre, do franco, generoso William Wilson – o mais nobre, o mais liberal dos companheiros de Oxford –, aquele cujas loucuras, diziam meus parasitas, eram apenas as loucuras de uma mocidade e de uma imaginação sem freio, cujos erros não eram senão inimitáveis caprichos, e os vícios mais negros, uma descuidada e soberba extravagância?

Havia dois anos que eu vivia dessa maneira, quando chegou à universidade um jovem de nobreza recente, um *parvenu*, chamado Glendinning – rico, diziam, como Herodes Ático e cuja riqueza fora também facilmente adquirida. Descobri bem depressa que era de inteligência fraca e, naturalmente, marquei-o como possível vítima de meus talentos. Convidava-o frequentemente a jogar e deixava-o ganhar somas consideráveis, a fim de prendê-lo mais eficazmente na armadilha. Finalmente, com o meu plano bem estabelecido (procurei-o na intenção inabalável de que esse encontro seria decisivo), no apartamento de um dos nossos camaradas, Preston, íntimo igualmente de ambos, porém, que -faço-lhe essa justiça – não tinha a menor desconfiança quanto ao meu desígnio. A fim de melhor colorir o acontecimento, tive o cuidado de convidar um grupo de oito ou dez pessoas, tendo o mais rigoroso cuidado de fazer com que o aparecimento das cartas parecesse inteiramente accidental e não se fizesse senão sob proposta daquele a quem eu queria lograr. Para resumir tão vil passagem, digo que não negligenciei nenhuma das infames astúcias praticadas da maneira mais banal em tais ocasiões e é de admirar que ainda existam pessoas bastante ingênuas a ponto de caírem como suas vítimas.

Prolongamos muito a nossa vigília, e já era tarde da noite, quando, afinal, consegui fazer de Glendinning meu único adversário. O jogo era o meu favorito: o écarté. Os outros presentes, interessados pelas proporções de nosso jogo, tinham deixado suas cartas e se reuniam em torno de nós. como espectadores. O nosso *parvenu*, que, durante a primeira parte da noite, eu induzira a beber fartamente, embaralhava, dava as cartas agora de maneira nervosa, estranha, na qual, pensava eu, a embriaguez influía de certo modo, porém não explicava inteiramente. Em muito pouco tempo já se tornara meu devedor de uma grande soma,

quando, depois de beber um grande copo de vinho do Porto, fez justamente o que eu havia previsto friamente: propôs que dobrássemos a nossa parada, já absurdamente elevada. Com uma hábil afetação de relutância, e somente depois que minhas recusas repetidas lhe haviam provocado algumas palavras ásperas, que deram ao meu consentimento um tom ofendido, acedi finalmente. O resultado foi o que devia ser: a presa caíra irremediavelmente na armadilha e em menos de uma hora quadruplicara a dívida. Havia algum tempo, seu rosto começara a perder o rubor produzido pelo vinho, mas agora eu percebia, atônito, que a sua palidez era verdadeiramente terrível. Digo atônito, porque tomara sobre Glendinning informações minuciosas: davam-no como sendo imensamente rico e as somas que ele perdera até então, embora realmente vastas, não podiam – pelo menos eu supunha – preocupá-lo muito seriamente e ainda menos afetá-lo de maneira a tal ponto violenta. A ideia que se apresentou mais naturalmente ao meu espírito foi que ele ficara perturbado pelo vinho que bebera e, antes para salvar o meu caráter aos olhos de meus camaradas do que por um motivo de desinteresse, ia insistir perentoriamente para interromper o jogo, quando algumas palavras pronunciadas ao meu lado, entre as pessoas presentes e uma exclamação de Glendinning, demonstrando o mais completo desespero, fizeram-me compreender que eu o levava à ruína total, em condições que, tornando-o objeto da piedade de todos, deveriam tê-lo protegido, mesmo contra os maus ofícios de um demónio.

Que atitude deveria ter sido então a minha, é difícil dizer. A lastimável situação de minha vítima lançara sobre nós um ar de tristeza e constrangimento. Por alguns minutos reinou um silêncio profundo durante o qual eu sentia, malgrado meu, o rosto a formigar, sob os olhares ardentes de desprezo e censura que me eram dirigidos pelos menos endurecidos do grupo. Confessarei, mesmo, que o meu coração se sentiu instantaneamente aliviado do intolerável peso da angústia, pela súbita e extraordinária interrupção que sobreveio. As largas e pesadas portas se escancararam subitamente, com uma impetuosidade tão vigorosa e violenta, que todas as velas se apagaram como por encanto. Mesmo no escuro ainda nos foi possível notar que um estranho entrara; um homem mais ou menos da minha estatura, apertadamente envolvido numa capa. Contudo, agora, as trevas eram completas e

podíamos apenas sentir que ele estava entre nós. Antes que qualquer dos presentes voltasse a si do extremo espanto em que nos lançara aquele gesto de violência, ouvimos a voz do intruso:

– Senhores – disse ele, numa voz muito baixa, mas distinta, inesquecível, que atingiu a medula de meus ossos –, senhores, não procuro desculpar a minha conduta, porque, agindo assim, não faço mais do que cumprir um dever. Sem dúvida, não estão informados sobre o verdadeiro caráter da pessoa que ganhou esta noite uma soma enorme no écarté, tendo como parceiro Lord Glendinning. Vou assim propor-lhes um meio rápido e decisivo de conseguir essas importantíssimas informações. Examinem, rogo-lhes, sem pressa, o forro do punho de a sua manga esquerda e os pacotinhos que serão encontrados nas algibeiras suficientemente vastas de seu roupão bordado.

Enquanto o estranho falava, o silêncio era tão profundo, que se teria ouvido um alfinete cair sobre o tapete. Terminando, ele partiu de repente, tão bruscamente como entrara. Poderia descrever a minha impressão? Será preciso dizer que senti todos os horrores dos danados, no inferno? Decerto, tive pouco tempo para reflexão. Vários braços me agarraram com violência, reacenderam-se imediatamente as luzes. Revistaram-me: no forro de minha manga, encontraram todas as figuras essenciais do écarté e, nos bolsos do meu roupão, um certo número de baralhos exatamente semelhantes aos que usávamos em nossas noitadas, com a única exceção de que os meus eram daqueles chamados, tecnicamente, *arrondées*: as cartas figuradas ligeiramente convexas nas extremidades mais estreitas e as sem figuras também impercetivelmente convexas, nos lados mais largos. Graças a essa marcação, a vítima quando corta o baralho ao comprido, como é habitual, dá, inevitavelmente, uma carta figurada ao adversário, ao passo que o trapaceiro, cortando no sentido da largura, jamais dará ao outro algo que lhe possa trazer vantagem.

Uma tempestade de revolta afetar-me-ia menos do que o silencioso desdém e a calma sarcástica com que receberam essa descoberta.

– Sr. Wilson – disse nosso anfitrião, baixando-se para apanhar sob meus pés uma magnífica capa de pele rara –, Sr. Wilson, isto lhe pertence.

– Imagino – disse olhando as dobras do manto com um sorriso amargo – que será supérfluo procurar aqui novas provas de sua habilidade. Realmente, estamos fartos. Espero que compreenda a necessidade de deixar Oxford e, de qualquer modo, de sair imediatamente de meus aposentos.

Aviltado, humilhado até à poeira, como estava no momento, é provável que tivesse castigado essa linguagem insultante com violência imediata, se toda a minha atenção não estivesse, nesse momento, detida por um facto dos mais surpreendentes. A capa que eu trouxera era de uma pelica superior – de uma raridade e de um preço tão extravagantes, que não me atrevo a dizer. O modelo também era de minha invenção, pois nessas questões frívolas eu era exigente e levava o dandismo às raias do absurdo. Por isso, quando Preston me entregou o que apanhara no chão, junto à porta da sala – com um espanto quase terror –, percebi que já tinha a minha capa sobre o braço onde a colocara sem prestar atenção, e aquela que agora me davam era uma exata reprodução em todos os detalhes da minha. A singular criatura que me denunciara de maneira tão desastrosa estava, lembro-me bem, envolta numa capa e nenhum dos presentes, exceto eu, usava capa naquela ocasião. Conservei, porém, uma certa presença de espírito e recebi a capa que Preston me oferecia, coloquei-a – sem que ninguém prestasse atenção – sobre a minha; saí da sala com um desafio ameaçador no olhar e nessa manhã mesmo, antes do alvorecer, fugi precipitadamente de Oxford, em viagem pelo continente, angustiado de horror e vergonha.

Fazia frio e, ao sair de meu quarto, eu pusera sobre a roupa que vestira de manhã uma capa que tirei, ao chegar ao local do jogo.

Fugi em vão. Meu destino maldito perseguiu-me, triunfante, provando-me que seu misterioso poder apenas começava. Mal chegara a Paris, tive outra prova do interesse detestável que esse Wilson tomava pelos meus negócios. Os anos passaram, e não tive trégua. Miserável! Em Roma, com que importuna obsequiosidade, com que ternura, o espectro se interpôs entre mim e a minha ambição! Em Viena... em Berlim!... em Moscou! Na verdade, em que lugar não tinha eu uma razão amarga para maldizê-lo do íntimo do meu coração? Tomado de pânico, fugi por fim de sua impenetrável tirania, como de uma peste até o fim do mundo, fugi, e fugi em vão.

E sempre, sempre interrogando secretamente minha alma, perguntava a mim mesmo: "Quem é ele? De onde vem? Qual o seu objetivo?" Mas não encontrava resposta. E analisava então com um cuidado minucioso as formas, o método e os característicos de sua insolente vigilância. Mas aí, ainda, não encontrava muita coisa que pudesse servir de base a uma conjectura. Era verdadeiramente notável o facto de que das inúmeras vezes em que ele atravessara no meu caminho, recentemente, jamais o fez senão para frustrar planos ou derrotar ações que, se bem sucedidas, teriam redundado em amarga decepção. Pobre justificativa, na verdade, para uma autoridade tão imperiosamente usurpada! Pobre indenização para esses direitos naturais de livre-arbítrio tão obstinada e ofensivamente negados!

Fui obrigado a notar que meu algoz, havia longo tempo, mesmo exercendo escrupulosamente e com hábil destreza a mania de se vestir da mesma maneira que eu, cada vez que interferira na minha vontade, fizera tudo de maneira que eu não pudesse ver o seu rosto. Fosse lá quem fosse esse maldito Wilson, sem dúvida, semelhante mistério era o cúmulo da afetação e da tolice. Poderia ele supor um instante que, como meu conselheiro de Eton, destruidor de minha honra em Oxford, aquele que frustrou minha ambição em Roma, minha vingança em Paris, meu amor apaixonado em Nápoles e, o que ele chamava, erroneamente, a minha avareza, no Egito – nesse ser, meu grande inimigo e meu gênio mau, eu não reconhecia o William Wilson dos meus anos de colégio, o homónimo, o camarada, o rival execrado e temido do colégio Bransby? Impossível! Mas deixem-me descrever a terrível cena final do drama.

Até então, eu me submeta sem reação ao seu imperioso domínio. O sentimento de profundo respeito com o qual me acostumara a considerar o caráter elevado, a sabedoria majestosa, a onipresença e onipotência aparentes de Wilson, acrescentados a uma certa sensação de terror que me inspiravam alguns outros traços de sua natureza e determinados privilégios, tinham criado em mim a ideia de minha fraqueza absoluta, de minha impotência, me haviam aconselhado uma submissão sem reservas, embora cheia de amargura e de repugnância, à sua ditadura arbitrária. Mas, nesses últimos tempos, abandonara-me inteiramente ao vinho e a sua influência exasperante sobre meu temperamento hereditário tornava-me cada vez mais relutante a todo

controle. Comecei, pois, a murmurar, a hesitar, a resistir. E seria simplesmente minha imaginação que me induzia a crer que a obstinação de meu algoz diminuiria em razão da minha própria firmeza? É possível, mas em todo o caso começava a sentir a inspiração de uma esperança ardente, e acabei nutrido, no mais secreto de meus pensamentos, a sombria, a desesperada resolução de libertar-me dessa escravidão.

Foi em Roma, durante o Carnaval de 18...; encontrava-me num baile à fantasia, no palácio do Duque Di Broglio, de Nápoles. Abusara da bebida, além do habitual, e a atmosfera sufocante dos salões apinhados irritava-me de maneira insuportável. A dificuldade de abrir caminho através da multidão contribuiu ainda mais para exasperar o meu humor, porque eu procurava ansiosamente (não direi com que motivo indigno) a jovem, alegre e bela esposa do velho e extravagante Di Broglio. Com uma confiança bastante imprudente, ela me revelara o segredo da fantasia com que iria ao baile e, como eu acabava de avistá-la de longe, apressei-me para alcançá-la. Nesse momento, senti uma mão pousar de leve em meu ombro – e depois esse inesquecível, profundo e maldito sussurro em meu ouvido!

Tomado de cólera e frenesim, voltei-me bruscamente para aquele que ousara me perturbar e segurei-o com violência pelo colete. Wilson vestia, conforme já esperava, um traje absolutamente semelhante ao meu: capa espanhola de veludo azul, presa por um cinto carmesim do qual pendia uma espada. Uma máscara de seda negra cobria-lhe inteiramente o rosto.

– Miserável! – exclamei com voz rouca de cólera, e cada sílaba que me escapava era como um combustível acrescentado ao fogo de minha ira. – Miserável! Impostor! Vilão maldito! Não seguirás a minha pista... não me atormentarás até a morte! Segue-me, ou apunhalo-te aí onde estás!

E abri caminho, do salão de baile, para uma pequena antecâmara vizinha, arrastando-o irresistivelmente comigo.

Entrando, atirei-o com fúria para longe de mim. Ele cambaleou, de encontro à parede. Fechei a porta, com uma imprecisão, e ordenei-lhe que desembainhasse a espada. Wilson hesitou um segundo; depois, com um leve suspiro, tirou silenciosamente a arma e se pôs em guarda.

O combate foi rápido. Eu estava exasperado, sentia desvarios de toda a espécie e, num único braço, a energia e o poder de uma multidão. Em alguns segundos, dominei-o pela força, contra o lambril, e ali, tendo-o à minha mercê, mergulhei várias vezes, golpe após golpe, a espada em seu peito, com uma ferocidade de bruto.

Nesse momento, alguém tentou abrir a porta. Apressei-me em evitar uma intromissão importuna e voltei-me imediatamente para meu adversário que expirava. Porém, que ser humano poderá traduzir suficientemente o espanto, o horror que se apoderaram de mim, ante o espetáculo que se apresentou aos meus olhos? O curto instante, durante o qual me desviara, fora suficiente para produzir, aparentemente, uma mudança material nas disposições do outro extremo da sala. Um vasto espelho – em minha perturbação pareceu-me assim, a princípio – erguia-se no ponto onde antes nada vira; e, enquanto me dirigia tomado de horror, para esse espelho, minha própria imagem, mas com o rosto pálido e manchado de sangue, adiantou-se ao meu encontro, com um passo fraco e vacilante.

Foi o que me pareceu, repito, mas não era. Era meu adversário, Wilson, que diante de mim se contorcia em agonia. Sua máscara e capa jaziam sobre o assoalho, no ponto onde ele as lançara. Não havia um fio de sua roupa – nem uma linha em toda a sua figura tão característica e tão singular que não fossem meus: era o absoluto na identidade!

Era Wilson, mas Wilson sem mais sussurrar agora as palavras, tanto que teria sido possível acreditar que eu próprio falava, quando ele me disse:

– Venceste e eu me rendo. Mas, de agora em diante, também estás morto... morto para o Mundo, para o Céu e para a Esperança! Em mim tu existias... e vê em minha morte, vê por esta imagem, que é a tua, como assassinaste absolutamente a ti mesmo.



A TRILOGIA DUPIN

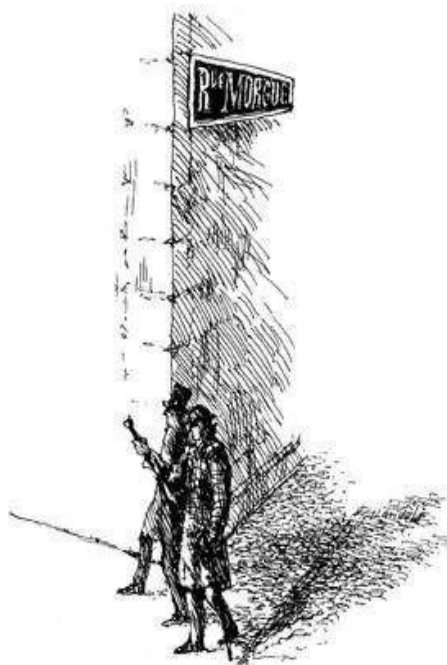
Os assassinatos na rua Morgue

(THE MURDERS IN THE RUE MORGUE, 1841)

Primeiro conto da trilogia Dupin

*Que canções cantavam as Sereias, ou que nome assumiu Aquiles
quando se escondeu entre as mulheres, embora questões enigmáticas
não estejam além de toda conjectura.*

Sir Thomas Browne



As características intelectuais tidas como analíticas são, em si mesmas, pouco suscetíveis de análise. Nós as apreciamos apenas em seus efeitos. Sabemos a seu respeito, entre outras coisas, que constituem

sempre para seu possuidor, quando possuídas em grau imoderado, fonte do mais intenso prazer. Assim como o homem forte exulta em sua capacidade física, deleitando-se em exercícios que exigem a ação de seus músculos, igualmente se rejubila a mente analítica na atividade moral de deslindar algo. Seu dono extrai prazer até mesmo das ocupações mais triviais exigindo a intervenção de seus talentos. É um apreciador de enigmas, charadas, hieróglifos; exhibe na solução de cada um deles um grau de julgamento mental que para a percepção comum assume ares sobrenaturais. Seus resultados, obtidos pelo próprio espírito e essência do método, têm, na verdade, todo um aspeto de intuição.

A faculdade de resolução é possivelmente bastante fortalecida pelo estudo da matemática e, sobretudo, por esse ramo mais elevado dela, que, injustamente, e meramente por conta de suas operações retrógradas, tem sido chamado, como que *par excellence*, de análise. Contudo, calcular, em si, não é analisar. O jogador de xadrez, por exemplo, faz uma coisa sem recorrer à outra. Segue-se que o jogo do xadrez, em seus efeitos sobre o caráter intelectual, é amplamente incompreendido. Não escrevo aqui um tratado, mas estou simplesmente prefaciando uma narrativa até certo ponto peculiar com observações razoavelmente aleatórias; vou, desse modo, aproveitar o ensejo para afirmar que as faculdades mais elevadas do intelecto reflexivo são mais decididamente e mais proveitosamente postas à prova pelo despretenhoso jogo de damas do que por toda a elaborada frivolidade do xadrez. Neste último, em que as peças têm movimentos diferentes e bizarros, com valores diversos e variáveis, o que é apenas complexo é tomado (um erro nada incomum) por profundo. A atenção nele desempenha poderoso papel. Se ela relaxa por um instante, um descuido é cometido, resultando em prejuízo ou derrota. Os movimentos possíveis sendo não apenas variados como também intrincados, as chances de tais descuidos se multiplicam; em nove de cada dez casos é antes o jogador mais concentrado do que o mais arguto que vence. No jogo de damas, pelo contrário, em que os movimentos são únicos e apresentam pouca variação, em que a probabilidade de alguma inadvertência é menor e a mera atenção é comparativamente menos exigida, as vantagens conquistadas de parte a parte devem-se à superioridade de julgamento. Para ser menos abstrato: vamos supor um

jogo de damas em que as peças ficaram reduzidas a quatro damas, e em que, decerto, nenhum descuido é de esperar. Fica óbvio aqui que a vitória só pode ser decidida (os jogadores estando absolutamente iguais) por algum movimento *recherché*, resultante de uma forte aplicação do intelecto. Privada dos recursos ordinários, a mente analítica penetra no espírito de seu oponente, identifica-se com ele e não raro desse modo enxerga, de um golpe de vista, os únicos métodos (às vezes de facto absurdamente simples) mediante os quais pode induzi-lo ao erro ou precipitá-lo a dar um passo em falso.

Há muito já se observou a influência do uíste para o que denominamos capacidade do cálculo; e sabe-se que homens da mais elevada ordem de intelecto dele extraem um deleite aparentemente extraordinário, ao passo que evitam o xadrez por tê-lo como frívolo. Sem a menor sombra de dúvida não há nada de natureza similar tão enormemente desafiador para a faculdade de análise. O melhor enxadrista de toda a cristandade talvez seja pouco mais do que o melhor jogador de xadrez; mas proficiência no uíste implica capacidade para o sucesso em todas essas empreitadas importantes em que a mente duela contra a mente. Quando digo proficiência, refiro-me àquela perfeição no jogo que inclui uma compreensão de todas as fontes de onde pode ser derivada uma legítima vantagem. Essas são não apenas múltiplas, mas também multiformes, e jazem com frequência entre recessos do pensamento completamente inacessíveis ao entendimento ordinário. Observar atentamente é lembrar distintamente; e, até aí, o enxadrista concentrado se sairá perfeitamente bem no uíste; pois que as regras de Hoyle (elas próprias baseadas no mero mecanismo do jogo) são suficientemente e em geral compreensíveis. De modo que possuir uma boa memória e proceder “como reza a cartilha” são coisas comumente consideradas como o suprassumo do bem jogar. Mas é em questões que vão além dos limites da mera regra que a habilidade da mente analítica se evidencia. Seu possuidor faz, em silêncio, um sem-número de observações e inferências. Igualmente o fazem, talvez, seus colegas; e a diferença na extensão da informação obtida reside não tanto na validade da inferência quanto na qualidade da observação. O conhecimento necessário é o do que observar. Nosso jogador não se restringe em absoluto ao jogo; tampouco, por ser este o objeto, rejeita deduções originárias de fatores externos ao jogo. Ele examina o

semblante de seu parceiro, comparando-o cuidadosamente com o de cada um dos oponentes. Considera o modo como estão dispostas as cartas em cada mão; muitas vezes calculando os trunfos e as honras de cada um pelos olhares lançados a suas próprias mãos. Observa cada variação nos rostos à medida que o jogo progride, amalhando uma reserva de pensamento pelas diferentes expressões de certeza, surpresa, triunfo ou decepção. Pelo modo como recolhe uma vaza avalia se a pessoa que o faz pode conseguir outra daquele naipe. Reconhece um blefe pela atitude com que a carta é jogada na mesa. Uma palavra casual ou inadvertida; uma carta que cai ou vira acidentalmente, com a subsequente ansiedade ou descaso no modo como é ocultada; a contagem das vazas, com a ordem de sua arrumação; constrangimento, hesitação, impaciência ou agitação – tudo proporciona, para sua percepção aparentemente intuitiva, indícios do verdadeiro estado de coisas. As duas ou três primeiras rodadas tendo sido jogadas, ele está de plena posse dos conteúdos de cada mão e, daí por diante, baixa suas cartas com uma precisão de propósito tal que é como se o restante do grupo houvesse virado seus leques para o lado contrário.

A capacidade analítica não deve ser confundida com a simples engenhosidade; pois embora o dono de uma mente analítica seja necessariamente engenhoso, o homem engenhoso é muitas vezes notavelmente incapaz de análise. A capacidade construtiva ou combinatória, mediante a qual a engenhosidade normalmente se manifesta, e à qual os frenólogos (acredito que erroneamente) atribuíram um órgão separado, supondo-a uma faculdade primitiva, tem sido tão frequentemente notada nesses cujo intelecto em tudo mais beira a idiotia que isso atraiu a atenção geral dos moralistas. Entre a engenhosidade e a competência analítica existe uma diferença ainda maior, na verdade, do que entre a fantasia e a imaginação, mas de um caráter muito estritamente análogo. Verificar-se-á, com efeito, que os dotados de engenho são sempre fantasiosos e que os verdadeiramente imaginativos nunca são outra coisa que não dados à análise.

A narrativa que se segue irá se afigurar ao leitor mais ou menos como um comentário sobre as proposições até aqui aventadas.

Residindo em Paris durante a primavera e parte do verão de 18..., travei conhecimento com um certo Monsieur C. Auguste Dupin. Esse jovem cavalheiro era de excelente, na verdade, de ilustre família,

porém, devido a uma série de adversidades, ficara reduzido a tal pobreza que a energia de seu caráter sucumbira sob o peso disso e ele desistira de se dedicar ao mundo ou de procurar recuperar a fortuna perdida. Por obséquio de seus credores, continuava possuidor de um pequeno resquício de seu patrimônio; e, com a renda daí advinda, conseguia, graças a uma rigorosa economia, prover-se do necessário para viver, sem se molestar por coisas supérfluas. Os livros, na verdade, eram seu único luxo, e estes em Paris são facilmente obtidos.

Conhecemo-nos numa obscura biblioteca na Rue Montmartre, onde o acaso de estarmos ambos à procura do mesmo livro mui raro e mui notável nos uniu em mais estreita relação. Víamo-nos com frequência. Interessei-me profundamente pela breve história familiar que pormenorizou para mim com toda essa sinceridade que se permitem os franceses sempre que seu tema se resume meramente a sua pessoa. Também fiquei pasmo com a vasta amplitude de suas leituras; e, acima de tudo, entusiasmei-me vivamente com o exuberante fervor e o vívido frescor de sua imaginação. Almejando em Paris certos objetivos tais como eu então almejava, percebi que a companhia daquele homem constituiria para mim um tesouro de valor inestimável; e confidencie-lhe esse sentimento com toda a franqueza. Após algum tempo ficou acertado que moraríamos juntos durante minha estada na cidade; e, como minhas circunstâncias mundanas eram razoavelmente menos complicadas que as dele, foi com seu consentimento que me encarreguei de alugar e decorar, em um estilo que se adequava à melancolia um tanto fantástica de nosso temperamento em comum, uma mansão dilapidada e grotesca, havia muito abandonada devido a superstições cujo teor jamais indagamos, e equilibrando-se precariamente rumo ao colapso em uma área afastada e desolada do Faubourg St. Germain.

Houvesse a rotina de nossa vida nesse lugar chegado ao conhecimento do mundo, teríamos sido reputados loucos – embora, talvez, loucos de natureza inofensiva. Nossa reclusão era absoluta. Não recebíamos visita alguma. Na verdade, a localização de nosso refúgio fora cuidadosamente mantida em segredo de meus próprios antigos companheiros; e já havia muitos anos que Dupin deixara de ver e ser visto em Paris. Vivíamos exclusivamente para nós mesmos.

Era uma excentricidade de gosto em meu amigo (pois que outro nome dar àquilo?) ser um enamorado da Noite em si mesma; e a essa *bizarrerie*, assim como a todas as demais, eu calmamente acedi; entregando-me a seus desvairados caprichos com perfeito *abandon*. Mas a negra divindade não poderia nos fazer companhia permanente; então, simulávamos sua presença. Aos primeiros raios da aurora fechávamos todas as maciças venezianas de nossa casa, acendendo um par de círios que, fortemente perfumados, lançavam apenas a luz mais débil e espectral. Com a ajuda deles enchíamos nossas almas de sonhos – lendo, escrevendo ou conversando, até sermos advertidos pelo relógio da chegada das genuínas Trevas. Então passeávamos pelas ruas, de braços dados, continuando os assuntos do dia, ou perambulando para muito longe até avançada hora, buscando, em meio às fantásticas luzes e sombras da cidade populosa, essa infinidade de excitação mental que a tranquila observação pode proporcionar.

Em momentos como esse, eu não podia deixar de notar e admirar (embora, dada a sua fecunda idealidade, estivesse preparado para esperar tal coisa) uma peculiar capacidade analítica em Dupin. Ele parecia também extrair um vivo deleite em exercê-la – quando não propriamente em exibi-la –, e não hesitava em confessar o prazer que disso obtinha. Vangloriava-se para mim, com uma pequena risada, que a maioria dos homens, no que lhe dizia respeito, portava janelas em seus peitos, e costumava fazer acompanhar tais asserções de provas diretas e assaz surpreendentes de seu conhecimento sobre minha própria pessoa. Seus modos em momentos como esse eram frios e abstratos; seus olhos ficavam com uma expressão vazia; ao passo que a sua voz, em geral de um melodioso tenor, erguia-se num agudo de soprano que teria soado insolente não fosse o caráter deliberado e inteiramente lúcido da enunciação. Observando-o nesses estados de espírito, eu muitas vezes me punha a meditar na antiga filosofia da Alma Biparte, e me divertia fantasiando um duplo Dupin – o criativo e o resolutivo.

Que não se julgue aqui, com base no que acabei de dizer, que estou particularizando algum mistério ou redigindo algum romance. O que recentemente descrevi no francês era apenas o resultado de uma inteligência exaltada ou, talvez, enferma. Mas do caráter de suas observações nos períodos em questão um exemplo transmitirá melhor a ideia.

Caminhávamos certa noite por uma rua suja e comprida, nos arredores do Palais Royal. Estando ambos, aparentemente, perdidos em pensamentos, nenhum de nós dissera uma palavra durante pelo menos quinze minutos. De repente Dupin quebrou o silêncio com a seguinte frase: “Ele é de facto um sujeito bem pequeno, é verdade, e estaria melhor no Théâtre des Variétés.”

“Não pode haver dúvida disso”, repliquei, inadvertidamente, e sem observar de início (de tal maneira estivera absorto em reflexão) o modo extraordinário com que suas palavras fizeram coro às minhas meditações. Um instante depois caí em mim e fiquei profundamente estupefacto.

“Dupin”, disse eu, gravemente, “isso está além de minha compreensão. Não hesito em dizer que estou perplexo, e mal posso crer em meus sentidos. Como era possível que soubesse que eu pensava em ...?” Aqui fiz uma pausa, para verificar se realmente sabia sem sombra de dúvida quem ocupava meus pensamentos.

“De Chantilly”, disse ele, “porque hesitou? Você refletia consigo mesmo que a sua figura diminuta não era apropriada para a tragédia.”

Era isso precisamente que compunha o teor de minhas reflexões. Chantilly era um antigo sapateiro da Rue St. Denis que, tendo sido mordido pelo bicho do teatro, se candidatara ao role (papel) de Xerxes na tragédia de Crébillon de mesmo nome, e que fora alvo de notórias pasquinadas por seus esforços dramáticos.

“Diga-me, pelo amor dos Céus”, exclamei, “o método – se algum método há – que lhe possibilitou sondar minha alma nessa questão.” Na verdade, eu estava ainda mais atônito do que me dispunha a demonstrar.

“Foi o fruteiro”, respondeu meu amigo, “que o levou à conclusão de que o remendão de solas não tinha altura para Xerxes *et id genus omne*.” (E tudo que é da mesma espécie)

“Fruteiro! Você me deixa pasmo – não sei de fruteiro algum.”

“O sujeito com quem deu um encontrão quando dobramos a rua – cerca de quinze minutos atrás, talvez.”

Eu agora me recordava que, de facto, um fruteiro, carregando na cabeça um grande cesto de maçãs, quase me atirara ao chão, por acidente, quando deixávamos a Rue C... para entrar na rua onde ora estávamos; mas o que isso tinha a ver com Chantilly era algo que eu não podia absolutamente compreender.

Não havia um isto de *charlatanerie* em Dupin. “Explicarei”, disse ele, “e para que possa compreender tudo claramente, retrocederei primeiro ao longo de suas meditações, desde o momento em que lhe falei até o do *rencontre* com o referido fruteiro. Os elos principais dessa cadeia são os seguintes – Chantilly, Órion, dr. Nichol, Epicuro, estereotomia, pedras do calçamento, fruteiro.”

Existem poucas pessoas que não tenham, em algum momento de suas vidas, buscado se distrair relembrando os passos ao longo dos quais particulares conclusões de suas próprias mentes foram alcançadas. O passatempo é muitas vezes bastante interessante; e aquele que o tenta pela primeira vez fica atônito com as aparentemente ilimitáveis distância e incoerência entre o ponto de partida e o objetivo final. Qual não foi então minha perplexidade quando escutei o francês dizendo o que acabara de dizer, e quando não pude deixar de admitir que dissera a verdade. Ele continuou:

“Estávamos falando de cavalos, se me lembro bem, pouco antes de deixar a Rue C.... Esse foi o último tema sobre o qual conversamos. Quando dobrávamos a esquina, um fruteiro, com um grande cesto na cabeça, passando apressadamente por nós, jogou-o contra uma pilha de pedras de pavimentação retiradas de um trecho da rua que está em obras. Você pisou numa pedra solta, escorregou, torceu ligeiramente o tornozelo, pareceu irritado ou amuado, murmurou algumas palavras, virou para olhar para a pilha e prosseguiu em silêncio. Não prestei particular atenção ao que fez; mas a observação se tornou para mim, ultimamente, uma espécie de necessidade.

“Você manteve os olhos no chão – relanceando, com expressão mal-humorada, os buracos e sulcos no calçamento (de modo que percebi que continuava pensando nas pedras), até chegarmos à pequena viela chamada Lamartine, que fora pavimentada, a título de experimento, com esses blocos justapostos e rebitados. Aqui seu semblante se desanuviou e, notando que seus lábios se moviam, não tive dúvida de que murmurava a palavra *estereotomia*, termo que muito afetadamente é aplicado a essa espécie de pavimento. Eu sabia que não era capaz de dizer a si mesmo a palavra *estereotomia* sem ser levado a pensar em átomos, e, conseqüentemente, nas teorias de Epicuro; e uma vez que, ao discutirmos o assunto há não muito tempo, mencionei-lhe quão singularmente, embora quão pouco se tenha notado, as vagas

hipóteses desse nobre grego encontraram confirmação na cosmogonia nebulosa recente, imaginei que não poderia deixar de erguer os olhos para a grande nebulosa em Órion, e decerto esperava que o fizesse. Com efeito, você olhou para o alto; e nesse momento tive a convicção de que acompanhara corretamente seus passos. Mas na acerba *tirade* (ironia) acerca de Chantilly, que apareceu no *Musée* de ontem, o satirista, fazendo ignominiosas alusões à mudança de nome do sapateiro ao calçar o coturno, citou um verso latino sobre o qual muitas vezes conversamos. Refiro-me ao verso: *Perdidit antiquum litera prima sonum* (Perdeu seu antigo som com a primeira letra). Eu havia afirmado que isso era uma menção a Órion, outrora grafada Urion; e, devido a certas pungências ligadas a essa explicação, estava ciente de que não poderia tê-la esquecido. Ficou claro, desse modo, que você não deixaria de combinar as duas ideias de Órion e Chantilly. Que de facto as combinou percebi pela natureza do sorriso que perpassou seus lábios. Você pensou na imolação do pobre sapateiro. Até então, seu andar era curvado; mas em seguida notei que aprumava o corpo a plena altura. Nesse instante tive certeza de que refletia sobre a figura diminuta de Chantilly. Foi aí que interrompi suas meditações para comentar que, de facto, era mesmo um sujeitinho pequeno – o tal Chantilly –, que estaria melhor no Théâtre des Variétés.”

Não muito depois, líamos uma edição vespertina da *Gazette des Tribunaux* quando os seguintes parágrafos chamaram a nossa atenção.

“ASSASSINATOS EXTRAORDINÁRIOS

Nessa madrugada, por volta das três da manhã, os moradores do Quartier St. Roch foram tirados de seu sono por uma sucessão de gritos aterrorizantes, provenientes, aparentemente, do quarto andar de uma casa na Rue Morgue, sabidamente ocupada apenas por Madame L'Espanaye e a sua filha, Mademoiselle Camille L'Espanaye. Após alguma demora, ocasionada por uma tentativa infrutífera de conseguir passar da maneira usual, a porta do saguão foi arrombada com um pé-de-cabra e oito ou dez vizinhos entraram, acompanhados de dois gendarmes. A essa altura, os gritos haviam cessado; mas, quando o grupo subiu correndo o primeiro lance de escadas, duas ou mais vezes ríspidas, em inflamada alteração, se fizeram ouvir, e pareciam proceder da parte superior da casa. Quando o segundo patamar foi

alcançado, também esses sons haviam cessado, e tudo permanecia na mais perfeita quietude. O grupo se dispersou, e correram de quarto em quarto. Ao chegarem em um grande aposento de fundos no quarto andar (cuja porta, achando-se trancada com a chave do lado de dentro, teve de ser aberta à força), presenciaram um espetáculo que encheu cada um dos ali presentes não apenas de horror como também de assombro.

“O apartamento encontrava-se na mais furiosa desordem – a mobília destruída e jogada em todas as direções. Restara uma única armação de cama; e o colchão fora removido e atirado no meio do soalho. Em uma poltrona havia uma navalha manchada de sangue. No chão da lareira jaziam duas ou três mechas de cabelos humanos grisalhos, também salpicadas de sangue, e ao que parecia arrancadas pela raiz. No chão encontraram-se quatro napoleões, um brinco de topázio, três colheres grandes de prata, três menores, de métal d'Alger, e duas bolsas, contendo cerca de quatro mil francos em ouro. As gavetas de um bureau que ficava num canto estavam abertas e haviam, aparentemente, sido vasculhadas, embora muitos artigos ainda permanecessem dentro. Um pequeno cofre de ferro foi encontrado sob o colchão (não sob a cama). Estava aberto, com a chave ainda na tampa. Não continha coisa alguma exceto algumas cartas velhas e outros documentos de pouca importância.

“De Madame L'Espanaye nenhum vestígio se via; mas uma incomum quantidade de fuligem tendo sido observada na lareira levou a que se desse uma busca na chaminé, e (coisa horrível de relatar!) dali se retirou o cadáver da filha, de cabeça para baixo; havia sido forçado pela estreita abertura até profundidade considerável. O corpo estava razoavelmente quente. Quando examinado, muitas escoriações foram notadas, sem dúvida ocasionadas pela violência empregada ao ser enfiado e depois retirado. No rosto viam-se inúmeros arranhões e, pela garganta, negros hematomas, além de marcas profundas de unhas, como se a vítima houvesse sido morta por estrangulamento.

Após uma cuidadosa investigação em cada canto da casa, sem que mais nada se descobrisse, o grupo se dirigiu a um pequeno pátio nos fundos do edifício, onde estava o corpo da velha senhora, com a garganta tão completamente dilacerada que, ao se tentar erguê-la, a cabeça caiu. O corpo, assim como a cabeça, fora terrivelmente

mutilado – o primeiro a tal ponto que mal conservava qualquer semelhança com algo humano. “Desse horrível mistério até o momento não há, acreditamos, a mais leve pista.”

O jornal do dia seguinte trazia esses pormenores adicionais:

“A Tragédia na Rue Morgue.

Muitos indivíduos têm sido interrogados em relação a esse tão extraordinário e assombroso caso [a palavra affaire ainda não carrega, na França, essa leveza de significado que o inglês affair, caso, transmite entre nós], mas nada ainda surgiu capaz de lançar alguma luz sobre ele. Fornecemos abaixo todos os depoimentos relevantes extraídos.

Pauline Dubourg, lavadeira, declara que conhecia ambas as vítimas havia três anos, tendo se encarregado de suas roupas durante esse período. A velha senhora e a filha pareciam em bons termos – muito afetuosas uma com a outra. Eram excelentes pagadoras. Nada pôde informar com respeito ao modo ou aos meios de vida das duas. Acreditava que Madame L. lesse a sorte como sustento. Dizia-se que tinha dinheiro guardado em casa. Nunca encontrou ninguém na casa quando precisou buscar ou entregar as roupas. Estava certa de que não contavam com quaisquer empregados aos seus serviços. Não parecia haver mobília em parte alguma do prédio, exceto no quarto andar.

Pierre Moreau, dono de tabacaria, declara que costumava vender pequenas quantidades de fumo e rapé a Madame L'Espanaye havia quase quatro anos. É nascido na vizinhança e sempre residiu ali. A falecida e a sua filha ocuparam a casa onde seus corpos foram encontrados por mais de seis anos. O inquilino anterior do lugar fora um joalheiro que sublocara os quartos superiores para várias pessoas. A casa era de propriedade de Madame L. Descontente com o uso indevido do imóvel por parte de seu locatário, mudou-se para lá ela própria, recusando-se a alugar qualquer parte do prédio. A madame estava senil. A testemunha viu a filha umas cinco ou seis vezes durante os seis anos. As duas levavam uma vida excecionalmente reclusa – supunha-se que tinham dinheiro. Ouvira dizer por alguns vizinhos que Madame L. fazia a leitura da sorte – não acreditava. Nunca vira pessoa alguma entrar por aquela porta, a não ser a própria velha senhora e a sua filha, um encarregado de manutenção uma ou duas vezes e um médico, umas oito ou dez.

Muitas outras pessoas, também vizinhos, forneceram depoimentos nesse mesmo sentido. Nenhum frequentador da casa foi mencionado. Ninguém soube dizer se havia algum parente vivo de Madame L. e a sua filha. As venezianas das janelas da frente raramente eram abertas. As de trás viviam fechadas, com exceção do aposento dos fundos, no quarto andar. A casa era de boa construção – não muito velha.

Isidore Muset, gendarme, declara que foi chamado à casa por volta das três da manhã, e que encontrou cerca de vinte ou trinta pessoas diante da entrada, tentando passar. Arrombou finalmente a porta do saguão com a baioneta – não com um pé-de-cabra. Encontrou pouca dificuldade em fazer com que abrisse, pelo facto de ser uma porta dupla, ou retrátil, e sem ferrolhos em cima ou em baixo. Os gritos continuaram até a porta ser forçada – e depois subitamente cessaram. Pareciam os gritos de uma pessoa (ou pessoas) em grande agonia – altos e prolongados, não curtos e rápidos. A testemunha liderou o caminho pelas escadas. Ao chegar no primeiro patamar, escutou duas vozes numa altercação alta e inflamada – uma era rouca, a outra, mais esganiçada – uma voz muito estranha. Pôde discernir algumas palavras da primeira, que eram de um francês. Tinha certeza absoluta de que não era voz de mulher. Pôde discernir as palavras 'sacré' e 'diable'. A voz aguda pertencia a alguém estrangeiro. Não sabia dizer se era voz de homem ou de mulher. Não pôde distinguir o que dizia, mas acreditou que a língua fosse o espanhol. O estado do aposento e dos corpos foi descrito por essa testemunha do modo como descritos ontem.

Henri Duval, vizinho, e, por ocupação, artesão de prataria, declara que tomou parte no grupo que entrou na casa. Corrobora o depoimento de Muset, de modo geral. Assim que forçaram a entrada, voltaram a fechar a porta, de modo a impedir a passagem da multidão, que se juntou muito rápido, não obstante o adiantado da hora. A voz aguda, acredita a testemunha, era de um italiano. Certamente não era francês. Não sabe dizer ao certo se era voz de homem. Podia ser de mulher. Não está familiarizado com a língua italiana. Não pôde discernir quaisquer palavras, mas ficou convencido pela entonação que foram ditas em italiano. Conhecia Madame L. e a sua filha. Conversara com ambas em diversas ocasiões. Tinha certeza de que a voz aguda não era de nenhuma das falecidas.

– Odenheimer, restaurateur. Essa testemunha apresentou-se voluntariamente para depor. Por não falar francês, foi inquirida mediante um intérprete. É natural de Amsterdão. Passava pela casa no momento dos gritos. Eles duraram por vários minutos – provavelmente dez. Foram longos e altos – muito apavorantes e perturbadores. Estava entre o grupo que entrou no prédio. Corroborou os depoimentos prévios em todos os aspetos menos um. Tinha certeza de que a voz aguda pertencia a um homem – a um francês. Não conseguiu discernir as palavras enunciadas. Foram altas e rápidas – desiguais – ditas aparentemente com medo, embora também com raiva. A voz era dissonante – não tão aguda, mais para dissonante. Não chamaria de uma voz aguda. A voz rouca disse repetidamente 'sacré', 'diable' e, uma vez, 'mon Dieu'.

Jules Mignaud, banqueiro, da firma de Mignaud et Fils, Rue Deloraine. É o Mignaud pai. Madame L'Espanaye possuía algumas propriedades. Abrira uma conta em sua casa bancária na primavera do ano – (oito anos antes). Fazia depósitos frequentes de pequenas quantias. Jamais havia sacado, até três dias antes de sua morte, quando retirou pessoalmente quatro mil francos. O valor foi pago em ouro, e um funcionário enviado a sua casa com o saque.

Adolphe Le Bon, funcionário de Mignaud et Fils, declara que no dia em questão, por volta do meio-dia, acompanhou Madame L'Espanaye a sua residência com os quatro mil francos, divididos em duas bolsas. Quando a porta era aberta, Mademoiselle L. apareceu e pegou de suas mãos uma das bolsas, enquanto a velha senhora apanhava a outra. Ele então as cumprimentou e partiu. Não viu ninguém na rua nesse momento. É uma pequena travessa – muito isolada.

William Bird, alfaiate, declara que estava entre o grupo que entrou na casa. É inglês. Mora em Paris há dois anos. Foi um dos primeiros a subir as escadas. Escutou alteração de vozes. A voz rouca era de um francês. Pôde distinguir diversas palavras, mas não se recorda de todas. Ouviu distintamente 'sacré' e 'mon Dieu'. Houve um som no momento como que de várias pessoas lutando – um som de coisas raspando e gente se engalfinhando. A voz aguda falava muito alto – mais alto do que a rouca. Tem certeza de que não era a voz de

um inglês. Parecia ser de um alemão. Podia ser voz de mulher. Não entende alemão.

Quatro das supracitadas testemunhas, tendo sido reconvocadas, declararam que a porta do aposento em que se encontrou o corpo de Mademoiselle L. estava trancada por dentro quando o grupo chegou. Tudo no mais perfeito silêncio – nenhum grunhido ou barulho de qualquer tipo. Ao forçarem a porta, ninguém foi visto. As janelas, tanto do quarto dos fundos como do frontal, estavam abaixadas e firmemente trancadas por dentro. Uma porta entre os dois quartos estava fechada, mas não trancada. A porta que havia entre o quarto da frente e o corredor estava trancada, com a chave do lado de dentro. Um quartinho na frente da casa, no quarto andar; na extremidade do corredor, tinha a porta entreaberta. Esse cômodo estava abarrotado de camas velhas, caixas e coisas assim. Tudo foi cuidadosamente retirado e examinado. Não havia um centímetro em parte alguma da casa que não tenha passado por uma busca cuidadosa. Varredores foram enfiados de cima a baixo nas chaminés. A casa tinha quatro andares, além de águas-furtadas (mansardes). Um alçapão no teto fora firmemente pregado – parecia que não era aberto havia anos. O tempo transcorrido entre a altercação de vozes que ouviram e o arrombamento da porta do aposento foi estimado com variações pelas testemunhas. Alguns disseram três minutos – outros, cinco. A porta foi aberta com dificuldade.

Alfonzo Garcio, agente funerário, declara ser residente da Rue Morgue. É natural da Espanha. Tomou parte no grupo que entrou na casa. Não subiu as escadas. É nervoso, e ficou apreensivo quanto às consequências do tumulto. Escutou as vozes em alteração. A voz rouca era de um francês. Não pôde discernir o que foi dito. A voz aguda era de um inglês – tem certeza disso. Não compreende a língua inglesa, mas julga pela entonação.

Alberto Montani, confeitiro, declara que estava entre os primeiros a subir as escadas. Escutou as vozes em questão. A voz rouca era de um francês. Distinguiu diversas palavras. O seu dono parecia protestar. Não conseguiu discernir as palavras da voz aguda. Falava de modo apressado e irregular. Acha que era voz de um russo. Corrobora o testemunho geral. É italiano. Nunca conversou com alguém natural da Rússia.

Diversas testemunhas, na reinquirição, afirmaram que as chaminés de todos os aposentos no quarto andar eram estreitas demais para admitir a passagem de um ser humano. Por 'varredores' queriam dizer escovões cilíndricos, como os que são empregues pelos limpadores de chaminés. Esses escovões foram passados de ponta a ponta em todos os ductos da casa. Não havia qualquer passagem de fundos pela qual qualquer um pudesse ter descido enquanto o grupo subia as escadas. O corpo de Mademoiselle L'Espanaye estava tão firmemente enterrado na chaminé que só conseguiram descê-lo depois que quatro ou cinco do grupo uniram forças.

Paul Dumas, médico, declara que foi chamado para examinar os corpos ao nascer do dia. Havia ambos sido colocados sobre o enxergão da cama no aposento onde Mademoiselle L. foi encontrada. O cadáver da jovem estava muito esfolado e contundido. O facto de ter sido enfiado na chaminé teria sido suficiente para dar conta desse aspeto. A garganta fora gravemente esfolada. Havia inúmeros arranhões profundos pouco abaixo do queixo, junto com uma série de manchas lívidas, que eram evidentemente marcas de dedos. O rosto estava terrivelmente manchado e as órbitas oculares protraídas. A língua fora parcialmente mordida. Um enorme hematoma foi descoberto sobre a boca do estômago, produzido, aparentemente, pela pressão de um joelho. Na opinião de Monsieur Dumas, Mademoiselle L'Espanaye fora morta por estrangulamento por uma ou várias pessoas desconhecidas. O cadáver da mãe estava horrivelmente mutilado. Todos os ossos da perna e do braço direitos estavam quebrados com maior ou menor gravidade. A tíbia esquerda fora estilhaçada, bem como todas as costelas do lado esquerdo. O corpo todo horrivelmente contundido e manchado. Era impossível dizer como os ferimentos haviam sido infligidos. Um pesado porrete de madeira, ou uma grande barra de ferro – uma cadeira – qualquer arma grande, pesada e rombuda teria produzido tais resultados, se empunhada pelas mãos de um homem muito forte. Mulher alguma teria sido capaz de provocar tais ferimentos com a arma que fosse. A cabeça da vítima, quando examinada pela testemunha, estava inteiramente separada do corpo, e também gravemente fraturada. A garganta fora evidentemente cortada com algum instrumento afiado – provavelmente, uma navalha.

Alexandre Etienne, cirurgião, foi chamado junto com Monsieur Dumas para examinar os corpos. Corroborou o depoimento e as opiniões do colega.

Nenhum outro facto relevante veio a lume, embora diversas outras pessoas tenham sido interrogadas. Um assassinato tão misterioso, e tão desconcertante em todas suas particularidades, jamais foi cometido antes em Paris – se é que de facto um assassinato foi cometido. A policia está completamente às escuras – uma ocorrência incomum em casos

dessa natureza. Não há, entretanto, nem sombra de pista à vista.”

A edição vespertina do jornal informava que o *Quartier St. Roch* continuava ainda em grande agitação – que o edificio passara por uma cuidadosa nova busca, e que novos depoimentos foram colhidos, mas tudo em vão. Uma nota de última hora, porém, mencionava que Adolphe Le Bon havia sido detido e feito prisioneiro – embora nenhuma evidência parecesse incriminá-lo, além dos factos já especificados.

Dupin pareceu singularmente interessado no progresso do caso – pelo menos foi o que julguei por sua conduta, pois não fez comentário algum. Apenas após o anúncio de que Le Bon fora preso pediu minha opinião respeitando aos assassinatos.

Eu só podia concordar com toda Paris em considerá-los um mistério insolúvel. Não via meios pelos quais fosse possível rastrear o assassino.

“Não devemos julgar os meios”, disse Dupin, “segundo a superfície desses depoimentos. A policia parisiense, tão elogiada pelo seu *acumen* (bom julgamento mental), é hábil, mas só isso. Não existe método em seus procedimentos além do método do momento. Fazem vasta ostentação de medidas; mas, não raro, estas são tão mal-adaptadas aos objetivos propostos que nos vem à mente *Monsieur Jourdain, pedindo o seu robe-de-chambre – pour mieux entendre la musique*. Os resultados atingidos por eles são não raro surpreendentes, mas, na maior parte, obtidos pela simples diligência e atividade. Quando essas qualidades estão indisponíveis, seus esquemas fracassam. Vidocq, por exemplo, era bom em conjeturas, e perseverava. Mas, sem uma mente treinada, enganava-se continuamente pela própria intensidade de suas investigações. Ele prejudicava a sua visão segurando os objetos perto demais. Podia enxergar, talvez, um ou dois pontos com clareza

incomum, mas, ao fazê-lo, necessariamente perdia de vista a questão como um todo. Isso é o que podemos chamar de ser profundo demais. A verdade nem sempre está dentro de um poço. Com efeito, no que toca aos conhecimentos mais importantes, acredito de facto que ela é invariavelmente superficial. A profundidade reside nos vales onde a buscamos, e não nos cumes montanhosos onde ela é encontrada. Os modos e origens desse tipo de equívoco estão bem tipificados na contemplação dos corpos celestiais. Relancear brevemente uma estrela – observá-la obliquamente, voltando em sua direção as áreas mais exteriores da retina (que é mais sensível a impressões luminosas tênues do que a parte interna), é contemplá-la com nitidez – é obter a melhor apreciação de seu brilho – brilho que se turva na exata proporção em que voltamos nosso olhar diretamente para a estrela. Uma maior quantidade de raios de facto incide sobre o olho nesse caso, mas, no primeiro, ocorre uma capacidade de compreensão mais refinada. A profundidade indevida confunde e debilita o pensamento; e é possível fazer com que até mesmo Vênus desapareça do firmamento por meio de uma observação demasiado prolongada, concentrada ou direta.

“Quanto a esses assassinatos, vamos proceder a um exame deles nós mesmos antes de formar qualquer opinião a respeito. Uma investigação poderá nos proporcionar boa diversão [julguei esse um termo estranho para usar aqui, mas nada disse] e, além do mais, Le Bon certa vez me prestou um serviço pelo qual não me mostrarei ingrato. Vamos ver o local com nossos próprios olhos. Conheço G..., o chefe de polícia, e não deveremos ter dificuldade em obter a permissão necessária.”

A permissão foi obtida, e seguimos imediatamente para a Rue Morgue. É uma daquelas travessas muito pobres que ficam entre a Rue Richelieu e a Rue St. Roch. Já era fim de tarde quando chegamos; o bairro ficando a grande distância desse em que residíamos. Encontramos a casa prontamente; pois havia ainda inúmeras pessoas olhando para as venezianas fechadas, com uma curiosidade sem propósito, do outro lado da rua. Era uma residência parisiense comum, com um saguão de entrada, ao lado de cuja porta havia um cubículo de vidros opacos, com um painel deslizante na janela, indicando uma *loge de concière* (casa do porteiro). Antes de entrar, andamos pela rua, dobramos uma viela e depois, entrando em outra, passamos pelos

fundos do prédio – Dupin, nesse meio tempo, examinava toda a vizinhança, bem como a casa, com uma meticulosidade de atenção para a qual não via eu objetivo possível.

Voltando por onde viéramos, fomos outra vez para a entrada da residência, tocamos a campainha e, após mostrarmos nossas credenciais, fomos admitidos pelos policiais encarregados. Subimos as escadas – até o aposento onde o corpo de Mademoiselle L'Espanaye fora encontrado, e onde ambas as falecidas continuavam. A desordem no quarto, como de costume, permanecia do jeito que fora deixada. Não vi nada além do que havia sido relatado na Gazette des Tribunaux. Dupin examinava cada detalhe – sem excetuar os corpos das vítimas. Depois prosseguimos para os demais quartos, e para o pátio; um gendarme nos acompanhou o tempo todo. A investigação nos ocupou até escurecer, quando saímos. A caminho de casa, meu companheiro se deteve por alguns instantes na redação de um dos jornais diários.

Já tive ocasião de dizer que os caprichos de meu amigo eram muitos e variados, e que *Je les ménageais*: 48 – para essa expressão, não existe equivalente em inglês. Agora, ele cismara de declinar qualquer conversa sobre a questão dos assassinatos até mais ou menos o meio-dia do dia seguinte. E então perguntou-me, repentinamente, se eu observara algo peculiar na cena das atrocidades.

Houve alguma coisa no modo como enfatizou a palavra “peculiar” que me provocou calafrios, sem saber porquê.

“Não, nada peculiar”, disse eu; “pelo menos, nada além do que ambos vimos publicado no jornal.”

“Receio que a Gazette”, replicou, “não tenha penetrado no horror insólito da coisa. Mas descartemos as fúteis opiniões desse periódico. Parece-me que o mistério é considerado insolúvel pelo mesmo motivo que deveria fazer com que fosse tido como de fácil solução – quero dizer, pelo caráter *outré* de suas circunstâncias. A polícia está perplexa com a aparente ausência de motivo – não com o crime em si – mas com a atrocidade do crime. Estão desconcertados, também, pela aparente impossibilidade de conciliar as vozes ouvidas em alteração com o facto de que ninguém foi encontrado no andar de cima além da assassinada Mademoiselle L'Espanaye, e de que não havia meios de sair sem passar pelo grupo que subia. A desordem selvagem do quarto; o cadáver enfiado, de cabeça para baixo, pela chaminé; a pavorosa

mutilação do corpo da velha senhora; essas considerações, juntamente com as que acabo de mencionar, e outras a que não é necessário fazer menção, bastaram para paralisar as autoridades, deixando completamente às escuras seu tão propalado acume. A polícia caiu no erro grosseiro, mas comum de confundir o insólito com o abstruso. Mas é nesses desvios do plano do ordinário que a razão encontra seu caminho, se é que o encontra, na busca da verdade. Em investigações tais como as que empreendemos agora, não deve tanto ser perguntado *o que ocorreu* mas *o que ocorreu que nunca ocorreu antes*. Na verdade, a facilidade com que chegarei, ou cheguei, à solução desse mistério está em proporção direta com sua aparente insolubilidade aos olhos da polícia.”

Encarei o meu colega, mudo de espanto.

“Estou à espera”, prosseguiu ele, olhando para a porta de nosso apartamento – “estou à espera de uma pessoa que, embora talvez não o perpetrador dessa carnificina, deve em certa medida ter tido algum envolvimento em sua perpetração. Da pior parte dos crimes cometidos, é provável que seja inocente. Espero estar correto nessa suposição; pois é nisso que baseei minha expectativa de deslindar todo o enigma. Aguardo esse homem aqui – nesta sala – a qualquer momento. É verdade que pode não aparecer; mas a probabilidade é de que o faça. Caso venha, será necessário detê-lo. Eis aqui umas pistolas; e ambos sabemos como usá-las, quando a ocasião assim o exige.”

Tomei as pistolas, mal sabendo o que fazia, ou tampouco acreditando no que escutava, enquanto Dupin prosseguia, muito à maneira de um solilóquio. Já tive oportunidade de comentar seus modos abstraídos em momentos assim. O seu discurso era endereçado à minha pessoa; mas a sua voz, embora de modo algum elevada, exibia essa entonação que é comumente empregue ao falar-se com alguém que está a grande distância. Os seus olhos, com expressão vazia, fitavam apenas a parede.

“Que as vozes ouvidas em alteração”, disse, “pelo grupo que subia as escadas não pertenciam às próprias mulheres ficou plenamente provado pelas evidências do caso. Isso afasta qualquer dúvida quanto à questão de saber se a velha senhora poderia primeiro ter dado cabo da filha e em seguida cometido suicídio. Menciono esse ponto puramente em nome do método; pois a força de Madame L'Espanaye teria sido

absolutamente insuficiente para a tarefa de enfiar o corpo da filha na chaminé, tal como foi encontrado; e a natureza dos ferimentos sobre a sua pessoa impossibilita totalmente a ideia de suicídio. O assassinato, então, foi cometido por uma terceira parte; e as vozes dessa terceira parte eram as que se escutaram em altercação. Deixe-me adverti-lo agora – não sobre todos os depoimentos no que diz respeito às vozes – mas no que havia de peculiar acerca dos depoimentos. Observou alguma coisa peculiar acerca deles?”

Comentei que embora todas as testemunhas concordassem em supor que a voz rouca pertencia a um francês, havia grande discordância acerca da voz aguda, ou, como um indivíduo a chamou, dissonante.

“Isso são os próprios testemunhos”, disse Dupin, “mas não a peculiaridade dos testemunhos. Você não observou nada característico. Contudo, havia algo a ser observado. As testemunhas, como afirma, concordaram quanto à voz rouca; nesse ponto foram unânimes. Mas em respeito à voz aguda, a peculiaridade não é o facto de discordarem, mas que um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês e um francês, em sua tentativa de descrevê-la, falassem cada um como sendo de um estrangeiro. Cada um deles tem certeza de que não é a voz de um conterrâneo. Cada um a relaciona não à voz de um indivíduo de alguma nação de cuja língua ele próprio seja falante, muito pelo contrário. O francês supõe que é a voz de um espanhol, e que talvez pudesse ter distinguido algumas palavras, caso tivesse alguma familiaridade com o espanhol. O holandês sustenta que pertencia a um francês; mas, conforme lemos, por não compreender francês, a testemunha foi inquirida mediante um intérprete. O inglês crê que a voz era de um alemão, mas não conhece alemão. O espanhol *tem certeza* de que pertencia a um inglês, mas *julga pela entonação* e nada mais, uma vez que não compreende nada do inglês. O italiano acredita que é a voz de um russo, mas *nunca conversou com alguém natural da Rússia*. Um segundo francês, além do mais, diverge do primeiro, e afirma que a voz pertencia a um italiano; mas, por não conhecer essa língua, foi, como o espanhol, *convencido pela entonação*. Ora, quão estranhamente insólita devia ser de facto essa voz para que depoimentos como esses pudessem ser colhidos! – em cujos tons, até, cidadãos das cinco grandes divisões da Europa não puderam reconhecer nada familiar! Dir-se-ia que pode ter sido a voz de um asiático – de um africano. Nem asiáticos nem

africanos abundam em Paris; mas, sem negar a inferência, chamarei a sua atenção agora para três pontos. A voz é descrita por uma das testemunhas como *não tão aguda, mais para dissonante*. É caracterizada por outras duas como falando de *modo apressado e irregular*. Palavra alguma – som algum que se assemelhasse a palavras – foi mencionada pelas testemunhas como discernível.

“Não sei dizer”, continuou Dupin, “que impressão posso ter causado, até aqui, em seu próprio entendimento; mas não hesito em afirmar que deduções legítimas até mesmo dessa parte dos depoimentos – a parte respeitante às vozes rouca e aguda – são por si mesmas suficientes para engendrar uma suspeita capaz de orientar todo o posterior progresso da investigação desse mistério. Disse *deduções legítimas*; mas o que quis comunicar não ficou plenamente expresso. Minha intenção foi sugerir que as deduções são as únicas apropriadas e que a suspeita brota inevitavelmente delas como o resultado isolado. Qual seja essa suspeita, entretanto, ainda não vou dizer. Apenas quero que tenha em mente que, quanto a mim, foi suficientemente poderosa para dar uma forma definitiva – uma determinada tendência – às minhas investigações no aposento.

“Transportemo-nos, na imaginação, para o quarto. Qual a primeira coisa que buscaremos ali? Os meios de egressão empregados pelos assassinos. Vale dizer que nenhum de nós acredita em eventos sobrenaturais. Madame e Mademoiselle L'Espanaye não foram mortas por espíritos. Os perpetradores desse crime eram feitos de matéria, e escaparam materialmente. Então, como? Felizmente, não há senão um único modo de raciocinar sobre esse ponto, e esse modo deve nos conduzir a uma decisão perentória. – Vamos examinar, um a um, os possíveis meios de fuga. Está claro que os assassinos estavam no quarto onde Mademoiselle L'Espanaye foi encontrada, ou pelo menos no quarto adjacente, quando o grupo subiu as escadas. É desse modo apenas nesses dois cômodos que devemos buscar uma rota de evasão. A polícia arrancou as tábuas do soalho, os forros do teto e a alvenaria das paredes em todas as direções. Nenhuma saída secreta poderia ter escapado a sua vigilância. Mas, não confiando nos olhos deles, procedi a um exame com os meus. Não havia, então, nenhuma saída secreta. As duas portas dos quartos que davam para o corredor estavam devidamente trancadas, com as chaves do lado de dentro. Voltemos às

chaminés. Estas, embora da costumeira altura de uns dez metros, mais ou menos, acima das lareiras, não admitirão, em toda a sua extensão, o corpo de um gato grande. A impossibilidade de fugir, pelos meios já indicados, sendo desse modo absoluta, ficamos restritos às janelas. Por aquelas do quarto da frente ninguém poderia ter escapado sem ser visto pela multidão na rua. Os criminosos devem ter passado, então, por uma das janelas do quarto nos fundos. Ora, tendo chegado a essa conclusão de uma maneira tão inequívoca como chegamos, não nos cabe, como homens de raciocínio que somos, rejeitá-la por conta de aparentes impossibilidades. Só nos resta provar que essas aparentes 'impossibilidades' não são, na realidade, nada do género.

“Há duas janelas nesse quarto. Uma está desimpedida de qualquer mobília, e inteiramente visível. A parte inferior da outra está obstruída pela cabeceira de uma pesada cama que foi empurrada contra ela. Como se verificou, a primeira foi fortemente trancada por dentro. Resistiu aos mais enérgicos esforços de todos que tentaram erguê-la. Um grande buraco feito com uma verruma fora aberto em sua madeira do lado esquerdo e, como se viu, um prego muito grosso enfiado ali dentro, praticamente até a cabeça. Ao se examinar a outra janela, um prego similar foi encontrado; e vigorosas tentativas de erguer o caixilho desta também fracassaram. A polícia se deu então inteiramente por satisfeita de que a fuga não ocorrera por nenhuma dessas rotas. E, logo, julgou-se uma questão de excesso de zelo retirar os pregos e abrir as janelas.

“Minha própria investigação foi de certo modo mais minuciosa, pelo motivo recém exposto – pois ali estava, eu sabia, uma dessas ocasiões em que se devia provar que todas as aparentes impossibilidades, na realidade, não são nada do género.

“Proseguí então em meu raciocínio – *a posteriori*. Os assassinos escaparam por uma dessas janelas. Tal se dando, não poderiam ter voltado a travar os caixilhos, pois que foram assim encontrados; – consideração que pôs um ponto final, devido a sua obviedade, ao exame da polícia nesse aposento. Contudo, os caixilhos estavam travados. Eles deviam, então, ter a capacidade de se travar sozinhos. Não há como furtar-se a essa conclusão. Aproximei-me do batente desobstruído, retirei o prego com alguma dificuldade e tentei abrir a janela. A guilhotina resistiu a todos os meus esforços, como previra. Uma mola oculta, eu percebia agora, devia existir; e a corroboração de minha ideia

convenceu-me de que minhas premissas, ao menos, estavam corretas, por mais misteriosas que ainda parecessem as circunstâncias envolvendo os pregos. Uma busca cuidadosa logo trouxe à luz a mola oculta. Pressionei-a e, satisfeito com a descoberta, abster-me de erguer o caixilho.

“Então voltei a enfiar o prego no lugar e observei-o atentamente. Uma pessoa que passasse por aquela janela poderia tê-la fechado, e a mola a teria travado – mas o prego não poderia ter sido novamente inserido. A conclusão era clara, e mais uma vez restringiu o campo de minhas investigações. Os assassinos deviam ter escapado pela outra janela. Supondo, então, que os mecanismos em ambos os caixilhos fossem iguais, como era provável, uma diferença devia ser encontrada entre os pregos ou, pelo menos, no modo como haviam sido fixados. Subindo no enxergão da cama, olhei por cima da cabeceira e examinei minuciosamente o segundo batente. Passando a mão por trás da cabeceira, descobri e pressionei prontamente a mola, que era, como eu presumira, de caráter idêntico à outra. Então examinei o prego. Era tão grosso quanto o outro e, aparentemente, fixo da mesma maneira – enfiado quase até a cabeça.

“Dirá você que isso me deixou desnorteado; mas, se pensa assim, deve ter compreendido mal a natureza das deduções. Para usar uma expressão pitoresca, eu não ficara 'às escuras' em momento algum. Não perderei o rastro sequer por um instante. Não havia falha em nenhum elo da cadeia. Eu farejara o segredo até ao seu resultado final – e esse resultado era o prego. Tinha, repito, em todos os aspetos, a aparência do seu semelhante na outra janela; mas esse facto foi de uma absoluta insignificância (por mais conclusivo que possa parecer) quando comparado à consideração de que ali, nesse ponto, terminava a trilha. *Deve haver alguma coisa errada nesse prego*, falei. Toquei-o; e a cabeça, com cerca de seis milímetros da espiga, saiu entre meus dedos. O restante da espiga permaneceu no buraco de verruma, onde havia se quebrado. A fratura era antiga (pois as extremidades exibiam uma crosta de ferrugem) e fora aparentemente provocada por uma martelada, que havia cravado parcialmente, no alto do caixilho inferior, a parte do prego com a cabeça. Eu então voltei a encaixar cuidadosamente essa parte do prego com a cabeça no furo de onde ela havia saído e a semelhança com um prego perfeito era completa – a fissura era

invisível. Pressionando a mola, ergui o caixilho suavemente algumas polegadas; a cabeça subiu junto, permanecendo firme em seu lugar. Fechei a janela, e a aparência de um prego inteiro era perfeita outra vez.

“O enigma, até ali, estava desvendado. O assassino escapara pela janela que ficava acima da cama. Fechando sozinha após a sua fuga (ou talvez tendo sido intencionalmente fechada), ela fora travada pela ação do mecanismo; e foi a fixação por meio dessa mola que a polícia tomou equivocadamente pela do prego – considerando, portanto, desnecessário proceder a mais investigações.

“A questão seguinte é a do modo da descida. Acerca desse ponto, dei-me por satisfeito com minha caminhada em torno do prédio. A pouco mais de um metro e meio da janela em questão ergue-se um para-raios. De sua haste teria sido impossível para qualquer pessoa chegar à janela, quanto mais entrar por ela. Observei, entretanto, que as folhas das janelas no quarto andar eram de um tipo peculiar que os marceneiros parisienses chamam de *ferrades* – um tipo raramente empregado nos dias de hoje, mas frequentemente visto em antigas mansões de *Lyons* e *Bordeaux*. Elas são na forma de uma porta comum (simples, e não dobrável), excetuando que a parte superior é entalhada ou trabalhada com um padrão de treliças vazadas – proporcionando desse modo um excelente ponto de apoio para as mãos. No presente caso, as folhas têm um metro de largura. Quando as vimos dos fundos da casa, estavam ambas parcialmente abertas – ou seja, ficavam em um ângulo reto com a parede. Muito provavelmente a polícia, assim como eu, examinou os fundos do prédio; mas, se o fez, ao olhar para essas *ferrades* em toda a sua largura (como deve ter feito), eles não perceberam como esta era ampla ou, em todo o caso, deixaram de levar o facto em devida consideração. Na verdade, uma vez tendo se convencido de que nenhuma fuga podia ter sido empreendida por ali, naturalmente concederam ao ponto um exame assaz superficial. Ficou claro para mim, entretanto, que a folha da janela acima da cama ficaria, se aberta até o fim, rente à parede, a pouco mais de meio metro da haste do para-raios. Ficou também evidente que, exigindo um grau bastante incomum de presteza e coragem, a penetração pela janela, a partir do para-raios, podia desse modo ter sido efetuada. – Esticando o braço pela distância de uns setenta e cinco centímetros (supondo agora que a janela está aberta ao máximo), um ladrão poderia agarrar com firmeza o

padrão de treliça. Soltando-se, então, do para-raios, apoiando o pé com firmeza na parede e dando um audacioso salto em seguida, pode ter balançado com a folha de modo a fechá-la e, se imaginarmos que a janela estava nesse momento aberta, pode ter até mesmo se balançado para dentro do quarto.

“Quero que tenha particularmente em mente que falo de um grau bastante incomum de presteza como sendo exigido para o sucesso num feito tão arriscado e difícil. É minha intenção lhe mostrar, primeiro, que a coisa pode possivelmente ter sido realizada: – mas, em segundo, e mais importante, desejo inculcar em seu entendimento o caráter deveras extraordinário – o caráter quase sobrenatural dessa agilidade capaz de tê-lo executado.

“Dirá você, sem dúvida, usando o linguajar do direito, que, para 'provar meu caso', eu deveria antes negligenciar, que enfatizar, uma plena apreciação da presteza exigida nessa situação. Essa talvez seja a prática legal, mas não é desse modo que procede a razão. Meu objetivo último é a verdade. Meu propósito imediato é levá-lo a efetuar uma justaposição dessa presteza bastante incomum de que falei há pouco com aquela voz aguda (ou dissonante) muito peculiar e irregular, acerca de cuja nacionalidade não houve duas pessoas capazes de concordar, e em cuja pronúncia nenhuma sílaba pôde ser detetada.”

Ao ouvir essas palavras, uma ideia vaga e ainda não formada do que Dupin queria dizer perpassou minha mente. Eu parecia à beira da compreensão sem a capacidade de compreender – como às vezes se acham os homens, prestes a lembrar, sem serem capazes, no fim, de trazer o dado à lembrança. Meu amigo prosseguiu em seu raciocínio.

“Verá”, disse, “que mudei a questão do método de evasão para o de invasão. Foi meu intento sugerir a ideia de que ambas se efetuaram da mesma maneira, no mesmo ponto. Voltemos agora ao interior do aposento. Inspeccionemos o que se apresenta ali. As gavetas do bureau, conforme informado, haviam sido vasculhadas, embora muitas peças de roupa continuassem dentro. A conclusão aqui é absurda. É mera conjectura – e das mais tolas – nada além disso. Como podemos saber que as peças encontradas nas gavetas não eram tudo que essas gavetas continham originalmente? Madame L'Espanaye e sua filha viviam uma vida excecionalmente retirada – nunca recebiam visita – raramente saíam – tinham pouco uso para artigos de vestuário em grande número.

Os que se encontraram eram de qualidade no mínimo tão boa quanto qualquer peça que as damas pudessem ter possuído. Se um ladrão levara alguma, por que não levou as melhores – por que não levou tudo? Numa palavra, por que abandonou ele quatro mil francos em ouro para sair carregado de artigos de linho? O ouro foi abandonado. Quase a quantia total mencionada por Monsieur Mignaud, o banqueiro, foi encontrada, em sacolas, no chão. Desejo que você, por conseguinte, descarte de seus pensamentos a ideia precipitada de um motivo, engendrada na cabeça da polícia por aquela parte dos depoimentos que fala do dinheiro entregue na porta da casa. Coincidências dez vezes tão notáveis quanto essa (a entrega do dinheiro e o assassinato cometido três dias após seu recebimento) acontecem connosco a todo o instante de nossas vidas sem que isso atraia atenção sequer momentânea. Coincidências, de modo geral, são o grande obstáculo no caminho dessa classe de pensadores educados no mais completo desconhecimento da teoria das probabilidades – essa teoria à qual os mais gloriosos objetos de pesquisa humana devem suas mais gloriosas elucidações. No presente caso, houvesse o ouro desaparecido, o facto de ter sido entregue três dias antes teria constituído algo mais do que uma coincidência. Teria sido uma corroboração dessa ideia de motivo. Mas, sob as reais circunstâncias do caso, se supusermos o ouro como a motivação dessa barbaridade, devemos também imaginar seu perpetrador sendo um idiota de tal forma vacilante a ponto de ter abandonado completamente tanto o ouro como o motivo.

“Conservando agora em mente de modo firme os pontos para os quais chamei a sua atenção – a voz peculiar, a agilidade incomum e a espantosa ausência de motivo em um assassinato tão singularmente atroz como esse –, atentemos para a carnificina em si. Eis a mulher morta por estrangulamento à força das mãos e enfiada numa chaminé de cabeça para baixo. Homicidas ordinários jamais empregam métodos de assassínio como esse. Muito menos fazem tal coisa com o corpo da vítima. Na maneira de enfiar o cadáver pela chaminé deve você admitir que há algo de excessivamente *outré* – algo completamente incompatível com nossas noções comuns de atos humanos, até mesmo quando supomos seus autores os mais depravados dos homens. Pense, ainda, quão grande deve ter sido essa força capaz de empurrar o corpo

por uma tal abertura de um modo tão poderoso que o esforço conjunto de diversos braços, como se viu, quase não bastou para tirá-lo dali!

“Atente agora para outros indícios do emprego de uma força assim portentosa. Na lareira havia mechas grossas – mechas muito grossas – de cabelos grisalhos. Haviam sido arrancados pela raiz. Sabe você perfeitamente da grande força necessária para arrancar desse modo da cabeça até mesmo vinte ou trinta fios de cabelo juntos. Viu os cachos em questão tão bem quanto eu próprio. Suas raízes (que visão hedionda!) exibiam grumos sanguinolentos com pedaços de carne do couro cabeludo – sem dúvida evidência da força prodigiosa empreendida para extirpar talvez meio milhão de fios de uma só vez. A garganta da velha senhora não estava simplesmente cortada, mas a cabeça fora seccionada por completo do corpo: o instrumento, uma mera navalha. Quero que olhe também para a ferocidade brutal desses atos. Dos hematomas sobre o corpo de Madame L'Espanaye nada direi. Monsieur Dumas, e seu digno ajudante, Monsieur Étienne, afirmaram que foram infligidos por algum instrumento obtuso; e até aí esses senhores estão corretos. O instrumento obtuso foi claramente o piso de pedra do pátio, sobre o qual a vítima caíra da janela que fica acima da cama. Essa ideia, por mais simples que agora possa parecer, escapou à polícia pelo mesmo motivo que a largura das folhas de janela lhes escapou – porque, com o negócio dos pregos, suas perceções ficaram hermeticamente fechadas contra a mera possibilidade de as janelas terem sido abertas.

“Se agora, além de todas essas coisas, você refletir adequadamente sobre a esquisita desordem do quarto, teremos chegado ao ponto de combinar as ideias de agilidade surpreendente, força sobre-humana, ferocidade brutal, carnificina sem motivo, uma *grotesquerie* cujo horror é absolutamente discrepante com a natureza humana e uma voz cuja entonação pareceu estrangeira aos ouvidos de homens de várias nacionalidades, bem como destituída de qualquer articulação distinta ou inteligível. Que resultado, então, se segue? Que impressão causei sobre sua imaginação?”

Senti um arrepio na carne quando Dupin me fez a pergunta. “Um louco”, afirmei, “cometeu esse ato – algum maníaco desvairado fugido de uma *maison de santé* (hospital) dos arredores.”

“Em alguns aspetos”, respondeu, “sua ideia não é irrelevante. Mas as vozes dos loucos, mesmo no paroxismo mais descontrolado, jamais se comparam a essa voz peculiar que foi escutada das escadas. Loucos, mas alguma nacionalidade hão de ter, e a sua língua, por mais incoerentes que sejam suas palavras, sempre guarda a coerência da silabação. Além do mais, os cabelos de um louco não se parecem em nada com isso que tenho em minha mão. Soltei esse pequeno tufo dos dedos rigidamente fechados de Madame L'Espanaye. Diga-me o que acha disto.”

“Dupin!”, disse eu, muito agitado; “este cabelo é a coisa mais incomum – isto não é cabelo humano.”

“Não afirmei que fosse”, disse ele; “mas, antes de decidirmos esse ponto, quero que dê uma olhada no pequeno esboço que rabisquei sobre este papel. É um desenho fac-simile do que foi descrito em uma parte dos depoimentos como *negros hematomas e marcas profundas de unhas* na garganta de Mademoiselle L'Espanaye e, em outra (pelos messieurs Dumas e Étienne), como uma 'série de manchas lívidas, evidentemente marcas de dedos'.

“Perceberá”, prosseguiu meu amigo, abrindo o papel sobre a mesa diante de nós, “que o desenho dá uma ideia de preensão firme e fixa. Não há sinal aparente de dedos escorregando. Cada dedo se manteve – possivelmente até a morte da vítima – terrivelmente agarrado ao ponto original. Experimente agora colocar todos os seus dedos, ao mesmo tempo, nas respetivas marcas, tal como vê.”

Fiz a tentativa, em vão.

“Nós, possivelmente, não estamos procedendo a um julgamento legítimo dessa questão”, disse. “O papel está aberto sobre uma superfície plana; mas a garganta humana é cilíndrica. Eis aqui uma acha de lenha, cuja circunferência é aproximadamente a de uma garganta. Enrole o desenho em torno dela e tente a experiência mais uma vez.”

Fiz como instruído; mas a dificuldade ficou ainda mais óbvia do que antes. “Isso”, disse eu, “não é marca de nenhuma mão humana.”

“Leia agora”, replicou Dupin, “esta passagem de Cuvier.”

Era um relato com minúcias anatômicas e descrições gerais a respeito do grande orangotango fulvo das ilhas indonésias. A estatura gigantesca, a força e agilidade prodigiosas, a ferocidade selvagem e as propensões imitativas desses mamíferos são suficientemente bem

conhecidas de todos. Compreendi plenamente e na mesma hora os horrores dos assassinatos.

“A descrição dos dedos”, disse eu, ao terminar de ler, “está exatamente de acordo com o desenho. Percebo que nenhum outro animal além de um orangotango da espécie aqui mencionada poderia ter deixado marcas como as que rabiscou. Este tufo de pelo marrom avermelhado, também, é idêntico em caráter ao da fera de Cuvier. Mas não consigo conceber de modo algum os detalhes desse pavoroso mistério. Além do mais, foram duas as vozes ouvidas em alteração, e uma delas era inquestionavelmente a de um francês.

“De facto; e você há de lembrar uma expressão atribuída quase que de forma unânime, pelos depoimentos, a essa voz – a expressão *mon Dieu!*. Isso, sob as circunstâncias, foi legitimamente caracterizado por uma das testemunhas (Montani, o confeiteiro) como uma exclamação de advertência ou protesto. Sobre essas duas palavras, portanto, ergui minhas principais esperanças de solucionar plenamente o enigma. Um francês tinha conhecimento do crime. É possível – na verdade, mais do que provável – que seja inocente de qualquer participação nos sangrentos acontecimentos que ali tiveram lugar. O orangotango talvez tenha lhe escapado. Pode ter acontecido de tê-lo seguido até o aposento; porém, sob as perturbadoras circunstâncias que se sucederam, talvez nunca o tenha recapturado. O animal continua à solta. Não vou prosseguir nessas conjeturas – pois nenhum direito tenho de reputá-las nada além disso –, uma vez que os vestígios de reflexão sobre os quais se assentam mal exibem profundidade suficiente para serem apreciados por meu próprio intelecto, e desse modo eu não poderia torná-las inteligíveis para a compreensão alheia. Vamos chamá-las, portanto, de conjeturas, e seguir nos referindo a elas como tal. Se o francês em questão é, de facto, como suponho, inocente dessas atrocidades, este anúncio, que deixei ontem à noite, quando voltávamos para casa, na redação do *Le Monde* (um jornal voltado a assuntos mercantis e muito procurado pelos marinheiros), o trará até nossa residência.” Estendeu-me um papel, que assim dizia:

CAPTURADO – No Bois de Boulogne, hoje cedo pela manhã do corrente (a manhã dos assassinatos), um enorme orangotango fulvo da espécie de Bornéu. Seu dono (que se averiguou ser um marinheiro pertencente a uma embarcação maltesa) poderá reaver o animal

identificando-se de forma satisfatória e pagando algumas despesas devidas a sua captura e cuidados. Procurar o no ..., Rue ..., Faubourg St. Germain – terceiro andar.

“Como foi possível”, perguntei, “saber que o homem é um marinheiro e pertence a uma embarcação maltesa?”

“Não sei de facto”, disse Dupin. “Não tenho certeza disso. Aqui está, porém, um pequeno pedaço de fita que, pela forma, e pelo aspeto encardido, tem sido evidentemente usada para amarrar o cabelo numa dessas longas *queues* (filas) tão ao gosto dos marujos. Além do mais, esse nó é um que poucos senão marinheiros conseguem dar, e é peculiar aos malteses. Encontrei a fita ao pé da haste do para-raios. Não podia ter pertencido a nenhuma das vítimas. Bem, e se, afinal de contas, erro em deduzir por essa fita que o francês era um marinheiro pertencente a uma embarcação maltesa, ainda assim nenhum mal causei dizendo o que disse no anúncio. Se me equivoque, o sujeito irá meramente a supor que me deixei iludir por alguma circunstância sobre a qual não se dará o trabalho de indagar. Mas, se estiver correto, um grande objetivo terá sido conquistado. Sabedor, ainda que inocente, do assassinato, o francês naturalmente hesitará em responder ao anúncio – em reclamar o orangotango. Ele assim raciocinará: – *Sou inocente; sou pobre; meu orangotango vale muito – para alguém em minhas condições, uma verdadeira fortuna – por que deveria perdê-lo com essas fúteis apreensões de perigo?* Ei-lo aqui, ao meu alcance. Foi encontrado no Bois de Boulogne – a uma enorme distância da cena da carnificina. Como se suspeitará que uma fera bruta possa ter realizado tal coisa? A polícia está às escuras – fracassaram em encontrar a mais leve pista. Mas, caso conseguissem rastrear o animal, seria impossível provar que tenho conhecimento do crime, ou imputar-me culpa por conta desse conhecimento. E, além do mais, já se sabe de minha pessoa. O anunciante se refere a mim como dono da criatura. Não tenho certeza sobre até onde vão suas informações. Caso deixe de reclamar uma propriedade de tão grande valor, que é sabido que possuo, corro o risco de levantar suspeitas, ao menos sobre o animal. Não é prudente de minha parte atrair a atenção seja sobre mim, seja sobre a fera. Vou atender ao anúncio, recuperar o orangotango e mantê-lo preso até o assunto ter esfriado.” Nesse momento, escutamos passos nas escadas.

“Fique a postos”, disse Dupin, “com as suas pistolas, mas sem usá-las nem as mostrar até que eu dê algum sinal.”

A porta de entrada da casa fora deixada aberta e o visitante entrara, sem tocar a campainha, e já avançara vários degraus pela escada. Agora, porém, parecia hesitar. Pouco depois, nós o escutamos descendo. Dupin se dirigia rapidamente à porta quando novamente ouvimos que subia. Ele não deu meia-volta uma segunda vez, mas avançou com determinação e bateu na porta de nosso gabinete.

“Entre”, disse Dupin, em um tom alegre e cordial.

Um homem entrou. Era um marinheiro, evidentemente – um sujeito alto, robusto e musculoso, com um quê de valentia no semblante, não inteiramente destituído de distinção. Mais da metade de seu rosto muito bronzeado ocultava-se sob as suíças e um bigode. Portava um enorme bordão de carvalho, mas parecia, de resto, desarmado. Fez uma desajeitada medida e dirigiu-nos um “boa tarde” com sotaque francês que, embora ligeiramente tirante ao suíço de Neuchâtel, ainda assim era suficientemente indicativo de uma origem parisiense.

“Sente, meu amigo”, disse Dupin. “Presumo que esteja aqui por causa do orangotango. Palavra de honra, quase chego a invejá-lo por sua posse; um animal sumamente belo e, sem dúvida, muito valioso. Que idade presume que tenha?”

O marinheiro respirou fundo, com a aparência de um homem aliviado de algum intolerável fardo, e então respondeu, em tom confiante:

“Não é possível dizer – mas não pode ter mais de quatro ou cinco anos de idade. – Estão com ele aqui?”

“Oh, não; não contávamos com instalações para mantê-lo aqui. Ele está num estábulo de aluguer na Rue Dubourg, aqui perto. Pode buscá-lo pela manhã. Claro que está preparado para identificar sua propriedade?”

“Certamente que estou, senhor.”

“Lamentarei separar-me dele”, disse Dupin.

“Não é minha intenção que tenha tido todo esse trabalho por nada, senhor”, disse o homem. “Não poderia esperar tal coisa. Estou inteiramente disposto a pagar uma recompensa por ter encontrado o animal – quer dizer, qualquer coisa dentro do razoável.”

“Bom”, respondeu meu amigo, “isso tudo é muito justo, com certeza. Deixe-me pensar! – quanto devo pedir? Ah! Já lhe digo. Minha recompensa será a seguinte. Quero que me forneça todas as informações em seu poder acerca dos assassinatos na Rue Morgue.”

Dupin disse essas últimas palavras em um tom muito baixo, e muito tranquilamente. Tão tranquilamente quanto, também, andou na direção da porta, trancou-a e enfiou a chave em seu bolso. Depois ele puxou a pistola de seu peitilho e a pôs, sem a mínima agitação, sobre a mesa.

O rosto do marinheiro ficou vermelho como se lutasse para não sufocar. Levantou-se de repente e agarrou o seu bordão; mas, no momento seguinte, desabou novamente na sua cadeira, tremendo violentamente, e com o semblante da própria morte. Não disse uma palavra.

Apiedei-me dele do fundo de meu coração.

“Meu amigo”, disse Dupin, num tom bondoso, “está a alarmar-se desnecessariamente – de facto está. Não pretendemos fazer-lhe mal algum. Dou minha palavra de cavalheiro, e de francês, que não temos a menor intenção de prejudicá-lo. Sei perfeitamente bem que é inocente das atrocidades na Rue Morgue. Entretanto, de nada adianta negar que está em certa medida implicado nelas. Pelo que já afirmei, deve saber que tenho tido meios de me informar acerca desse episódio – meios sobre os quais jamais sonharia. Agora a coisa está nesse pé. O senhor não fez nada que pudesse ter evitado – nada, decerto, que o torne culpável. Não é sequer culpado de roubo, quando poderia ter roubado impunemente. Não tem o que esconder. Nenhum motivo para se esconder. Por outro lado, está obrigado, segundo todos os princípios da honra, a confessar tudo que sabe. Um homem inocente acha-se preso neste momento, acusado do crime cujo perpetrador está em suas mãos apontar.”

O marinheiro havia recobrado a presença de espírito, em grande medida, conforme Dupin pronunciava essas palavras; mas a sua atitude original de audácia se fora completamente.

“Que Deus me ajude”, disse ele, após breve pausa, “vou mesmo lhes contar tudo que sei acerca desse negócio; – mas não espero que acreditem na metade do que direi – eu seria um tolo de facto se

esperasse. Mesmo assim, sou inocente, e vou me abrir inteiramente, ainda que isso me custe a vida.”

O que ele afirmou foi, substancialmente, o seguinte. Havia recentemente empreendido uma viagem ao arquipélago indonésio. Um grupo do qual ele tomava parte desembarcou em Bornéu e saiu numa expedição pelo interior da ilha, a passeio. Ele e um colega haviam capturado o orangotango. Com a morte do amigo, o animal passou a sua posse exclusiva. Depois de grande transtorno, ocasionado pela intratável ferocidade de seu cativo durante a viagem de volta, ele por fim conseguiu alojá-lo a salvo na sua própria residência, em Paris, onde, para não atrair sobre si a incômoda curiosidade de seus vizinhos, manteve-o cuidadosamente isolado, até que se curasse de um ferimento no pé, sofrido com uma lasca de madeira, a bordo do navio. O seu objetivo era vendê-lo.

Voltando para casa após uma farra de marinheiros certa noite, ou, melhor dizendo, na manhã dos assassinatos, deu com a criatura a ocupar o seu próprio quarto, que invadira por um closet contíguo, onde estivera, assim ele pensara, seguramente confinado. Navalha na mão, e devidamente ensaboado, o animal sentava diante do espelho, ensaiando a operação de se barbear, na qual sem dúvida observara o seu dono pelo buraco da fechadura no closet. Aterrorizado com a visão de arma tão perigosa na posse de um animal tão feroz, e tão bem capacitado a usá-la, o homem, por alguns momentos, ficou perdido quanto ao que fazer. Havia-se acostumado, entretanto, a acalmar a criatura, mesmo nos momentos em que se mostrava mais furiosa, com o uso de um chicote, e então lançou mão disso. Ao ver o instrumento, o orangotango disparou imediatamente pela porta do quarto, desceu as escadas e dali, por uma janela, desgraçadamente aberta, alcançou a rua.

O francês seguiu-o em desespero; o macaco, com a navalha ainda na mão, ocasionalmente parava a fim de olhar para trás e gesticular para o seu perseguidor, até este quase o alcançar. Depois disparava outra vez. Desse modo a caçada prosseguiu por um longo tempo. As ruas estavam profundamente tranquilas, sendo cerca de três da manhã. Ao passar por uma viela atrás da Rue Morgue, a atenção do fugitivo foi atraída por uma luz brilhando na janela aberta do aposento de Madame L'Espanaye, no quarto andar da casa. Indo na direção do prédio, percebeu o para-raios, trepou na haste com incrível agilidade, agarrou a folha da janela,

que estava aberta ao máximo, rente à parede, e, por seu intermédio, balançou-se diretamente sobre a cabeceira da cama. A proeza toda não ocupou um minuto. Com o coice do orangotango ao entrar no quarto, a folha da janela voltou a se abrir.

O marinheiro, entrementes, ficou ao mesmo tempo exultante e confuso. Tinha fortes esperanças de recapturar a criatura, agora, já que dificilmente escaparia da armadilha em que se metera a não ser pelo para-raios, onde podia ser intercetado ao descer. Por outro lado, havia grandes motivos de inquietação quanto ao que o animal podia fazer dentro da casa. Este último pensamento redobrou o empenho do homem na perseguição do fugitivo. Uma haste de para-raios pode ser escalada sem dificuldade, especialmente por um marinheiro; mas, uma vez tendo chegado na altura da janela, que ficava muito longe a sua esquerda, seu avanço foi interrompido; o máximo que podia fazer era se esticar de modo a obter alguma visão do interior do aposento. E a cena que presenciou quase o fez perder o apoio e cair, tal seu horror. Foi nesse instante que se elevaram na noite os hediondos gritos que tiraram de seu sono os moradores da Rue Morgue. Madame L'Espanaye e sua filha, em roupas de dormir, aparentemente ocupavam-se de arrumar alguns papéis no cofre de ferro já mencionado, que haviam puxado para o meio do quarto. Ele estava aberto, e o conteúdo jazia ao lado, no soalho. As vítimas deviam estar de costas para a janela; e, pelo tempo transcorrido entre a invasão do animal e os gritos, parece provável que sua presença não fora notada de imediato.

A batida da janela teria naturalmente sido atribuída ao vento.

Quando o marinheiro olhou ali dentro, o gigantesco animal havia agarrado Madame L'Espanaye pelo cabelo (que estava solto, pois que o estivera penteando) e executava floreios com a navalha diante de seu rosto, imitando os movimentos de um barbeiro. A filha jazia prostrada e imóvel; desmaiara. Os gritos e debatidas da velha senhora (durante os quais os cabelos foram-lhe arrancados da cabeça) tiveram por efeito mudar os propósitos provavelmente pacíficos do orangotango num ataque de fúria. Com um puxão determinado do braço musculoso quase arrancou a sua cabeça do corpo. A visão do sangue inflamou a sua ira ao ponto do frenesi. Rilhando os dentes, e com os olhos dardejando, ele pulou sobre o corpo da garota e cravou as temíveis garras em sua garganta, mantendo o aperto até que expirasse. Seu olhar esgazeado e

enlouquecido dirigiu-se nesse momento à cabeceira da cama, acima da qual se podia ver o rosto de seu dono, rígido de horror. A fúria do animal, que sem dúvida trazia ainda na lembrança o temido chicote, converteu-se instantaneamente em medo. Consciente de merecer punição, pareceu desejoso de ocultar seus feitos sanguinários, e saiu pulando pelo quarto numa agonia de agitação nervosa; derrubando e quebrando a mobília conforme se movimentava, e arrastando o colchão para fora da cama. Por fim, agarrou primeiro o cadáver da filha, e enfiou-o na chaminé, tal como foi encontrado; depois o da velha senhora, que atirou na mesma hora pela janela, de cabeça.

Quando o macaco se aproximava da janela com seu fardo mutilado, o marinheiro encolheu-se horrorizado no para-raios e, mais deslizando do que descendo, disparou imediatamente para casa – temeroso das consequências daquela carnificina, e de bom grado abandonando, em seu terror, qualquer consideração acerca do destino do orangotango. As palavras ouvidas pelo grupo que subia as escadas eram as exclamações de horror e medo do francês, entremeadas aos diabólicos balbucios do bruto.

Quase mais nada tenho a acrescentar. O orangotango deve ter escapado do aposento pelo para-raios pouco antes do arrombamento da porta. Deve ter fechado a janela ao passar. Foi posteriormente capturado pelo próprio dono, que obteve pelo animal uma grande quantia no Jardin des Plantes. Le Bon foi solto imediatamente, assim que relatamos as circunstâncias (com algumas observações de Dupin) no bureau do chefe de polícia. Esse funcionário, por mais que mostrasse boa disposição em relação ao meu amigo, foi incapaz de ocultar completamente sua mortificação com o rumo que os acontecimentos haviam tomado, e não pôde resistir ao gracejo de um ou dois comentários sarcásticos, no sentido de como seria melhor se cada um cuidasse da própria vida.

“Deixemos que fale”, disse Dupin, que não julgara necessário responder. “Deixemos que discursar; aliviará a sua consciência. Fico satisfeito de tê-lo derrotado em seus próprios domínios. Todavia, que tenha fracassado na solução desse mistério, não é de modo algum todo esse motivo de admiração que ele supõe, pois, na verdade, nosso amigo chefe de polícia é de certa forma astuto demais para ser profundo. A sua argúcia é toda cabeça e nenhum corpo, como as imagens da deusa

Laverna – ou, na melhor das hipóteses, toda cabeça e ombros, como um bacalhau. Mas trata-se de um bom sujeito, afinal de contas. Gosto dele sobretudo por seu golpe de mestre em dizer platitudes, mediante as quais conquistou a sua reputação de engenhosidade. Refiro-me ao modo que tem de *nier ce qui est, et d'expliquer ce qui n'est pas*.”

“Negar o que é, e explicar o que não é.”

Rousseau, Nouvelle Héloïse. (N. do A.)



O mistério de Marie Roget

(THE MYSTERY OF MARIE ROGET, 1842)

Segundo conto da Trilogia Dupin



Depois de ter ouvido o que recentemente ouvi, seria por certo estranho que eu permanecesse em silêncio a respeito do que tanto vi como ouvi já faz tempo. Após o desenlace da tragédia que envolveu a morte da L'Espanaye e a sua filha, meu amigo Dupin não prestou mais atenção ao caso e recaiu nos seus velhos hábitos de extravagantes devaneios. Sempre predisposto às abstrações, não tardei em segui-lhe o exemplo, e, continuando a ocupar nossos aposentos no Faubourg Saint Germain, abandonamos ao vento o futuro e adormecemos

tranquilamente no presente, tecendo de sonhos o mundo estúpido que nos cercava.

Mas esses sonhos não ficaram inteiramente sem interrupção. Pode-se de pronto supor que a parte desempenhada por meu amigo no drama da Rua Morgue não deixara de causar impressão na imaginação da polícia parisiense.

Entre seus agentes, o nome de Dupin tinha-se tornado familiar. Não tendo sido o simples caráter daquelas induções, por meio das quais havia ele destrinchado o mistério jamais explicado, mesmo ao Chefe de Polícia, ou a qualquer indivíduo, a não ser eu mesmo, não é de admirar, sem dúvida que o caso fosse encarado como pouco menos que miraculoso, ou que as habilidades analíticas de Dupin houvessem adquirido para ele o crédito da intuição.

Sua franqueza o teria levado a libertar qualquer perguntador de tal preconceito, mas seu temperamento indolente o impedia de quer agitação ulterior a respeito de um episódio cujo interesse de há muito cessara para ele. Por isso aconteceu que veio a tornar-se o alvo dos olhares policiais e poucos não foram os casos em que fizeram tentativas, na chefia de polícia, para que ele deles se encarregasse.

Um desses casos mais notáveis foi o do assassinato moça chamada Marie Roget. Este facto ocorreu cerca de dois anos depois do bárbaro crime da Rua Morgue. Marie, cujos nomes de batismo e de família chamaram desde pronto a atenção por sua semelhança com os da desventurada vendedora de charutos, era filha única da viúva Estela Roget. O pai morrera na infância da criança e, da ocasião da ocasião de morte até dentro de oito meses antes do assassinato que forma o assunto de nossa narrativa, mãe e filha tinham vivido juntas na Rua Pavée Saint-André, mantendo aquela uma pensão, ajudada por Marie. As coisas continuaram assim, até haver esta última atingido os vinte e dois anos, quando a sua grande beleza atraiu a atenção de um perfumista, proprietário de uma das lojas do térreo do Palais Royal, cuja clientela consistia principalmente de audaciosos aventureiros que infestavam aqueles arredores. O Sr. Blanc não duvidava das vantagens que adviriam da presença da formosa Marie em sua loja de perfumes e suas generosas propostas foram avidamente aceitas pela moça, embora com um pouco mais de hesitação da parte de sua mãe.

As previsões do lojista se realizaram e seus salões em breve se tornaram famosos, graças aos encantos da alegre *grisette* (costureirinha airosa). Encontrava-se ela no emprego havia quase um ano, quando seus admiradores ficaram aturdidos com a sua súbita desapareção da loja. O Sr. Le Blanc não soube dar explicações de tal ausência e a Sra. Roget estava quase louca de ansiedade e terror. Os jornais se apoderaram imediatamente do assunto e a polícia se aprestava a fazer sérias investigações, quando, uma bela manhã, uma semana após, Marie, de boa saúde, mas com um ar de leve tristeza, reapareceu no seu balcão habituado da perfumaria.

Toda a investigação, exceto as de caráter particular, foi, sem dúvida, imediatamente sustida. O Sr. Le Blanc mantinha a mesma ignorância anterior absoluta. A todas as perguntas que lhe faziam, Marie, bem como sua mãe, respondia que passara a semana na casa de um parente, no interior. De modo que o caso não foi adiante e em breve todos o esqueceram, pois no propósito evidente de livrar-se de uma curiosidade impertinente, em breve se despedia definitivamente do perfumista e recolhia-se ao abrigo da residência de sua mãe, na Rua Pavée Saint-André.

Foi cerca de cinco meses depois dessa volta ao lar que seus amigos se alarmaram com a sua súbita desapareção, pela segunda vez. Três dias se passaram e nada se ouvia falar a respeito dela. No quarto dia, seu corpo foi encontrado boiando no Sena, perto da praia fronteira ao bairro da Rua Saint-André e a um ponto não distante das cercanias pouco frequentadas da Barreira do Roule.

A atrocidade desse crime (pois era de pronto evidente que fora cometido um crime), a mocidade e beleza da vítima e, acima de sua anterior notoriedade conspiravam para produzir intensa comoção no espírito dos sensíveis parisienses. Não me recordo de caso semelhante que houvesse provocado efeito tão geral e tão intenso. Durante semanas, na discussão desse único tema absorvente, até mesmo os momentosos tópicos políticos do dia eram esquecidos. O Chefe de Polícia fez esforços fora do comum e todas as forças da polícia parisiense foram chamadas a dar o máximo de sua colaboração.

Ao ser descoberto o cadáver, não se supôs que o assassino fosse capaz de escapar, a não ser por breve período, ao inquérito sem demora instaurado. Somente ao fim de uma semana é que se julgou necessário

oferecer uma recompensa e mesmo então estava essa recompensa limitada a mil francos. Entrementes, continuava a investigação com vigor, se não sempre com discernimento, e inúmeros indivíduos foram interrogados, mas sem resultado, à medida devido à contínua ausência de um fio esclarecedor do mistério, aumentava intensamente a excitação popular. No fim do décimo dia, achou-se aconselhável dobrar a soma originalmente prometida e por fim, tendo decorrido a segunda semana sem conduzir a nenhuma elucidação e tendo a prevenção, que sempre existe em Paris contra a polícia, dando azo a algumas desordens sérias, o Chefe de Polícia tomou a seu cargo prometer a soma de vinte mil francos "pela denúncia do assassino", ou, se ficasse provado haver mais de um implicado, "pela denúncia de qualquer um dos assassinos".

Na proclamação que anunciava esta recompensa, prometia-se pleno perdão a qualquer cúmplice que depusesse contra seu companheiro e a essa declaração estava apenso, onde quer que aparecesse, um cartaz particular de uma comissão de cidadãos, que ofereciam dez mil francos a mais do montante prometido pela Chefia de Polícia. De modo que toda a recompensa prometida ascendia a nada menos de trinta mil francos, o que pode ser olhado como uma soma extraordinária, quando consideramos a modesta posição da moça e a grande frequência, nas grandes cidades, de crime tão atrozes como esse.

Ninguém duvidava agora de que o mistério desse crime seria imediatamente esclarecido. Mas, embora, num ou dois casos, tivessem sido feitas prisões que prometiam elucidação, contudo nada ficou esclarecido que pudesse incriminar as pessoas suspeitas, as quais foram sem demora postas em liberdade. Por mais estranha que possa parecer, havia já passado a terceira semana após a descoberta do cadáver sem que nenhuma luz fosse projetada sob o caso, antes mesmo que qualquer rumor dos acontecimentos, que tanto agitaram a opinião pública, chegasse aos ouvidos de Dupin e aos meus.

Entregues a pesquisas que haviam absorvido toda a nossa atenção, havia quase um mês que não saíamos de casa, ou recebíamos visitas, limitando-nos a dar uma olhada rápida nos principais artigos políticos de algum dos diários da capital. A primeira notícia do crime nos foi trazida por G*** em pessoa. Veio ver-nos, logo no começo da tarde do dia 13 de julho de 18... e ficou connosco até tarde da noite.

Estava vivamente irritado pelo fracasso de todas as suas tentativas de deitar mão aos criminosos. Sua reputação -assim dizia ele, com típico ar parisiense – estava em jogo. Até mesmo a sua honra se achava comprometida. Os olhares do público estavam fixos sobre ele e não havia, na verdade, sacrifício algum que não desejasse fazer pelo esclarecimento do mistério. Terminou seu discurso, um tanto ridículo, com um elogio a que lhe aprazia chamar de "o tato" de Dupin, e fez-lhe uma direta e certamente generosa proposta, cujo valor preciso não tenho o direito de aqui revelar, mas que não tem grande importância no assunto mesmo desta narrativa.

Meu amigo refutou o elogio o melhor que pode, mas aceitou a proposta imediatamente, embora suas vantagens fossem inteiramente condicionais. Ficando determinado este ponto, o Chefe de Polícia pôs-se logo a dar explicações a respeito de seus próprios pontos de vista, intercalando-os de longos comentários sobre os depoimentos, dos quais ainda não tínhamos até então conhecimento. Discorreu bastante e, sem dúvida, doutamente, enquanto eu aventurava uma sugestão ocasional a propósito da noite que passava e da hora de dormir.

Dupin, sempre sentado na sua poltrona habitual, era a encarnação da atenção respeitosa. Ficava de óculos durante toda a entrevista, e um fortuito olhar, por baixo dos vidros verdes dos óculos, bastou para convencer-me de que dormia profundamente, embora não ressonasse, durante as sete ou oito pesadas horas que precederam a partida do chefe de polícia.

Pela manhã, procurei, na Chefia de Polícia, um relatório completo de todos os depoimentos obtidos e, em várias redações de exemplares nos quais, do princípio ao fim, tinha sido publicada qualquer informação decisiva a respeito daquele triste caso.

Desembaraçada de tudo quanto não estava positivamente provado, essa massa de informações estatuiu o seguinte:

Marie Roget deixara a casa de sua mãe, na Rua Pavée Saint-André, cerca das nove horas da manhã do domingo 22 de junho de 18.... Ao sair, comunicou a um tal Sr. Jacques St. Eustache, e somente a ele, sua intenção de passar o dia com uma tia que morava na Rue de Dromes. A Rua dos Dromes é uma travessa estreita, mas movimentada, não longe das margens do rio, e a uma distância de umas duas milhas, pelo caminho mais reto da pensão da Sra. Roget. St. Eustache era o

pretendente de Marie e dormia, bem como tomava refeições, na pensão. Devia ir buscar a sua noiva ao anoitecer e acompanhá-la até em casa. À tarde, porém, sobreveio pesada chuva e, supondo que ela permaneceria a noite toda em casa de sua tia (como já fizera antes, em circunstâncias idênticas), achou ele que não era necessário manter a sua promessa. Como a noite avançasse, a Sra. Roget (que era uma velha doente, de setenta anos de idade) expressou seu temor de "que jamais veria Marie de novo"; mas, no momento, tal observação não atraiu grandemente a atenção.

Na segunda-feira, verificou-se que a moça não estivera na Rua Dromes e, quando se passou o dia, sem notícias dela, uma busca tardia foi organizada em vários pontos da cidade e seus arredores. Somente, porém, no quarto dia após seu desaparecimento que algo de importante se veio a saber a respeito dela. Nesse dia (quarta-feira, 25 de junho), um tal Sr. Beauvais, que, com um amigo, estivera fazendo indagações a respeito de Marie, perto da Barreira do Roule, na margem do Sena, fronteira à Rua Saint-André, foi informado de que um cadáver acabava justamente de ser trazido à praia por alguns pescadores que o haviam encontrado boiando no rio. Ao ver o corpo, Beauvais, depois de alguma hesitação, identificou-o como o da moça da perfumaria. Seu amigo reconheceu-o mais prontamente.

O rosto estava coberto de sangue preto, que saíra, em parte, da boca. Não se via espuma, como no caso dos simples afogados. Não havia descoloração do tecido celular. Em torno da garganta, havia equimoses e marcas de dedos. Os braços estavam dobrados sobre o peito e mostravam-se rígidos. A mão direita estava crispada e a esquerda parcialmente aberta. No punho esquerdo havia duas escoriações circulares, parecendo causadas por cordas, ou por uma corda com mais de uma volta. Parte do punho direito, também estava bastante esfolada, bem como o dorso, em toda a sua extensão, porém mais especialmente nas omoplatas. Ao rebocar o corpo para a praia, os pescadores haviam amarrado nele uma corda, nenhuma das escoriações havia sido produzida por essa corda. A carne do pescoço estava bastante inchada. Não havia cortes visíveis ou equimoses que parecem causadas por golpes. Descobriu-se pedaço de fita amarrado tão estreitamente ao pescoço que se podia perceber, estava completamente enterrado na carne e amarrado por um nó oculto, justamente por baixo da orelha

esquerda. Só isso teria bastado para produzir a morte. O laudo médico afirmou com convicção o caráter virtuoso da morta. Dizia ele que fora vítima de uma brutal violência. Achava-se o corpo, quando encontrado, em estado tal que não pode haver dificuldade em ser reconhecido pelos seus amigos.

O vestido estava bastante rasgado e aliás em grande desordem. Na parte exterior, uma faixa de cerca de trinta centímetros de largura fora rasgada de alto a baixo, desde o debrum superior a cintura, mas não arrancada. Estava enrolada três vezes em torno da cintura, e presa por uma espécie de nó nas costas. A roupa que se seguia ao vestido era de fina musselina e dela uma tira de polegadas de largura tinha sido inteiramente arrancada, arrancada de todo e com grande cuidado. Foi encontrada em torno de pescoço, frouxamente amarrada, e presa por um nó cego. Por cima dessa tira de musselina e da tira de fita, estavam amarrados cordões do chapéu, com o chapéu pendente. O nó que prendia atilhos do chapéu não era dos que dão as mulheres, mas um corrediço de marinheiro.

Depois de identificado o cadáver, não foi ele, como de hábito levado ao necrotério (tal formalidade era supérflua), mas enterrado as pressas não longe do ponto em que fora retirado do rio. Graças aos esforços de Beauvais, a questão foi cuidadosamente abafada tanto quanto possível; e vários dias decorreram antes que se registasse qualquer emoção pública. Um jornal hebdomadário, contudo, afinal apossou-se do tema; o cadáver foi exumado e cedeu-se a um novo exame; porém nada se obteve além do que já fora observado. As roupas, contudo, foram desta vez apresentadas à mãe e aos amigos da morta, sendo perfeitamente identificadas como as que a moça usava ao sair de casa.

Entrementes, a excitação crescia de hora em hora. Diversas pessoas foram detidas e postas em liberdade. Especialmente St. Eustache foi tido como suspeito; e ele não pôde, a princípio, dar relato compreensível do que andara fazendo durante o domingo em que Marie saíra de casa. Posteriormente, todavia, ele apresentou ao Sr. G*** atestados satisfatoriamente explicativos sobre cada hora daquele dia. Como o tempo passasse sem que viessem descobertas, mil rumores contraditórios circulavam, ocupando-se os jornalistas em sugestões. Entre estas, a única que atraiu mais a atenção foi a ideia de que Marie

Roget ainda vivia, a de que o cadáver encontrado no Sena era o de alguma outra infeliz.

Será bom que eu apresente ao leitor alguns dos trechos que corporificam a sugestão aludida. Tais trechos são cópias literais de L'Étoile, jornal orientado em geral com grande habilidade:

A Srta. Roget saiu da casa de sua mãe, na manhã do domingo 22 de junho de 18..., com o propósito ostensivo de ir ver a sua tia, ou certo outro parente, na rua dos Drômes.

Ninguém mais a viu desde aquela hora. Não há traço ou notícia dela, absolutamente...

Nenhuma pessoa, fosse qual fosse, se apresentou até agora que a tivesse visto naquele dia, desde que ela saiu da porta da casa da sua mãe...

Ora, embora não tenhamos provas de que Marie Roget se achasse no mundo dos vivos no domingo 22 de junho, depois das nove horas, temos prova de que até aquela hora ela estava viva. Ao meio-dia de quarta-feira, um corpo de mulher foi descoberto quando flutuava junto à margem da Barreira do Roule. Isto, mesmo que presumamos que Marie Roget se jogou no rio, três horas depois que saiu da casa de sua mãe, só se deu três dias depois de haver ela saído, três dias com diferença de uma hora. Mas é loucura supor que o assassinato, se assassinato foi cometido, pudesse consumir-se bastante cedo para habilitar os assassinos a atirarem o corpo no rio antes da meia-noite. Os que são culpados de tão horríveis crimes escolhem antes a treva e não a luz...

Assim vemos que, se o corpo encontrado no rio era o de Marie Roget, só poderia ter estado na água dois dias e meio, ou três no máximo. Toda a experiência demonstra que os afogados, ou atirados dentro da água logo depois de uma morte violenta, exigem de seis a dez dias a fim de que se produza a decomposição suficiente para trazê-los à tona da água. Mesmo quando se dá um tiro de canhão sobre o local onde o cadáver se encontra e esse vem à tona antes de, pelo menos, cinco ou seis dias após a imersão, afundar-se-á de novo, se abandonado a si mesmo. Agora, perguntamos, que há neste caso para produzir um afastamento do caminho normal da natureza?...

Se o corpo tivesse sido conservado sobre a praia, em seu estado de mutilação até à noite de terça-feira, algum traço dos assassinos se

encontraria na margem. É também um ponto duvidoso o de que o corpo fluuaria tão rapidamente, ainda que atirado à água, depois de dois dias de ter sido morto. E mais ainda, é enormemente improvável que quaisquer criminosos que tenham cometido o assassinato, como aqui se supõe, tivessem atirado o cadáver na água sem um peso para afundá-lo, quando tal precaução facilmente poderia ter sido tomada.

O redator passa aqui a argumentar que o cadáver deve ter estado dentro da água "não simplesmente três dias, mas, pelo menos, cinco vezes três dias", porque estava tão decomposto que Beauvais teve dificuldade em reconhecê-lo. Este último ponto, porém, era inteiramente falso. Continuo a citar:

Quais, então, são os factos pelos quais o Sr. Beauvais diz não ter dúvida de que o cadáver é o de Marie Roget? Rasgou a manga do vestido e disse ter encontrado marcas que o satisfizeram acerca da identidade. O público geralmente supôs que essas marcas consistiam em alguma espécie de cicatriz.

Esfregou o braço e descobriu nele cabelos -algo tão vago, pensamos, como mal se poderia imaginar -, coisa tão pouco decisiva como encontrar braço dentro de uma manga. O Sr. Beauvais não voltou a casa naquela noite mas mandou um recado à Sra. Roget, às sete horas da noite de quarta-feira dizendo que as investigações ainda continuavam, com relação à sua filha. Se admitirmos que a Sra. Roget, por causa de sua idade e de seu pesar (o que é admitir muito), não podia ir lá, certamente devia ter havido alguém que julgasse valer a pena ir lá e acompanhar as investigações, se pensasse que o cadáver era o de Marie.

Ninguém foi. Nada se ouviu nem foi dito acerca do assunto, na Rua Pavée Saint-André, que tenha chegado sequer aos ocupantes do mesmo prédio. O Sr. St. Eustache, o amoroso e futuro esposo de Marie, que era pensionista da casa da mãe dela, depôs que não ouviu sobre a descoberta do cadáver de sua noiva senão na manhã seguinte, quando o Sr. Beauvais veio a seu quarto e lhe falou disso. Admira-nos que uma notícia semelhante a esta fosse tão friamente recebida.

Desse modo o jornal tentava criar a impressão de uma apatia da parte dos parentes de Marie, inconsistente com a suposição de que esses parentes acreditassem ser dela o cadáver. Suas insinuações chegaram a isto: que Marie, com a conivência de seus amigos se ausentara da cidade

por motivos que envolviam uma acusação contra sua castidade; e que esses amigos, depois da descoberta de um cadáver no Sena, algo semelhante ao da moça, tinham-se aproveitado da oportunidade para fazer o público impressionar-se a crença de sua morte. Mas L'Étoile estava de novo super-apressada. Distintamente se provara que nenhuma apatia, tal como a imaginada, existira; que a velha senhora ficara excessivamente enfraquecida e tão agitada que era incapaz de atender a qualquer obrigação; que St. Eustache, em vez de receber as notícias friamente ficou perturbado de pesar e comportou-se tão alucinadamente que o Sr. Beauvais encarregou um amigo e parente de tomar conta dele e impedi-lo de acompanhar o exame na exumação. Além disso embora L'Étoile asseverasse que o corpo havia sido novamente exumado a expensas públicas e que uma vantajosa oferta de sepultura particular fora absolutamente rejeitada pela família, e que nenhum membro da família acompanhou o cerimonial, embora, repito, tudo isso fosse afirmado por L'Étoile para consolidar a pressão que desejava obter – tudo isso, porém, demonstrou-se satisfatoriamente, era falso. Num número subsequente do jornal, feita uma tentativa de atirar suspeitas sobre o próprio Beauvais. Disse o jornalista:

Agora, afinal, surge uma mudança. Dizem-nos que, em certa ocasião, enquanto certa Sra. B... estava na casa da Sra. Roget, o Sr. Beauvais que estava saindo, falou-lhe que era esperado ali um gendarme e que ela, Sra. B..., nada devia dizer ao gendarme até que ele, Beauvais, voltasse, deixando o negócio por sua conta... Na presente situação do assunto, o Sr. Beauvais parece ter toda a questão fechada em sua mão. Nem um só passo pode ser dado sem o Sr. Beauvais pois, tome-se o rumo que se quiser, esbarra-se com ele... Por alguma razão, decidiu ele que ninguém poderia imiscuir-se no inquérito, a não ser ele, e empurrou do caminho os parentes masculinos de modo muito singular, de acordo com suas queixas. Ele parece também ter muito grande aversão a permitir que os parentes vejam o cadáver.

Pelo seguinte, alguma cor foi dada à suspeita, assim atirada sobre Beauvais. Um visitante do escritório deste, poucos dias antes do desaparecimento da moça, e durante a ausência do dono, observara uma rosa no buraco da fechadura e o nome "Marie" escrito sobre uma ardósia pendurada ao alcance da mão.

A impressão geral, tanto quanto a podemos extrair dos jornais, parecia ser a de que Marie fora vítima de uma quadrilha de bandidos; que tinha sido levada por eles pelo rio, maltratada e assassinada. Le Commercial, contudo, órgão de extensa influência, encarniçou-se em combater essa ideia popular. Cito um ou dois trechos de suas colunas:

Estamos persuadidos de que as pesquisas até agora têm tomado um rumo falso ao se dirigirem para a Barreira do Roule. É impossível que uma pessoa tão bem conhecida por milhares de pessoas, como a jovem em apreço era, tenha passado por três quarteirões sem que ninguém a tenha visto; e quem quer que a tivesse visto tê-lo-ia recordado, porque ela interessava a todos os que a conheciam. Ela saiu quando as ruas estavam cheias de... É impossível que possa ter ido até à Barreira do Roule ou à Rua dos Drômes sem ser reconhecida por uma dúzia de pessoas; contudo, ninguém se apresentou que a tivesse visto fora da porta da casa de sua mãe, e não há prova, a não ser o testemunho relativo a suas expressas intenções, de que ela tenha absolutamente saído. Sua blusa estava rasgada, envolvida em torno do corpo e amarrada; e assim o corpo foi carregado como um fardo. Se o assassinato tivesse sido cometido na Barreira do Roule, não teria havido necessidade de tal arranjo. O facto de que o cadáver foi encontrado flutuando perto da Barreira não é prova de que fosse atirado à água ali. Um pedaço de um dos saíotes da infortunada moça, de sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, fora arrancado e amarrado sob o seu queixo, atando-se na nuca, provavelmente para impedir gritos. Isso foi feito por sujeitos que não tinham lenços de bolso.

Um dia ou dois antes que o Chefe de Polícia nos chamasse, porém, chegou à polícia certa informação importante, que parecia desmanchar, pelo menos, a principal parte da argumentação de Le Commercial. Dois meninos, filhos de uma tal Sra. Deluc, quando vagabundeavam entre os bosques próximos da Barreira do Roule, conseguiram penetrar numa mata particular, dentro da qual havia três ou quatro grandes pedras, formando uma espécie de banco, com encosto e escabelo. Na pedra mais ao alto estava uma saia branca; na segunda, uma echarpe de seda. Uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso também ali se encontravam.

O lenço trazia o nome "Marie Roget". Fragmentos de vestido foram descobertos nas sarças em redor. O chão estava calcado, as moitas partidas e havia toda a evidência de uma luta.

Entre o bosquezinho e o rio os parapeitos da cerca foram encontrados arriados e o solo mostrava sinais evidentes de haver sido arrastado por ele algum fardo pesado. Um hebdomadário, *Le Soleil*, publicara os seguintes comentários sobre esta descoberta, comentários que fizeram simplesmente eco ao sentimento de toda a imprensa parisiense:

Os objetos ficaram evidentemente lá, durante pelo menos três ou quatro semanas; estavam completamente inalados pela ação da chuva e colados uns aos outros pelo mofo. A grama crescera em torno e por cima de alguns deles. A seda da sombrinha era forte, mas os fios estavam costurados juntos por dentro. A parte superior, onde fora dobrada e enrolada, estava toda molhada e apodrecida, rasgando-se ao ser aberta a sombrinha... Os pedaços de vestido rasgados pelas moitas tinham cerca de três polegadas de largura e seis de comprimento. Uma parte era o debrum do vestido e fora emendado; o outro pedaço fazia parte da saia, mas não era o debrum. Pareciam tiras arrancadas e se achavam na moita de espinheiros a cerca de trinta centímetros de altura do solo... não pode haver dúvida, portanto, que o local de tão espantoso ultraje tenha sido descoberto.

Logo depois desta descoberta, novo testemunho apareceu. A Sra. Deluc contou que mantém uma hospedaria à beira da estrada não distante da margem do rio, oposta à Barreira do Roule. Os arredores são desertos, extraordinariamente desertos. E, aos domingos, o ponto de reunião habitual de maus elementos da cidade, cruzam o rio em botes.

Cerca das três horas da tarde do domingo em questão, uma moça chegou à hospedaria, acompanhada por um rapaz moreno. Ficaram os dois ali, durante algum tempo. Ao partir, tomara estrada que leva a uns bosques espessos da vizinhança. A atenção da Sra. Deluc foi despertada pelo vestido usado pela moça, causa da semelhança com o de uma sua parenta já falecida. Reparou particularmente em uma echarpe. Logo depois da partida do casal, uma quadrilha de malfeitores apareceu, comportou-se ruidosamente, comeu e bebeu sem pagar, e seguiu pelo caminho do rapaz e da moça, voltou à estalagem por volta do crepúsculo e tornou a atravessar o rio como se estivesse com grande pressa. Foi

logo depois de escurecer daquela mesma tarde que a Sra. Deluc, bem como seu filho mais velho ouviram gritos de mulher nas vizinhanças da hospedaria. Os gritos foram violentos, mas duraram pouco. A Sra. Deluc reconheceu não somente a echarpe que fora encontrada na touceira, mas o vestido descoberto sobre o cadáver. Um condutor de autocarro, Valence, depôs igualmente que vira Marie Roget atravessar o Sena, de barco, no domingo em questão, em companhia de um rapaz moreno. Ele, Valence, conhecia Marie, e não podia enganar-se a respeito de sua identidade. Os objetos encontrados na touceira foram plenamente identificados pelos parentes de Marie.

Esse acervo de depoimentos e informações, por mim mesmo colhido dos jornais, por sugestão de Dupin, abrangia ainda outro ponto, ponto esse, porém, ao que parecia, da mais alta importância. Parece que, imediatamente depois da descoberta das roupas acima descritas, o corpo inanimado, ou quase inanimado, St. Eustache, o noivo de Marie, foi encontrado nas vizinhanças que todos agora supunham ser o local do crime. Um frasco vazio de láudano, etiquetado, foi achado perto dele. Seu hálito denunciava veneno. Morreu sem falar. Encontrou-se sobre ele uma carta, afirmando, em poucas palavras, seu amor por Marie e seu propósito de suicídio.

Creio que não tenho necessidade de dizer-lhe – falou-me Dupin, ao terminar a leitura de minhas notas – que este é um caso muito mais intrincado do que o da Rua Morgue, do qual difere em um ponto importantíssimo. Este é exemplo de crime ordinário, embora bárbaro. Nele nada há de especificamente *outré*. Você observará que, por esta razão, o mistério tem sido considerado fácil, quando, por esta mesma razão, deveria ter sido considerado de solução difícil.

Por isso é que, a princípio, se julgou desnecessário oferecer uma recompensa. Os esbirros de G... foram capazes de compreender como e porque tal atrocidade podia ter sido cometida. A imaginação deles podia conceber um modo, muitos modos e um motivo, muitos motivos. E porque não fosse impossível que qualquer desses numerosos modos ou motivos fosse o verdadeiro, considerado como provado que um deles devesse ser o verdadeiro. Mas a facilidade com que foram concebidas essas várias fantasias e a verdadeira plausibilidade que cada uma delas assumia deveriam ser entendidas como indicativas mais das dificuldades do que das facilidades ligadas à explicação do enigma.

Tenho por esta razão observado que é pelos cumes, acima do plano ordinário, que a razão tateia seu caminho, se bem que, de qualquer modo, na sua busca da verdade, e em casos tais como esse, a pergunta devida não é tanto "o que ocorreu?", mas "o que ocorreu que nunca antes ocorrerá?".

Nas investigações na casa da Sra. L'Espanaye, os agentes de G... ficaram desencorajados e confusos por aquela verdadeira estranheza que, para uma inteligência devidamente regulada, teria proporcionado o mais seguro prenúncio de êxito; ao passo que este mesmo intelecto poderia ter sido mergulhado em desespero, diante do caráter ordinário de tudo quanto se oferecia aos olhos, no caso da moça da perfumaria e, contudo, nada indicava, a não ser o fácil triunfo, aos funcionários da polícia.

No caso da Sra. L'Espanaye e a sua filha, não havia, mesmo no começo de nossa investigação, nenhuma dúvida a respeito da realização ou não do assassinato. A ideia do suicídio foi excluída imediatamente. Aqui, também, estamos libertos, desde o começo, de qualquer suposição de suicídio. O corpo achado na Barreira do Roule foi encontrado em tais circunstâncias que não dão margem a embaraço relativo a este ponto importante. Mas foi sugerido que o cadáver descoberto não é o de Marie Roget, pela denúncia de cujo assassino, ou assassinos, foi prometida uma recompensa e a respeito do qual foi combinado com o Chefe de Polícia nosso único arranjo. Ambos nós conhecemos este cavalheiro muito bem. Não devemos fiar-nos por demais nele. Se, datando nossas investigações do encontro do corpo e depois seguindo a pista do criminoso, contudo descobrirmos ser esse corpo de outro individuo que não Marie, ou se, partindo de Marie viva, a descobrirmos assassinada, em qualquer dos casos perdemos nosso trabalho, é com o Sr. G... que temos de lidar. Portanto, para nosso próprio bem, se não para bem da justiça, é indispensável que nosso primeiro passo seja a determinação da identidade do cadáver com a Marie Roget desaparecida.

Para o público, os argumentos de L'Étoile são de peso, e o de que o próprio jornal está convencido de sua importância surge da maneira pela qual ele começa um de seus artigos a respeito: "Diversos matutinos de hoje – diz ele -falam do decisivo artigo de L'Étoile, de domingo." Para mim, esse artigo só parece decisivo quanto ao zelo de seu redator.

Devemos recordar-nos de que, em geral, o objetivo de nossos jornais é antes criar uma sensação, lavrar um tento, que favorecer a causa da verdade. Este último fim só é visado quando parece coincidir com os primeiros. O órgão de imprensa que simplesmente se ajusta às opiniões comuns (por mais bem fundadas que possam essas opiniões ser) adquire para si o descrédito da população. A massa popular olha como profundo apenas quem lhe sugere contradições agudas – ideias generalizadas. Na lógica, não menos do que na literatura – é o epigrama que se torna mais imediata e mais universalmente apreciado. E em ambas está na mais baixa ordem de merecimento.

O que eu quero dizer é que o misto de epigrama e melodrama da ideia de que Marie Roget ainda vive, mais do que qualquer verdadeira plausibilidade dessa ideia, foi o que a sugeriu a L'Étoile, e assegurou-lhe favorável acolhimento entre o público. Examinemos pontos principais do argumento desse jornal, tentando anular a incoerência com que ele desde o início se apresentou.

O primeiro objetivo do autor é mostrar-nos, pela brevidade intervalo entre o desaparecimento de Marie e o encontro do cadáver a flutuar, que tal cadáver não pode ser o de Marie. A redução desse intervalo à dimensão menor possível torna-se assim, imediatamente, uma coisa imprescindível ao argumentador. Na irrefletida procura disso, ele se atira, desde o início, na mera suposição. "Mas é loucura supor que o assassinato, se assassinato foi cometido, pudesse consumir-se bastante cedo para habilitar os assassinos a jogarem o corpo no rio antes da meia-noite." Nós perguntamos logo e muito naturalmente: porquê? Por que será loucura supor que o assassinato tenha sido cometido dentro de cinco minutos, depois que a moça saiu de casa de sua mãe? Por que será loucura pensar que o assassinato tenha sido cometido a qualquer hora do dia? Sucodem-se assassinatos a todas as horas. Mas, se o crime se tivesse. realizado, em qualquer momento, entre as nove da manhã de domingo e um quarto antes da meia-noite, ainda haveria tempo bastante para atirar o corpo ao rio, antes da meia-noite. A suposição do jornal, assim, conduz precisamente a isto: a que o assassinato não foi cometido absolutamente no domingo.

E, se permitimos que L'Étoile afirme isto, permitiremos todas as liberdades de qualquer espécie.

O parágrafo iniciado com "Mas é loucura supor que o assassinato", embora assim apareça impresso em L'Étoile, pode ser imaginado como tendo existido realmente assim no cérebro de seu autor: "É loucura supor que o assassinato, se assassinato foi cometido sobre essa pessoa, poderia ter sido cometido bastante cedo, para capacitar os assassinos a atirarem-lhe o corpo ao rio, antes da meia-noite é loucura; dizemos, supor tudo isso e supor ao mesmo tempo (como estamos resolvidos a supor) que o corpo não foi atirado à água até depois da meia-noite." Sentença suficientemente inconsequente em si mesma, porém não tão extremamente absurda como a impressa.

Fosse meu propósito – continuou Dupin – simplesmente fazer carga contra esse trecho dos argumentos de L'Étoile e eu poderia muito bem deixá-lo onde está. Não é, contudo, com L'Étoile que temos a tratar, mas com a verdade. A sentença em questão, tal como está, tem apenas um significado e esse eu já estabeleci; é, porém, necessário que vamos por trás das simples palavras buscar uma ideia que essas palavras obviamente pretendiam e não puderam expressar. Era desígnio do jornalista dizer que, a qualquer hora do dia ou da noite de domingo, em que esse crime fosse cometido, era improvável que os assassinos se tivessem aventurado a carregar o cadáver para o rio, antes da meia-noite.

É aí é que está, realmente, a hipótese que censuro. Supõe-se que o assassinato foi cometido em um local tal e sob tais circunstâncias que o levar o corpo ao rio se tornou necessário. Ora, o crime pode ter sido cometido na margem do rio, ou sobre o próprio rio. E, dessa forma, atirar o cadáver dentro da água pode apresentar-se a qualquer momento do dia ou da noite como o mais evidente e mais imediato modo de ação. Você compreenderá que nada sugiro aqui como provável, nem como coincidindo com a minha própria opinião; meu objetivo, por enquanto, não se relaciona com os factos do caso. Simplesmente desejo adverti-lo contra o tom geral da sugestão de L'Etoile, chamando a sua atenção para seu caráter parcial, desde o início.

Tendo prescrito assim um limite para acomodar suas próprias opiniões preconcebidas, tendo suposto que, se aquele fosse o cadáver de Marie, apenas poderia ter estado dentro da água por um tempo muito curto, o jornal continua dizendo: Toda a experiência demonstra que os afogados, ou atirados dentro da água logo depois de uma morte violenta,

exigem de seis a dez dias a fim de que se produza a decomposição suficiente para trazê-los à tona da água. Mesmo quando se dá um tiro de canhão sobre o local onde o cadáver se encontra e esse vem à tona antes de, pelo menos, cinco ou seis dias após a imersão, afundar-se-á de novo, se abandonado a si mesmo.

Tais asseverações foram tacitamente aceites por todos os jornais de Paris, com exceção de Le Moniteur. Este último órgão tentou combater a parte do artigo que se refere a corpos afogados somente citando uns cinco ou seis exemplos em que os corpos de indivíduos que se sabiam afogados foram achados flutuando depois de decorrido menos tempo do que o fixado por L'Étoile. Mas há algo excessivamente não racional na tentativa, por parte de Le Moniteur de refutar a asserção geral de L'Étoile, com uma citação de casos particulares que vão de encontro a essa asserção. Tivesse sido possível aduzir cinquenta em vez de cinco exemplos de corpos encontrados a flutuar no fim de dois ou três dias, esses cinquenta exemplos ainda poderiam ser encarados legitimamente só como exceções à regra de L'Étoile, até que a própria regra pudesse ser refutada.

Admitida a regra (e esta Le Moniteur não nega, insistindo meramente sobre as exceções), o argumento de L'Étoile permanece em plena força; porque esse argumento não intenta envolver mais do que a questão da probabilidade de haver o corpo subido à superfície em menos de três dias; e esta probabilidade estará em favor da posição de L'Étoile até que os casos tão puerilmente aduzidos sejam em número suficiente para estabelecer uma regra antagónica.

Você verá logo que todo argumento quanto a esse ponto deveria ser atirado, de qualquer modo, contra a própria regra. E para esse fim devemos examinar o *rationale* da regra. Ora, o corpo humano em geral, não é muito mais leve nem muito mais pesado do que água do Sena; isto é, a gravidade específica do corpo humano, era a sua condição natural, é quase igual à massa de água doce que ele desloca. Os corpos das pessoas gordas e carnudas, de ossos pequenos, e os das mulheres, geralmente, são mais leves do que os das pessoas magras, de ossos compridos, e os dos homens; e a gravidade específica da água de um rio é um tanto influenciada pela presença do fluxo marítimo. Mas, deixando a maré de parte, pode-se dizer que muito poucos corpos humanos se afundarão completamente mesmo na água doce, por si

mesmos. Quase todos, caindo num rio serão capazes de flutuar, se deixam que a gravidade específica da água perfeitamente se coloque em equilíbrio com a sua própria, isto é, se suportam que a sua pessoa fique imersa inteiramente, com a mínima exceção possível. A posição mais conveniente para quem não sabe nadar é a posição ereta de quem anda em terra, com cabeça completamente atirada para trás e imersa, só permanecendo à tona a boca e as narinas. Em tais circunstâncias, acharemos que flutuamos sem dificuldade e sem esforço. É evidente, contudo, que as gravidades do corpo e da massa de água deslocada são muito delicadamente equilibradas, e que uma ninharia pode fazer com que uma delas predomine. Um braço, por exemplo, erguido fora da água e assim privado de seu suporte equivalente, é um peso adicional suficiente para imergir toda a cabeça, ao passo que a ajuda casual do menor pedaço de madeira habilitar-nos-á a elevar a cabeça, para olhar em derredor. Ora, nos esforços de alguém não acostumado a nadar, os braços são invariavelmente atirados para o alto, ao mesmo tempo que se faz uma tentativa para conservar a cabeça em sua habitual posição perpendicular. O resultado é a imersão da boca e das narinas, e a introdução de água nos pulmões durante os esforços para respirar, enquanto sob a superfície.

Muita água é também recebida pelo estômago e o corpo inteiro se torna mais pesado, dada a diferença entre o peso do ar que primitivamente distendia aquelas cavidades e o do fluido que então as enche. A diferença é suficiente para levar o corpo a afundar-se, como regra geral; mas é insuficiente no caso de indivíduos de ossos pequenos e anormal quantidade de matéria flácida ou gorda. Tais indivíduos flutuam mesmo depois de afogados. Supondo-se que o cadáver esteja no fundo do rio, ele ali permanecerá até que, por algum meio, a sua gravidade específica de novo se torne menor do que a do volume de água que ele desloca. Este efeito é provocado quer pela decomposição, quer por outro meio. O resultado da decomposição é a geração de gás, que distendem os tecidos celulares e todas as cavidades e dá ao cadáver o aspeto de inchado, que é tão horrível. Quando essa distensão se avolumou de modo que o volume do cadáver é sensivelmente aumentado sem correspondente aumento da massa ou peso, a sua gravidade específica torna-se menor do que a da água deslocada e ele aparece imediatamente à superfície. Mas a decomposição é modificada

por inúmeras circunstâncias, é apressada ou retardada por inúmeros agentes. Por exemplo, pelo calor ou pelo frio da estação, pela impregnação mineral ou pureza da água, pela sua maior ou menor profundidade, pela correnteza ou estagnação, pela temperatura do corpo, pela sua infecção, ou ausência de doença antes da morte.

Assim é evidente não podemos marcar tempo, com exatidão, para que o cadáver se eleve, em consequência da decomposição. Sob certas circunstâncias esse resultado poderá processar-se dentro de uma hora; sob outras, pode não se realizar de modo algum. Há infusões químicas por meio das quais o sistema animal pode ser preservado para sempre da corrupção. O bicloreto de mercúrio é uma delas. Mas, separadamente da decomposição, pode haver, e geralmente há, uma geração de gás dentro do estômago, pela fermentação acética de matérias vegetais (ou dentro de outras cavidades e por outras causas.), suficiente para originar uma distensão que trará o corpo à tona. O efeito produzido pelo tiro de um canhão é o de simples vibração. Pode fazer o cadáver desprender-se da lama mole, ou da vasa em que está atolado, permitindo assim que ele se eleve, quando outros agentes já o prepararam para assim fazer; ou pode vencer a tenacidade de algumas porções putrescentes do tecido celular, permitindo que as cavidades se distendam sob a influência do gás.

Tendo dessa forma diante de nós toda a filosofia do caso, podemos facilmente verificar por ela as asserções de L'Étoile:

Toda a experiência demonstra que os afogados, ou atirados dentro da água logo depois de uma morte violenta, exigem de seis a dez dias a fim que se produza a decomposição suficiente para trazê-los à tona da água. Mesmo quando se dá um tiro de canhão sobre o local onde o cadáver se encontra e esse vem á tona antes de, pelo menos, cinco ou seis dias após a imersão, afundar-se-á de novo, se abandonado a si mesmo.

Todo esse parágrafo deve agora parecer como uma trama de inconsequência e incoerência. A experiência não mostra que corpos afogados requerem de seis a dez dias para que uma suficiente decomposição se realize para trazê-los à tona da água. Mas a ciência e a experiência mostram que o período de sua imersão é, e deve necessariamente ser, indeterminado. Se, além disso, um corpo em emergiu em consequência de um tiro de canhão, ele não afundará novo

"se abandonado a si mesmo", até que a decomposição tenha aumentado a tal ponto que permita o escapamento dos gases gerados. Mas desejo chamar-lhe a atenção para a distinção que é fiel entre corpos afogados e corpos "atirados dentro da água logo depois de uma morte violenta". Se bem que o escritor admita a distinção, inclui, no entanto, a todos na mesma categoria. Demonstrei como acontece que o corpo de um homem que se afoga se torna especificamente mais pesado do que seu volume de água, e que ele não afundará absolutamente, a não ser que lute, elevando os braços acima da superfície da água, e faça esforços para respirar, enquanto se acha debaixo da água, esforços que substituem por água o lugar do ar nos pulmões.

Mas esta luta e estes esforços não ocorrem nos corpos "atirados dentro da água logo depois de uma morte violenta". De modo que, neste último caso, o corpo, em regra geral, não afundará absolutamente – facto que L'Étoile evidentemente ignora.

Quando a decomposição alcançou ponto bem adiantado, quando a carne já se despregou dos ossos em grande parte, então, de facto, mas não até então, nós vemos o cadáver desaparecer.

E agora, que faremos com o argumento de não poder ser o corpo encontrado o de Marie Roget, porque foi achado boiando apenas passados três dias? Por ser mulher, se foi afogada jamais poderia ter afundado; ou se afundou, podia ter reaparecido dentro de vinte e quatro horas, ou menos. Mas ninguém supõe que ela tenha sido afogada; e, estando morta antes de ser lançada dentro do rio, poderia ter sido achada boiando em não importa qual outra época posterior. Mas, diz L'Étoile:

Se o corpo tivesse sido conservado sobre a praia, em seu estado de mutilação, até a noite de terça-feira, algum traço dos assassinos se encontraria na margem. É difícil perceber aqui, a princípio, a intenção do raciocinador. Procura antecipar o que imagina que poderia ser uma objeção à sua teoria, a saber, que o corpo foi conservado na praia dois dias, sofrendo rápida decomposição -mais rápida do que se estivesse mergulhado na água. Supõe que, se tivesse sido esse o caso, o corpo deveria ter aparecido à superfície na quarta-feira, e pensa que só sob tais circunstâncias ele poderia ter assim aparecido. Em consequência ele se apressa em mostrar que o corpo não estava colocado na praia, porque, se estivesse, "algum traço dos assassinos se encontraria na margem". Presumo que você há de sorrir com o que se segue. Você não

pode ver como a estada apenas do corpo na praia poderia atuar para multiplicar sinais dos assassinos. Nem eu.

Continua o jornal:

...E, mais ainda, é enormemente improvável que quaisquer criminosos que tenham cometido o assassinato, como aqui se supõe, tivessem atirado o cadáver na água sem um peso para afundá-lo, quando tal precaução facilmente poderia ter sido tomada.

Observe aqui a risível confusão de ideias! Ninguém, nem mesmo L'Étoile, discute o facto de ter sido o assassinato cometido no corpo encontrado. Os sinais de violência são evidentes demais. O objetivo do nosso argumentador é simplesmente mostrar que esse cadáver não é o de Marie. Deseja provar que Marie não foi assassinada, e que o cadáver não o foi. Sua observação, contudo, só demonstra esse último ponto. Lá está um cadáver sem um peso ligado a ele.

Os assassinos, ao atirá-lo, não teriam deixado de prender-lhe um peso. Por conseguinte, ele não foi lançado ao rio por assassinos. Isso é tudo o que fica provado, se alguma coisa fica. A questão da identidade nem é afluída e L'Étoile deu-se a grandes trabalhos unicamente para desmentir agora o que era admitido apenas um momento antes. "Estamos convencidos – diz o jornal – de que o corpo encontrado era o de uma mulher assassinada."

Esta não é a única ocasião, mesmo nesta parte de seu assunto, em que o nosso raciocinador inconsideradamente raciocina contra si mesmo. Seu objetivo evidente, já eu o disse, é reduzir, tanto quanto possível o intervalo entre o desaparecimento de Marie e o encontro do cadáver. Entretanto, vemo-lo insistindo sobre o ponto de que ninguém viu a moça desde que ela deixou a casa de sua mãe.

Ora, embora não tenhamos provas – diz ele – de que Marie Roget se achasse no mundo dos vivos no domingo 22 de junho, depois das nove horas, temos prova de que até aquela hora ela estava viva." Como seu argumento é obviamente parcial, ele pelo menos poderia ter deixado esse assunto de parte; pois, se soubesse de alguém que tivesse visto Marie, digamos, na segunda ou na terça-feira, o intervalo em apreço teria sido muito reduzido e, de acordo com seu próprio raciocínio, muito diminuída estaria a probabilidade de ser o cadáver da *grisette*.

Não obstante, é divertido observar que L'Étoile insiste sobre esse ponto na plena crença de que isso auxiliará seu argumento geral. Volte

a examinar agora aquela parte do argumento que se refere à identificação do corpo por Beauvais. Em relação ao cabelo nos braços, L'Étoile foi evidentemente de má-fé. Não sendo um idiota, Sr. Beauvais nunca podia ter apresentado, como identificação do cadáver, apenas o cabelo em seu braço. Não há braço sem cabelo. Generalidade da expressão de L'Étoile é uma simples perversão da fraseologia da testemunha. Ele devia ter falado de alguma peculiaridade nesse cabelo. Devia ter sido uma peculiaridade de cor, quantidade, de comprimento ou de posição.

Diz o jornal: "Seu pé era pequeno. Assim são milhares de pés. Suas ligas não provam também coisa alguma, nem seus sapatos pois sapatos e ligas são vendidos aos fardos. O mesmo se podia dizer das flores de seu chapéu. Uma coisa sobre a qual o Sr. Beauvais insiste fortemente é que a fivela encontrada na liga tinha sido puxada para trás, para apertá-la. Isso a nada conduz, pois a maior parte das mulheres acha mais conveniente levar um par ligas para casa e adaptá-las ao tamanho das pernas que deve prender do que experimentá-las nas lojas em que as compram.

É difícil aqui supor que o raciocinador esteja falando sério. Tivesse o Sr. Beauvais, na procura do corpo de Marie, descoberto um cadáver correspondendo no tamanho geral e no aspeto ao da moça desaparecida, estaria autorizado (sem referência absolutamente à questão de traje) a formar uma opinião de que a sua pesquisa fora bem sucedida. Se, em adenda ao ponto do tamanho geral e do contorno, tivesse encontrado no braço um característico aspeto piloso que observara antes em Marie quando viva, a sua opinião podia ter sido justamente fortalecida; e o aumento de positividade podia ter estado na razão da peculiaridade, ou raridade, da marca de cabelo. Se, sendo pequenos os pés de Marie, fossem também pequenos os do cadáver, o aumento de probabilidade de que o corpo fosse o de Marie não seria um aumento em razão simplesmente aritmética, mas em razão altamente geométrica, ou acumulativa. Acrescentam-se a tudo esses sapatos iguais aos que se sabia ter ela usado durante ou no dia de sua desapareição, e, embora esses sapatos pudessem ser "vendidos aos fardos", a probabilidade aumenta, a ponto de chegar aos limites da certeza. O que por si mesmo não seria prova de identidade torna-se através de sua posição corroborativa a mais segura prova. Deem-nos então flores no

chapéu iguais às usadas pela moça desaparecida e nada mais buscaremos. Bastaria uma flor para não procurarmos mais nada, mas que dizer quando se trata de duas, ou três, ou mais? Cada flor sucessiva é uma prova múltipla, prova não somada à prova, mas multiplicada por centenas ou milhares de vezes.

Descubramos agora na vítima ligas iguais às usadas pela viva e é quase loucura prosseguir. Mas descobre-se que essas ligas estavam apertadas pelo repuxamento de uma fivela de maneira igual às de Marie, pouco antes de deixar a sua casa. É agora loucura ou hipocrisia duvidar. O que L'Étoile diz a respeito de ser esse encurtamento das ligas uma ocorrência não rara, isto é, habitual, nada mais mostra do que a sua própria pertinácia no erro. A natureza elástica de uma liga de fivela é a própria demonstração da raridade do encurtamento. O que é feito para ajustar-se por si mesmo só deve por necessidade requerer ajustamento estranho raramente. Deve ter sido por acaso, no seu estrito sentido, que essas ligas de Marie necessitaram do encurtamento descrito. Só elas teriam amplamente estabelecido a identidade da moça.

Mas não sucede que se encontrou o cadáver com as ligas da moça desaparecida, ou com seus sapatos, ou seu chapéu, ou as flores de seu chapéu, ou seus pés, ou uma marca característica no braço, ou seu tamanho geral e aspeto; acontece que o cadáver tinha cada uma dessas coisas e todas coletivamente. Se se pudesse provar que o diretor de L'Étoile entretinha realmente uma dúvida nestas circunstâncias, não haveria necessidade, no seu caso, de uma comissão de lunático inquirindo. Julgou ele coisa sagaz repetir as conversinhas dos advogados, que, pela maior parte, se contentam em repetir os preceitos retangulares dos tribunais.

Eu desejaria observar aqui que muito do que é rejeitado como prova de um tribunal é a melhor evidência para a inteligência. Porque o tribunal, guiando-se pelos princípios gerais de prova – os princípios reconhecidos e livrescos – mostra-se adverso a inclinar-se em favor de provas particulares. E esta firme adesão aos princípios, com severo desprezo da exceção contraditória, é maneira segura de atingir o máximo de verdade atingível em uma longa consequência de tempo. A prática, em massa, é, por isso, filosófica, não é menos certo que engendra vasto erro individual.

A respeito das insinuações levantadas contra Beauvais, você poderia desfazê-las com um sopro. Você já sondou o verdadeiro caráter desse bom cavalheiro. É um enxerido, com muito de romance e de juízo. Qualquer pessoa assim constituída prontamente se conduzirá dessa maneira em qualquer ocasião de excitação real, tornando-se passível de suspeita por parte dos ultra perspicazes ou mal-intencionados. O Sr. Beauvais, como aparece em suas notas, teve algumas entrevistas pessoais com o diretor de L'Étoile e ofendeu-o, aventurando uma opinião de que o cadáver, não obstante a teoria do diretor, era, sem dúvida alguma, o de Marie. "Ele persiste – diz o jornal – em asseverar que o corpo é o de Marie, mas não apresenta uma circunstância, em acréscito àquelas que já temos comentado, para fazer os outros acreditarem." Ora, sem nos referirmos novamente ao facto de que a mais forte prova "para fazer para fazer os outros acreditarem" nunca poderia ter sido aduzida, podemos notar que um homem muito bem pode ser induzido a acreditar em um caso dessa espécie, sem a habilidade de apresentar uma única razão para que um segundo grupo o acredite.

Nada é mais vago que as impressões sobre a identidade individual. Cada homem reconhece seu vizinho, contudo há poucos exemplos em que alguém esteja preparado para dar a razão desse reconhecimento. O diretor de L'Étoile não tinha direito de considerar-se ofendido pela crença desarrazoada do Sr. Beauvais.

As circunstâncias suspeitas que o cercam acham-se muito mais condizentes com minha hipótese de experimento romântico do que com a sugestão de culpa do raciocinador. Uma vez adotada a interpretação mais caridosa, não acharemos dificuldade em compreender a rosa no buraco da fechadura; o "Marie" sobre a ardósia; e "empurrou do caminho os parentes masculinos"; a "grande aversão permitir que os parentes vejam o cadáver"; a advertência feita a Sra. B... de que ela, Sra. B..., nada devia dizer ao gendarme até que ele, Beauvais, voltasse, deixando o negócio por sua conta... E finalmente a sua aparente determinação de que "ninguém poderia imiscuir-se no inquérito, a não ser ele". Parece-me fora de questão que Beauvais era apaixonado por Marie, que ela o namorava; que a sua ambição era fazer crer que gozava da mais completa intimidade e confiança dela.

Não direi mais coisa alguma a respeito deste ponto. E como o inquérito plenamente repele a asserção de L'Étoile referente à questão da apatia por parte da mãe e outros parentes -apatia inconsistente com a suposição de acreditarem eles que o cadáver fosse o da moça da perfumaria – continuaremos agora como se a questão de identidade estivesse plenamente estabelecida.

– E – perguntei eu aqui – que pensa você das opiniões de Le Commercial?

– Que, por natureza, são muito mais dignas de atenção do que qualquer outra já publicada sobre o assunto. As deduções das premissas são filosóficas e agudas. Mas as premissas, em dois exemplos, pelo menos, estão baseadas sobre observação imperfeita. Le Commercial deseja insinuar que Marie foi agarrada por alguma quadrilha de rufiões ordinários, não longe da porta da casa de sua mãe.

É impossível – insiste ele – que uma pessoa tão bem conhecida por milhares de pessoas como a jovem em apreço era tenha passado por três quarteirões sem que ninguém a tenha visto. Esta é a ideia de um homem há muito residente em Paris, um homem público, e alguém cujos passeios para lá e para cá pela cidade têm-se limitado, na maioria, às vizinhanças das repartições públicas. Ele sabe que ele mesmo raramente anda mais de doze quarteirões, desde seu próprio bureau, sem ser reconhecido e abordado.

E, sabendo da extensão de seu conhecimento pessoal com os demais e dos outros com ele, compara a sua celebridade com a da moça da perfumaria, não encontra grande diferença entre elas e chega imediatamente à conclusão de que ela, em seus passeios, seria igualmente capaz de ser reconhecida como ele nos seus. Tal só poderia ser o caso se passeios dela fossem do mesmo caráter invariável e metódico e dentro das mesmas espécies de região limitada como são os dele. E anda para lá e para cá, a intervalos regulares, dentro de uma periferia limitada, cheia de indivíduos levados a observar-lhe a pessoa, pelo interesse da afinidade natural de sua ocupação com a deles próprios.

Mas os passeios de Marie podem ser tidos, em geral, como sem rumo certo. Neste caso particular, pode-se compreender, como mais provável que ela tomou um caminho mais do que de hábito diferente dos seus passeios comuns. O paralelo, que imaginamos ter existido no

pensamento de Le Commercial, só poderia ser sustentado no caso de dois indivíduos atravessando a cidade inteira. Neste caso, admitindo-se que as relações pessoais de cada um sejam numericamente equivalentes, as oportunidades seriam também iguais de que o mesmo número de encontros pessoais se realizasse. No que a mim toca não só como possível, mas como bem mais provável, que Marie pudesse ter seguido em qualquer dado momento por qualquer um dos muitos caminhos entre sua própria residência e a de sua tia sem encontrar uma só pessoa a quem conhecesse ou por quem fosse reconhecida. Encarando essa questão em sua plena e devida luz, devemos manter firmemente no espírito a grande desproporção entre as relações pessoais do até mesmo mais conhecido sujeito de Paris e a inteira população da própria Paris.

Mas seja qual for a força que possa ainda parecer haver na sugestão de Le Commercial, será ela muito diminuída quando tomarmos em consideração a hora em que a moça saiu. "Ela saiu quando estavam cheias de gente..." -diz Le Commercial. Mas não foi tal. Eram nove horas da manhã. Ora, às nove horas de todas as manhãs durante a semana, com exceção do domingo, as ruas da cidade estão, é verdade, apinhadas de gente. As nove de domingo, a população acha-se principalmente dentro de casa, preparando-se para ir à igreja. Nenhuma pessoa observadora pode ter deixado de notar o ar caracteristicamente deserto da cidade, desde cerca das oito às dez da manhã de cada domingo. Entre dez e onze as ruas estão repletas, mas não a uma hora tão cedo como a designada.

Há outro ponto em que parece haver deficiência de observação da parte de Le Commercial. "Um pedaço – diz ele -de um dos vestidos da infortunada moça, de sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, fora arrancado e amarrado sob seu queixo atando-se na nuca, provavelmente para impedir gritos. Isso foi feito por sujeitos que não tinham lenços de bolso." Se esta ideia está ou não bem fundamentada tentaremos ver em seguida; mas por que não tinham lenços no bolso" o diretor entende a mais baixa classe de rufiões. Estes, porém, são os próprios tipos de gente que sempre têm lenços, mesmo quando destituídos de camisa. Você deve ter tido ocasião de observar quão absolutamente indispensável, nos últimos anos, se tornou o lenço de bolso para os perfeitos capadócios.

E que devemos pensar – perguntei – do artigo publicado Le Soleil? Que grande pena que o seu redator não tenha nascido papagaio. Em tal caso teria sido ele o mais ilustre papagaio de sua raça. Repetiu simplesmente os pormenores individuais das opiniões já publicadas, reunindo-as, com louvável habilidade, de um jornal e doutro. "Os objetos -diz ele – ficaram evidentemente lá, pelo menos três ou quatro semanas"; não pode haver dúvida que o local de tão espantoso ultraje tenha sido descoberto. Os factos aqui reafirmados por Le Soleil estão bem longe, de facto, de desfazer minhas dúvidas sobre esse assunto, e teremos de examiná-los mais detidamente adiante, em suas relações com outra parte da questão.

Presentemente, devemos ocupar-nos com outras investigações. Você não pode ter deixado de notar a extrema negligência no exame do cadáver. Decerto, a questão da identidade foi prontamente minada, ou deveria ter sido; mas havia outros pontos a serem verificados. Tinha sido o corpo de alguma maneira despojado? Levava a morta consigo algumas joias, ao sair de casa? Em caso afirmativo tinha ela alguma quando foi encontrada? Estas são questões importantes, absolutamente negligenciadas pelo inquérito. E há outras de igual valor que não mereceram atenção. Tentaremos satisfazer por meio de uma investigação pessoal.

O caso de St. Eustache deve ser novamente examinado. Não tenho suspeitas contra esse indivíduo. Mas procedamos com método. Verificaremos, com todo o escrúpulo, a validade de seus atestados a respeito de seu paradeiro no domingo. Atestados dessa natureza, tornam-se prontamente objeto de mistificação. Se nada encontrarmos de suspeito aqui, afastaremos St. Eustache de nossas investigações. Seu suicídio, porém, corroborativo de suspeita, no caso de se descobrir falsidade nos atestados, não é, sem tal falsidade de modo algum uma circunstância inexplicável, ou que deva fazer-nos desviar da linha da análise ordinária.

Nisto que eu agora proponho, afastaremos os pontos interiores desta tragédia, e concentraremos nossa atenção sobre seus contornos exteriores. É erro comum, em investigações como esta, limitar a pesquisa ao imediato, com total desprezo pelos acontecimentos colaterais ou circunstâncias. É mau costume dos tribunais confinar a instrução e discussão nos limites de relevância aparente. Contudo a

experiência tem mostrado e uma verdadeira filosofia sempre mostrará que uma vasta e talvez a maior porção de verdade brota das coisas aparentemente irrelevantes. E pelo espírito desse princípio se não precisamente pela sua letra, que a ciência moderna tem resolvido calcular sobre o imprevisto. Mas talvez você não me compreenda. A história do conhecimento humano tem tão ininterruptamente mostrado que devemos aos acontecimentos colaterais, fortuitos ou acidentais as mais numerosas e as mais valiosas descobertas que se tornou afinal necessário, na perspectiva do progresso vindouro, fazer não somente grandes, mas as maiores concessões às invenções que surgem por acaso, e completamente fora das previsões ordinárias. Já não é filosófico basear-se sobre o que tem sido uma visão do que deve ser. O acidente é admitido como uma das subestruturas. Fazemos do acaso matéria de cálculo absoluto. Sujeitamos o inesperado e o inimaginado às fórmulas matemáticas das escolas. Repito que é facto positivo que a maior parte de toda a verdade tem nascido dos factos secundários e é simplesmente em acordo com o espírito do princípio implicado neste facto que eu gostaria de desviar o inquérito no presente caso, do terreno já palmilhado e até agora infrutífero do próprio acontecimento para o das circunstâncias contemporâneas que o rodeiam.

Enquanto você verificar a validade dos atestados, examinarei os jornais de maneira mais geral "do que você até agora tem feito. Até aqui temos apenas feito o conhecimento do campo de investigação; mas será estranho, de facto, se um exame compreensivo, tal como proponho, dos jornais públicos não nos proporcione algumas pequenas informações, que estabelecerão uma direção para o inquérito.

De acordo com a sugestão de Dupin, fiz escrupuloso exame do caso dos atestados. O resultado foi uma firme convicção de sua validade e da consequente inocência de St. Eustache. Entrementes, ocupava-se, com o que parecia ser para mim uma minúcia totalmente supérflua, em examinar rigorosamente as coleções dos diversos jornais. No fim de uma semana, colocou diante de mim recortes:

Há cerca de três anos e meio, uma agitação bem semelhante à atual foi causada pelo desaparecimento dessa mesma Marie Roget da perfumaria do Sr. Le Blanc, no Palais Royal. No fim de uma semana, porém, ela reapareceu no seu balcão costumeiro, tão bem como sempre, com exceção de uma leve palidez não de todo habitual. Foi declarado

pelo Sr. Le Blanc e por sua mãe que ela estivera simplesmente de visita a alguma amiga no interior e prontamente esquecido. Presumimos que a presente ausência é um capricho da mesma espécie e que, expirado o prazo de uma semana, ou talvez um mês, tê-la-emos entre nós de novo.

Um Jornal da noite de ontem refere-se a uma antiga desapareção misteriosa da Srta Roget. É bem sabido que durante a semana de sua ausência da perfumaria de Le Blanc, achava-se ela na companhia de um jovem oficial de marinha, muito conhecido pela sua devassidão. Uma briga, supõe-se, providencial foi causa de sua volta para casa. Sabemos o nome do libertino em questão, o qual se acha atualmente colocado em Paris, mas por evidentes razões, abtemo-nos de torná-lo público. (Le Mercurie, terça-feira de manhã, 24 de junho.)

Um crime da espécie mais atroz foi perpetrado perto desta cidade antes de ontem. Um cavaleiro, com a sua mulher e a sua filha, ao cair da noite, alugou os serviços de seis rapazes que estavam ociosamente remando em um bote, para cá e para lá, perto das margens do Sena, a fim de atravessá-lo. Ao alcançar a margem oposta, os três passageiros saltaram em terra e já se tinham afastado do barco, a ponto de perdê-lo de vista, quando a filha descobriu que havia deixado nele a sua sombrinha. Voltou para buscá-la, foi agarrada pela quadrilha, carregada sobre o rio, amordaçada, brutalmente tratada e, finalmente, levada para a margem a um ponto não longe daquele onde havia anteriormente entrado no barco com seus pais. Os canalhas escaparam no momento, mas a polícia já se encontra na sua pista e qualquer deles será apanhado dentro em breve. (Morning Paper, 25 de junho)

Recebemos uma ou duas comunicações cuja finalidade é atribuir a Mennais o crime atroz há pouco cometido. Mas como esse cavaleiro foi plenamente absolvido por um inquérito legal, e como os argumentos de numerosos correspondentes parecem ser mais cheios de zelo que de profundidade, achamos não ser aconselhável torná-los públicos. (Morning Paper, 28 de junho)

Recebemos numerosas comunicações, redigidas com energia e aparentemente de várias procedências e que levam a aceitar como coisa certa que a Marie Roget veio a ser vítima de um dos numerosos bandos de malfeitores que infestam os arredores da cidade, aos domingos. Nossa própria opinião é decididamente a favor dessa hipótese.

Trataremos proximamente de expor aqui alguns desses argumentos. (Evening Paper, (22) 30 de junho)

Segunda-feira, um dos bateleiros ligados ao serviço fiscal viu um bote vazio descendo a correnteza do Sena. As velas jaziam no fundo do barco. O bateleiro rebocou-o até o escritório de navegação. Na manhã seguinte, foi tirado dali, sem o conhecimento de qualquer dos empregados. O leme ficou no escritório de navegação. (Le Diligence, (23) quinta-feira, 26 de junho)

Depois de ler estes vários recortes, não somente me pareceram sem importância como também não consegui arranjar modo de relacioná-los com o assunto em questão. Esperava uma explicação qualquer de Dupin.

– Não é intenção minha atual – disse ele – morar em cima do primeiro e do segundo desses recortes. Copiei-os principalmente para mostrar-lhe a extrema negligência da polícia, que, a acreditar no que disse o Chefe de Polícia, não se inquietou, de modo algum em interrogar o oficial de marinha a que ali se alude. Entretanto seria loucura dizer que entre a primeira e a segunda desapareição de Marie não exista uma provável relação. Admitamos que a primeira fuga tenha resultado em briga entre os dois namorados, com a volta para casa da moça traída. Estamos agora preparados para examinar uma segunda fuga (se sabemos que se realizou uma fuga de novo), como indicativa de uma renovação de tentativas por parte do traidor, mais do que como o resultado de novas propostas parte de um segundo indivíduo estamos preparados a encará-la como uma "volta às boas" do velho amor, em vez de o começo de outro.

As probabilidades são de dez para um de que aquele que outrora fugira com Marie propusera nova fuga, em vez de ser Marie, a quem tinham sido feitas propostas de uma fuga, por um indivíduo, quem as aceitara desse outro. E aqui deixe-me chamar-lhe a atenção para o facto de ser o tempo decorrido entre a primeira fuga conhecida e a segunda fuga suposta de poucos meses mais do que a duração geral dos cruzeiros de nossos navios de guerra. Teria sido o amante interrompido na sua primeira infâmia pela necessidade de partir para bordo e aproveitou a primeira oportunidade de seu regresso para renovar as vis tentativas ainda não de todo realizadas -ou não ainda de todo realizadas por ele?

De todas essas coisas, nada sabemos. Você dirá, porém, que, no segundo caso não houve fuga, como imaginamos. Certamente que não. Mas estamos preparados para dizer que não houve o desígnio frustrado?

Além de St. Eustache, e talvez Beauvais, não encontramos namorados de Marie, reconhecidos, declarados, respeitáveis. De nenhum outro se falou coisa alguma. Qual é, então, o amante secreto de quem os parentes (pelo menos a maior parte deles) nada sabem, mas com quem Marie se encontra no domingo de manhã, e que goza tão profundamente de sua confiança que ela não hesita em permanecer com ele, até caírem as sombras da noite, entre os pequenos bosques solitários da Barreira do Roule? Quem é esse amante oculto, pergunto eu, de quem, pelo menos, a maior parte dos parentes nada sabe? E que significa a singular profecia da Sra. Roget, na manhã da partida de Marie: "Receio que jamais verei Marie de novo"?

Mas se não podemos imaginar a Sra. Roget informada do desígnio de fuga, não poderemos pelo menos supor que essa fosse a intenção da moça? ao sair de casa, deu ela a entender que ia fazer uma visita a sua tia, na Rua dos Drômes, e St. Eustache foi encarregue de ir buscá-la ao escurecer. Ora, à primeira vista, este facto milita fortemente contra minha sugestão, mas reflitamos. Que ela tenha encontrado algum companheiro, que tenha atravessado com ele o rio, alcançando a Barreira do Roule a uma hora já bastante avançada, pois eram três horas da tarde, é sabido. Mas consentindo assim em acompanhar esse indivíduo (com uma intenção qualquer, conhecida ou desconhecida por sua mãe), devia ela ter pensado na intenção que havia exprimido ao sair de casa, e na surpresa e na suspeita despertadas no coração de seu noivo, St. Eustache, quando, indo procurá-la, à hora combinada, na Rua dos Dromes, descobrisse que ela não estivera ali, e quando, além disso, de volta à pensão, com esta alarmante informação, viesse a saber que ela continuava ausente de casa. Ela deveria ter pensado nestas coisas, digo eu. Ela deve ter previsto o pesar de St. Eustache, a suspeita de todos. Podia não ter pensado em voltar, para enfrentar essa suspeita; mas a suspeita torna-se para ela um ponto de importância insignificante, se supusermos que não era intenção sua voltar.

Podemos imaginá-la pensando desta forma: "Vou encontrar-me com certa pessoa, a fim de fugirmos, ou para certos outros fins conhecidos somente de mim mesma. É necessário que não haja

possibilidade de interrupção – devemos ter bastante tempo para escapar a qualquer perseguição -darei a entender que irei passear o dia todo com minha tia, na Rua dos Dromes. Direi ao St. Eustache que só vá buscar-me ao anoitecer – desta forma, minha ausência de casa, pelo maior tempo possível, sem causar suspeita ou apreensão, poderá explicar-se, e ganharei mais que de qualquer outra maneira. Se peço a St. Eustache para ir buscar-me ao anoitecer, certamente ele não irá antes disso; mas se me esqueço completamente de pedir-lhe que me vá buscar, meu tempo para a fuga diminuirá, desde que é de esperar que eu volte mais cedo e minha ausência, mais cedo ainda, despertará inquietação. Ora, se fosse intenção minha voltar de qualquer modo, se tivesse em vista um simples passeio com o indivíduo em questão, não seria de boa política pedir a St. Eustache para ir buscar-me, pois, indo, descobriria, com toda a certeza, que eu o havia enganado, facto que poderia conservá-lo para sempre na ignorância, deixando a casa, sem notificá-lo de minha intenção, voltando antes do escurecer e contando então que estivera de visita à minha tia, na Rua Dromes. Mas, como é intenção minha jamais voltar, ou não voltar durante algumas semanas, ou só voltar depois que certas coisas possam ficar ocultas, ganhar tempo é o único ponto a respeito do qual tenho necessidade de preocupar-me."

Você deve ter observado, em suas notas, que a opinião mais geral em relação a este triste caso, é, e foi desde o começo, que a moça foi vítima de um bando de malfeitores. Ora, a opinião popular sob certas condições, não merece ser desprezada. Quando surge por si mesma, quando se manifesta de maneira estritamente espontânea devemos encará-la como análoga àquela intuição, que é a disposição temperamental do homem de gênio. Em noventa e nove por cento, dos casos, eu me aterei às suas decisões. Mas é importante que não encontremos traços palpáveis de sugestão. A opinião deve ser rigorosamente a própria opinião do público; e a distinção é muitas vezes excessivamente difícil de perceber e de manter. No caso presente, parece-me que esta "opinião pública", a respeito de uma quadrilha, tem sido induzida pelo acontecimento paralelo, relatado no terceiro de meus recortes.

Toda Paris está excitada pela descoberta do cadáver de Marie, uma jovem bela e conhecida. Esse cadáver é encontrado, acusando sinais de violência, e boiando no rio. Mas se torna então conhecido que na mesma

ocasião, ou quase na mesma ocasião em que se supõe que a moça tenha sido assassinada, um crime de semelhante natureza ao sofrido pela morta, embora de menor repercussão, foi perpetrado por uma quadrilha de jovens rufiões, na pessoa de uma segunda jovem.

É, de surpreender que o primeiro crime conhecido tenha influído no julgamento popular a respeito do outro desconhecido? Este julgamento aguardava uma direção e o crime conhecido parecia tão oportunamente proporcioná-la! Marie também foi encontrada no rio e nesse mesmo rio foi cometido o crime conhecido. A relação dos dois acontecimentos tinha em si mesma tanto de palpável que verdadeira maravilha teria sido que o povo deixasse de apreciá-la e dela apoderar-se. Mas, de facto, um dos dois crimes, conhecido por ter sido cometido com atrocidade, é um índice, se alguma coisa é, de que o outro, cometido quase na mesma ocasião, não foi cometido da mesma maneira. Teria sido na verdade um milagre, se, enquanto um bando de rufiões estava perpetrando, em dada localidade, um crime inaudito, estivesse outra quadrilha semelhante, em idêntica localidade, na mesma cidade, nas mesmas circunstâncias, com os mesmos meios e os mesmos processos, ocupada em um crime precisamente da mesma espécie e precisamente no mesmo espaço de tempo! E no entanto, em que, a não ser nesta maravilhosa série de coincidências, nos levaria a acreditar a opinião, acidentalmente sugerida, do povo?

Antes de ir mais além, consideremos a suposta cena do assassinato, na moita da Barreira do Roule. Essa moita, embora densa, acha-se bem próxima de uma estrada pública. Dentro dela havia quatro grandes pedras, formando uma espécie de banco, encosto e um escabelo. Na pedra de cima descobriu-se uma saia branca; na segunda, uma echarpe de seda. Uma sombrinha, um lenço de bolso foram também ali encontrados. O lenço nome "Marie Roget". Fragmentos de vestido foram descobertos nas sarças em redor. O chão estava calcado, as moitas partidas, e havia toda a evidência de uma luta violenta.

Não obstante a aclamação com que a imprensa recebeu a descoberta dessa moita e a unanimidade com que se supôs que representasse a cena precisa do crime, deve-se admitir que havia mais de uma boa razão para duvidar disso. Que fosse o cenário do crime, eu poderia ou não acreditar, mas havia uma excelente razão para duvidar. Se a verdadeira cena tivesse sido, como sugere Le Commercial, na

vizinhança da Rua Pavée Saint-André, os executantes do crime, supondo-os ainda morando em Paris, teriam sido naturalmente tomados de terror, ao ver a atenção do público tão agudamente dirigida para a verdadeira pista; e, em certa classe de espíritos, ter-se-ia despertado, imediatamente, o senso da necessidade de uma tentativa qualquer para distrair essa atenção. E assim, tendo já as suspeitas recaído sobre a moita da Barreira do Roule, a ideia de colocar os objetos onde eles foram encontrados podia ter sido naturalmente concebida.

Não há prova real, embora Le Soleil assim suponha, de que os objetos descobertos tenham estado mais do que poucos dias na moita; ao passo que existem muito mais provas circunstanciais que eles não poderiam ter ficado ali sem atrair a atenção durante os vinte dias decorridos entre o fatal domingo e a tarde em que encontrados pelos meninos. "Estavam completamente mofados, diz Le Soleil, adotando as opiniões de seus predecessores, "pela ação da chuva e colados uns aos outros pelo mofo. A grama crescera em torno e por cima de alguns deles. A seda da sombrinha era forte, mas os fios estavam costurados juntos por dentro. A parte superior, onde fora dobrada e enrolada, estava toda mofada e apodrecida, rasgando-se ao ser aberta a sombrinha..." A respeito da grama ter crescido "em torno e por cima de alguns deles", é claro que o facto podia ter sido verificado apenas de acordo com as palavras e por isso com as recordações dos dois meninos, porque esses meninos pegaram os objetos e levaram-nos para casa antes que fossem vistos por terceiros. Mas a grama cresce, especialmente, tempo quente e húmido (como o da época em que se deu o crime), umas duas ou três polegadas num só dia. Uma sombrinha pousada sobre um chão onde a grama é robusta pode, numa única semana estaria inteiramente oculta na grama subitamente crescida. E quanto a esse mofo sobre o qual o diretor de Le Soleil tão pertinazmente insiste, que emprega a palavra nada menos de três vezes no breve parágrafo que acabamos de citar, ignorará ele realmente a natureza desse mofo? Será preciso dizer-lhe que é uma dessas numerosas classes de fungos cujo carácter mais comum é seu aparecimento e decadência dentro de vinte e quatro horas?

Por isso vemos, ao primeiro relance, que o que tem sido mais triunfalmente aduzido em apoio da ideia que os objetos tinham estado "durante pelo menos três ou quatro semanas" na moita é absurdamente nulo, como prova qualquer desses factos. Por outro é excessivamente

difícil acreditar que aqueles objetos pudessem ter permanecido na moita especificada por um tempo maior do que uma simples semana, durante um período mais longo do que de um domingo para outro. Todos aqueles que conhecem um pouco dos arredores de Paris sabem a extrema dificuldade de encontrar "retiros", a não ser a grandes distâncias de seus subúrbios. Coisa semelhante a um recanto inexplorado, ou mesmo não frequentemente visitado, entre seus bosques e capões, nem por um momento se imagina. Vá alguém que, sendo de coração amante da natureza, está ainda encadeado pelos deveres ao calor e ao pó desta grande metrópole, vá esse alguém tentar, mesmo durante os dias da semana, saciar a sua sede de solidão entre os panoramas de encanto natural que de perto nos circundam. A cada passo encontrará o feitiço nascente, rompido pela voz ou pela intromissão pessoal de algum rufião ou bando de vadios embriagados. Buscará o recolhimento entre as mais densas folhagens, mas tudo em vão. Estão ali os próprios esconderijos, em que a rale é mais abundante, esses são os templos mais profanados. Com angústia no coração, o passeante voará de volta à poluída Paris, como a sentina de poluição menos imprópria, porque menos odiosa. Mas se a vizinhança da cidade é tão frequentada durante os dias de trabalho da semana, quanto mais não o será nos domingos! É especialmente então que, libertada das cadeias do trabalho, ou privadas das costumeiras oportunidades para o crime, a vadiagem da cidade busque os arredores, não pelo amor do campo, que no íntimo ela despreza, mas como um meio de escapar às restrições e convencionalismos sociais.

Deseja menos o ar fresco e as árvores verdejantes do que a extrema licença campestre. Ali, na estalagem, à beira da estrada ou sob a folhagem das árvores, ela se entrega, sem ser refreada por qualquer olhar, exceto o de seus alegres companheiros, a todos os loucos excessos de uma hilaridade contrafeita, produto conjunto da liberdade e da aguardente. Nada digo além do que deve ser evidente para qualquer observador desapaixonado quando repito que a circunstância de terem ficado os objetos em apreço sem ser descobertos em período maior do que de um domingo a outro em qualquer bosquezinho das cercanias de Paris deve ser considerada como pouco menos de miraculosa.

Mas não são necessários outros motivos para a suspeita de que os objetos foram colocados no bosquezinho com o fim de desviar a atenção

da cena real do crime. E primeiramente deixe-me dirigir-lhe a atenção para a data da descoberta dos objetos. Compare-a com a data do quinto recorte, que eu mesmo fiz dos jornais. Verificará que a descoberta se seguiu quase imediatamente às comunicações urgentes enviadas ao vespertino.

Essas comunicações, embora várias e aparentemente de várias fontes, tendiam todas para o mesmo fim, a saber, dirigir a atenção para uma quadrilha, como sendo a autora do crime, e para as vizinhanças da Barreira do Roule, como sendo seu teatro. A situação aqui, sem dúvida, não é a de que, em consequência dessas comunicações, ou da atenção pública por elas orientada, os objetos foram encontrados pelos meninos; mas pode, e pode muito bem, haver a suspeita de que os objetos não foram encontrados antes pelos meninos pela razão de que tais objetos não se encontravam antes no bosquezinho, tendo sido colocados ali num período mais tardio, seja o da data em apreço, seja pouco antes dessa data, pelos criminosos, autores das próprias comunicações.

Esse bosquezinho era singular, era excessivamente singular. Incomumente fechado. No recinto de suas muralhas naturais havia três pedras extraordinárias, formando um banco, com encosto e escabelo. E esse bosquezinho, tão cheio de arte, estava na vizinhança imediata a poucos metros de distância da residência da Sra. Deluc, cujos filhos tinham o hábito de examinar acuradamente os hortos circunvizinhos, à procura de casca de sassafrás. Seria desarrazoado apostar – numa aposta de mil contra um – que nem um dia se passava sobre as cabeças desses meninos sem se encontrar pelo menos um deles escondido no umbroso recanto e entronizado no seu trono natural? Aqueles que hesitassem em tal aposta, ou nunca foram crianças, ou esqueceram a natureza infantil. É - repito - imensamente difícil compreender como os objetos poderiam ter ficado sem ser descobertos naquele bosque por período superior a um ou dois dias; e assim há bons motivos para suspeitar, a despeito da dogmática ignorância de Le Soleil, que eles foram, em data relativamente posterior, colocados onde foram achados.

Mas ainda há outras e mais fortes razões para acreditar que eles foram assim colocados, além dessas sobre que já insisti. E agora deixe-me chamar a sua atenção para o arranjo altamente artificial dos objetos. Na pedra de cima estava uma saia branca; na segunda, uma echarpe de seda; espalhados em volta, uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso,

trazendo o nome "Marie Roget". Aqui está precisamente um arranjo, como naturalmente seria feito por uma pessoa não muito perspicaz que desejasse arrumar os objetos naturalmente. Mas não é de modo algum um arranjo realmente natural. Eu preferiria ver as coisas todas no chão e pisadas por pés.

Nos estreitos limites daquele caramanchão, mal era possível que a saia branca mantivesse uma posição sobre as pedras, quando sujeita ao roçar de muitas pessoas em luta para lá e para cá. "Havia sinais - disseram - de uma luta, e a terra estava pisada, moitas partidas, mas a saia branca e a echarpe foram achadas colocadas como num guarda-roupa. "Os pedaços de vestido rasgados pelas moitas tinham cerca de três polegadas de largura e seis de comprimento. Uma parte era o debrum do vestido e fora emendado." "Pareciam tiras arrancadas." Aqui, inadvertidamente, Le Soleil empregou uma frase extremamente suspeitosa. Os pedaços, tais com descritos, na verdade parecem tiras arrancadas, mas propositadamente e pela mão. E acidente dos mais raros que um pedaço seja "arrancado" de alguma roupa, tal como agora vemos, por intermédio de um espinho.

Pela própria natureza de tais tecidos, um espinho ou um prego que a eles se prendesse rasgá-los-ia retangularmente, dividi-los-ia em duas fendas longitudinais, em ângulo reto uma com a outra encontrando-se no ápice em que o espinho entrou, mas é raramente possível conceber o pedaço "arrancado". Nunca vi isso, nem você também. Para arrancar um pedaço de qualquer pano, devem ser exigidas, em quase todos os casos, duas forças distintas, em diferentes direções.

Se houvesse duas extremidades do pano, se, por exemplo, fosse um lenço de bolso, e se se desejasse tirar dele uma tira, então, e somente então, uma só força serviria para o caso. Mas no caso presente a questão é arrancar de um vestido que apresenta somente uma extremidade. Para arrancar um pedaço do interior, onde não se apresenta extremidade, só por um milagre poderia fazê-lo por meio de espinhos, e nenhum espinho só poderia realizá-lo. Mas, mesmo onde se apresenta uma extremidade, seriam necessários dois espinhos, operando um em duas distintas direções e o outro numa só. E isto na suposição de que a extremidade não seja embainhada. Se embainhada, a coisa está quase fora de questão.

Vemos assim os numerosos e grandes obstáculos, em se tratando de pedaços que são "arrancados" por meio de simples "espinhos", contudo, somos solicitados a crer que não somente um pedaço, mas muitos, foram assim arrancados. "E uma parte", também, era debrum do vestido. Outro pedaço era parte da saia, e não o debrum. Isto é, estava completamente arrancado, por espinhos, da interna, e sem extremidades, do vestido! Estas são coisas, digo eu, que merecem perdão se nelas não acreditamos; contudo, tomadas coletivamente, formam, talvez, campo razoavelmente menor para suspeita do que a circunstância extraordinária de terem sido os objetos deixados, de algum modo, naquela moita por alguns assassinos, que tiveram a bastante precaução de pensar em remover o cadáver.

Você, porém, não me terá entendido bem, se supuser que a minha intenção é negar que essa moita seja a cena do crime. Talvez tenha havido algum delito ali, ou, mais possivelmente, um acidente em casa da Sra. Deluc. Mas, de facto, esse é um ponto de importância menor. Não nos comprometemos numa tentativa para descobrir o local, mas para apresentar os autores do assassinato. O que eu aduzi, não obstante a minúcia com que o aduzi, fí-lo tendo em vista, primeiro, mostrar a loucura das positivas e precipitadas asserções de Le Soleil, mas, em segundo lugar, e principalmente, trazer você, pelo mais natural dos caminhos, a uma visão mais avançada da dúvida sobre se esse crime foi ou não foi obra de uma quadrilha.

Resumiremos esta questão com a simples referência aos pormenores revoltantes do cirurgião interrogado neste inquérito. É apenas necessário dizer que as interferências dele publicadas, a respeito do número de rufiões, foram devidamente ridicularizadas, como injustas e totalmente sem base, por todos os anatomistas reputados de Paris. Não que a coisa não pudesse ter sido assim inferida, mas é que não havia lugar para essa inferência. Não haverá tampouco outras?

Refletamos agora sobre os "sinais de uma luta". E permita-me perguntar o que se supôs que esses sinais demonstrassem. Uma quadrilha. Mas não demonstrariam antes a ausência de uma quadrilha?

Que luta poderia ter tido lugar, que luta tão violenta e tão tenaz que deixasse sinais em todas as direções, entre uma fraca moça indefesa e uma imaginada quadrilha de rufiões? O silencioso aperto de uns poucos braços brutais, e estaria tudo terminado. A vítima deveria ter

ficado absolutamente passiva, à sua discrição. Você aqui levará em consideração que os argumentos apresentados contra o facto de ser a moita a cena do crime são aplicáveis principalmente apenas contra ela, como a cena de um crime cometido por mais de só indivíduo. Se imaginamos, porém, um só violador, podemos conceber, e conceber só assim, a luta de natureza tão violenta e tão obstinada, que deixou "sinais" aparentes.

E mais ainda. Já mencionei a suspeita a suscitar-se contra o facto de que os objetos em questão tiveram de permanecer, de alguma forma, na moita onde foram descobertos. Parece quase impossível que essas provas de culpabilidade tenham sido deixadas ali onde foram encontradas acidentalmente. Houve, supõe-se, suficiente presença de espírito, para remover o cadáver. E contudo, uma prova mais positiva do que o próprio cadáver (cujas feições poderiam ter sido completamente desfeitas pela decomposição) é deixada exposta visivelmente no local do crime; refiro-me ao lenço com o nome da morta. Se foi accidental, não o acidente de uma quadrilha. Podemos imaginá-lo apenas com o acidente de um indivíduo. Vejamos. Um indivíduo cometeu o crime. Está sozinho com o espírito da morta. E apavorado pelo que jaz imóvel à sua frente. A fúria de sua paixão desapareceu. E há no coração bastante espaço para o natural pavor de sua façanha. Não tem aquela segurança que a presença de outros inevitavelmente inspira. Está sozinho com a morta. Treme e está transtornado.

Com tudo, há necessidade de livrar-se do cadáver. Carrega-o até o rio e deixa atrás de si as outras provas de sua culpa, pois é difícil, senão impossível, transportar toda a carga de uma vez, e será fácil voltar para buscar o que se deixou. Mas, em sua penosa caminha para a água, seus temores redobram dentro dele. Os rumores da vida seguem-lhe os passos. Uma dúzia de vezes ouve, ou julga ouvir as passadas de um observador. Até mesmo as luzes da cidade o perturbam. Contudo, a tempo e com longas e frequentes pausas de profunda angústia, alcança ele a margem do rio e livra-se de sua carga apavorante, talvez graças a um bote. Mas que tesouro haveria no mundo, que ameça de vingança poderia haver, que tivesse poder de impelir aquele assassino solitário a voltar, por aquele mesmo caminho perigoso e penoso, até a moita e suas sangrenta recordações? Ele não volta, sejam quais forem as

consequências. Não podia voltar, se quisesse. Seu único pensamento é a fuga imediata. Volta as costas para sempre àqueles apavorantes bosques fuge como que diante da ira por vir.

Mas, se se tratasse de uma quadrilha? O número de membros teria inspirado a todos confiança, se, realmente, jamais há falta de confiança no peito dos meliantes consumados, e só de meliante consumados é que se supõe estejam constituídas as quadrilhas. O número deles, repito, teria evitado o terror irracional e transtornante que, imaginei, paralisaria o homem solitário. Se supuséssemos uma negligência em um, ou dois, ou três, esse descuido teria sido remediado por um quarto. Não teriam deixado nada para trás, pois seu número os capacitaria a levar tudo de uma vez. Não haveria, então, necessidade de voltar.

Considere agora a circunstância de que, na vestimenta externa do cadáver, quando encontrado, uma tira de cerca de trinta centímetros de largura tinha sido rasgada, desde a barra de baixo até à cintura, enrolada três vezes em volta da cintura e atada por meio de uma espécie de nós, nas costas. Isso foi feito com o objetivo evidente de formar uma alça para carregar o corpo. Teria, porém, algum grupo de homens sonhado em recorrer a tal expediente?

Para três ou quatro, os membros do cadáver teriam fornecido uma alça não só suficiente, mas a melhor possível. Tal recurso é o de um indivíduo só; e isso nos leva ao facto de que, "entre o bosquezinho e o rio, os parapeitos da cerca foram encontrados arriados e o solo mostrava sinais evidentes de haver sido arrastado por ele algum fardo pesado". Mas um grupo de homens ter-se-ia dado ao trabalho supérfluo de arriar uma cerca, para o fim de arrastar por ali o cadáver que eles poderiam bem ter passado por cima de qualquer cerca num instante? Precisaria um grupo de homens ter arrastado assim o cadáver, a ponto de ter deixado sinais evidentes do arrastamento?

E aqui devemos referir-nos a uma observação de *Le Commercial*, uma observação sobre a qual já fiz, de algum modo, comentários. Um pedaço – diz o jornal – de um dos saiotes da infortunada moça, de sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, fora arrancado e amarrado sob seu queixo, atando-se na nuca, provavelmente para impedir os gritos. Isso foi feito por sujeitos que não tinham lenços de bolso."

Eu já sugeri que um meliante genuíno nunca anda sem um lenço. Mas não é este facto que agora friso especialmente. Que essa atadura foi empregue quando não faltava um lenço para o fim imaginado por Le Commercial torna-se visível pelo facto de haver sido deixado um lenço no bosquezinho; e que o objetivo não era "impedir gritos", deduz-se também do facto de haver sido empregada de preferência a atadura, em vez do que muito melhor conviria para tal fim. Mas a linguagem do inquérito fala da atadura em questão como "encontrada em volta do pescoço, adaptada frouxamente e amarrada com um nó cego". Estas palavras são suficientemente vagas, mas diferem materialmente das de Le Commercial. A tira era de uma largura de dezoito polegadas e, por conseguinte, embora de musselina, for Marie uma faixa forte, quando dobrada ou enrolada longitudinalmente. E enrolada assim é que foi descoberta.

Minha dedução é esta tendo o assassino solitário conduzido o corpo, por alguma distância (seja do bosquezinho ou de outro lugar), por meio da faixa em forma de alça, em volta de sua cintura, achou que o peso, nesse modo de agir, era demasiado para suas forças. Resolveu arrastar o fardo... a pesquisa chega a mostrar que ele foi arrastado. Com esse fim em vista, tornou-se necessário amarrar qualquer coisa como uma corda, às extremidades. Podia ser amarrada melhor em volta do pescoço, onde a cabeça a impediria de escapulir. E então o assassino pensou, inquestionavelmente, em servir-se da faixa, em torno dos rins. Tê-la-ia usado desse modo se não houvesse seu enrolamento em torno do cadáver, o nó forte que a prendia e a reflexão de que ela não havia sido "arrancada" da roupa. Era mais fácil arrancar novo pedaço da saia branca. Arrancou-o deu-lhe um nó em volta do pescoço e assim arrastou sua vítima até a margem do rio. O facto de que essa "faixa", só conseguida com trabalho e demora, e apenas imperfeitamente servindo ao fim visado, o facto de que essa faixa tenha sido empregada de qualquer modo demonstra que a necessidade de seu emprego nasceu de circunstâncias que se manifestaram num momento em que não era mais alcançável o lenço, isto é, manifestaram-se, como imaginamos depois de deixar o bosquezinho (se fosse mesmo o bosquezinho) e no caminho entre o bosque e o rio.

Mas o depoimento, dirá você, da Sra. Deluc indica especialmente a presença de uma quadrilha, nas vizinhanças do bosque no momento

do assassinato, ou perto dele. De acordo. Duvido é de que não existisse uma dúzia de quadrilhas como a descrita pela Sra. Deluc, na vizinhança da Barreira do Roule, ou perto dela, no momento dessa tragédia, ou perto dele. Mas a quadrilha que atraiu sobre si a frisada animadversão da Sra. Deluc, embora seu depoimento seja algo tardio e muito suspeito, é a única apresentada por aquela honesta e escrupulosa velha senhora como tendo comido os bolos dela e tragado sua aguardente, sem dar-se ao incômodo de pagar-lhe. *Et hinc illae irae?*

Qual, porém, é o depoimento preciso da Sra. Deluc? "Uma quadrilha de malfeitores apareceu, comportou-se ruidosamente, comeu e bebeu sem pagar, seguiu pelo caminho do rapaz e da moça, voltaram à estalagem por volta do crepúsculo e tornaram a atravessar o rio como se estivesse com grande pressa."

Ora, essa "grande pressa" muito possivelmente pareceu "maior pressa" aos olhos da Sra. Deluc, desde que ela se demora, inquieta e dolorosamente, sobre a violação de seus bolos e aguardente, bolos e aguardente pelos quais ainda podia ter mantido uma fraca esperança de retribuição. Por que, de outro modo, desde que estava a ponto de escurecer, teria ela feito questão da pressa? Não há motivo para admirar, por certo, que mesmo uma quadrilha de meliantes tivesse pressa em voltar para casa, quando se deve atravessar por um largo rio em pequenos botes, quando está prestes uma tempestade e quando a noite se aproxima.

Digo: aproxima-se. Porque a noite não chegara ainda. Foi só "por volta do crepúsculo" que a indecente pressa daqueles "malfeitores" ofendeu os castos olhos da Sra. Deluc. Mas dizem-nos que foi nessa mesma tarde que "a Sra. Deluc, bem como seu filho mais velho ouviram gritos de mulher nas vizinhanças da hospedaria". E com que palavras designa a Sra. Deluc o período da tarde em que tais gritos se ouviram? Diz ela: "Foi logo depois de escurecer..." Mas "logo depois de escurecer" há, no mínimo, escuridão; e por volta do crepúsculo há, certamente, luz diurna.

Assim, torna-se abundantemente claro que a quadrilha deixou a Barreira do Roule antes que os gritos fossem ouvidos pela Sra. Deluc, casualmente (?). E embora em todos os numerosos relatos do depoimento as expressões respectivas em apreço sejam distinta e invariavelmente tais como as que empreguei nesta conversação

consigo, nenhuma notícia, qualquer que fosse, da enorme discrepância ainda foi assinalada por qualquer dos grandes jornais ou por qualquer dos esbirros da polícia.

Aos argumentos contra uma quadrilha devo acrescentar apenas um; mas este, pelo menos, para minha compreensão, tem um peso inteiramente irresistível. Sob as circunstâncias da grande recompensa oferecida e do pleno perdão a qualquer denunciador dos cúmplices não se deve imaginar, por um momento, que algum membro de uma quadrilha de rufiões de baixa classe, ou de qualquer grupo de homens, deixaria de trair seus cúmplices. Cada um de uma quadrilha assim colocada não só estaria muito ávido pela recompensa, ou ansioso por escapar, como temeroso de traição. Ele trai, apressada e rapidamente, para que ele mesmo não possa ser traído. Que o segredo não tenha sido divulgado é a melhor prova que é, de facto, um segredo. Os horrores deste sinistro caso são conhecidos somente por uma ou duas criaturas humanas vivas e por Deus.

Recapitemos agora os escassos, porém seguros, frutos de nossa longa análise.

Chegamos à convicção seja de um fatal acidente, sob o teto da Sra. Deluc, seja de um crime perpetrado, na moita da Barreira do Roule, por um amante, ou pelo menos por um camarada íntimo e secreto da morta. Esse camarada tem a tez morena. Essa tez, o "nó" na faixa e o "nó de marinheiro", com que está atada a fita do chapéu, designam um homem do mar. Sua camaradagem com a morta, uma moça alegre mas não abjeta, denuncia-o como de grau superior ao de simples marinheiro. Aqui as comunicações urgentes e bem escritas aos jornais servem bastante para corroborar nossa hipótese. A circunstância da primeira fuga, revelada por Le Mercure, leva a fundir a ideia desse marinheiro com a daquele "oficial de marinha", que se conhece como tendo sido o primeiro que induziu a infeliz a cometer uma falta.

E aqui, com a maior oportunidade, se apresenta a consideração da contínua ausência desse tal homem de tez morena. Detenhamo-nos na observação de que a tez desse homem é escura e queimada; não é uma tez simplesmente requeimada essa que constitui o único ponto de recordação tanto para Valence como para a Sra. Deluc. Mas por que está ausente esse homem? Teria sido assassinado pela quadrilha? Se tal aconteceu, por que há apenas sinais da moça assassinada? Há de supor-

se que o local do crime tenha sido o mesmo. E onde está o cadáver dele? Com toda a probabilidade deveriam os assassinos ter-se livrado de ambos, da mesma maneira. Mas pode-se alegar que este homem está vivo e que o receio de ser acusado do crime o impede de se dar a conhecer. Somente agora é que se pode supor que essa consideração aja sobre ele, tão tarde já, pois foi testemunhado ter sido ele visto com Marie, mas não teria tido força alguma no período do crime.

O primeiro impulso de um homem inocente teria sido anunciar o crime e ajudar a identificar os bandidos. Esta política seria aconselhável. Fora visto com a moça. Cruzara o rio com ela num barco descoberto. A denúncia dos assassinos teria parecido, mesmo a um idiota, o meio único e mais seguro de livrar a si mesmo de suspeita. Não podemos supô-lo, na noite do domingo fatal, ao mesmo tempo inocente e ignorante de um crime cometido. Entretanto, somente em tais circunstâncias é possível imaginar que, estando vivo, deixasse de denunciar os assassinos. E que meios possuímos de alcançar a verdade? Veremos esses meios multiplicarem-se e reunirem-se distintamente, à medida que avançarmos. Sondemos até ao fundo esse caso da primeira fuga. Tomemos conhecimento da história completa do oficial, bem como das circunstâncias atuais em que se encontra e do seu paradeiro na época precisa do crime. Comparemos cuidadosamente umas as outras as várias comunicações enviadas aos jornais da noite, o objetivo era incriminar uma quadrilha.

Isto feito, comparemos essas comunicações, pelo estilo e pela caligrafia, com as enviadas ao jornal da manhã, em ocasião precedente, instinto tão veementemente na culpabilidade de Mennais. E feito tudo isto, comparemos de novo essas várias comunicações a caligrafia conhecida do oficial. Tentemos averiguar, por meio dos repetidos interrogatórios da Sra. Deluc e de seus filhos, bem como do condutor do autocarro, Valence, alguma coisa mais a respeito aparência pessoal e atitudes do "rapaz moreno". Perguntas, habilmente dirigidas, não deixarão de arrancar, de algumas dessas testemunhas, informações sobre esse ponto particular (ou sobre outros – informações que nem mesmo as próprias testemunhas podem estar certas de possuir). E depois sigamos o bote, recolhido pelo bateleiro, na manhã de segunda-feira, 23 de junho, e que foi retirado do escritório de navegação sem que o oficial de serviço disso tivesse conhecimento, e sem o leme, em certa

ocasião anterior à descoberta do cadáver. Com a devida precaução e perseverança seguiremos infalivelmente esse bote, pois não somente o bateleiro que o recolheu pôde identificá-lo, mas temos o leme à nossa disposição. O leme de um bote a vela não teria sido abandonado sem busca por alguém de coração inteiramente à vontade. E paremos aqui para insinuar uma sugestão. Não houve aviso do recolhimento desse bote. Foi silenciosamente levado para o escritório de navegação e silenciosamente de lá saiu. Mas como se deu que seu proprietário, ou quem dele se utilizava, logo na terça-feira de manhã, fosse informado, sem nenhum aviso, do local onde se achava o bote recolhido na segunda-feira, a menos que imaginemos alguma conexão com a marinha, alguma conexão permanente e pessoal que implicasse o conhecimento de seus mínimos interesses e de suas pequeninas notícias locais?

Ao falar do assassino solitário levando a sua carga para a praia já tinha eu insinuado a probabilidade de haver-se ele utilizado de um bote. Compreendemos agora que Marie Roget foi precipitada de um bote. Deve ter sido este, naturalmente, o caso. O cadáver não pode ter sido confiado às águas pouco profundas da praia. As marcas características nas costas e nos ombros da vítima denunciam as travessas do fundo de um barco.

Que o corpo tenha sido encontrado sem um peso, vem também corroborar a hipótese. Se tivesse sido lançado da margem, ter-lhe-iam por certo amarrado um peso. Só podemos explicar-lhe a falta supondo que o assassino esqueceu a precaução de suprir-se de um, antes de pôr-se ao largo. No ato de lançar o corpo à água, deveria ter, sem dúvida alguma, percebido a sua negligência; mas então remédio algum havia à mão. Qualquer risco seria preferível a voltar à maldita praia. Uma vez livre de sua horrenda carga, ter-se-ia criminoso apressado em voltar para a cidade. Ali, em qualquer cais obscuro teria saltado em terra. Mas o bote, tê-lo-ia posto em segurança? Muita era a pressa que tinha, para perder tempo em guardar um bote. Além disso, amarrando-o ao cais, teria acreditado estar amarrado uma prova contra si mesmo. Naturalmente pensou em afastar de si, o mais longe possível, tudo quanto tivera relação com seu crime. Não somente fugira do cais, mas não deixara que o bote lá ficasse. Por certo, empurrou-o para a correnteza.

Prossigamos na nossa conceção. Pela manhã, o miserável foi tomado de indizível terror, ao descobrir que o bote tinha sido recolhido à um lugar que ele costumava frequentar diariamente, a um lugar talvez, que suas ocupações o obrigassem a frequentar. Na noite seguinte sem ousar perguntar pelo leme, fez desaparecer o bote. Onde se encontra agora esse bote sem leme? Seja um dos nossos primeiros objetivos descobri-lo. Com o primeiro esclarecimento que pudemos obter, começará a aurora de nosso êxito. Este bote nos guiará com uma rapidez que surpreenderá a nós próprios, àquele que utilizou à meia-noite do domingo fatídico. Confirmações se amontoarão sobre confirmações e seguiremos a pista do criminoso.

Por motivos que não especificaremos, mas que parecerão claros a muitos leitores, tomamos a liberdade de omitir aqui, do manuscrito a nós entregue, a parte em que se acha pormenorizado o prosseguimento do indício, aparentemente ligeiro, descoberto por Dupin.

Julgamos conveniente apenas fazer conhecer, em resumo, que o resultado desejado foi obtido e que o Chefe de Polícia cumpriu, pontualmente, embora com relutância, os termos de seu contrato, com o cavalheiro. O artigo do Sr. Poe conclui com as palavras que se seguem:

Compreender-se-á que falo de simples coincidências e nada mais. O que já disse a respeito deste assunto deve bastar. Não há no meu coração nenhuma fé no sobrenatural. Que a Natureza e Deus sejam dois, nenhum homem que pensa poderá negá-lo. Que este, criando aquela, pode, à vontade, controlá-la, ou modificá-la, é também incontestável. Digo "à vontade", pois a questão é de vontade, e não de poder, como certos lógicos absurdos o têm suposto. Não é que a Divindade não possa modificar suas leis, mas nós a insultamos imaginando uma possível necessidade de modificação. Na sua origem essas leis foram feitas para abarcar todas as contingências que poderiam fazer no futuro. Com Deus tudo é presente.

Repito, pois, que falo dessas coisas somente como coincidências. E mais ainda no que relato, ver-se-á que, entre a sorte da infeliz Marie Cécile Roget até onde se conhece essa sorte, e a sorte de uma tal Marie Roget, até certa época de sua história, existiu um paralelo na contemplação de cuja maravilhosa exatidão a razão se sente embaraçada. Digo que tudo isso se verá. Mas nem por um instante se

suponha que, continuando a triste história de Marie, desde a época mencionada e encaixando até a sua solução o mistério que a cercava, foi meu desígnio secreto sugerir uma extensão do paralelo, ou mesmo insinuar que as medidas adotadas em Paris, para a descoberta do assassino de uma *grisette*, ou medidas baseadas sobre um método de raciocínio semelhante, produziram resultado idêntico. Porque em relação a última parte da suposição, dever-se-ia considerar que a mais leve variação nos factos dos dois casos poderia dar origem aos mais graves erros de cálculo, fazendo divergir totalmente os dois cursos de acontecimentos, como acontece tantas vezes em aritmética, em que um erro inapreciável, se tomado individualmente, produz afinal, por força de multiplicação em todos os pontos da operação, um resultado enormemente distante do verdadeiro.

E relativamente à primeira parte, não devemos deixar em vista que esse mesmo cálculo das probabilidades a que me referi interdiz qualquer ideia da extensão do paralelo e a interdiz com uma positividade forte e decidida, justamente na proporção em que esse paralelo já tem sido lento e exato. É esta uma dessas proposições anómalas que, se bem que pareça considerar-se totalmente separada da matemática, é, contudo, daquelas que somente os matemáticos podem plenamente conceber. Nada, por exemplo é mais difícil do que convencer o leitor comum de que o facto de ter sido o seis lançado duas vezes sucessivas, por um jogador de dados, é causa suficiente para apostar-se em grosso que o seis não aparecerá na terceira tentativa.

Uma sugestão dessa espécie é geralmente rejeitada pela inteligência, imediatamente. Não se compreende como as duas jogadas já realizadas, e que são agora coisa absolutamente do passado, possam ter influência sobre a terceira que existe somente no futuro. A possibilidade de obter o seis parece ser precisamente o que ela era em não importa qual momento, isto é, sujeita tão só à influência das várias outras jogadas que os dados possam fazer. E esta é uma reflexão que parece tão excessivamente evidente que qualquer tentativa de a controverter é recebida mais frequentemente com um sorriso de zombaria do que com algo que lembra uma atenção respeitosa. O erro aqui implicado, grande erro grávido de males, não pode ser aqui exposto, dentro dos limites que me são atualmente concedidos, e para os filósofos dispensa explicação. Basta dizer aqui que forma ele um

engano de uma infinita serie de enganos, que surgem no caminho da Razão, em virtude de sua tendência em buscar a verdade no pormenor.



A Carta Roubada

(THE PURLOINED LETTER, 1844-45)

Último conto da Trilogia Dupin'



Em Paris, justamente depois de escura e tormentosa noite, no outono do ano 18..., desfrutava eu do duplo luxo da meditação e de um cachimbo feito de espuma-do-mar, em companhia de meu amigo Auguste Dupin, em sua pequena biblioteca, ou gabinete de leitura, situado no terceiro andar da Rua Dunot, 33, Faubourg Saint-Germain. Durante uma hora, pelo menos, mantínhamos profundo silêncio; cada um de nós, aos olhos de algum observador casual, teria parecido intensa e exclusivamente ocupado com as volutas de fumaça que tornavam densa a atmosfera do aposento. Quanto a mim, no entanto, discutia mentalmente certos tópicos que haviam constituído o assunto da conversa entre nós na primeira parte da noite. Retiro-me ao caso da Rua Morgue e ao mistério que envolvia o assassinio de Marie Roget. Pareceu-me, pois, quase que uma coincidência, quando a porta de nosso apartamento se abriu e entrou o nosso velho conhecido, Monsieur G..., delegado de polícia de Paris.

Recebemo-lo com cordialidade, pois havia nele tanto de desprezível como de divertido, e não o víamos havia já vários

anos. Tínhamos estado sentados no escuro e, a entrada do visitante, Dupin se ergueu para acender a luz, mas sentou-se de novo sem o fazer, depois que G... nos disse que nos visitava para consultar-nos, ou melhor, para pedir a opinião de meu amigo sobre alguns casos oficiais que lhe haviam causado grandes transtornos.

– Se se trata de um caso que requeira reflexão – disse Dupin –, desistindo de acender a mecha, será mais bem examinado no escuro.

– Esta é outra de suas estranhas ideias – comentou o delegado, que tinha o costume de 'chamar "estranhas" todas as coisas que estavam além de sua compreensão e que, desse modo, vivia em meio de uma legião inteira de “estranhezas”.

– Exatamente – disse Dupin, enquanto oferecia um cachimbo ao visitante e empurrava para junto dele uma confortável poltrona.

– E qual é agora a dificuldade? – perguntei. – Espero que não seja nada que se refira a assassinios.

– Oh, não! Nada disso! Trata-se, na verdade, de um caso muito simples, e não tenha dúvida de que podemos resolvê-lo satisfatoriamente. Mas, depois, pensei que Dupin talvez gostaria de conhecer alguns de seus pormenores, que são bastante estranhos.

– Um caso simples e estranho – comentou Dupin.

– Sim, realmente; mas por outro lado, não é nem uma coisa nem outra. O facto é que todos nós ficamos muito intrigados, pois, embora tão simples, o caso escapa inteiramente a nossa compreensão.

– Talvez seja a sua própria simplicidade que os desorienta – disse o meu amigo.

– Ora, que tolíce – exclamou o delegado, rindo cordialmente.

– Talvez o mistério seja um pouco simples demais – disse Dupin.

– Oh, Deus do céu! Quem já ouviu tal coisa?

– Um pouco evidente demais.

O delegado de polícia prorrompeu em sonora gargalhada, divertindo-se a valer:

– Oh, Dupin, você ainda acaba por me matar de riso!

– E qual é, afinal de contas, o caso em apreço? – perguntei.

– Pois eu lhes direi – respondeu o delegado, refestelando-se na poltrona, enquanto tirava longa e meditativa baforada do cachimbo. – Direi tudo em poucas palavras; mas, antes de começar, permitam-me recomendar que este caso exige o maior sigilo. Perderia, provavelmente, o lugar que hoje ocupo, se soubessem que eu o confiei a alguém.

– Continue – disse eu.

Ou não diga nada – acrescentou Dupin.

– Bem. Recebi informações pessoais, de fonte muito elevada, de que certo documento da máxima importância foi roubado dos aposentos reais. Sabe-se quem foi a pessoa que o roubou. Quanto a isso, não há a menor dúvida; viram-na apoderar-se dele. Sabe-se, também, que o documento continua em poder da referida pessoa.

– Como se sabe disso? – indagou Dupin.

– É coisa que se deduz claramente – respondeu o delegado – pela natureza de tal documento e pelo facto de não terem surgido certas consequências que surgiriam incontinentemente, se o documento não estivesse ainda em poder do ladrão, isto é, se já houvesse sido utilizado com o fim que este último se propõe.

– Seja um pouco mais explícito – pedi.

– Bem, atrevo-me a dizer que esse documento dá a quem o possua um certo poder, num meio em que tal poder é imensamente valioso.

O delegado apreciava muito as tiradas diplomáticas.

– Ainda não entendo bem – disse Dupin.

– Não? Bem. A exibição desse documento a uma terceira pessoa, cujo nome não mencionarei, comprometeria a honra de uma personalidade da mais alta posição, e tal facto concede à pessoa que possui o documento ascendência sobre essa personalidade ilustre, cuja honra e tranquilidade se acham, assim, ameaçadas.

– Mas essa ascendência – intervim – depende de que o ladrão saiba que a pessoa roubada o conhece. Quem se atreveria.

– O ladrão – disse G... – é o Ministro D..., que se atreve a tudo, tanto o que é digno como o que é indigno de um homem. O

roubo foi cometido de modo não só engenhoso como ousado. O documento em questão... uma carta, para sermos francos, foi recebida pela personalidade roubada quando esta se encontrava a sós em seus aposentos. Quando a lia, foi subitamente interrompida pela entrada de outra personalidade de elevada posição, de quem desejava particularmente ocultar a carta. Após tentar às pressas, e em vão, metê-la numa gaveta, foi obrigada a colocá-la, aberta como estava, sobre uma mesa. O sobrescrito, porém, estava em cima e o conteúdo, por conseguinte, ficou resguardado. Nesse momento, entra o Ministro D... Seus olhos de lince percebem imediatamente a carta, e ele reconhece a letra do sobrescrito, observa a confusão da destinatária e penetra em seu segredo. Depois de tratar de alguns assuntos, na sua maneira apressada de sempre, tira do bolso uma carta parecida com a outra em questão, abre-a, finge lê-la e, depois, coloca-a bem ao lado da primeira. Torna a conversar, durante uns quinze minutos, sobre assuntos públicos. Por fim, ao retirar-se, tira de cima da mesa a carta que não lhe pertencia. Seu verdadeiro dono viu tudo, certamente, mas não ousou chamar-lhe a atenção em presença da terceira personagem, que se achava ao seu lado. O ministro retirou-se, deixando a sua carta – uma carta sem importância – sobre a mesa.

– Aí tem você – disse-me Dupin – exatamente o que seria necessário para tornar completa tal ascendência: o ladrão sabe que a pessoa roubada o conhece.

– Sim – confirmou o delegado – e o poder conseguido dessa maneira tem sido empregado, há vários meses, para fins políticos, até um ponto muito perigoso. A pessoa roubada esta cada dia mais convencida de que é necessário reaver a carta. Mas isso, por certo, não pode ser feito abertamente. Por fim, levada ao desespero, encarregou-me dessa tarefa.

– Não lhe teria sido possível, creio eu – disse Dupin, em meio a uma perfeita espiral de fumaça –, escolher ou sequer imaginar um agente mais sagaz.

– Você me lisonjeia – respondeu o delegado –, mas é possível que haja pensado mais ou menos isso.

– Está claro, como acaba de observar – disse eu –, que a carta se encontra ainda em poder do ministro, pois é a posse da carta, e

não qualquer emprego da mesma, que lhe confere poder. Se ele a usar, o poder se dissipa.

– Certo – concordou G... – e foi baseado nessa convicção que principiei a agir. Meu primeiro cuidado foi realizar uma pesquisa completa no hotel em que mora o ministro. A principal dificuldade reside no facto de ser necessário fazer tal investigação sem que ele saiba.

Além disso preveniram-me do perigo, caso ele venha a suspeitar de nosso propósito.

– Mas – disse eu – o senhor está perfeitamente a par dessas investigações. A polícia parisiense já fez isso muitas vezes, anteriormente.

– É verdade. Por essa razão, não desesperarei. Os hábitos do ministro proporcionam-me, sobretudo, uma grande vantagem. Com frequência, passa a noite toda fora de casa. Seus criados não são numerosos. Dormem longe do apartamento de seu amo e, como quase todos são napolitanos, não é difícil fazer com que se embriaguem. Como sabe, tenho chaves que podem abrir qualquer aposento ou gabinete em Paris. Durante três meses, não houve uma noite sequer em que eu não me empenhasse, pessoalmente em esquadrihar o Hotel D... Minha honra está em jogo e, para mencionar um grande segredo, a recompensa é enorme. De modo que não abandonarei as pesquisas enquanto não me convencer inteiramente de que o ladrão é mais astuto do que eu. Creio haver investigado todos os cantos e esconderijos em que o papel pudesse estar oculto.

– Mas não seria possível – lembrei – que, embora a carta possa estar em poder do ministro, como indiscutivelmente está, ele a tenha escondido em outro lugar que a sua própria casa?

– É pouco provável – respondeu Dupin. – A situação atual, particularíssima, dos assuntos da corte e principalmente as intrigas em que, como se sabe, D... anda envolvido, fazem da eficácia imediata do documento – da possibilidade de ser apresentado a qualquer momento – um ponto quase tão importante quanto a sua posse.

– A possibilidade de ser apresentado? – perguntei. – O que vale dizer, de ser destruído – disse Dupin.

– É certo – observei. – Não há dúvida de que o documento se encontra nos aposentos do ministro. Quanto a estar consigo próprio, guardado em seus bolsos, é coisa que podemos considerar como fora da questão.

– De acordo – disse o delegado. Por duas vezes, já fiz com que fosse revistado, sob minhas próprias vistas, por batedores de carteiras.

– Podia ter evitado todo esse trabalho – comentou Dupin. – D..., creio eu, não é inteiramente idiota e, assim, deve ter previsto, como coisa corriqueira, essas “revistas”.

– Não é inteiramente tolo – disse G... –, mas é poeta, o que o coloca não muito distante de um tolo.

– Certo – assentiu Dupin, após longa e pensativa baforada de seu cachimbo –, embora eu também seja culpado de certos versos.

– Que tal se nos contasse, com pormenores. como se processou a busca? – sugeri.

– Pois bem. Examinamos, demoradamente, todos os cantos. Tenho longa experiência dessas coisas. Vasculhamos o edifício inteiro, quarto por quarto, dedicando as noites de toda uma semana a cada um deles. Examinamos, primeiro, os móveis de cada aposento. Abrimos todas as gavetas possíveis, e presumo que os senhores saibam que, para um agente de polícia devidamente habilitado, não existem gavetas secretas. Seria um estúpido aquele que permitisse que uma gaveta "secreta" escapasse à sua observação numa pesquisa como essa. A coisa é demasiado simples. Há um certo tamanho – um certo espaço – que se deve levar em conta em cada escrivaninha. Além disso, dispomos de regras precisas. Nem a quinquagésima parte de uma linha nos passaria despercebida. Depois das mesas de trabalho, examinamos as cadeiras. As almofadas foram submetidas ao teste das agulhas. que os senhores já me viram empregar. Removemos a parte superior das mesas.

– Para quê?

– As vezes, a parte superior de uma mesa, ou de outro móvel semelhante, é removida pela pessoa que deseja ocultar um objeto; depois, a perna é escavada, o objeto depositado dentro da cavidade e a parte superior recolocada em seu lugar. Os pés e a

parte superior das colunas das camas são utilizados para o mesmo fim.

– Mas não se poderia descobrir a parte oca por meio de som? – perguntei.

– De modo algum, se quando o objeto lá colocado for envolto por algodão. Além disso, em nosso caso, somos obrigados a agir sem fazer barulho.

– Mas o senhor não poderia ter removido... não poderia ter examinado, peça por peça, todos os móveis em que teria sido possível ocultar alguma coisa da maneira a que se referiu. Uma carta pode ser transformada em minúscula espiral, não muito diferente, em forma e em volume, de uma agulha grande de costura e, desse modo, pode ser introduzida na travessa de uma cadeira, por exemplo. Naturalmente, o senhor não desmontou todas as cadeiras, não é verdade?

– Claro que não. Mas fizemos melhor: examinamos as travessas de todas as cadeiras existentes no hotel e, também, as juntas de toda a espécie de móveis. Fizemo-lo com a ajuda de poderoso microscópio. Se houvesse sinais de alterações recentes, não teríamos deixado de notar imediatamente. Um simples grão de pó de verruma, por exemplo, teria sido tão evidente como uma maçã. Qualquer alteração na cola – qualquer coisa pouco comum nas juntas – seria o bastante para chamar-nos a atenção.

– Presumo que examinaram os espelhos, entre as tábuas e os vidros, bem como as camas, as roupas de cama, as cortinas e os tapetes.

– Naturalmente! E, depois de examinar desse modo, com a máxima minuciosidade, todos os móveis, passamos a examinar a própria casa. Dividimos toda a sua superfície em compartimentos, que eram por nós numerados, a fim de que nenhum pudesse ser esquecido. Depois, vasculhamos os aposentos palmo a palmo, inclusive as duas casas contíguas. E isso com a ajuda do microscópio, como antes.

– As duas casas contíguas?! – exclamei. – Devem ter tido muito trabalho!

– Tivemos. Mas a recompensa oferecida é, como já disse, muito grande.

– Incluíram também os terrenos dessas casas?

– Todos os terrenos são revestidos de tijolos. Deram-nos, relativamente, pouco trabalho. Examinamos o musgo existente entre os tijolos, verificamos que não havia nenhuma alteração.

– Naturalmente, olharam também os papéis de D... E os livros da biblioteca?

– Sem dúvida. Abrimos todos os pacotes e embrulhos, e não só abrimos todos os volumes, mas os folheamos página por página, sem que nos contentássemos com uma simples sacudida, como é hábito entre alguns de nossos policiais. Medimos também a espessura de cada encadernação, submetendo cada uma delas ao mais escrupuloso exame microscópico. Se qualquer encadernação apresentasse sinais de que havia sofrido alteração recente, tal facto não nos passaria despercebido. Quanto a uns cinco ou seis volumes, recém-chegados das mãos do encadernador, foram por nós cuidadosamente examinados, em sentido longitudinal, por meio de agulha.

– Verificaram os assoalhos, em baixo dos tapetes?

– Sem dúvida. Tiramos todos os tapetes e examinamos as tábuas do assoalho com o microscópio.

– E o papel das paredes?

– Também.

– Deram uma busca no porão?

– Demos.

– Então – disse eu – os senhores enganaram-se, pois a carta não está na casa, como o senhor supõe.

– Temo que o senhor tenha razão quanto a isso, concordou o delegado. E agora Dupin, que é que aconselharia fazer?

Uma nova e completa investigação na casa.

– Isso é inteiramente inútil – replicou G... – Não estou tão certo de que respiro como de que a carta não está no hotel.

– Não tenho melhor conselho para dar-lhe – disse Dupin. – O senhor, naturalmente, possui uma descrição precisa da carta, não é assim?

– Certamente!

E, aqui, tirando do bolso um memorando, o delegado de polícia pôs-se a ler, em voz alta, uma descrição minuciosa do aspeto interno e, principalmente, externo do documento roubado.

Logo depois de terminar a leitura, partiu muito mais deprimido do que eu jamais o vira antes.

Decorrido cerca de um mês, fez-nos outra visita, e encontrou-nos entregues à mesma ocupação que na vez anterior. Apanhou um cachimbo e uma poltrona e passou a conversar sobre assuntos corriqueiros. Por fim, perguntei:

– Então, Monsieur G..., que nos diz da carta roubada? Suponho que se convenceu, afinal, de que não é coisa simples ser mais astuto que o ministro.

– Que o diabo carregue o ministro! – exclamou.

Sim, realizei, apesar de tudo, um novo exame, como Dupin sugeriu. Mas trabalho perdido, como eu sabia que seria.

– Qual foi a recompensa oferecida, a que se referiu? – indagou Dupin.

– Ora, uma recompensa muito grande... muito generosa... Mas não me agrada dizer quanto, precisamente. Direi, no entanto, que não me importaria de dar, de meu cheque cinquenta mil francos a quem conseguisse obter essa carta. A verdade é que ela se torna, a cada dia que passa, mais importante... e a recompensa foi, ultimamente, dobrada. Mas, mesmo que fosse triplicada, eu não poderia fazer mais do que já fiz.

– Pois sim – disse Dupin, arrastando as palavras, entre as baforadas de seu cachimbo de espuma –, realmente. Parece-me... no entanto... G... que não se esforçou ao máximo quanto a este assunto... Creio que poderia fazer um pouco mais, hem?

– Como? De que maneira?

– Ora (baforada), poderia (baforada) fazer uma consulta sobre este assunto, hein? (baforada). Lembra-se da história que se conta a respeito de Abernethy?

– Não. Que vá para o diabo Abernethy!

– Sim, que vá para o diabo e seja bem recebido! Mas, certa vez, um avaro rico concebeu a ideia de obter de graça uma consulta de Abernethy. Com tal fim, durante uma conversa entre um grupo de amigos, insinuou o seu caso ao médico, como se se tratasse do caso de um indivíduo imaginário.

– “Suponhamos” – disse o avaro – que seus sintomas sejam tais e tais. Nesse caso, que é que o doutor lhe aconselharia tomar?”

– “Tomar! Aconselharia, claro, que tomasse um conselho.”

– Mas – disse o delegado, um tanto desconcertado – estou inteiramente disposto a ouvir um conselho e a pagar por ele. Daria, realmente, cinquenta mil francos a quem quer que me ajudasse nesse assunto.

– Nesse caso – respondeu Dupin, abrindo uma gaveta e retirando um livro de cheques – pode encher um cheque nessa quantia. Quando o houver assinado, eu lhe entregarei a carta.

Fiquei perplexo. O delegado parecia fulminado por um raio. Durante alguns minutos, permaneceu mudo e imóvel, olhando, incrédulo e boquiaberto, o meu amigo, com os olhos quase a saltar-lhe das órbitas. Depois, parecendo voltar, de certo modo, a si, apanhou uma caneta e, após várias pausas e olhares vagos, preencheu, finalmente, um cheque de cinquenta mil francos, entregando-o, por cima da mesa, a Dupin. Este o examinou cuidadosamente e o colocou na carteira; depois, abrindo uma escrivaninha, tirou dela uma carta e entregou-a ao delegado de polícia. O funcionário apanhou-a tomado como que de um espasmo de alegria. abriu-a com mãos trémulas, lançou rápido olhar ao seu conteúdo e, depois, agarrando a porta e lutando por abri-la, precipitou-se, por fim, sem a menor cerimónia, para fora do apartamento e da casa, sem proferir uma única palavra desde o momento em que Dupin lhe pediu para preencher o cheque.

Depois de sua partida, meu amigo entrou em algumas explicações.

– A polícia parisiense – disse ele – é extremamente hábil á sua maneira. Seus agentes são perseverantes, engenhosos, astutos e perfeitamente versados nos conhecimentos que seus deveres parecem exigir de modo especial. Assim, quando G... nos contou, pormenorizadamente, a maneira pela qual realizou suas pesquisas no Hotel D..., não tive dúvida de que efetuara uma investigação satisfatória... até o ponto a que chegou o seu trabalho.

– Até o ponto a que chegou o seu trabalho? – perguntei.

– Sim – respondeu Dupin. – As medidas adotadas não foram apenas as melhores que poderiam ser tomadas, mas realizadas com absoluta perfeição. Se a carta estivesse depositada dentro do raio de suas investigações, esses rapazes, sem dúvida, a teriam encontrado.

Ri, simplesmente – mas ele parecia haver dito tudo aquilo com a máxima seriedade.

– As medidas, pois – prosseguiu –, eram boas em seu género, e foram bem executadas: seu defeito residia em serem inaplicáveis ao caso e ao homem em questão. Um certo conjunto de recursos altamente engenhosos é, para o delegado, uma espécie de leito de Procusto, ao qual procura adaptar à força todos os seus planos. Mas, no caso em apreço, cometeu uma série de erros, por ser demasiado profundo ou demasiado superficial, e muitos colegiais raciocinam melhor do que ele. Conheci um garotinho de oito anos cujo êxito como adivinhador, no jogo de "par ou ímpar", despertava a admiração de todos. Este jogo é simples e se joga com bolinhas de vidro. Um dos participantes fecha na mão algumas bolinhas e pergunta ao outro se o número é par ou ímpar. Se o companheiro acerta, ganha uma bolinha; se erra, perde uma. O menino a que me refiro ganhou todas as bolinhas de vidro da escola. Naturalmente, tinha um sistema de adivinhação que consistia na simples observação e no cálculo da astúcia de seus oponentes. Suponhamos, por exemplo, que seu adversário fosse um estúpido que, fechando a mão, lhe perguntasse: "Par ou ímpar?" Nosso garoto responderia "ímpar", e perderia; mas, na segunda vez, ganharia, pois diria com os seus botões: "Este estúpido tirou par na primeira vez, e a sua astúcia é apenas suficiente para que apresente um número ímpar na segunda vez. Direi, pois, ímpar". Diz ímpar e ganha. Ora, com um simplório um pouco menos tolo que o primeiro, ele teria raciocinado assim: "Este sujeito viu que, na primeira vez, eu disse ímpar e, na segunda, proporá a si mesmo, levado por um impulso a variar de ímpar para par, como fez o primeiro simplório; mas, pensando melhor, acha que essa variação é demasiado simples, e, finalmente, resolve-se a favor do par, como antes. Eu, por conseguinte, direi par". E diz par, e ganha. Pois bem. Esse sistema de raciocínio de nosso colegial, que seus companheiros chamavam sorte, o que era, em última análise?

– Simplesmente – respondi – uma identificação do intelecto do nosso raciocinador com o do seu oponente.

– De facto – assentiu Dupin – e, quando perguntei ao menino de que modo efetuava essa perfeita identificação, na qual residia o teu êxito, recebi a seguinte resposta:

"Quando quero saber até que ponto alguém é inteligente, estúpido, bom ou mau, ou quais são os seus pensamentos no momento, modelo a expressão de meu rosto, tão exatamente quanto possível, de acordo com a expressão da referida pessoa e, depois, espero para ver quais os sentimentos ou pensamentos que surgem em meu cérebro ou em meu coração, para combinar ou corresponder à expressão". Essa resposta do pequeno colegial supera em muito toda a profundidade espúria atribuída a Rochefoucauld, La Bougive, Maquiavel e Campanella.

– E a identificação – acrescentei – do intelecto do raciocinador com o de seu oponente depende, se é que o compreendo bem, da exatidão com que o intelecto deste último é medido.

– Em sua avaliação prática, depende disso – confirmou Dupin. – E, se o delegado e toda a sua corte têm cometido tantos enganos, isso se deve, primeiro, a uma falha nessa identificação e, segundo, a uma apreciação inexata, ou melhor, a uma não apreciação da inteligência daqueles com quem se metem. Consideram engenhosas apenas as suas próprias ideias e, ao procurar alguma coisa que se ache escondida, não pensam senão nos meios que eles próprios teriam empregado para escondê-la. Estão certos apenas num ponto: naquele em que a sua engenhosidade representa fielmente a da massa; mas, quando a astúcia do malfeitor é diferente da deles, o malfeitor, naturalmente, os engana. Isso sempre acontece quando a astúcia deste último está acima da deles e, muito frequentemente, quando está abaixo. Não variam seu sistema de investigação; na melhor das hipóteses, quando são instigados por algum caso insólito, ou por alguma recompensa extraordinária, ampliam ou exageram os seus modos de agir habituais, sem que se afastem, no entanto, de seus princípios. No caso de D..., por exemplo, que fizeram para mudar a sua maneira de agir? Que são todas essas perfurações, essas buscas, essas sondagens, esses exames de microscópio, essa divisão da superfície do edifício em polegadas quadradas, devidamente anotadas? Que é tudo isso senão exagero na

aplicação de um desses princípios de investigação baseados sobre uma ordem de ideias referentes à esperteza humana, à qual o delegado se habituou durante os longos anos de exercício de suas funções? Não vê você que ele considera como coisa assente o facto de que todos os homens que procuram esconder uma carta utilizam, se não precisamente um orifício feito a verruma na perna de uma cadeira, pelo menos alguma cavidade, algum canto escuro sugerido pela mesma ordem de ideias que levaria um homem a furar a perna de uma cadeira? E não vê também que tais esconderijos tão *recherchés* só são empregados em ocasiões ordinárias e por inteligências comuns? Porque, em todos os casos de objetos escondidos, essa maneira *recherché* de ocultar-se um objeto é, desde o primeiro momento, presumível e presumida – e, assim, a sua descoberta não depende, de modo algum, da perspicácia, mas sim do simples cuidado, da paciência e da determinação dos que procuram. Mas, quando se trata de um caso importante – ou de um caso que, pela recompensa oferecida, seja assim encarado pela polícia – jamais essas qualidades deixaram de ser postas em ação. Você compreenderá, agora, o que eu queria dizer ao afirmar que, se a carta roubada tivesse sido escondida dentro do raio de investigação do nosso delegado – ou, em outras palavras, se o princípio inspirador estivesse compreendido nos princípios do delegado –, a sua descoberta seria uma questão inteiramente fora de dúvida. Este funcionário, porém, se enganou por completo, e a fonte remota de seu fracasso reside na suposição de que o ministro é um idiota, pois adquiriu renome de poeta. Segundo o delegado, todos os poetas são idiotas – e, neste caso, ele é apenas culpado de uma non *distributio medii*, ao inferir que todos os poetas são idiotas.

– Mas ele é realmente poeta? – perguntei. – Sei que são dois irmãos, e que ambos adquiriram renome nas letras. O ministro, creio eu, escreveu eruditamente sobre o cálculo diferencial. É um matemático, e não um poeta.

– Você está enganado. Conheço-o bem. E ambas as coisas. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como mero matemático, não raciocinaria de modo algum, e ficaria, assim, à mercê do delegado.

– Você surpreende-me – respondi – com essas opiniões, que têm sido desmentidas pela voz do mundo. Naturalmente, não quererá destruir, de um golpe, ideias amadurecidas durante tantos séculos. A razão matemática é há muito considerada como a razão *par excellence*.

– “Il y a à parier” – replicou Dupin, citando Chamfort – “que toute idée publique, toute convention reçoive, est une sottise, car elle a convenu au plus grand nombre.” Os matemáticos, concordo, fizeram tudo o que lhes foi possível para propagar o erro popular a que você alude, e que, por ter sido promulgado como verdade, não deixa de ser erro. Como uma arte digna de melhor causa, ensinaram-nos a aplicar o termo “análise” às operações algébricas. Os franceses são os culpados originários desse engano particular, mas, se um termo possui alguma importância – se as palavras derivam seu valor de sua aplicabilidade –, então análise poderá significar álgebra, do mesmo modo que, em latim, *ambitus* significa ambição, religio, religião, ou *homines honesti* um grupo de homens honrados.

– Vejo que você vai entrar em choque com alguns algebristas de Paris – disse-lhe eu.

– Mas prossiga.

– Impugno a validade e, por conseguinte, o valor de uma razão cultivada por meio de qualquer forma especial que não seja a lógica abstrata. Impugno, de modo particular, o raciocínio produzido pelo estudo das matemáticas. As matemáticas são a ciência da forma e da quantidade; o raciocínio matemático não é mais do que a simples lógica aplicada à observação da forma e da quantidade. O grande erro consiste em supor-se que até mesmo as verdades daquilo que se chama álgebra pura são verdades abstratas ou gerais. E esse erro é tão grande, que fico perplexo diante da unanimidade com que foi recebido. Os axiomas matemáticos não são axiomas de uma verdade geral. O que é verdade com respeito à relação – de forma ou quantidade – é, com frequência grandemente falso quanto ao que respeita à moral, por exemplo. Nesta última ciência, não é, com frequência, verdade que a soma das partes seja igual ao todo. Na química, também falha o axioma. Na apreciação da força motriz, também falha, visto que dois motores, cada qual de determinada potência, não

possuem necessariamente, quando associados, uma potência igual à soma de suas duas potências tornadas separadamente. Há numerosas outras verdades matemáticas que são somente verdades dentro dos limites da relação. Mas o matemático argumenta, por hábito, partindo de suas verdades finitas, como se estas fossem de uma aplicabilidade absoluta e geral – como o mundo, na verdade, imagina que sejam. Bryant, em sua eruditíssima *Mitologia*, refere-se a uma fonte análoga de erro, ao dizer que, "embora ninguém acredite nas fábulas do paganismo, nós, com frequência, esquecemos isso, até o ponto de fazer inferência partindo delas, como se fossem realidades vivas". Entre os algebristas, porém, que são, também eles, pagãos as "fábulas pagãs" merecem crédito, e tais inferências são feitas não tanto devido a lapsos de memória, mas devido a um incompreensível transtorno em seus cérebros. Em suma, não encontrei jamais um matemático puro em quem pudesse ter confiança, fora de suas raízes e de suas equações; não conheci um único sequer que não tivesse como artigo de fé que $x^2 + px$ é absoluta e incondicionalmente igual a q . Se quiser fazer uma experiência, diga a um desses senhores que você acredita que possa haver casos em que $x^2 + px$ não seja absolutamente igual a q , e, logo depois de ter-lhe feito compreender o que você quer dizer com isso, fuja de suas vistas o mais rapidamente possível, pois ele, sem dúvida, procurará dar-lhe uma surra.

– O que quero dizer – continuou Dupin, enquanto eu não fazia senão rir-me destas últimas observações – é que, se o ministro não fosse mais do que um matemático, o delegado de polícia não teria tido necessidade de dar-me este cheque. Eu o conhecia, porém, como matemático e poeta, e adaptei a essa sua capacidade as medidas por mim tomadas, levando em conta as circunstâncias em que ele se achava colocado. Conhecia-o, também, não só como homem da corte, mas, ainda, como intrigante ousado. Tal homem, pensei, não poderia ignorar a maneira habitual de agir da polícia. Devia ter previsto – e os acontecimentos demonstraram que, de facto, previra – os assédios disfarçados a que estaria sujeito. Devia também ter previsto, refleti, as investigações secretas efetuadas em seu apartamento. Suas frequentes ausências de casa, à noite, consideradas pelo

delegado de polícia como coisa que viria contribuir, sem dúvida, para o êxito de sua empresa, eu as encarei apenas como astúcia, para que a polícia tivesse oportunidade de realizar uma busca completa em seu apartamento e convencer-se, o mais cedo possível, como de facto aconteceu, de que a carta não estava lá.

Pareceu-me, também, que toda essa série de ideias referentes aos princípios invariáveis da ação policial nos casos de objetos escondidos, e que tive certa dificuldade, há pouco, para explicar-lhe, pareceu-me que toda essa série de ideias deveria, necessariamente, ter passado pelo espírito do ministro. Isso o levaria, imperativamente, a desdenhar todos os esconderijos habituais. Não poderia ser tão ingênuo que deixasse de ver que os lugares mais intrincados e remotos de seu hotel seriam tão visíveis como um armário para os olhos, as pesquisas, as verrumas e os microscópios do delegado. Percebi, em suma, que ele seria levado, instintivamente, a agir com simplicidade, se não fosse conduzido a isso por simples deliberação. Você talvez se recorde com que gargalhadas desesperadas o delegado acolheu, em nossa primeira entrevista, a minha sugestão de que era bem possível que esse mistério o perturbasse tanto devido ao facto de ser demasiado evidente.

– Sim, lembro-me bem de como ele se divertiu. Pensei mesmo que ele iria ter convulsões de tanto rir.

– O mundo material – prosseguiu Dupin – contém muitas analogias estritas com o imaterial e, desse modo, um certo matiz de verdade foi dado ao dogma retórico, a fim de que a metáfora, ou símile, pudesse dar vigor a um argumento, bem como embelezar uma descrição. O princípio da *vis inertiae*, por exemplo, parece ser idêntico tanto na física como na metafísica. Não é menos certo quanto ao que se refere à primeira, que um corpo volumoso se põe em movimento com mais dificuldade do que um pequeno, e que o seu *momentum* subsequente está em proporção com essa dificuldade, e que, quanto à segunda, os intelectos de maior capacidade, conquanto mais potentes, mais constantes e mais acidentados em seus movimentos do que os de grau inferior, são, não obstante, mais lentos, mais embaraçados e cheios de hesitação ao iniciar seus passos. Mais ainda: você já

notou quais são os anúncios, nas portas das lojas, que mais atraem a atenção? – Jamais pensei no assunto – respondi.

– Há um jogo de enigmas – replicou ele – que se faz sobre um mapa. Um dos jogadores pede ao outro que encontre determinada palavra – um nome de cidade, rio, Estado ou império –, qualquer palavra, em suma, compreendida na extensão variegada e intrincada do mapa. Um novato no jogo geralmente procura embaraçar seus adversários indicando nomes impressos com as letras menores; mas os acostumados ao jogo escolhem palavras que se estendem, em caracteres grandes, de um lado a outro do mapa. Estes últimos, como acontece com os cartazes excessivamente grandes existentes nas ruas, escapam à observação justamente por serem demasiado evidentes, e aqui o esquecimento material é precisamente análogo à desatenção moral que faz com que o intelecto deixe passar despercebidas considerações demasiado palpáveis, demasiado patentes. Mas esse é um ponto, ao que parece, que fica um tanto acima ou um pouco abaixo da compreensão do delegado. Ele jamais achou provável, ou possível, que o ministro houvesse depositado a carta bem debaixo do nariz de toda a gente a fim de evitar que alguma daquela gente a descobrisse.

– Mas, quanto mais refletia eu sobre a temerária, arrojada e brilhante ideia de D... pensando no facto de que ele devia ter sempre esse documento à mão, se é que pretendia empregá-lo com êxito e, ainda, na evidência decisiva conseguida pelo delegado de que a carta não se achava escondida dentro dos limites de uma investigação ordinária, tanto mais me convencia de que, para ocultá-la, o ministro lançara mão do compreensível e sagaz expediente de não tentar escondê-la de modo algum.

"Convencido disso, muni-me de óculos verdes e, uma bela manhã, como se o fizesse por simples acaso, procurei o ministro em seu apartamento. Encontrei D... em casa, bocejando, vadiando e perdendo tempo como sempre, e pretendendo estar tomado do mais profundo *ennui* (tédio). Ele é, talvez, o homem mais enérgico que existe, mas isso unicamente quando ninguém o vê.

"Para estar de acordo com o seu estado de espírito, queixei-me de minha vista fraca e lamentei a necessidade de usar óculos, através dos quais examinava, com a máxima atenção e minúcia,

o apartamento, enquanto fingia estar atento unicamente à conversa.

"Prestei atenção especial a uma ampla mesa, junto à qual ele estava sentado e onde se viam, em confusão, várias cartas e outros papéis bem como um ou dois instrumentos musicais e alguns livros. Depois de longo e meticuloso exame, vi que ali nada existia que despertasse, particularmente, qualquer suspeita.

"Por fim, meus olhos, ao percorrer o aposento, depararam com um vistoso porta-cartas de papelão filigranado, dependurado de uma desbotada fita azul, presa bem nomeio do consolo da lareira. Nesse porta-cartas, que tinha três ou quatro divisões, havia cinco ou seis cartões de visita e uma carta solitária. Esta última estava muito suja e amarrotada e quase rasgada ao meio, como se alguém, num primeiro impulso, houvesse pensado em inutilizá-la como coisa sem importância, mas, depois, mudado de opinião. Tinha um grande selo negro, com a inicial "D" bastante visível, e era endereçada, numa letra diminuta e feminina, ao próprio ministro. Estava enfiada, de maneira descuidada e, ao que parecia, até mesmo desdenhosa, numa das divisões superiores do porta-cartas.

"Mal lancei os olhos sobre a carta, concluí que era aquela que eu procurava. Era, na verdade, sob todos os aspectos, radicalmente diferente da que o delegado nos descrevera de maneira tão minuciosa. Na que ali estava, o selo era negro e a inicial um "D" na carta roubada, o selo era vermelho e tinha as armas ducais da família S...

Aqui, o endereço do ministro fora traçado com letra feminina muito pequena; na outra, o sobrescrito, dirigido a certa personalidade real, era acentuadamente ousado e incisivo. Somente no tamanho havia uma certa correspondência. Mas, por outro lado, a grande diferença entre ambas as cartas, a sujeira, o papel manchado e rasgado, tão em desacordo com os verdadeiros hábitos de D..., e que revelavam o propósito de dar a quem a visse a ideia de que se tratava de um documento sem valor, tudo isso, aliado à colocação bem visível do documento, que o punha diante dos olhos de qualquer visitante, ajustando-se perfeitamente às minhas conclusões anteriores, tudo isso, repito, corroborava

decididamente as suspeitas de alguém que, como eu, para lá me dirigira com a intenção de suspeitar.

"Prolonguei minha visita tanto quanto possível e, enquanto mantinha animada conversa com o ministro, sobre um tema que sabia não deixara jamais de interessá-lo e entusiasamá-lo, conservei a atenção presa á carta. Durante esse exame, guardei na memória o aspeto exterior e a disposição dos papéis no porta-cartas, chegando, por fim, a uma descoberta que dissipou por completo qualquer dúvida que eu ainda pudesse ter. Ao observar atentamente as bordas do papel, verifiquei que as mesmas estavam mais estragadas do que parecia necessário. Apresentavam o aspeto irregular que se nota quando um papel duro, depois de haver sido dobrado e prensado numa dobradeira, é dobrado novamente em sentido contrário, embora isso seja feito sobre as mesmas dobras que constituíam o seu formato anterior. Bastou-me essa descoberta. Era evidente para mim que a carta fora dobrada ao contrário, como uma luva que se vira no avesso, sobrescrita de novo e novamente lacrada. Despedi-me do ministro e sai incontinente, deixando uma tabaqueira de ouro sobre a mesa.

"Na manhã seguinte, voltei à procura de minha tabaqueira, ocasião em que reiniciamos, com bastante vivacidade, a conversa do dia anterior. Enquanto palestrávamos, ouvimos forte detonação de arma de fogo bem defronte do Hotel, seguida de uma série de gritos horríveis e do vozerio de uma multidão. D... precipitou-se em direção da janela, abriu-a e olhou para baixo. Entrementes, aproximei-me do porta-cartas, apanhei o documento, meti-o no bolso e o substituí por um fac-símile (quanto ao que se referia ao aspeto exterior) preparado cuidadosamente em minha casa, imitando facilmente a inicial "D" por meio de um elo feito de miolo de pão.

"O alvoroço que se verificara na rua fora causado pelo procedimento insensato de um homem armado de mosquete. Disparara-o entre uma multidão de mulheres e crianças. Mas, como a arma não estava carregada senão com pólvora seca, o indivíduo foi tomado por bêbado ou lunático, e permitiram-lhe que seguisse seu caminho. Depois que o homem se foi, D...retirou-se da janela da qual eu também me aproximara logo

após conseguir a carta. Decorrido um instante, despedi-me dele. O pretenso lunático era um homem que estava a meu serviço."

– Mas o que pretendia você – perguntei – ao substituir a carta por um fac-símile? Não teria sido melhor, logo na primeira visita, tê-la apanhado de uma vez e ido embora?

– D... – respondeu Dupin – é homem decidido de grande coragem. Além disso, existem, em seu hotel, criados fiéis aos seus interesses. Tivesse eu feito o que você sugere, talvez não conseguisse sair vivo de sua presença "ministerial". A boa gente de Paris não ouviria mais notícias minhas. Mas, à parte estas considerações, eu tinha um fim em vista. Você sabe quais são minhas simpatias políticas. Nesse assunto, ajo como partidário da senhora em apreço. Durante dezoito meses, o ministro a teve à sua mercê. Agora, é ela quem o tem a ele, já que ele ignora que a carta já não está em seu poder e continuará a agir como se ainda a possuísse. Desse modo, encaminha-se, inevitavelmente, sem o saber, rumo à sua própria ruína política. Sua queda será tão precipitada quanto desastrada. Está bem que se fale do *facilis descensus Averní*, mas em toda a espécie de ascensão, como dizia Catalani em seus cantos, é muito mais fácil subir que descer. No presente caso, não tenho simpatia alguma – e nem sequer piedade – por aquele que desce. És esse *monstrum horrendum* – o homem genial sem princípios. Confesso, porém, que gostaria de conhecer o caráter exato de seus pensamentos quando, ao ser desafiado por aquela a quem o delegado se refere como "uma certa pessoa", resolve abrir o papel que deixei em seu porta-cartas.

– Como! Você colocou lá alguma coisa particular?

– Ora, não seria inteiramente correto deixar o interior em branco... Seria uma ofensa. Certa vez, em Viena, D... pregou-me uma partida, e eu disse-lhe, bem-humorado, que não me esqueceria daquilo. De modo que, como sabia que ele iria sentir certa curiosidade sobre a identidade da pessoa que o sobrepujara em astúcia, achei que seria uma pena deixar de dar-lhe um indício. Ele conhece bem minha letra e, assim, apenas copiei, no meio da folha em branco, o seguinte:

... un dessein si funeste, s'il n'est digne d'Artrée, est digne de Thyest.

São palavras que podem ser encontradas
em *Atrée*, de Crébillon.

FIM DA TRILOGIA DUPIN



Metzengerstein

(1832)

O horror e a fatalidade têm tido livre curso em todos os tempos. Porque então datar esta estória que vou contar? Basta dizer que, no período de que falo, havia, no interior da Hungria, uma crença bem assentada, embora oculta, nas doutrinas da metempsicose.

Das próprias doutrinas, isto é, de sua falsidade, ou de sua probabilidade, nada direi.

Afirmo, porém, que muito de nossa incredulidade (como diz La Bruyère, explicando todas as nossas infelicidades), “*vient de ne pouvoir être seul*” [provém de não podermos estar sozinhos N.T].

Mas havia na superstição húngara alguns pontos que tendiam fortemente para o absurdo. Diferiam os húngaros, bastante essencialmente, de suas autoridades do Oriente.

Por exemplo: a alma, dizem eles – cito as palavras dum subtil e inteligente parisiense – *ne demeure qu'une seule fois dans un corps sensible: au reste un cheval, un chien, un homme même, n'est que la ressemblance peu tangible de ces animaux*. (só uma vez permanece num corpo sensível, quanto ao resto, um cavalo, um homem mesmo, não são senão a semelhança pouco tangível desses animais. N.T.)

As famílias de Berlifitzing e Metzengerstein viviam há séculos em discórdia. Jamais houvera antes duas casas tão ilustres acirradas mutuamente por uma hostilidade tão mortal. Parece encontrar-se a origem desta inimizade nas palavras de uma antiga profecia: "Um nome elevado sofrerá queda mortal quando, como o cavaleiro sobre seu cavalo, a mortalidade de Metzengerstein triunfar da imortalidade de Berlifitzing."

Decerto as próprias palavras tinham pouca ou nenhuma significação. Mas as causas mais triviais têm dado origem – e isso sem remontar a muito longe – a consequências igualmente cheias de acontecimentos. Além disso, as duas casas, aliás vizinhas, vinham de muito exercendo influência rival nos negócios de um governo movimentado. É coisa sabida que vizinhos próximos

raramente são amigos e os habitantes do castelo de Berlifitzing podiam, de seus altos contrafortes, mergulhar a vista nas janelas do palácio de Metzengerstein.

Afinal, essa exibição duma magnificência mais que feudal era pouco propícia a acalmar os sentimentos irritáveis Berlifitzings, menos antigos e menos ricos. Não há, pois, motivo de espanto para o facto das palavras daquela predição, por mais disparatadas que parecessem, haverem conseguido criar e manter a discórdia entre duas famílias já predispostas a querelar, graças às instigações da inveja hereditária. A profecia parecia implicar – se é que implicava alguma coisa – um triunfo final da parte da casa mais poderosa já, e era sem dúvida relemburada, com a mais amarga animosidade, pela mais fraca e de menor influência.

O Conde Guilherme de Berlifitzing, embora de elevada linhagem era, ao tempo desta história, um velho enfermo e caduco, sem nada de notável a não ser uma antipatia pessoal desordenada e inveterada pela família de seu rival e uma paixão tão louca por cavalos e pela caça que nem a enfermidade corporal, nem a idade avançada, nem a incapacidade mental impediam a sua participação diária nos perigos das caçadas.

O Barão Frederico de Metzengerstein, por outro lado, ainda não atingira a maior idade.

Seu pai, o Ministro G*, morrera moço. Sua mãe, Dona Maria, logo acompanhara o marido. Frederico estava, naquela época, com dezoito anos de idade. Numa cidade, dezoito anos não constituem um longo período; mas num lugar solitário, numa solidão tão magnificente como a daquela velha casa senhorial, o pêndulo vibra com significação mais profunda.

Em virtude de certas circunstâncias características decorrentes da administração de seu pai, o jovem barão, por morte daquele, entrou imediatamente na posse de vastas propriedades. Raramente se vira antes, um nobre húngaro senhor de tamanhos bens.

Seus castelos eram incontáveis. O principal, pelo esplendor e pela vastidão era o palácio de Metzengerstein. Os limites de seus domínios jamais foram claramente delineados, mas seu parque principal abrangia uma área de cinquenta milhas.

O acontecimento da entrada de posse de uma fortuna tão incomparável por um proprietário tão jovem e de caráter tão bem conhecido poucas conjecturas trouxe à tona referente ao curso provável de sua conduta. E de facto, no espaço de três dias, a conduta do herdeiro sobrepujou a do próprio Herodes e ultrapassou, de longe, as expectativas de seus admiradores mais entusiastas. Orgias vergonhosas, flagrantes perfídias, atrocidades inauditas deram logo a compreender a seus apavorados vassallos que nenhuma submissão servil de sua parte e nenhum escrúpulo de consciência da parte dele lhe poderia de ora em diante garantir a segurança contra as implacáveis garras daquele mesquinho Calígula.

Na noite do quarto dia, pegaram fogo as estrebarias do castelo de Berlifitzing e a opinião unânime da vizinhança acrescentou mais este crime à já horrenda lista dos delitos e atrocidades do barão.

Mas, durante o tumulto ocasionado por este facto, o jovem senhor estava sentado – aparentemente mergulhado em funda meditação – num vasto e solitário aposento superior do palácio senhorial dos Metzengerstein. As ricas, embora desbotadas, colgaduras que balançavam lugubrememente nas paredes representavam as figuras sombrias e majestosas de milhares de antepassados ilustres. Aqui, padres ricamente arminhados e dignitários pontificais, familiarmente sentados com o soberano, opunham o seu veto aos desejos de um rei temporal ou reprimiam com a supremacia papal o centro rebelde do Grande-Inimigo. Ali, os negros e altos vultos dos príncipes de Metzengerstein – os musculosos corcéis de guerra pisoteando os cadáveres dos inimigos tombados – abalavam os nervos mais firmes, com a sua vigorosa expressão; e aqui, ainda, voluptuosos e brancos como cisnes, flutuavam os vultos das damas de outrora, nos volteios duma dança irreal, aos acentos duma melodia imaginária.

Mas, enquanto o barão escutava ou fingia escutar a algazarra sempre crescente que se erguia das cavalariaças de Berlifitzing – ou talvez meditasse em algum ato de audácia, mais novo e mais decidido –, seus olhos se voltaram involuntariamente para a figura dum enorme cavalo, dum colorido fora do comum, representado na tapeçaria como pertencente a um antepassado

sarraceno da família de seu rival. O cavalo mantinha-se, no primeiro plano do desenho, sem movimento, como uma estátua, enquanto, mais para atrás, o seu cavaleiro derrotado parecia sob o punhal dum Metzengerstein.

Abriu-se nos lábios de Frederico uma expressão diabólica, ao perceber a direção que seu olhar tinha tomado, sem que ele o houvesse notado. Contudo não desviou a vista. Pelo contrário podia de forma alguma explicar a acabrunhante ansiedade que parecia apoderar-se, como uma mortalha, de seus sentidos.

Era com dificuldade que conciliava suas sensações imaginárias e incoerentes com a certeza de estar acordado. Quanto mais olhava, mais absorvente se tornava o feitiço, mais impossível lhe parecia poder a arrancar seu olhar do fascínio daquela tapeçaria. Mas a algazarra de fora se tornou de repente mais violenta e, com um esforço constrangedor, desviou a sua atenção para o clarão de luz vermelha lançado em cheio sobre as janelas do aposento pelas cavaliças chamejantes.

A ação, porém, foi apenas momentânea; seu olhar se voltou maquinalmente para a parede.

Com extremo espanto e horror, verificou que a cabeça do gigantesco corcel havia, entrementes, mudado de posição. O pescoço do animal antes arqueado, como que de compaixão, sobre o corpo prostrado de seu dono estendia-se agora, plenamente, na direção do barão. Os olhos, antes invisíveis tinham agora uma expressão enérgica e humana, e cintilavam com um vermelho ardente e extraordinário; e os beiços do distendido cavalo, que parecia enraivecido, exibiam por completo seus dentes sepulcrais e repugnantes.

Estupefacto de terror, o jovem senhor dirigiu-se, cambaleante, para a porta. Ao escancará-la, um jato de luz vermelha, invadindo até ao fundo do aposento, lançou a sombra dele em nítido recorte de encontro à tapeçaria tremulante. Ele estremeceu, ao perceber que a sombra – enquanto se detinha vacilante no umbral tomava exata posição e preenchia, precisamente, o contorno do implacável e triunfante matador do sarraceno Berlifitzing.

Para aliviar a depressão de seu espírito, o barão correu para o ar livre. No portão principal do palácio encontrou três

cavaliários. Com muita dificuldade, e com imenso perigo de suas vidas, continham eles os saltos convulsivos dum cavalo gigantesco e de cor avermelhada.

– De quem é esse cavalo? Onde o encontraram? – perguntou o jovem, num tom lamentoso e rouco, ao verificar, instantaneamente, que o misterioso corcel do quarto tapeçado era a reprodução do furioso animal que tinha diante dos olhos.

– Ele vos pertence, senhor – respondeu um dos cavaliários ou pelo menos não foi reclamado por nenhum outro proprietário. Nós o pegamos quando fugia, todo fumegante e escumando raiva, das cavaliárias incendiadas do castelo de Berlifitzing. Supondo que pertencesse à manada de cavalos estrangeiros do velho conde, levamo-lo para trás, como se fosse um dos remanescentes da estrebaria. Mas os empregados ali negam qualquer direito ao animal, o que é estranho, uma vez que ele traz marcas evidentes de ter escapado dificilmente dentre as chamas.

– As letras "W. V. B." estão também distintamente marcadas na sua testa – interrompeu um segundo cavaliário. – Supunha, portanto que eram as iniciais de Wilhelm von Berlifitzing, mas todos no castelo negam perentoriamente conhecer o cavalo.

– É extremamente singular! – disse o jovem barão, com um ar pensativo e parecendo inconsciente do significado de suas palavras.

– É, como dizem vocês, um cavalo notável, um cavalo prodigioso...embora, como vocês muito bem observaram, de caráter, arisco e intratável... Pois que me fique pertencendo – acrescentou ele depois duma pausa. – Talvez um cavaleiro como Frederico Metzenterstein possa domar até mesmo o diabo das cavaliárias de Berlifitzing.

– Estais enganado, senhor. O cavalo, como já dissemos, creio eu, não pertence às cavaliárias do conde. Se tal se desse, conhecemos demasiado nosso dever para trazê-lo à presença duma nobre pessoa de vossa família.

– É verdade! – observou o barão, secamente.

Nesse momento, um jovem camareiro veio a correr, afogado, do palácio. Sussurrou ao ouvido de seu senhor a história do súbito desaparecimento de pequena parte da tapeçaria, num aposento que ele designou, entrando, ao mesmo tempo, em

pormenores de caráter minucioso e circunstanciado. Mas como tudo isto foi transmitido em tom de voz bastante baixo, nada transpirou que satisfizesse a excitada curiosidade dos cavaleiros.

O jovem Frederico, enquanto ouvia, mostrava-se agitado por emoções variadas. Em breve, porém, recuperou a compostura e uma expressão de resoluta maldade espalhou-se-lhe na fisionomia ao dar expressas ordens para que o aposento em questão fosse imediatamente fechado e a chave trazida às suas mãos.

– Soubeste, senhor, da lamentável morte do velho caçador Berlitfizing – perguntou um de seus vassalos ao barão, enquanto, após a partida do camareiro, o enorme corcel, que o gentil-homem adotara como seu, saltava e curveteava, com redobrada fúria, pela longa avenida que se estendia desde o palácio até as cavalariças de Metzengerstein.

– Não! – disse o barão, voltando-se abruptamente para quem falava – Morreu, disse você?

– É a pura verdade, senhor, e suponho que para um nobre com o vosso nome não será uma notícia desagradável.

Rápido sorriso abriu-se no rosto do barão.

– Como morreu ele?

– Nos seus esforços imprudentes para salvar a parte favorita de seus animais de caça, pereceu miseravelmente nas chamas.

– De...ve...e...e... ras! exclamou o barão, como que impressionado, lenta e deliberadamente, pela verdade de alguma ideia excitante.

– Deveras – repetiu o vassalo.

– Horrível – disse o jovem, com calma, e voltou sossegadamente ao palácio.

Desde essa data, sensível alteração se operou na conduta exterior do jovem e dissoluto Barão Frederico de Metzengerstein. Na verdade, seu procedimento desapontava todas as expectativas e se mostrava pouco em acordo com as vistas de muita mamãe de filha casadoura, ao passo que seus hábitos e maneiras, ainda menos do que dantes, não ofereciam algo de congenital com os da aristocracia da vizinhança. Nunca era visto além dos limites de seu próprio domínio e, no vasto mundo social, andava absolutamente sem companheiros, a não ser, na verdade, aquele

cavalo descomunal, impetuoso e fortemente colorido, que ele de contínuo cavalgava a partir dessa época, tivesse qualquer misterioso direito ao título de seu amigo.

Numerosos convites, da parte dos vizinhos, chegaram, durante muito tempo: "Quererá o barão honrar nossas festas com sua presença?" "Quererá o barão se juntar a nós para caçar javali?"

– "Metzengerstein não caça" ou "Metzengerstein não comparecerá" eram as respostas lacónicas e arrogantes.

Estes repetidos insultos não podiam ser suportados por uma nobreza imperiosa. Tais convites tornaram-se menos cordiais, menos frequentes, até que cessaram por completo.

A viúva do Conde de Berlifitzing exprimiu mesmo, como se diz ter-se ouvido, a esperança de "que o barão estivesse em casa, quando não desejava estar em casa, desde que desdenhava a companhia de seus iguais e que andasse a cavalo, quando não queria andar a cavalo, uma vez que preferia a companhia de um cavalo". Isto decerto era estúpida explosão da hereditária má vontade e provava, tão-só, quanto se tornam nossas palavras singularmente absurdas quando desejamos dar-lhes forma enérgica fora do comum.

As pessoas caridosas, no entanto, atribuíam a alteração de procedimento do jovem fidalgo à tristeza natural de um filho pela precoce perda de seus pais, esquecidas, porém, de sua conduta atroz e dissipada durante o curto período que se seguiu logo àquela perda.

Alguns havia, de facto, que a atribuíam a uma ideia demasiado exagerada de sua própria importância e dignidade. Outros ainda – entre os quais pode ser mencionado o médico da família – não hesitavam em falar numa melancolia mórbida e num mal hereditário, enquanto tenebrosas insinuações de natureza mais equívocas corriam entre o povo.

Na verdade, o apego depravado do barão à sua montaria recentemente adquirida – apego que parecia alcançar novas forças a cada novo exemplo das inclinações ferozes e demoníacas do animal – tornou-se, por fim, aos olhos de todos os homens de bom-senso um fervor nojento e contra a natureza. No esplendor do meio-dia, a horas mortas da noite, doente ou com saúde, na calma ou na tempestade, o jovem Metzengerstein parecia

parafusado à sela daquele cavalo colossal, cujas ousadias intratáveis tão bem se adequavam ao próprio espírito do dono.

Havia, além disso, circunstâncias que, ligadas aos recentes acontecimentos, davam um caráter sobrenatural e monstruoso à mania do cavaleiro e às capacidades do corcel. O espaço que ele transpunha em um simples salto fora cuidadosamente medido e verificou-se que excedia, por uma diferença espantosa, as mais ousadas expectativas das mais imaginosas criaturas. Além disso, o barão não tinha um nome particular para o animal, embora todos os outros de suas cavalaria fossem diferenciados por denominações características. Sua estrebaria também ficava a certa distância dos restantes, e, quanto ao trato e outros serviços necessários, ninguém a não ser o dono em pessoa, se havia aventurado a fazê-los ou mesmo a entrar no recinto da baia particular daquele cavalo.

Observou-se também que, embora os três estribeiros que haviam capturado o corcel quando este fugia do incêndio em Berlitzing houvesse conseguido deter-lhe a carreira por meio dum laço corrediço, nenhum dos três podia afirmar com certeza que tivesse, no correr daquela perigosa luta, ou em outro qualquer tempo depois, posto a mão sobre o corpo do animal. Provas de inteligência característica na conduta dum nobre cavalo árdego não bastariam, decerto para excitar uma atenção desarrazada, mas havia certas circunstâncias que violentavam os espíritos mais céticos e mais fleumáticos.

E dizia-se que, por vezes, o animal obrigava a multidão curiosa que o cercava a recuar de horror diante da profunda e impressionante expressão de seu temperamento terrível e que, outras vezes o jovem Metzengerstein empalidecera e fugira diante da súbita e inquisitiva expressão de seu olhar quase humano.

Entre toda a domesticidade do barão ninguém havia, porém, que duvidasse do ardor daquela extraordinária afeição que existia da parte do jovem fidalgo pelas ferozes qualidades de seu cavalo; ninguém, exceto um insignificante e disforme pajenzinho, cujos aleijões estavam sempre à mostra de todos e cujas opiniões não tinham a mínima importância possível. Ele (se é que suas ideias são dignas afinal de menção) tinha o desplante de afirmar que seu senhor jamais montava na sela sem um estremecimento

inexplicável e quase impercetível, e que ao voltar de cada um de seus demorados e habituais passeios uma expressão de triunfante malignidade retorcia todos os músculos de sua fisionomia.

Numa noite tempestuosa, Metzengerstein, despertando dum sono pesado desceu, como um maníaco, de seu quarto e, montando a cavalo, a toda a pressa lançou-se a galope para o labirinto da floresta. Uma ocorrência tão comum não atraiu particular atenção, mas seu regresso foi esperado com intensa ansiedade pelos seus criados quando, após algumas horas de ausência, as estupendas e magníficas seteiras do palácio de Metzengerstein se puseram a estalar e a tremer até às bases, sob a ação duma densa e lívida massa, de fogo indomável.

Como as chamas, quando foram vistas pela primeira vez já tivessem feito tão terríveis progressos que todos os esforços para salvar qualquer parte do edificio eram evidentemente inúteis, toda a vizinhança atónita permanecia ociosa e calada, senão apática. Mas outra coisa inesperada e terrível logo prendeu da turba e demonstrou quão muito mais intensa é a excitação provocada nos sentimentos duma multidão pelo espetáculo da agonia humana do que suscitada pelas mais aterradoras cenas da matéria inanimada.

Ao longo da comprida avenida de anosos carvalhos que levava da floresta até a entrada principal do palácio de Metzengerstein um corcel, conduzindo um cavaleiro sem chapéu e em desordem era visto a pular com uma impetuosidade que ultrapassava a do próprio Demónio da Tempestade.

Era evidente que o cavaleiro não conseguia mais dominar a carreira do animal. A angústia de sua fisionomia, os movimentos convulsivos de toda a sua pessoa mostravam o esforço sobre-humano no que fazia; mas som algum, a não ser um grito isolado, escapava de seus lábios lacerados, que ele mordía cada vez mais, no paradoxismo do terror. Num instante, o tropel dos cascos ressoou forte e áspero acima do bramido das labaredas e dos assobios do vento, um instante ainda e, transpondo dum só salto o portão e o fosso o corcel lançou-se pelas escadarias oscilantes do palácio e, como o cavaleiro, desapareceu no turbilhão caótico do fogo.

A fúria da tempestade imediatamente amainou e uma calma de morte sombriamente se seguiu. Uma labareda pálida ainda

envolveu o edifício como uma mortalha, e, elevando-se na atmosfera tranquila, dardejava um clarão de luz sobrenatural, enquanto uma nuvem de fumaça se abatia pesadamente sobre as ameias com a forma bem nítida dum gigantesco cavalo.



Nunca aposte a sua cabeça com o diabo

(NEVER BET THE DEVIL YOUR HEAD, 1841)

“Con tal que las costumbres de un autor” – diz D. Tomás de las Torres, no prefácio de seus *Poemas Amorosos* –, “sean puras y castas, importa muy poco que no sean igualmente severas sus obras”, querendo dizer, em puro inglês, que, contanto que seja pessoalmente pura a moral de um autor, nada significa a moral de seus livros. Achamos que D. Tomás se encontra agora no Purgatório, por causa dessa afirmativa. Seria também coisa inteligente, no que concerne à justiça poética, conservá-lo ali, até que seus *Poemas Amorosos* saiam do prelo ou sejam definitivamente abandonados nas estantes por falta de leitores. Toda obra de ficção deveria ter uma moral; e, o que vem mais a propósito, os críticos já descobriram que toda ficção a tem. Filipe Melanchton escreveu, há algum tempo, um comentário sobre a Batraquiomiomaquia e provou que o objetivo do poeta era suscitar o desgosto pela sedição. Pierre La Seine, dando um passo mais adiante, mostra que a intenção era recomendar aos jovens a temperança no comer e no beber. Da mesma forma, também, Jacobus Hugo se convenceu de que, com Euenis, queria Homero insinuar a figura de João Calvino; com Antinous, a de Martinho Lutero; com os Lotófagos, os protestantes, em geral, e com as Hárpias, os holandeses. Nossos mais modernos escoliastas são igualmente agudos. Esses sujeitos demonstram a existência de um significado oculto em Os Antediluvianos, de uma parábola em, Powhatan, de novas intenções em O Pintarroxo e de transcendentalismo em O Pequeno Polegar. Em resumo, ficou demonstrado que nenhum homem pode sentar-se a escrever sem uma profundíssima intenção. Dessa forma, poupa-se em geral muita perturbação aos autores. Um romancista, por exemplo, não precisa ter cuidado com a sua moral. Ela está ali, isto é, está em alguma parte, e a moral e os críticos podem tomar conta de si

mesmos. Chegado o tempo próprio, tudo o que o cavalheiro tencionava, e tudo o que ele não tencionava, será trazido à luz no Dial ou no Down Easter, juntamente com tudo o que ele devia ter tencionado e o resto que ele claramente pretendia tencionar; de modo que tudo dará certo no fim.

Não há razão, por consequência, para o ataque contra mim lançado por certos ignorantes, por eu nunca ter escrito um conto moral ou, em termos mais precisos, um conto com uma moral. Não são eles os críticos predestinados a pôr-me em cena ou a desenvolver a minha moral: este é o segredo. A propósito, o North American Quarterly Hundrum fá-los-á envergonharem-se de sua estupidez. Entrementes, a fim de protelar a execução, a fim de mitigar as acusações contra mim, ofereço a triste estória junta, uma estória acerca de cuja evidente moral não poderá haver discussão alguma, desde que aquele que a procura possa lê-la nas letras garrafais que formam o título do conto. Eu mereceria aplausos por esse arranjo, bem mais inteligente que o de La Fontaine e de outros, que transferem o conceito até o último instante e assim o levam disfarçadamente até o cansativo fim de suas fábulas.

Defuncti injuria ne officiantur era uma lei das doze tábuas e *De Pnortuis nil nisi bonum* é uma excelente injunção, mesmo que o morto em questão não passe de um defunto João-ninguém. Não é minha intenção, porém, vituperar meu falecido amigo Toby Dammit. Era um pobre-diabo que vivia como um cão, é verdade, e foi de uma morte de cão que morreu; mas não era digno de censura por causa de seus vícios.

Procederam duma deficiência natural da mãe dele. Ela fez o que pôde para castigá-lo, enquanto ainda pequeno, porque os deveres para sua, bem ordenada mente eram sempre prazeres, e as crianças, como as postas de carne dura ou as modernas oliveiras gregas, são as melhores de se bater. Porém, pobre mulher!, tinha a desgraça de ser canhota e uma criança surrada canhotamente o mais que podia ficar era canhotamente impune. O mundo gira da direita para a esquerda. Não se deverá, pois, açoitar uma criança da esquerda para a direita. Se cada golpe, na direção própria, lança fora uma má propensão, segue-se que cada pancada, numa direção oposta, soca para dentro a sua parte de

maldade. Estive muitas vezes presente aos castigos de Toby e, mesmo pelo modo com que era esboiceado, podia perceber que ele se estava tornando cada vez pior, dia a dia. Afinal vi, com lágrimas nos olhos, que não havia quase esperança alguma a respeito do velhaco, e um dia, quando fora ele surrado até ficar de cara tão preta que poderia ser tomado como um africaninho e nenhum efeito se produzira, a não ser o de fazê-lo retorcer-se até desmaiar, não pude mais conter-me e, caindo de joelhos imediatamente, ergui a voz para profetizar a sua ruína.

O facto é que a sua precocidade no vício era espantosa. Aos cinco meses de idade costumava enfurecer-se de tal sorte que ficava incapaz de gritar. Aos seis meses surpreendi-o mordendo um baralho de cartas. Aos sete meses tinha o hábito de agarrar e beijar os bebês fêmeas. Aos oito meses recusou-se perentoriamente a pôr a sua assinatura: num compromisso de Temperança. Assim continuou a crescer em iniquidade, mês após mês, até que, ao termo de seu primeiro ano, não somente teimou em usar bigodes, mas contraíra uma tendência a praguejar e blasfemar e a apoiar suas afirmativas por meio de apostas.

Foi em consequência desta última prática, nada cavalheiresca, que a ruína que eu havia predito a Toby Dammit alcançou-o afinal. O costume tinha "crescido com o seu crescimento e se fortificado com a sua força", de modo que, quando se fez homem, dificilmente podia enunciar uma frase sem intercalá-la com uma proposta de jogo a dinheiro. Não que ele realmente fizesse apostas, não. Farei ao meu amigo a justiça de dizer que seria para ele mais fácil botar ovos. Com ele aquilo era uma simples fórmula, nada mais. Suas expressões neste particular não tinham significação alguma apropriada. 'Eram simples -se não mesmo inocentes expletivas -, frases imaginativas com que arredondar um período. Quando ele dizia: "Aposto consigo isso e aquilo", ninguém jamais pensava em tomar a palavra ao pé da letra; contudo não podia eu deixar de pensar que era meu dever reprimi-lo. Aquele hábito era imoral e isso mesmo lhe disse. Era uma coisa muito vulgar, pedi-lhe eu que acreditasse. Era desaprovado pela sociedade... e aqui não disse senão a verdade. Era proibido por um decreto do Congresso... não tinha eu aqui a

mínima intenção de dizer uma mentira. Admoestei-o... mas tudo em vão.

Provei... mas inutilmente. Roguei... ele sorriu. Implorei... ele riu. Preguei... ele escarneceu. Ameacei... ele descompôs. Bati-lhe... chamou a polícia. Quebrei-lhe o nariz... assoou-se e apostou a sua cabeça com o diabo que eu não ousaria tentar de novo a experiência.

A pobreza era outro vício que a típica deficiência física da mãe de Dammit tinha imposto a seu filho. Ele era detestavelmente pobre, e essa era, sem dúvida, a razão de tomarem suas expressões expletivas de apostas, raramente, o aspeto pecuniário. Não tenho dificuldade em afirmar que jamais o ouvi empregar uma linguagem como esta: "Apostarei um dólar consigo." Dizia habitualmente: "Apostarei o que você quiser", ou "Apostarei o que você tiver coragem", ou "Apostarei consigo uma bagatela", ou mesmo, mais significativamente ainda, "Apostarei a minha cabeça com o diabo".

Esta última fórmula parecia agradar-lhe mais, talvez porque envolvesse menos risco, pois Dammit havia-se tornado excessivamente parcimonioso. Tivesse-o alguém pegado pela palavra, como a sua cabeça era pequena, a sua perda seria também pequena. Mas estas são reflexões minhas e não posso absolutamente garantir que esteja certo no atribuí-las a ele. Em todo o caso, a frase em questão aumentava diariamente de predileção, não obstante a grande impropriedade de apostar um homem seus miolos como se fossem notas de banco, mas este era um ponto que a perversidade de ânimo de meu amigo não lhe permitia compreender. Por fim, abandonou ele todas as outras formas de aposta e entregou-se inteiramente à "Apostarei a minha cabeça com o diabo", com uma pertinácia e exclusividade de devoção que me desagradava não menos do que me surpreendia. Sempre me desagradam as circunstâncias com que não posso contar. Os mistérios obrigam a gente a pensar e dessa forma fazem mal à saúde. A verdade é que havia qualquer coisa no ar com que o Sr. Dammit costumava exprimir a sua ofensiva frase, algo na sua maneira de enunciá-la que, a princípio, me interessou, mas depois me deixava muito mal à vontade; algo que, à falta dum termo mais preciso no momento, deve ser permitido chamar de

esquisito – mas que o Sr. Coleridge teria chamado de místico, o Sr. Kant panteístico, o Sr. Carlyle evasivo e o Sr. Emerson hiperexcêntrico. Comecei por não gostar daquilo absolutamente. A alma do Sr. Dammit achava-se em perigosíssimo estado. Resolvi pôr em jogo toda a minha eloquência para salvá-la. Fiz votos de servi-lo, como S. Patrício, na crônica irlandesa, diz-se que servira o sapo, isto é, "despertou-o para o sentido de sua situação". Pus mão à tarefa imediatamente. Mais uma vez entreguei-me à admoestação.

Depois coligi as minhas energias para uma tentativa final de censura amigável.

Terminada a minha preleção, o Sr. Dammit entregou-se a um procedimento um tanto equívoco. Por alguns instantes permaneceu em silêncio, olhando-me simplesmente, de modo indagador, para o rosto. Mas depois lançou a cabeça para um lado e elevou as sobrancelhas o mais que pôde. Em seguida espalmou as mãos e encolheu os ombros. Depois piscou o olho direito. Depois repetiu a operação com o esquerdo. Depois fechou bem os dois. Depois arregalou-os ambos, de tal maneira que comecei a ficar seriamente alarmado com as consequências. Depois, aplicando o polegar ao nariz, achou por bem fazer um indescritível movimento com o resto dos dedos. Finalmente, pondo as mãos nos quadris, condescendeu em responder. Posso lembrar-me apenas dos pontos principais do que ele disse. Ficar-me-ia agradecido se eu contivesse minha língua. Não queria saber de conselhos meus. Rejeitava todas as minhas insinuações.

Tinha bastante idade para cuidar de si mesmo. Pensava eu que ele era ainda o bebê Dammit? Era intenção minha dizer qualquer coisa contra seu caráter? Pretendia insultá-lo? Era eu um maluco? Seria minha mãe conhecedora, em suma, de minha ausência do domicílio? Fazia-me esta última pergunta como a um homem de verdade, e se obrigaria a voltar para casa de acordo com a minha resposta. Mais uma vez perguntava, explicitamente, se minha mãe sabia que eu estava fora. A minha confusão – disse ele – traía-me, e apostaria a sua cabeça com o diabo que ela não sabia.

O Sr. Dammit não parou para que eu replicasse. Dando volta nos calcanhares, saiu de minha presença, com indigna

precipitação. Foi bem que assim fizesse. Meus sentimentos tinham sido magoados. Até mesmo minha cólera havia despertado. Por uma vez sequer teria tomado a sério a sua insultante aposta. Teria ganho para o arqui-inimigo a pequena cabeça do Sr. Dammit, pois minha mãe estava bem ciente de minha ausência, simplesmente temporária, de casa.

Mas *Khoda shefa midehed* – "o céu dá remédio" – como dizem os muçulmanos quando a gente lhes pisa nos pés. Fora no prosseguimento do meu dever que havia sido insultado e suportei o insulto como um homem. Parecia-me, agora, porém, que eu havia feito tudo quanto se podia exigir de mim no caso daquele miserável indivíduo e resolvi não mais incomodá-lo com meus conselhos, mas deixá-lo entregue a si mesmo e à sua consciência. Mas embora me abstinêsse de intrometer meus conselhos, não lograva desligar-me totalmente de sua companhia. Fui ao ponto de acomodar-me a algumas de suas menos repreensíveis tendências e vezes houve em que me achei elogiando seus perversos gracejos (como fazem os epicuristas com a mostarda, com lágrimas nos olhos), tão profundamente me afligia ouvir a sua conversa depravada.

Um belo dia, tendo saído a passear juntos, de braços dados, nosso caminho nos levou à direção de um rio. Havia uma ponte e resolvemos atravessá-la. A ponte estava coberta, protegida contra as intempéries, e a passagem abobadada, com poucas janelas, era por isso incomodamente escura. Ao penetrarmos na passagem, o contraste entre o brilho exterior e a escuridão interna chocou-se pesadamente contra meu espírito. O mesmo não aconteceu ao infeliz Dammit, que se prestara a apostar com o diabo a cabeça, que eu havia desancado. Mostrava-se ele dum bom-humor incomum. Estava excessivamente animado, tanto que passei a considerar que havia um não sei quê de incômoda suspeita. Não era impossível que estivesse ele afetado por algo de transcendental. Não sou bastante versado, porém, no diagnóstico dessa doença, para falar com segurança a respeito do assunto. E infelizmente não se achava ali presente nenhum de meus amigos do Dial. Sugiro a ideia, não obstante, por causa de certas espécies de austera bufonaria que pareciam dominar meu pobre amigo, forçando-o a portar-se como um palhaço de si

mesmo. Nada o satisfazia senão mover-se e saltar em redor, acima e abaixo de tudo quanto encontrava em seu caminho, ora gritando, ora ciciando toda casta de estranhas palavras, grandes e pequenas, conservando, no entanto, todo o tempo o rosto mais grave do mundo. Na realidade, não sabia se deveria dar-lhe pontapés ou ter piedade dele. Afinal, tendo quase atravessado a ponte, aproximávamo-nos do termo do caminho para pedestres, quando fomos barrados por um torniquete de certa altura. Passei por ele sossegadamente, fazendo-o girar como de costume. Mas essa volta não servia ao Sr. Dammit. Teimou em pular o torniquete e disse que poderia saltar por cima dele, de pés juntos no ar.

Ora, isso, conscientemente falando, não achava eu que ele pudesse fazer. O melhor saltador de pés juntos, em todos os estilos, era meu amigo o Sr. Carlyle, e como eu sabia que ele não podia fazê-lo, não acreditava que Toby Dammit o fizesse. Por isso lhe disse, em breves palavras, que ele era um fanfarrão e não podia fazer o que dizia. Razão tive depois de me entristecer disso, porque ele imediatamente se ofereceu a apostar a sua cabeça com o diabo como o faria.

Estava a ponto de replicar, não obstante as minhas anteriores resoluções, com certa rispidez, contra a sua impiedade, quando ouvi, bem perto de meu cotovelo, uma leve tosse que soou bem parecida com a pronúncia da interjeição "ei!". Dei um pulo e olhei em torno de mim com surpresa. Meu olhar caiu afinal sobre um canto da armação da ponte e sobre a figura de um velhinho coxo, de venerável aspeto. Nada poderia ser mais reverenda que toda a sua aparência, pois não somente usava um fato preto, como a sua camisa era irrepreensivelmente limpa e o colarinho caía-lhe bem polido sobre uma gravata branca. O cabelo tinha-o repartido ao meio, como o de uma moça. Suas mãos estavam entrelaçadas reflexivamente sobre o estômago e os olhos cuidadosamente erguidos para o alto.

Observando-o mais atentamente, notei que usava um avental de seda preta sobre os calções, coisa que achei bastante estranha. Antes, porém, que tivesse tempo de fazer qualquer reparo a respeito de tão singular circunstância, ele

interrompeu-me, com um segundo "ei!".

Eu não estava imediatamente preparado para replicar a essa segunda observação. O facto é que advertências de tão lacónica natureza são quase irrespondíveis. Sei de uma revista trimestral que foi emudecida com a palavra "Palavrório!". Não me envergonho de dizer, portanto, que me voltei para o Sr. Dammit a pedir auxílio.

– Dammit – falei –, que é que você fez? Não ouve o cavalheiro dizer "ei!"?

Olhei desabridamente para meu amigo, enquanto assim me dirigia a ele; porque, para falar verdade, eu me sentia particularmente perplexo, e quando um homem está particularmente perplexo deve franzir as sobrancelhas e parecer selvagem; de outro modo, pode estar perfeitamente certo de que parecerá um louco.

– Dammit! – continuei (isso soava, entretanto, mais como uma praga, coisa que estava mais longe do que tudo do meu pensamento). ⁽²⁾ Dammit – acrescentei –, este cavalheiro está a dizer "ei!".

Não tento defender minha observação com relação à sua profundidade; nem eu mesmo a considere profunda; mas notei que o efeito de nossas palavras nem sempre é proporcional a sua importância a nossos próprios olhos. Se eu tivesse lançado ao Sr. Dammit, de modo completo, uma bomba de Paixhans ⁽³⁾, ou se lhe tivesse atirado à cabeça o Poetas e Poesia da América ⁽⁴⁾, ele mal poderia ter ficado mais desconcertado do que quando me dirigi a ele, com estas simples palavras: "Dammit! Que é que você faz? Não ouve o cavalheiro dizer "ei!"?"

– Que é que você diz? – arquejou ele, afinal, depois de mudar mais de cores do que o faria um pirata, uma depois da outra, quando perseguido por um navio de guerra. -Você tem absoluta certeza de que ele disse "isso"? Bem, afinal de contas eu estou metido nisso agora e muito bem podemos enfrentar o caso a frio. Lá vai, então... "ei!"

Aí o velho sujeitinho parecia satisfeito, só Deus sabe porquê. Deixou seu lugar no canto da ponte, coxeou para frente com gracioso ademanse, pegou da mão de Dammit e sacudiu-a cordialmente, olhando-o todo o tempo, fixamente, no rosto, com

o aspeto da mais inalterada benignidade que é possível ao espírito do homem imaginar.

– Estou completamente certo de que você ganhará, Dammit – disse ele, com o mais franco de todos os sorrisos –, mas somos obrigados a fazer uma experiência, você sabe, por simples formalidade.

– Ei! – replicou meu amigo, tirando o paletó, com profundo suspiro, amarrando um lenço em torno da cintura e produzindo uma indizível alteração no seu aspeto, com fazer-se zarolho e abaixar os cantos da boca. – Ei! e ei! – disse ele de novo, depois de uma pausa, e nenhuma outra palavra além de "ei!", ouvi-o eu dizer mais depois disso.

– Ah! – pensei eu, sem exprimir-me em voz alta. – Este silêncio é completamente extraordinário da parte de Toby Dammit, e não é mais do que consequência de sua verbosidade em ocasião anterior. Um extremo induz a outro. Ter-se-ia ele esquecido das numerosas perguntas irrespondíveis que me propôs tão fluentemente no dia em que lhe fiz a minha última preleção? Afinal de contas, está ele curado de seu transcendentalismo.

– Ei! – aqui replicou Toby, justamente como se tivesse estado lendo meus pensamentos e parecendo um velho carneiro a devanear. O velhote agarrou-o então pelo braço e levou-o mais para dentro da escuridão da ponte, poucos passos além do torniquete.

– Meu bom amigo – disse ele –, faço questão de lhe dar distância. Espere aqui, até que eu tome lugar junto ao torniquete, de modo que possa ver se você pula por cima dele, bela e transcendentalmente, e não omite nenhum dos floreios do pulo de pés-juntos.

Simple formalidade, como você sabe. Eu direi – um, dois, três e... "larga!". Preste atenção! Corra quando ouvir a palavra "larga!". Então tomou posição junto do torniquete, parou um instante como se estivesse em profunda reflexão, depois olhou para cima e, pensei eu, sorriu mui de leve; em seguida, agarrou os cordéis do avental, lançou depois um longo olhar para Dammit e, finalmente, pronunciou as palavras combinadas:

– One... two... three... e... away! ⁽⁵⁾ Pontualmente, ao ouvir a palavra "larga!", o meu pobre amigo lançou-se em impetuoso

galope. O estilo do salto não foi muito alto como o do Sr. Lord ⁽⁶⁾, e nem também muito baixo como o dos críticos do Sr. Lord; mas, no conjunto, posso assegurar que ele se sairia bem. E que sucederia se ele não o fizesse? Ah, essa era a questão!

Que sucederia?

– Que direito – disse eu – tinha o velhote de obrigar qualquer outro cavalheiro a pular? Aquele velho manquitola! Quem era ele? Se me pedisse para pular, eu não o faria, está claro, e não me importava que diabo fosse ele.

A ponte, como eu disse, era abobadada e coberta de maneira muito ridícula, tendo sempre um eco muito incómodo, um eco que eu nunca antes observara tão particularmente como quando pronunciei as quatro últimas palavras de minha observação.

Mas o que eu disse, ou o que eu pensei, ou o que eu ouvi, ocupou apenas um instante. Em menos de cinco segundos, após a sua partida, o meu pobre Toby tinha dado o pulo. Vi-o a correr agilmente, alçando-se grandiosamente do soalho da ponte, traçando os mais espantosos floreios com as pernas, enquanto subia. Vi-o alto no ar, pulando admiravelmente, de pés juntos, por cima do torniquete, e, sem dúvida, pensei que era uma coisa insolitamente singular que ele não continuasse o pulo. Mas o pulo inteiro fora questão de momento. E antes que tivesse tempo de fazer qualquer profunda reflexão, o Sr. Dammit recuou para baixo, completamente de costas, no mesmo lado do torniquete, de onde havia partido. No mesmo instante, vi o velhote coxeando, no auge da velocidade, apanhar e enrolar no seu avental algo que caiu pesadamente nele, da escuridão do arco, justamente por cima do torniquete. Fiquei bastante atônito, diante de tudo isso; mas não tive tempo de pensar, porque Dammit se conservava particularmente silencioso, concluindo eu que ele deveria estar muito magoado e necessitava de meu auxílio. Corri para o seu lado e descobri que ele havia recebido o que pode ser chamado de uma séria injúria. A verdade é que ele tinha sido privado de sua cabeça, a qual, depois de aturada procura, não pude encontrar em parte alguma. De modo que me decidi a levá-lo para casa e chamar os homeopatas.

Entrementes, um pensamento me abalou e eu escancarei uma janela da ponte, quando a triste verdade imediatamente me

cruzou o espírito. Cerca de metro e meio, justamente acima da extremidade do torniquete e cruzando o arco do passeio, como que formando um gancho, estendia-se uma lisa barra de ferro, colocada horizontalmente e que era de uma série de barras que serviam para reforçar a estrutura, em toda a sua extensão. Com a extremidade desse gancho é que pareceu evidente ter-se posto o pescoço de meu infeliz amigo precisamente em contacto.

Não sobreviveu ele muito tempo à sua terrível perda. Os homeopatas não lhe deram suficientes dosezinhas de remédio e o pouco que deram ele hesitou em tomar. De modo que, no fim, piorou e veio a morrer, dando assim uma lição a todos os viventes desregrados. Orvalhei-lhe o túmulo com minhas lágrimas, esculpi urna barra sinistra no escudo da família e, quanto às despesas gerais do enterro, enviei minha muito moderada conta aos transcendentalistas. Os velhacos recusaram-se a pagá-la, de modo que tive de desenterrar imediatamente o Sr. Dammit e vendê-lo para comida de cachorro.

Notas

- (1) Publicado pela primeira vez no *Graham's Lady's and Gendeman's Magazine*, setembro de 1841. Título original: *Never bet your head. A moral tale.*
- (2) Trocadilho com a expressão *damn it*, "dane-se" ou "vá para o inferno" (N. T.)
- (3) General francês, inventor de vários engenhos bélicos. (N. T.)
- (4) Antologia de autoria de Rufus Wilmot Griswold, pastor protestante que se desaveio, certa vez, com Edgar A. Poe. (N. T.)
- (5) Um... dois... três... e... larga! (N. T.)
- (6) Poeta contemporâneo de Poe, de escassa notoriedade. (N. T.)



O duque de L'Omelette

(THE DUC DE L'OMELETTE, 1832)

Keats caiu pela crítica. Quem foi morto no Andromache? Almas ignorantes! – L'Omelette pereceu por causa de um verdelhão. Ajuda-me, Espírito de Apício!

Uma gaiola de ouro entediava o pequeno sonhador alado, enamorado, doce, indolente, para o Chaussée D'Antin, longe do seu país, o Peru. Da rainha que o possuía, La Bellissima, para o Duque de L'Omelette, escoltado por seis pares do império.

Naquela noite o Duque comia sozinho. Na privacidade de seu bureau, ele reclinou-se desanimadamente sobre aquele divã acolchoado pelo qual sacrificou a sua realza leiloando o seu reino – o notório divã de Cadê.

Ele enfia a sua cabeça no travesseiro. O relógio bate. Incapaz de controlar seus sentimentos engole uma azeitona. Nesse momento, a porta abre-se lentamente ao som de música suave. Ó, o mais delicado dos pássaros antes enamorado pelos homens! Mas o que não expressa a infelicidade, agora não importa mais à continência do Duque? – “Horreur! Chien Baptiste! L'oiseau ah, bom Dieu! Cet oiseau modeste que tu as deshabillé de ses plumes, et que tu as servi sans papier!” (Horror! Cão miserável! Meu pássaro, ó Deus! Este pássaro modesto tu o depenaste e o serviste sem piar?) E ainda diz mais: O Duque acabou-se num paradoxo de angústia...

– Ha, ha, ha, – disse no terceiro dia da doença.

– He, he, he – repetiu o Diabo fatalmente, exibindo-se com um ar de superioridade.

– O quê? Não pode estar certo – retrucou L'Omelette. Eu pequei – c'est vrai – mas, meu bom senhor, reconsidere! Você não tem nenhuma real intenção de colocar tal – tal – tratamento bárbaro dentro da sentença.

– Por que não? – disse sua Majestade – Venha, senhor, destitua-se disto!

– Despir-me? Claro! Sinceramente não, Senhor. Não farei isso. Quem és tu, rogo, que eu, Duque De L’Omelette, Príncipe de Foiegras, em plena idade, autor do “Mazurkiad” e membro da Academia, deveria desfazer de mim mesmo em minhas suaves calças nunca feitas por Bourdon, o mais delicado robe-de-chambre posto junto por Rombert – para dizer nada que tire minha cabeça fora do lugar – e deveria eu mencionar os problemas de retirar minhas luvas?

– Quem sou eu?

– Ah, a verdade! Eu sou Belzebu, Príncipe das moscas. Eu vos peguei, agora há pouco, de um caixão de boa madeira revestido de marfim. Você estava, curiosamente, cheirando bem, selado com uma encomenda. Belial me enviou – meu inspetor de cemitérios. As calças, as quais nunca tocadas por Bourdon, são excelentes linhas para roupa de baixo, e vosso robe-de-chambre é um pano para embalsamá-lo deveras pequeno.

– Senhor! – retrucou o Duque – Eu não serei insultado com tal impunidade! Senhor! Eu devo escolher a oportunidade mais próxima para puni-lo por este insulto. Você ouvirá de mim, *au revoir!*

E o Duque se abaixava, tentando fugir da presença satânica, quando foi interrompido e trazido de volta por um cavaleiro que estava à espera. Nesse momento, pressionou seus olhos, bocejou, deu de ombros, refletiu. Tendo se tornado satisfeito com a sua identidade, ele deu uma olhada panorâmica ao seu redor.

O espaço era soberbo. Mesmo L’Omelette disse como deveria ser dito. Não era seu comprimento ou largura – mas a sua altura – Oh, como era horrível! Não havia teto algum! Mas sim uma densa massa giratória de nuvens coloridas com fogo. Sua mente cambaleava enquanto ele olhava para cima. De cima, estava pendurada uma corrente numa estranha cor, um metal vermelho-sangue – acima acabava como a cidade de Boston, entre as nuvens. De sua mais baixa extremidade movia-se um farol. O duque sabia que se tratava de um rubi, a sua luz era tão intensa, mas mesmo assim, tão terrível. A Pérsia nunca louvou algo assim – Gheber nunca o imaginou – um muçulmano nunca sonhou, mesmo quando, afetado pelo ópio, cambaleava para uma cama de cachorro, as suas costas para as flores, e a sua face para o deus

Apolo. O duque murmurou uma leve praga, decididamente de aprovação.

As pontas da sala arredondavam-se em nichos. Três delas estavam cheias de estátuas de proporções gigantescas, a sua beleza era grega, a sua deformidade egípcia, seu *tout ensemble* francês. No quarto nicho uma estátua era velada, não era colossal. Mas tinha um tornozelo fino e sandálias nos pés.

O duque pressionou as mãos no coração, fechou os olhos, levantou a cabeça, e percebeu sua Majestade Satânica num rubor.

Mas todas aquelas pinturas! – Kupris! Astarte! Astoreth!* – mil e a mesma coisa, e Rafael as segurou! Sim, Rafael estava aqui, mas por que ele não pintou? E por que ele não foi, consequentemente, amaldiçoado? As pinturas! Ó, luxúria! Ó, amor! – quem, fascinado por essas belezas proibidas teria seus olhos para os delicados aparelhos das estruturas douradas que jogam, como estrelas, o hyachinth** e as paredes de cristais?

**Kupris, ou Cyprus, divindade babilônica; Astarte é deusa do panteão fenício; Astoreth, o Astaroth, demônio da vaidade e da luxúria.*

*** Planta exótica*

É verdade que ele pensou muito sobre todas as coisas. Mas o coração do Duque está desfalecendo. Ele não está, como você supõe, atordoado com a magnificência, nem bêbado com a respiração eufórica daqueles inumeráveis barcos repletos de incenso – C'est vrai que de toutes ces choses il a pensé beaucoup – mais*! (* É verdade que ele pensou muito em todas essas coisas.)

O duque de L'Omelette está terrivelmente assustado, por causa da vista extremamente brilhante que uma janela incerta e singular lhe traz. Brilhos dos mais horríveis de todos os fogos.

O pobre Duque. Não podia ignorar toda aquela glória, a voluptuosidade, e as melodias eternas que permeavam o salão, enquanto eles passavam aos poucos, transformados pela alquimia daqueles vidros nas janelas encantadas, os que choram de sofrimento, os bem sucedidos, os sem esperança e os amaldiçoados estavam lá. – acima do divã, quem estaria? – ele, o pequeno mestre – não, a Deidade – quem sentou como se talhado em mármore, e que sorriu, com a sua continência pálida, tão amargamente?

Mas era preciso reagir – é o que dizem: um francês nunca desmaia completamente. Além disso, ele odiou a cena. O duque é ele mesmo novamente. Havia alguns floretes e estoques sobre a mesa. O duque havia estudado esgrima – ele havia matado seus seis homens. Agora, então, poderá escapar. Ele mede dois floretes e, com a sua graça inestimável, oferece à Majestade um à escolha, Horreur! Sua Majestade não sabe esgrimir!

Mas ele joga, porém! – que pensamento feliz –, ele sempre teve uma excelente memória. Ele tinha se aprofundado no “Diable” do Abbé Gaultier. Lá é dito “qui le Diable n’ose pas refuser un jeu d’écarté.”* (*O Diabo não ousa recusar um jogo de baralho.)

As chances – ó, as chances! A verdade era o seu desespero. Ele estava em pior situação, mas, afinal, não tinha ele segredos? Não tinha andado pelo Père Le Brun? Não era ele um dos membros do clube dos Vinte e um? Se eu perder – disse ele – estarei perdido duas vezes – duas vezes serei condenado – voilà tout! – deu com os ombros – se eu ganhar voltarei aos meus verdelhões – que sejam dadas as cartas!

Ele estava paciência, mostrava atenção e prudência. Um espectador teria pensando em Francis e Charles (espadachins famosos). Ele pensou no seu jogo. O Diabo não pensava, embaralhava. O duque cortou.

As cartas estavam dadas. O trunfo é mostrado. É...é...o rei! Não, era a rainha. Ele amaldiçoou suas vestimentas masculinas. O duque colocou a mão sobre seu coração.

Eles jogam. O duque conta os pontos. Sua Majestade conta pesadamente, sorri, bebe o vinho. O duque esconde uma carta.

Ces à vous à faire – disse sua Majestade, o duque curva-se. Dá as cartas, levanta-se da mesa mostrando o rei.

O demónio fica contrariado.

Se Alexandre não tivesse sido Alexandre, ele teria sido Diogenes. E o Duque assegurou ao seu adversário enquanto saía: “Que s’il n’eut été De L’Omelette il n’aurait point d’objection d’être le Diable.”*

(*Se não estivesse tão feliz em ser L’Omelette, não apresentaria nenhuma objeção em ser o Diabo.)



O poço e o pêndulo

(THE PIT AND THE PENDULUM, 1842-43)

*Impia tortorum longas hic turba furores Sanguinis innocui,
non satiata, aluit, Sospite nuic patria, fracto nunc funeris
antro, Mors ubi dira fuit vita salusque patent.*

(Quadra composta para os portões de um mercado a ser levantado no lugar do
Clube

dos Jacobinos, em Paris)

Eu estava extenuado, extenuado até à morte, por aquela longa agonia. E quando eles, afinal, me desacorrentaram e me foi permitido sentar, senti que ia perdendo os sentidos. A sentença, a terrível sentença de morte, foi a última frase distintamente acentuada que me chegou aos ouvidos. Depois disto, o som das vozes dos inquisidores pareceu mergulhar num zumbido fantástico e vago. Trazia-me a alma a ideia de rotação, talvez por se associar, na imaginação, com a mó de uma roda de moinho. Mas isto durou apenas pouco tempo, pois logo nada mais ouvi. Contudo, durante algum tempo, eu via... porém com que terrível exagero! Eu via os lábios dos juízes vestidos de preto. Pareciam-me brancos, mais brancos do que as folhas de papel sobre as quais estou traçando estas palavras, e grotescamente delgados; mais adelgaçados ainda pela intensidade de sua expressão de firmeza, de imutável resolução, de desprezo pela dor humana. Eu via os decretos do que, para mim, representava o Destino saírem ainda daqueles lábios. Via-os torcerem-se, com uma frase letal. Via-os articularem as sílabas do meu nome, e estremecia por não ouvir nenhum som de seguida.

Via, também, durante alguns minutos de delirante horror, a ondulação leve e quase impercetível dos panejamentos negros que cobriam as paredes da sala. E, depois, meu olhar caiu sobre as sete grandes tochas em cima da mesa. A princípio, elas tomaram o aspeto da Caridade e pareciam anjos brancos e esbeltos que me deviam salvar; mas depois, repentinamente, inundou-me o espírito uma náusea mais mortal e senti todas as

fibras de meu corpo vibrarem como se eu tivesse tocado o fio de uma pilha galvânica, enquanto os vultos angélicos se tornavam espectros insignificantes como cabeças de chama, e via bem que deles não teria socorro. E, então, introduziu-se-me na imaginação, como rica nota musical, a do tranquilo repouso que deveria haver na sepultura. Essa ideia chegou doce e furtivamente, e parece ter-se passado muito tempo até que pudesse ser completamente percebida. Mas, no momento mesmo em que o meu espírito começava, por fim, a sentir propriamente e a acarinhar essa ideia, os vultos dos juízes desapareceram, como por mágica, de minha frente; as altas tochas se foram reduzindo a nada; suas chamas se extinguíram por completo; o negror das trevas sobreveio. Todas as sensações pareceram dar um louco e precipitado mergulho, como se a alma se afundasse no Hades. E o universo não foi mais do que noite, silêncio e imobilidade.

Eu tinha desmaiado. No entanto, não direi que havia perdido por completo a consciência. Não tentarei definir o que dela ainda permanecia, nem mesmo procurarei descrevê-lo. Todavia, nem tudo estava perdido. No sono mais profundo... não! No meio do delírio... não!. No desmaio... não! Na morte... não! Nem mesmo no túmulo tudo está perdido! De outra forma, não haveria imortalidade para o homem. Ao despertar do mais profundo sono, quebramos a teia delgada de algum sonho. Entretanto, um segundo depois, por mais fraca que tenha sido essa teia, não nos lembramos de ter sonhado. No voltar de um desmaio à vida, há duas fases: a primeira é o sentimento da existência mental ou espiritual; a segunda é o sentimento da existência física. Parece provável que, se, ao atingir a segunda fase, pudéssemos evocar as impressões da primeira, poderíamos encontrá-las ricas em recordações do abismo transposto. E esse abismo... que é? Como, pelo menos, distinguiremos suas sombras das sombras do túmulo?

Mas, se as impressões daquilo que denominei a primeira fase não são reevocadas à vontade, depois de longo intervalo não aparecem elas espontaneamente, enquanto indagamos, maravilhados, donde poderiam ter vindo? Aquele que nunca desmaiou é quem não descobre palácios estranhos e rostos esquisitamente familiares nas brasas ardentes; é quem não

percebe a flutuar, no meio do espaço, as tristes visões que a maioria não pode distinguir; é quem não medita sobre o perfume de alguma flor desconhecida; é quem não tem o cérebro perturbado pelo mistério de alguma melodia que, até então, jamais lhe detivera a atenção.

Entre as frequentes e intensas tentativas de recordar, entre as lutas encarniçadas para recolher alguns vestígios daquele estado de aparente aniquilamento no qual a minha alma havia mergulhado, momentos houve em que eu sonhava em ser bem sucedido: houve períodos breves, bastante breves, em que evoquei recordações que a lúcida razão de uma época posterior me assegura relacionarem-se apenas, àquela condição de aparente inconsciência. Essas sombras de memória falam, indistintamente, de altas figuras que arrebatavam e carregavam em silêncio, para baixo... para baixo... cada vez mais para baixo... até que uma horrível vertigem me oprimiu à simples ideia daquela descida sem fim.

Falam-me, também, de um vago horror no coração, por causa mesmo daquele sossego desnatural do coração. Depois, sobrevém uma sensação de súbita imobilidade em todas as coisas, como se aqueles que me transportavam (cortejo espectral) houvessem ultrapassado, na sua descida, os limites do ilimitado e se houvessem detido, vencidos pelo extremo cansaço da tarefa. Depois disso, reevoco a monotonia e a humidade, e depois tudo é loucura -a loucura de uma memória que se agita entre coisas repelentes. Bem de súbito voltaram à minha alma o movimento e o som: O tumultuoso movimento do coração e, aos meus ouvidos, o rumor de suas pancadas. Depois, uma pausa em que tudo desaparece.

Depois, novamente o som, o movimento e o tato - uma sensação formigante invadindo-me o corpo. Depois, a simples consciência da existência, sem pensamento, situação que durou muito tempo. Depois, bem de repente, o pensamento, um terror arrepiante, e um esforço ardente de compreender meu verdadeiro estado. Depois, um forte desejo de recair na insensibilidade. Depois, uma precipitada revivescência da alma e um esforço bem sucedido de mover-me. E agora, a plena lembrança do processo, dos juízes, dos panos negros, da sentença, do mal-estar, do

desmaio. Por fim, inteiro esquecimento de tudo que se seguiu, de tudo que um dia mais tarde e acurados esforços me habilitaram a vagamente recordar.

Até aqui, não tinha aberto os olhos. Sentia que estava deitado de costas, desamarrado. Estendi a mão e ela caiu, pesadamente, sobre algo húmido e duro. Deixei que ela ficasse alguns minutos, enquanto me esforçava por adivinhar onde poderia estar e o que me acontecera.

Desejava ardentemente, mas não o ousava, servir-me dos olhos.

Receava o primeiro olhar para os objetos que me cercavam. Não que eu temesse olhar para coisas horríveis, mas porque ia ficando aterrorizado, temendo que nada houvesse para ver. Por fim, com selvagem desespero no coração, abri rapidamente os olhos. Meus piores pensamentos foram, então, confirmados. Cercava-me o negror da noite eterna. Fiz um esforço para respirar. A espessa escuridão parecia oprimir-me e sufocar-me. A atmosfera estava intoleravelmente confinada. Conservei-me ainda quietamente deitado, fazendo esforços para exercitar minha razão. Recordei os processos inquisitoriais e tentei, a partir deste ponto, deduzir minha verdadeira posição. A sentença fora pronunciada e parecia-me que bem longo intervalo de tempo havia, desde então, decorrido. Contudo, nem por um instante supus que estivesse realmente morto. Tal suposição a despeito do que lemos em romances, é completamente incompatível com a existência real. Mas, onde estava eu e em que situação me encontrava? Sabia que os condenados à morte pereciam, ordinariamente, em autos de fê, e se realizara um destes na mesma noite do dia do meu julgamento. Tinha eu sido reenviado para o meu calabouço à espera da próxima execução, que só se realizaria daí a muitos meses? Vi logo que não podia ser isto. As vítimas haviam sido requisitadas imediatamente. Além disso, meu cárcere, como todas as celas dos condenados em Toledo, tinha soalhos de pedra e a luz não era inteiramente excluída.

Uma terrível ideia lançou-me, de súbito, o sangue em torrentes ao coração e, durante breve tempo, mais uma vez recaí no meu estado de insensibilidade. Voltando a mim, pus-me de pé num salto, tremendo convulsivamente em todas as fibras. Estendi desordenadamente os braços acima e em torno de mim, em todas

as direções. Não sentia nada. No entanto, temia dar um passo, no receio de embater-me com as paredes de um túmulo. Transpirava por todos os poros e o suor se detinha, em grossas e frias bagas, na minha fronte. A agonia da incerteza tornou-se, afinal, intolerável e, com cautela, movi-me para diante, com os braços estendidos. Meus olhos como que saltavam das órbitas, na esperança de apanhar algum débil raio de luz. Dei vários passos, mas tudo era ainda escuridão e vácuo. Respirei mais livremente. Parecia evidente que minha sorte não era, pelo menos, a mais horrenda.

E então, como continuasse ainda a caminhar, cautelosamente para diante, vieram-me, em tropel, à memória, mil vagos boatos a respeito dos horrores de Toledo. Narravam-se estranhas coisas dos calabouços, que eu sempre considerara como fábula, coisas, no entanto, estranhas e demasiado espantosas para serem repetidas, a não ser num sussurro. Ter-me-iam deixado para morrer de fome no mundo subterrâneo das trevas? Ou que sorte, talvez mesmo mais terrível, me esperava? Conhecia muito bem o caráter de meus juizes para duvidar de que o resultado seria a morte, e morte de insólita acritude. O modo e a hora eram tudo o que me ocupava e me perturbava.

Minhas mãos estendidas encontraram, afinal, um sólido obstáculo. Era uma parede, que parecia construída de pedras, muito lisa, viscosa e fria. Fui acompanhando-a, caminhando com toda a cuidadosa desconfiança que certas narrativas antigas me haviam inspirado. Este processo, porém, não me proporcionava meios de verificar as dimensões de minha prisão, pois eu podia fazer-lhe o percurso e voltar ao ponto donde partira sem dar por isso, tão perfeitamente uniforme parecia a parede. Por isso é que procurei a faca que estava no meu bolso quando me levaram à sala inquisitorial, mas não a encontrei. Havia trocado minhas roupas por uma camisola de sarja grosseira. Pensara em enfiar a lâmina em alguma pequena fenda da parede, de modo a identificar meu ponto de partida. A dificuldade, não obstante, era apenas trivial, embora na desordem de minha mente parecesse a princípio insuperável. Rasguei uma parte do debrum da roupa e coloquei o fragmento bem estendido em um ângulo reto com a parede. Tateando o meu caminho na prisão, não podia deixar de encontrar

aquele trapo, ao completar o circuito. Assim, pelo menos, pensava eu, mas não tinha contado com a extensão da masmorra ou com minha própria fraqueza. O chão estava húmido e escorregadio. Caminhava cambaleante para a frente, durante algum tempo, quando tropecei e caí. Minha excessiva fadiga induziu-me a permanecer deitado e logo o sonho se apoderou de mim naquele estado.

Ao despertar e estender um braço achei, a meu lado, um pão e uma bilha de água.

Estava demasiado exausto para refletir naquela circunstância, mas comi e bebi com avidez. Logo depois recomecei minha volta em torno da prisão e com bastante trabalho cheguei afinal, ao pedaço de sarja. Até ao momento em que caí, havia contado cinquenta e dois passos, e ao retomar o meu caminho, contara quarenta e oito mais, até chegar ao trapo. Havia, pois, ao todo, uns cem passos, e admitindo dois passos para uma jarda, presumi que o calabouço teria umas cinquenta jardas de circuito. Encontrara, porém, muitos ângulos na parede e, desse modo, não me era possível conjecturar qual fosse a forma do sepulcro, pois sepulcro não podia deixar eu de supor que era.

Não tinha grande interesse – nem certamente esperança – naquelas pesquisas, mas uma vaga curiosidade me impelia a continuá-las. Deixando a parede, resolvi atravessar a área do recinto. A princípio procedi com extrema cautela, pois o chão, embora parecesse de material sólido, era traiçoeiro e lodoso. Afinal, porém, tomei coragem e não hesitei em caminhar com firmeza, tentando atravessar em linha tão reta quanto possível. Havia avançado uns dez passos ou doze passos desta maneira, quando o resto do debrum rasgado de minha roupa se enroscou nas minhas pernas. Pisei nele e caí violentamente de bruços.

Na confusão que se seguiu à minha queda não apreendi uma circunstância um tanto surpreendente, que, contudo, poucos segundos depois, e enquanto jazia ainda prostrado, reteve minha atenção. Era o seguinte: meu queixo pousava sobre o chão da prisão, mas os meus lábios e a parte superior de minha cabeça, embora parecesse em menor elevação que o queixo, nada tocavam. Ao mesmo tempo, minha testa parecia banhada dum vapor viscoso, e o cheiro característico de fungos podres subiu-

me às narinas. Estendi o braço e descobri que havia caído à beira dum poço circular cuja extensão sem dúvida, não tinha meios de medir no momento.

Tateando a alvenaria justamente abaixo da borda, consegui deslocar um pequeno fragmento e deixei-o cair dentro do abismo e durante muitos segundos prestei ouvidos a suas repercussões ao bater de encontro aos lados da abertura, em sua queda. Por fim, ouvi um lúgubre mergulho na água, seguido de ruidosos ecos. No mesmo instante ouviu-se um som semelhante ao duma porta tão depressa aberta quão rapidamente fechada, acima de minha cabeça, enquanto um fraco clarão luzia, de repente, no meio da escuridão e com a mesma rapidez desaparecia.

Vi claramente o destino que me fora preparado e me congratulei com o acidente oportuno que me salvara. Um passo a mais antes de minha queda e o mundo não mais me veria. E a morte justamente evitada, era daquela mesma natureza que olhara como fabulosa e absurda nas estórias a respeito da Inquisição. Para as vítimas de sua tirania havia a escolha da morte: com suas mais cruéis agonias físicas, ou da morte com suas mais abomináveis torturas morais. Tinham reservado para mim esta última— O longo sofrimento havia relaxado meus nervos, a ponto de fazer-me tremer ao som de minha própria voz e me tornara, a todos os aspetos, material excelente para as espécies de tortura que me aguardavam.

Com os membros todos a tremer, arreepei caminho, tateando até a parede, resolvido a perecer antes que arriscar-me aos terrores dos poços, que minha imaginação agora admitia que fossem muitos, espalhados em todas as direções, no calabouço. Em outras condições de pensamento, poderia ter tido a coragem de dar fim imediato às minhas desgraças deixando-me cair dentro de um daqueles abismos. Mas, então, era eu o mais completo dos covardes. Nem podia tão pouco, esquecer o que lera a respeito daqueles poços: que a súbita extinção da vida não estava incluída nos mais horrendos planos dos inquisidores.

A agitação do espírito conservou-me desperto por muitas horas, mas, afinal, mergulhei de novo no sono. Ao despertar, encontrei ao meu lado, como antes, um pão e uma bilha de água. Sede ardente me devorava e esvaziei a vasilha dum trago. Deveria

estar com droga, porque, logo depois de beber, fui tomado dum torpor irresistível. Um sono profundo se apoderou de mim – sono semelhante ao da morte. Quanto tempo durou isso, não me é possível dizê-lo, mas, quando, uma vez mais, descerrei os olhos, os objetos que me cercavam estavam visíveis.

Graças a uma luz viva e sulfúrea, cuja origem não pude a princípio determinar, consegui verificar a extensão e o aspeto da prisão. Tinha-me enganado grandemente a respeito de seu tamanho. Todo o circuito de suas paredes não excedia de vinte e cinco jardas. Durante alguns minutos, este facto causou-me um mundo de inútil perturbação, inútil, de facto, porquanto que coisas havia de menor importância. Nas terríveis circunstâncias que me cercavam, por que me preocupavam as simples dimensões de minha masmorra? Mas minha alma interessava-se, com ardor, por bagatelas, e ocupei-me em tentar explicar o erro que havia cometido nas minhas medidas. A verdade, afinal, jorrou luminosa. Na minha primeira tentativa de exploração havia eu contado cinquenta e dois passos até o momento em que cai. Deveria achar-me, então, à distância dum passo ou dois do pedaço da sarja. De facto, havia quase realizado o circuito da cava. Foi então que adormeci e, ao acordar, devo ter refeito o mesmo caminho, supondo assim, que a volta da prisão era quase o duplo do que é na realidade. Minha confusão do espírito impediu-me de observar que começara minha volta com a parede à esquerda e a acabara com a parede da direita.

Enganara-me, também, a respeito da forma do recinto. Ao tatear meu caminho descobrira muitos ângulos e daí deduzi a ideia de grande irregularidade. Tão poderoso é o efeito da escuridão absoluta sobre alguém que desperta do letargo ou do sono! Os ângulos eram apenas os de umas poucas e ligeiras depressões ou nichos a intervalos desiguais. A prisão era, em geral, quadrada. O que eu tinha tomado por alvenaria parecia, agora, ser ferro ou algum outro metal, em imensas chapas, cujas suturas ou juntas causavam aquelas depressões.

Toda a superfície daquele recinto metálico estava grosseiramente brochada com os horríveis e repulsivos emblemas a que a superstição sepulcral dos monges tem dado origem. Figuras de demónios, em atitudes ameaçadoras, com formas de

esqueletos e outras imagens mais realisticamente apavorantes, se espalhavam por todas as paredes, manchando-as. Observei que os contornos daqueles monstros eram todos bem recortados, mas que as cores pareciam desbotadas e borradas por efeito, talvez, da atmosfera húmida. Notei, então, que o chão era de pedra. No centro, escancarava-se o poço circular de cujas fauces havia eu escapado; mas era o único que se achava no calabouço.

Vi tudo isto indistintamente e com bastante esforço, pois minha condição física tinha grandemente mudado durante meu sono. Encontrara-me agora de costas e bem espichado, numa espécie de armação de madeira muito baixa. Estava firmemente amarrado a ela por uma comprida correia semelhante a um loro. Enrolava-se em várias voltas em torno de meus membros e de meu corpo, deixando livres apenas a cabeça e o braço esquerdo, até ao ponto de apenas poder com excessivo esforço suprir-me de comida num prato de barro que jazia a meu lado no chão. Vi, com grande horror, que a bilha de água tinha sido retirada.

Digo com grande horror porque intolerável sede me abrasava. Parecia ser intenção de meus perseguidores exacerbar essa sede, pois a comida do prato era uma carne enormemente temperada.

Olhando para cima examinei o forro de minha prisão. Tinha uns nove ou doze metros de altura e era do mesmo material das paredes laterais. Num de seus painéis uma figura bastante estranha absorveu-me toda a atenção. Era um retrato do Tempo, tal como é comumente representado, exceto que, em lugar duma foice, segurava ele aquilo que, ao primeiro olhar, supus ser o desenho dum imenso pêndulo, dos que vemos nos relógios antigos.

Havia algo, porém, na aparência daquela máquina que me fez olhá-la mais atentamente. Enquanto olhava diretamente para ela, lá em cima (pois se achava bem por cima de mim), pareceu-me que se movia. Um instante depois vi isso confirmado. Seu balanço era curto e sem dúvida vagaroso. Estive a observá-lo alguns minutos, mais maravilhado que mesmo amedrontado. Cansado, afinal, de examinar-lhe o monótono movimento, virei os olhos para os outros objetos que se achavam na cela.

Leve rumor atraiu-me a atenção e, olhando para o chão, vi vários ratos enormes que por ali andavam. Haviam saído do poço que se achava bem à vista à minha direita. No mesmo instante, enquanto os observava, subiram aos bandos, apressados, com olhos vorazes, atraídos pelo cheiro da carne. Era-me preciso muito esforço e atenção para afugentá-los.

Talvez se houvesse passado uma meia hora, ou mesmo, uma hora – pois só podia medir o tempo imperfeitamente –, quando ergui de novo os olhos para o forro. O que vi, então. Encheu-me de confusão e de espanto. O balanço do pêndulo tinha aumentado em quase uma jarda de extensão. Como consequência natural, a sua velocidade era, também, muito maior. Mas o que sobretudo me perturbou foi a ideia de que ele havia perceptivelmente descido. Observava agora -com que horror é desnecessário dizer -que a sua extremidade inferior era formada por um crescente de aço cintilante, tendo cerca de trinta centímetros de comprimento, de ponta a ponta; as pontas voltavam-se para cima e a borda de baixo era evidentemente afiada como a folha de uma navalha. Como uma navalha, também, parecia pesado e maciço, estendendo-se para cima, a partir do corte, uma sólida e larga configuração. Estava ajustado a uma pesada haste de bronze e o conjunto assobiava ao balançar-se no ar.

Não pude duvidar, por mais tempo, da sorte para mim preparada pela engenhosidade monacal em torturas. Minha descoberta do poço fora conhecida dos agentes da Inquisição -o poço cujos horrores tinham sido destinados para um rebelde tão audacioso como eu -o poço, figura do inferno, e considerado, pela opinião pública como a última Thule de todos os seus castigos! Pelo mais fortuitos dos incidentes, tinha eu evitado a queda dentro do poço e sabia a surpresa e armadilha da tortura formava parte importante de todo o fantástico daquelas mortes em masmorras. Não tendo caído deixava de fazer parte do plano demoníaco atirar-me no abismo e dessa forma, não havendo alternativa, uma execução mais benigna e diferente me aguardava. Mais benigna! Quase sorri na minha angústia, quando pensei no uso de tal termo.

De que serve falar das longas, das infundáveis horas de horror mais que mortal, durante as quais contei as precipitadas oscilações da lâmina? Polegada a polegada, linha a linha, com

uma decida somente apreciável a intervalos que pareciam séculos... descia sempre, cada vez mais baixo, cada vez mais baixo!

Dias se passaram -pode ser que se tenham passado muitos dias -até que ele se balançasse tão perto de mim que me abanasse com seu sopro acre. O odor da lâmina afiada entrava-me pelas narinas. Roguei aos céus, fatiguei-os com as minhas preces, para que mais rápida a lâmina descesse. Tornei-me freneticamente louco e forcejei por erguer-me contra o balanço da terrível cimitarra. Mas depois acalmei-me de repente e fiquei a sorrir para aquela morte como uma criança diante de algum brinquedo raro.

Houve outro intervalo de completa insensibilidade. Foi curto pois voltando de novo à vida, não notei descida perceptível no pêndulo. Mas pode ter sido longo, pois eu sabia que havia demónios que tomavam nota de meu desmaio e que podiam, à vontade, ter detido a oscilação. Voltando a mim, sentia-me também bastante doente e fraco – oh! de maneira inexprimível – como em consequência de longa inanição. Mesmo em meio das angústias daquele período. A natureza humana implorava alimento. Com penoso esforço estendi o braço esquerdo o mais longe que os laços permitiam, e apoderei-me do pequeno resto que me tinha sido deixado pelos ratos.

Ao colocar um pedaço de alimento na boca, atravessou-me imprecisa ideia de alegria... de esperança. Todavia, que havia de comum entre mim e a esperança? Era, como eu disse, uma ideia imprecisa, dessas muitas que todos têm e que nunca se completam. Senti que era de alegria... de esperança, essa ideia; mas também senti que pecera ao formar-se. Em vão eu lutava para aperfeiçoá-la, para recuperá-la. O prolongado sofrimento quase aniquilara todas as minhas faculdades comuns de pensamento. Eu era um imbecil, um idiota.

A oscilação do pêndulo fazia-se em ângulos retos com o meu comprimento. Vi que o crescente estava disposto para cruzar a região de meu coração. Desgastaria a sarja de minha roupa...voltaria e repetiria suas operações... de novo... ainda outra vez. Não obstante a sua oscilação, terrivelmente larga (de nove metros ou mais) e a força sibilante de sua descida, suficiente

para cortar até mesmo aquelas paredes de ferro, o corte de minha roupa seria tudo que durante alguns minutos ele faria.

Ao pensar nisto, fiz uma pausa. Não ousava passar dessa reflexão. Demorei-me nela com uma atenção pertinaz, como se assim fazendo pudesse deter ali a descida da lâmina. Obriguei-me a meditar sobre o som que o crescente produziria ao passar através de minha roupa e na característica e arrepiante sensação que a fricção do pano produz sobre os nervos.

Meditava em todas estas bagatelas, até me doerem os dentes.

Mais baixo... cada vez mais baixo, ele descia. Senti um frenético prazer em comparar a sua velocidade de alto abaixo com a sua velocidade lateral. Para a direita... para a esquerda... para lá e para cá, com o guincho de um espírito danado... para o meu coração, com o passo furtivo do tigre! Eu ora ria, ora urrava, à medida que uma ou outra ideia se tornava predominante.

Para baixo... seguramente, inexoravelmente para baixo! Oscilava a três polegadas de meu peito! Debatia-me violentamente, furiosamente para libertar meu braço esquerdo, que só estava livre do cotovelo até à mão. Podia apenas levar a mão à boca, desde o prato que estava ao meu lado, com grande esforço, e nada mais. Se tivesse podido quebrar os liames acima do cotovelo, teria agarrado e tentado deter o pêndulo. Seria o mesmo que tentar deter uma avalanche!

Para baixo... incessantemente para baixo, inevitavelmente para baixo! Eu ofegava e debatia-me a cada oscilação. Encolhia-me convulsivamente a cada balanço. Meus olhos acompanhavam seus vaivéns, para cima e para baixo, com a avidez do mais insensato desespero; fechavam-se meus olhos, espasmodicamente, no momento da descida, embora a morte viesse a ser para mim um alívio, e, oh! Que inexprimível alívio!

Entretanto, todos os meus nervos tremiam ao pensar que bastava uma simples descaída da máquina para precipitar aquele machado agudo e cintilante sobre meu peito. Era a esperança, que fazia assim tremerem os meus nervos, que assim me arrepiava o corpo. Era a esperança, a esperança que triunfa, mesmo sobre o cavalete de tortura, a esperança que sussurra aos ouvidos do condenado à morte, até mesmo nas masmorras da Inquisição! Vi que cerca de dez ou doze oscilações poriam a lâmina em contato

com minhas roupas, e a essa observação, subitamente, me veio ao espírito toda a aguda e condensada calma do desespero.

Pela primeira vez, durante muitas horas – ou mesmo dias –, pensei.

Ocorreu-me então que a correia ou loro que me cingia era uma só. Não estava amarrado por cordas separadas. O primeiro atrito do crescente anavilhante, com qualquer porção da correia, a cortaria, de modo que eu poderia depois desamarrar-me com a mão esquerda. Mas quão terrível era, nesse caso, a proximidade da lâmina. Quão mortal seria o resultado do mais leve movimento! Seria verossímil aliás, que os esbirros do inquisidor não tivessem previsto e prevenido essa possibilidade? Seria provável que a correia cruzasse o meu percurso do pêndulo? Receando ver frustrada minha fraca, e ao que parecia, última esperança, elevei a cabeça o bastante para conseguir ver distintamente o meu peito. O loro cingia meus membros, e meu corpo em todas as direções, exceto no caminho do crescente assassino.

Mal deixara cair a cabeça na sua posição primitiva, reluziu em meu espírito algo que eu não saberia melhor definir senão como a metade informe daquela ideia de libertação, a que já aludi, anteriormente e da qual apenas uma metade flutuava, de modo vago, meu cérebro, ao levar a comida aos meus lábios abrasados. A ideia inteira estava agora presente -fraca, apenas razoável, apenas definida, mas mesmo assim inteira. Pus-me imediatamente a tentar executá-la com a nervosa energia do desespero.

Durante muitas horas, a vizinhança imediata da baixa armação de madeira sobre a qual eu jazia estivera literalmente fervilhando de ratos. Eram ferozes, audaciosos, vorazes. Seus olhos vermelhos chispavam sobre mim como se esperassem apenas uma parada de movimentos de minha parte para fazer de mim sua presa. A que espécie de alimento -pensei eu – estão eles acostumados neste poço?"

A despeito de todos os meus esforços para impedi-los, tinham devorado tudo, exceto um restinho do conteúdo do prato. Minha mão contraíra um hábito de vaivém ou de balanço, em

torno do prato, e, afinal, a uniformidade inconsciente do movimento privou-o de seu efeito. Na sua voracidade, a bicharia frequentemente ferrava as agudas presas nos meus dedos. Com as migalhas da carne gordurosa, e temperada que ainda restavam, esfreguei toda a correia onde podia alcançar. Depois, erguendo a mão do chão, fiquei imóvel, sem respirar.

A princípio, os vorazes animais se espantaram, terrificados com a mudança... com a cessação do movimento. Fugiram, alarmados, e muitos regressaram ao poço. Mas isso foi só por um momento. Eu não contara em vão com sua voracidade. Observando que eu ficava sem mover-me, um ou dois dos mais audazes pularam sobre o cavalete e farejaram o loro. Parece que isto foi o sinal para uma corrida geral. Do poço precipitaram-se tropas frescas. Subiram pela madeira, correram sobre ela e saltaram, às centenas, por cima do meu corpo.

Absolutamente não os perturbou o movimento cronométrico do pêndulo. Evitando-lhe a passagem, trabalhavam sobre a correia besuntada de gordura. Precipitavam-se, formigavam sobre mim, em pilhas sempre crescentes. Torciam-se sobre minha garganta, seus lábios frios tocavam os meus. Eu estava semissufocado pelo peso daquela multidão. Um nojo para que o mundo não tem nome arfava-me o peito e me enregelava o coração com pesada viscosidade. Mais um minuto, porém, e compreendi que estaria terminada a operação. Claramente percebi o afrouxamento da correia. Sabia que em mais de um lugar ela já deveria estar cortada. Com resolução sobre-humana, permaneci imóvel.

Nem errara nos meus cálculos nem havia suportado tudo aquilo em vão. Afinal, senti que estava livre. O loro pendia de meu corpo em pedaços. Mas o movimento do pêndulo já me comprimia o peito. Dividira a sarja de minha roupa. Cortara a camisa por baixo. Duas vezes, de novo, oscilou e uma aguda sensação de dor atravessou todos os meus nervos. Mas chegara o momento de escapar-lhe. A um gesto de minha mão, meus libertadores precipitaram-se tumultuosamente, em fuga. Com um movimento firme -prudente, oblíquo, encolhendo-me, abaixando-me -deslizei para fora dos laços da correia e do alcance da cimitarra. Pelo momento, ao menos, eu estava livre.

Livre... e nas garras da Inquisição! Mal descera de meu cavalete de horror para o chão de pedra da prisão, o movimento da máquina infernal cessou e vi que alguma força invisível a puxara, suspendendo-a através do forro. O conhecimento desse facto me abateu desesperadamente. Cada movimento meu era sem dúvida vigiado.

Livre! Eu apenas escapara de morrer numa forma de agonia para ser entregue a qualquer outra forma pior do que a morte. Com tal pensamento, girei os olhos nervosamente, à volta, sobre as paredes de aço que me circundavam. Qualquer coisa incomum, certa mudança que, a princípio, não pude perceber distintamente, era óbvio, produzira-se no aposento. Durante vários minutos de sonhadora e tremente abstracção, entreguei-me a vãs e desconexas conjecturas. Nesse período, certifiquei-me, pela primeira vez, da origem da luz sulfurosa que iluminava a cela. Procedia de uma fenda, de meia polegada de largura, que se estendia completamente à volta da prisão, na base das paredes, as quais assim pareciam que de facto, eram inteiramente afastadas do solo. Tentei, mas sem dúvida inutilmente, olhar por essa abertura.

Ao erguer-me da tentativa, o mistério da alteração do aposento revelou-se logo à a minha inteligência. Eu observara que, embora o contorno das figuras nas paredes fosse suficientemente distinto, suas cores pareciam manchadas e indecisas. Tais cores passaram a tomar, e a cada momento tomavam, um brilho apavorante e mais intenso que dava às espectrais e diabólicas imagens um aspeto capaz de fazer tremerem nervos, mesmo mais firmes que os meus.

Olhos de demónio, de vivacidade selvagem e sinistra. contemplavam-me vindos de mil direcções, onde antes nada fora visível, e cintilavam com o lívido clarão de um fogo que eu não podia forçar a imaginação a considerar como irreal. Irreal! Mesmo quando respirei, veio-me às narinas o bafo do vapor de ferro aquecido! Um odor sufocante espalhou-se pela prisão! Um fulgor mais profundo se fixava a cada instante nos meus olhos que contemplavam minhas agonias!

Uma coloração, sempre mais intensamente carmesim, difundia-se sobre as horrendas pinturas de sangue. Ofeguei! Esforcei-me para respirar! Não podia haver dúvidas sobre os

desígnios de meus atormentadores, oh, os mais implacáveis, os mais demoníacos dos homens! Fugi do metal ardente para o centro da cela. Entre as ideias da destruição pelo fogo que impendia sobre mim, o pensamento do frescor do poço caiu na minha alma como um bálsamo. Atirei-me para suas bordas mortais. Lancei ao fundo os olhares ansiosos. O brilho do teto inflamado iluminava seus mais recônditos recessos. Contudo, por um momento desordenado, o espírito recusou-se a compreender a significação do que eu via.

Afinal, obriguei-o a compreender – lutei para que penetrasse em minha alma – e aquilo se gravou em brasa na minha mente trémula. Oh, uma voz para falar! Oh, horror! Oh, qualquer horror, menos aquele! Com um grito, fugi da margem e sepultei a face nas mãos, chorando amargamente.

O calor aumentava com rapidez e ainda uma vez olhei para cima a tiritar, como num acesso de febre. Segunda alteração se dera na cela... e agora a mudança era, evidentemente, na forma. Como antes, foi em vão que tentei, a princípio, perceber ou compreender o que ocorria. Mas não fui deixado na dúvida muito tempo. A vingança inquisitorial fora apressada pela minha dupla fuga a ela, e não havia mais meio de perder tempo com o Rei dos Terrors.

O quarto fora quadrado. Eu notava que dois de seus ângulos de ferro eram agora agudos e dois, em consequência, obtusos. A terrível diferença velozmente aumentava, com um grave rugido, ou um gemido surdo. Num instante o aposento trocava a sua forma pela de um losango. Mas a alteração não parou aí, nem eu esperei ou desejei que ela parasse. Eu poderia ter aplicado nas paredes rubras ao meu peito como um vestuário de eterna paz. – A morte! – disse eu.

Qualquer morte, porém, não a do poço! Louco! Não havia compreendido que o objetivo dos ferros ardentes era impelir-me para dentro do poço? Poderia eu resistir a seu fulgor? Ou, mesmo que o conseguisse, poderia suportar a sua pressão. E então, mais e mais se achatou o losango, com uma rapidez não me dava tempo para refletir. Seu centro e, naturalmente a sua maior largura ficaram mesmo sobre o abismo escancarado. Fugi... mas as paredes, a apertar-se impeliavam-me irresistivelmente adiante.

Afinal, para meu corpo queimado e torcido, não havia mais de uma polegada de solo firme no soalho da prisão. Não lutei mais, a agonia de minha alma, porém, exalou-se num grito alto, longo e final de desespero. Senti que oscilava sobre a borda... Desviei os olhos...

Houve um ruído discordante de vozes humanas! Houve um elevado toque, como o de muitas trombetas! Houve um rugido áspero como o de mil trovões! Precipitadamente, recuaram as paredes brasa! Um braço estendido agarrou o meu, quando eu caia, desfalecido, no abismo. Era o do General Lasalle. O exército francês entrara em Toledo. A Inquisição caíra nas mãos de seus inimigos.



